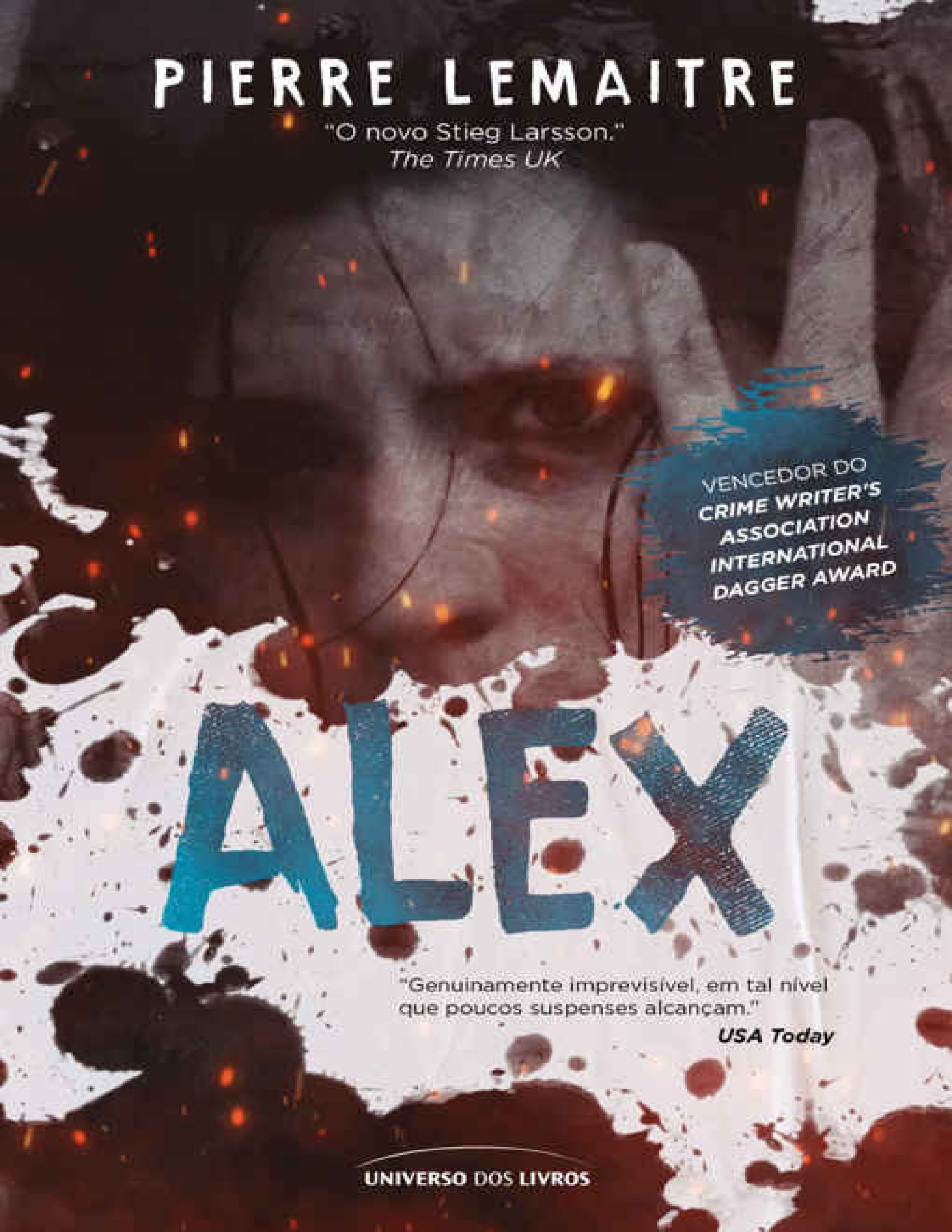
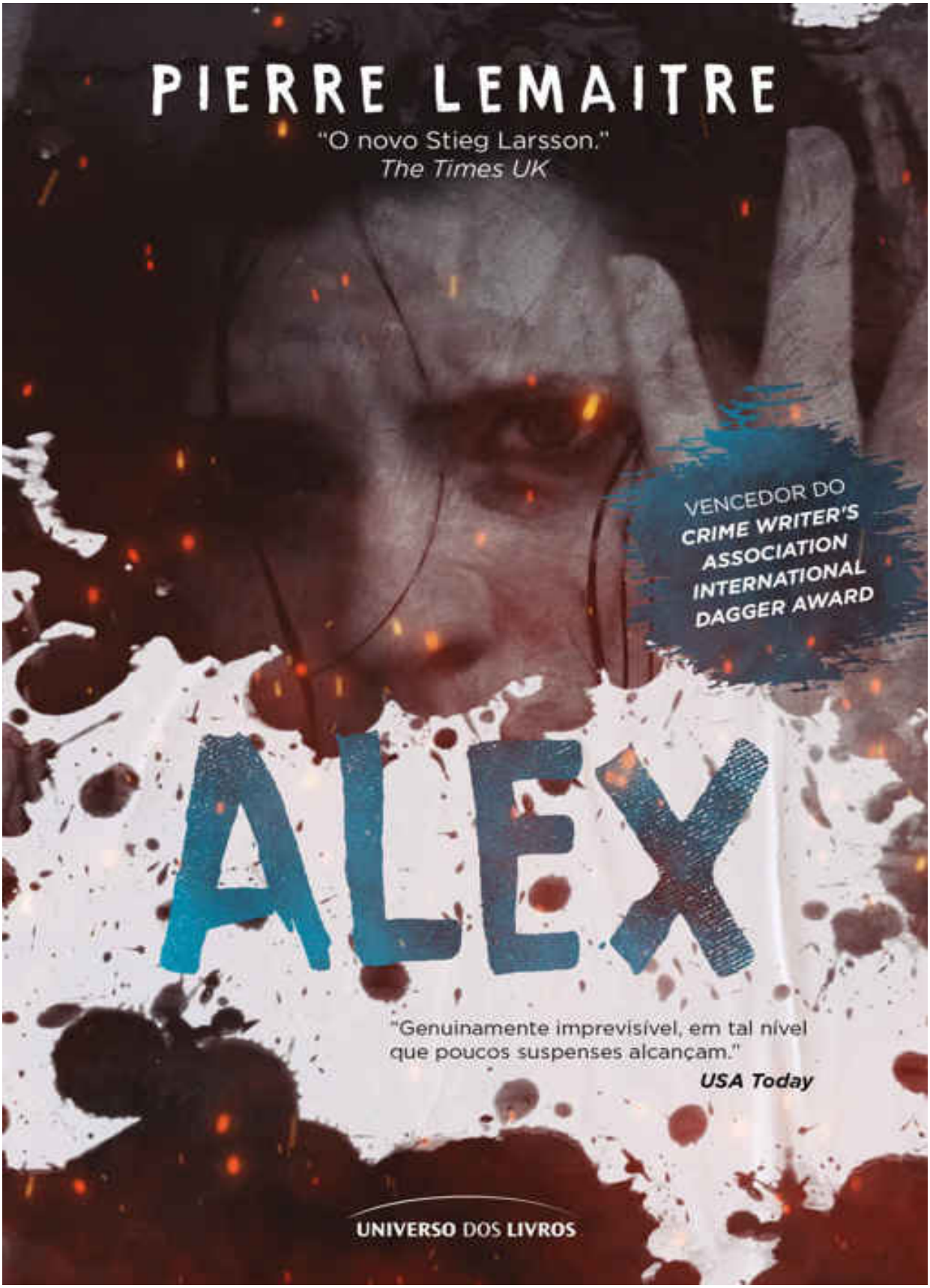

PIERRE LEMAITRE
"O novo Stieg Larsson."
The Times UK
VENCEDOR DO
CRIME WRITER'S
ASSOCIATION
INTERNATIONAL
DAGGER AWARD
ALEX
"Genuinamente imprevisível, em tal nível
que poucos suspenses alcançam."
USA Today
UNIVERSO DOS LIVROS


PIERRE LEMAITRE
"O novo Stieg Larsson."
The Times UK
VENCEDOR DO
CRIME WRITER'S
ASSOCIATION
INTERNATIONAL
DAGGER AWARD
ALEX
"Genuinamente imprevisível, em tal nível
que poucos suspenses alcançam."
USA Today
UNIVERSO DOS LIVROS

PIERRE LEMAITRE

"O novo Stieg Larsson."
The Times UK

ALEX

TRILOGIA

VERHOEVEN

LIVRO 2

São Paulo
2021

Grupo Editorial
UNIVERSO DOS LIVROS

Alex
La trilogie Verhœven, 2
Copyright © Éditions Albin Michel, 2011

© 2021 by Universo dos Livros
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor editorial: Luis Matos
Gerente editorial: Marcia Batista
Assistentes editoriais: Letícia Nakamura e Raquel F. Abranches
Tradução: Raphael Araújo
Preparação: Mariane Genaro
Revisão: Geisa Oliveira e Abordagem Editorial
Diagramação e capa: Renato Klisman

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

L563a
Lemaitre, Pierre
Alex / Pierre Lemaitre ; tradução de Raphael Araújo. — São Paulo : Universo dos Livros, 2021.
336 p. (Trilogia Verhoeven, v. 2)

ISBN 978-85-503-0007-8
Título original: *Alex, La trilogie Verhoeven, 2*

1. Literatura francesa 2. Ficção policial 3. Romance
I. Título II. Araújo, Raphael

21-2261 CDD 840

Universo dos Livros Editora Ltda.
Avenida Ordem e Progresso, 157 – 8º andar – Conj. 803
CEP 01141-030 – Barra Funda – São Paulo/SP
Telefone/Fax: (11) 3392-3336
www.universodoslivros.com.br
e-mail: editor@universodoslivros.com.br
Siga-nos no Twitter: @univdoslivros

Para Pascaline.

A Gérald,
Por nossa amizade.

PRIMEIRA PARTE

1

Alex adora isso! Já faz quase uma hora que ela prova, hesita, tira, volta atrás, prova de novo… Perucas e cabelos postiços. Ela poderia passar tardes inteiras fazendo aquilo.

Há três ou quatro anos, ela descobriu a loja por acaso, no bulevar Strasbourg. Nem olhou para dentro direito, entrou mais por curiosidade. E levou um susto quando se viu ruiva daquele jeito – tudo nela havia se transformado a tal ponto que imediatamente comprou aquela peruca.

Alex é do tipo de mulher que pode vestir praticamente qualquer coisa porque, de fato, ela é linda. Porém, nem sempre foi assim, a beleza veio na adolescência. Antes, era uma menininha bem feia e magérrima. Mas, quando desabrochou, aquilo veio como uma onda enorme: o corpo irrompeu quase de uma só vez, como se fosse objeto de uma montagem fotográfica e, em alguns meses, Alex tornou-se encantadora. Consequentemente, como ninguém mais – inclusive ela mesma – esperava por aquela repentina graciosidade, ela nunca chegou a acreditar realmente em sua beleza. Ainda hoje não acredita.

Uma peruca ruiva, por exemplo: ela nunca imaginaria que aquilo poderia lhe cair tão bem. Foi uma descoberta. Não poderia supor o tamanho da mudança. Uma peruca é algo bastante superficial, mas, inexplicavelmente, teve a impressão de que, de fato, estava acontecendo algo novo em sua vida.

Na verdade, ela nunca usou a peruca. Ao voltar para casa, logo se deu conta de que era da qualidade mais medíocre. Era muito artificial, feia, barata. Então, a descartou. Não a jogou no lixo, não, mas na gaveta da cômoda. E, de tempos em tempos, tirava-a de lá e ficava se observando no espelho com ela. Por mais que aquela peruca fosse abominável, do tipo que grita para todo mundo: “Sou feita de cabelo sintético de baixa qualidade”, o que Alex via no espelho lhe transmitia uma confiança a qual tinha vontade de sentir. Então, voltou ao bulevar Strasbourg e ficou olhando por um tempo as perucas de alta qualidade – na verdade, um pouco caras para seu salário de enfermeira autônoma, mas pareciam tão reais que era possível usá-las no dia a dia. Por isso, decidiu se aventurar.

De início não é fácil, é preciso ser ousado. Quando se é de natureza bastante complexada, como Alex, ter coragem para fazer isso demanda a metade de um dia. Compor a maquiagem correta, harmonizar as roupas, os sapatos, a bolsa (enfim, eleger o que combina em meio aos itens que você já tem, afinal, não se pode comprar tudo novo a cada vez que se muda de rosto…). Mas logo você sai na rua e imediatamente é outra pessoa. Não por completo, mas quase. E se isso não muda a vida, pelo menos ajuda a passar o tempo, principalmente quando não se espera mais um grande acontecimento nela.

Alex gosta das perucas que dizem algo, as que transmitem mensagens claras, como: "Eu sei no que você está pensando" ou "Também sou muito boa em Matemática". A que ela está usando hoje diz algo como: "Você não vai me achar no Facebook".

No momento em que Alex apanha um modelo chamado "Urban chock", ela vê um homem pela vitrine. Ele está na calçada em frente e aparenta estar à espera de alguém ou de algo. É a terceira vez em duas horas que ela o vê. Ele a está seguindo. Agora tem certeza. *Por que eu?* É a primeira pergunta que ela se faz. Como se todas as mulheres pudessem ser seguidas por homens, exceto ela. Como se ela já não sentisse permanentemente o olhar deles, por toda parte, no transporte, na rua, nas lojas. Alex atrai homens de todas as idades – é a vantagem de se ter trinta anos. Mesmo assim, ela sempre fica surpresa. "Há tantas bem melhores que eu." Sempre em crise de confiança, sempre invadida pela dúvida, assim é Alex. Desde a infância. Gaguejou até a adolescência. Ainda hoje, gagueja quando fica nervosa.

Ela não conhece aquele homem, um físico daquele teria despertado sua atenção. Não, ela nunca o viu. E, aliás, um sujeito de cinquenta anos seguindo uma garota de trinta… Não é que ela seja uma defensora dos bons costumes, mas aquilo a deixa espantada, nada mais.

Alex baixa os olhos em direção a outros modelos, finge hesitar. Em seguida, atravessa a loja e se põe num ângulo de onde é possível observar a calçada. Ele deve ter sido atleta, algo parecido, pela forma como suas roupas se ajustam ao corpo – o típico homem grande e pesado. Enquanto ela acaricia uma peruca loira, quase branca, tenta lembrar em que momento se deu conta da presença dele pela primeira vez. No metrô. Ela o notou no final do vagão. Seus olhares se cruzaram e deu tempo de ver seu sorriso, intencionalmente atraente e cordial, direcionado a ela. O que ela não gosta naquele rosto é que parecia ter uma ideia fixa no olhar. E, em especial, o

fato de quase não ter lábios. Ela desconfiou dele instintivamente, como se todas as pessoas que não têm lábios guardassem algo, algum segredo inconfessável, alguma perversidade. E havia também aquela testa arqueada. Não deu tempo de perceber seus olhos, uma pena. Pois, segundo ela, é pelo olhar que se julga as pessoas, é algo que não engana. Evidentemente, ali, no metrô, ela não quis se demorar muito de frente para um sujeito como aquele. Virou-se discretamente para o outro lado, de costas para ele, mexeu em sua bolsa em busca de seu MP3. Colocou para tocar *Nobody's Child* e, de repente, se indagou se já não o tinha visto, na véspera ou no dia anterior, em frente ao seu prédio. A imagem é confusa, ela não tem certeza. Seria preciso virar-se e olhá-lo de novo para tentar recuperar aquela imagem vaga, mas não quer correr o risco de lhe dar esperanças. O que tinha certeza é que, depois do encontro no metrô, ela o reviu no bulevar Strasbourg, meia hora mais tarde, quando decidiu voltar à loja. Ela havia acabado de mudar de ideia, queria rever a peruca morena, semilonga, com mechas. Deu meia-volta de súbito e o avistou, um pouco mais longe, na calçada, parando bruscamente e fingindo – por mais que aparentasse estar concentrado – olhar uma vitrine… de roupas femininas…

Alex põe a peruca de volta em seu lugar. Não há nenhuma razão, mas suas mãos estão tremendo. Que bobagem. Ela o atrai. Ele a segue, apenas aproveitando a oportunidade, de modo que não vai atacá-la na rua. Alex sacode a cabeça como se quisesse colocar suas ideias no lugar e, quando olha novamente para a calçada, o homem desapareceu. Ela se inclina de lado, para a direita, em seguida para a esquerda, mas não há ninguém, ele não está mais lá. O alívio que ela sente chega a ter algo de exagerado. Embora ainda continue repetindo para si mesma: "Que bobagem", já começa a respirar com mais normalidade. À soleira da loja, ela se detém e verifica de novo se o homem havia sumido de fato. Mais um pouco e agora é a ausência dele que ela acha inquietante.

Alex consulta seu relógio e em seguida, o céu. O tempo está fresco, resta ainda quase uma hora de claridade. Está sem vontade de ir para casa. Ela deveria passar numa mercearia. Tenta se lembrar do que resta em sua geladeira. Ela é realmente negligente quando se trata de fazer as compras. Sua atenção se concentra em seu trabalho, em seu conforto (Alex é um pouco maníaca) e, por mais que ela não goste muito de admitir para si mesma, nas roupas e nos sapatos. E nas bolsas. E nas perucas. Ela gostaria muito que também fosse assim em relação ao amor, mas o amor é um

assunto à parte, o setor falido de sua existência. Ela esperou, ansiou e então renunciou. Hoje não quer mais se deter neste assunto, pensa nele o mínimo possível. Tenta apenas não transformar remorso em *junk food* na frente da televisão, não ganhar peso e não ficar muito feia. Apesar disso, embora solteira, ela raramente se sente sozinha. Tem seus projetos que preza muito, que estruturam seu tempo. Quanto ao amor, puro fracasso, mas é assim mesmo. E aceitar tal fato ficou menos difícil desde que ela se preparou para terminar seus dias sozinha. Apesar dessa solidão, Alex tenta viver normalmente e encontrar momentos de prazer. Tal pensamento a ajuda muito: ter pequenos prazeres e ter direito a eles, também ela, como os demais. Por exemplo, essa noite, ela decidiu jantar no Mont-Tonerre, na rua Vaugirard.

Ela chega com um pouco de antecedência. É a segunda vez que vai ao restaurante. A primeira foi na semana passada e é difícil não se lembrar de uma linda ruiva jantando sozinha. Nessa noite, cumprimentam-na como a uma freguesa; já os garçons trocam leves cotoveladas e flertam um pouco desajeitadamente com a linda cliente; ela sorri, e os rapazes acham-na realmente charmosa. Ela pede a mesma mesa, de costas para o terraço, de frente para a sala, pede a mesma meia garrafa de vinho gelado da Alsácia. Ela suspira, Alex ama comer, até precisa vigiar esse prazer, não se esquecer de se cuidar. Seu peso é um verdadeiro ioiô. Contudo, ela administra bem essa questão. Pode ganhar dez quilos, quinze, ficar irreconhecível, dois meses mais tarde, lá está ela de novo com seu peso de origem. Mas conforme os anos iam passando, já não poderia brincar com isso.

Ela tira seu livro da bolsa e pede um garfo suplementar para segurar as páginas abertas enquanto janta. Como na semana passada, há na frente dela, um pouco à direita, o mesmo sujeito de cabelos castanhos bem claros. Está jantando com seus outros dois amigos. Pelo que deu para entender, os outros colegas devem chegar em breve. Ele a viu assim que ela entrou, e ela, por sua vez, finge não perceber o tanto que ele a olha, insistentemente. Vai ser assim a noite toda. Mesmo quando seus outros amigos chegarem, mesmo quando eles se lançarem em suas eternas conversas sobre trabalho, sobre garotas, sobre mulheres, quando contarem um após o outro todas as histórias em que são heróis, ele não deixará de olhá-la. Alex gosta bastante dessa situação, mas ela não quer lhe dar esperanças abertamente. Ele não é

de se jogar fora, quarenta, quarenta e cinco anos, deve ter sido bonito, deve beber um pouco demais, o que lhe dá uma feição dramática. E esse rosto desperta sentimentos em Alex.

Ela bebe seu café. Faz uma única concessão, habilmente dosada: um olhar para aquele homem ao sair. Um simples olhar. Alex faz isso com perfeição. É bem furtivo, mas de fato ela sente uma agitação pungente ao percebê-lo lançar sobre ela aquele olhar de desejo. Aquilo lhe revira o estômago, como se fosse uma promessa de mágoa. Alex nunca diz para si mesma as palavras, as verdadeiras palavras, quando se trata de sua vida, como nessa noite. Ela percebe bem que seu cérebro se fixa em imagens estáticas, como se o filme de sua existência tivesse se rompido e como se fosse impossível recuperar a linha de raciocínio, contar de novo a história para si mesma, achar as palavras. Da próxima vez, se ela ficar até mais tarde, quem sabe ele esteja do lado de fora esperando por ela. Vai saber. Enfim, sim. Alex sabe muito bem como essas coisas acontecem. Sempre um pouco da mesma maneira. Seus encontros com homens nunca dão em histórias muito belas, isso, pelo menos, é uma parte do filme que ela já viu e de que se lembra. Afinal, é assim mesmo.

A noite caiu por completo e o tempo continua bem fresco. Um ônibus acaba de chegar ao ponto. Ela acelera o passo, o motorista a vê em seu retrovisor e a aguarda, ela se apressa, mas, no momento de subir… Não! Muda de ideia, vai caminhar um pouco, vai tomar outro no caminho, ela faz um sinal para o motorista que lhe responde levantando os ombros com pesar, como se dissesse que não há o que fazer. De qualquer forma, ele abre a porta:

– Não passará mais ônibus depois de mim, sou o último dessa noite…

Alex sorri, agradece acenando. Não tem importância, ela vai terminar o caminho a pé. Vai seguir pela rua Falguière e, na sequência, pela rua Labrouste.

Faz três meses que ela mora nesse bairro, ao lado da Porte de Vanves.[1] Ela muda com frequência. Antes, estava na Porte de Clignancourt[2] e, antes ainda, na rua do Commerce.[3] Ao passo que existam pessoas que odeiam aquilo, para ela, mudar é necessário. Ela adora. Talvez seja a impressão de mudar de vida, assim como acontece com as perucas. É o *leitmotiv*.[4] Um dia, mudará de vida. Alguns metros mais longe, à sua frente, uma van branca sobe com os dois pneus sobre a calçada a fim de estacionar. Para passar, Alex se aperta contra o prédio. Nesse momento, ela sente uma

presença por trás, um homem. Mas não tem tempo de se virar. Leva um soco entre os ombros que a deixa sem ar. Ela perde o equilíbrio, seu corpo vai para a frente, sua testa se choca violentamente contra a carroceria fazendo um barulho oco. Então, solta tudo o que tem em mãos para tentar se segurar, não acha nada, ele a agarra pelos cabelos, mas consegue apanhar apenas sua peruca, que fica em sua mão. Ele diz um palavrão, que ela não entende, e agarra furiosamente com uma mão um grande punhado de cabelos de verdade; com a outra, ele a golpeia em cheio no estômago, com um soco capaz de matar um boi. Alex não tem tempo sequer de gritar de dor, ela se curva e vomita na hora. Aquele homem é realmente forte, pois a vira de volta como se ela fosse uma folha de papel. Passa um braço ao redor de seu tronco, segura-a com firmeza e enfia uma bola de pano em sua boca, profundamente, até a garganta. É ele, o homem do metrô, da rua, o homem da loja, é ele. Durante uma fração de segundo, eles se olham nos olhos. Ela tenta lhe dar chutes, mas agora ele mantém seus braços rigorosamente cerrados; é como um urso, ela não pode fazer nada para resistir a tamanha força. Ele a empurra para o chão, seus joelhos cedem, ela cai sobre o assoalho do furgão. Então, ele desfere um pontapé nos seus rins, Alex é projetada para o fundo do furgão, arrastando a bochecha contra o assoalho. O homem sobe na van por trás dela, vira-a sem a menor dificuldade, apoia o joelho sobre sua barriga e lhe dá um soco no rosto. Ele bateu tão forte… Quer mesmo machucá-la, quer mesmo matá-la, eis o que passa pela cabeça de Alex no momento em que leva aquele soco, seu crânio bate no chão e ricocheteia, aquilo provoca um choque terrível, bem ali, atrás do crânio, no occipício, *é isso*, pensa Alex consigo, *é o occipício*. Além desta palavra, tudo o que consegue pensar é *eu não quero morrer, não assim, não agora*. Ela fica encolhida, com a boca cheia de vômito, em posição fetal, com a cabeça prestes a explodir, sente suas mãos sendo puxadas com violência contra suas costas, sendo amarradas, assim como seus calcanhares. *Eu não quero morrer agora*, pensa Alex. A porta do furgão se fecha brutalmente, o motor ronca; com um arranque brusco, o veículo pula da calçada, *eu não quero morrer agora*.

Alex está desnorteada, mas consciente do que está acontecendo. Ela chora, sufoca com suas lágrimas. *Por que eu? Por que eu?*

Eu não quero morrer. Não agora.

2

Pelo telefone, o divisionário Le Guen não lhe deu a menor chance:

– Não estou nem aí para seu estado de espírito, Camille. Você está me deixando de saco cheio com essa história! Eu não tenho ninguém mais aqui, entendeu?! Ninguém! Sendo assim, estou mandando uma viatura aí e você vai até lá!

Ele fez uma pausa e acrescentou, de cortesia:

– E vê se para de me encher o saco!

E desligou. Esse é o estilo dele. Impulsivo. Normalmente, Camille ignora. Geralmente, sabe negociar com o divisionário.

Só que, desta vez, trata-se de um sequestro.

E ele, Camille, não quer saber de sequestro, deixou bem claro, há duas ou três coisas que não fará mais. Sequestros é a primeira delas. Desde a morte de Irene. Sua esposa. Certo dia, ela tropeçou e caiu na rua, grávida de mais de oito meses. Precisaram levá-la à clínica e, então, foi sequestrada. Não foi mais vista com vida. Aquilo deixou Camille arrasado. É impossível descrever o pesadelo que ele atravessou. Estava devastado. Ficou dias inteiros como se estivesse paralisado, alucinado. Quando começou a delirar, tiveram que hospitalizá-lo. Ele passou de clínicas para sanatórios. Um milagre que ainda estivesse vivo. Ninguém mais esperava por isso. Durante todos os meses em que esteve ausente da Brigada, todos se perguntavam se ele ergueria a cabeça um dia. E quando ele enfim voltou, houve um estranhamento porque transmitia a impressão de que era exatamente o mesmo de antes da morte de Irene, apenas envelhecera. Desde então, ele não aceita senão casos secundários. Cuida de crimes passionais, brigas entre colegas de trabalho, homicídios entre vizinhos. Casos em que os mortos estão atrás de você e não à frente. Nada de sequestros. Camille quer mortos bem mortos, definitivamente, mortos sem contestação.

– Mesmo – disse Le Guen – que façamos o melhor que podemos por Camille, deixá-lo evitar os vivos não dá futuro. É o mesmo que ser agente funerário.

– Mas… – respondeu Camille – é exatamente isso o que nós somos!

Eles se conhecem há vinte anos, têm um grande apreço um pelo outro e não são de fazer cerimônia. Le Guen é um Camille que renunciou às ruas; Camille, um Le Guen que abdicou do poder. O que separa os dois homens

são dois níveis hierárquicos e oitenta quilos. E trinta centímetros. Posto dessa maneira, soa uma diferença enorme, e é verdade que, quando ambos são vistos juntos, a imagem é bem caricatural. Le Guen não é muito alto, mas Camille é muito pequeno. Um metro e quarenta e cinco, imaginem, ele vê o mundo de baixo, como uma criança de treze anos. Deve isso à sua mãe, Maud Verhoeven, pintora. Suas telas figuram no catálogo de dezenas de museus internacionais. Grande artista e inverterada fumante que vivia imersa na fumaça dos cigarros, uma auréola permanente. Imaginá-la sem aquela nuvem azulada seria impossível. É a isso que Camille deve suas duas qualidades mais notáveis. Da artista, ele detém um dom excepcional para o desenho, e da fumante inveterada, a hipotrofia fetal que fez dele um homem de um metro e quarenta e cinco.

Ele quase nunca conheceu pessoas para as quais pudesse olhar do alto. Já o contrário… Um tamanho como aquele não é uma mera deficiência. Aos vinte anos, é uma humilhação horrível; aos trinta, uma maldição, mas desde sempre compreendia que era daquele tamanho por conta do *destino*. Eis a típica palavra bonita usada como truque para disfarçar alguma situação não planejada.

Graças a Irene, o tamanho de Camille havia se tornado uma força. Irene o fez crescer por dentro. Jamais Camille fora tão… Ele procura as palavras. Sem Irene, até as palavras fazem falta.

Ao contrário de Camille, Le Guen é do tipo monumental. Ele pesa, ninguém sabe de fato quanto, ele nunca diz seu peso, alguns dizem cento e vinte, outros cento e trinta, há mesmo quem vá ainda mais longe, mas isso não tem mais nenhuma importância, Le Guen é enorme, paquidérmico, com grandes bochechonas de hamster, mas como tem um olhar límpido, que transborda inteligência, ninguém consegue explicar, os homens não querem admitir, as mulheres estão mais ou menos todas de acordo: o divisionário é um homem extremamente sedutor. Vai entender.

Camille já ouviu Le Guen gritar muitas vezes. Ele não se impressiona com os escândalos do divisionário. Isso vem de longa data… Ele tira o telefone do gancho calmamente, disca o número: – Estou te avisando, Jean, eu acredito nessa sua história de sequestro. Mas você trate de passá-la para Morel assim que ele voltar porque… – ele respira e martela cada sílaba com uma paciência que soa como ameaça: – … eu não vou ficar com esse caso! Camille Verhoeven nunca grita. Raramente. Ele é um homem de autoridade. É pequeno, careca, brando, mas todos sabem, Camille é liso como um

sabonete. E Le Guen não lhe responde. Algumas más línguas dizem que entre eles é Camille quem diz a última palavra – e ninguém tira sarro disso. Camille desliga.

– Mas que merda!

Era só o que faltava. Não é algo que acontece todos os dias, um sequestro, afinal não estamos no México. Poderia ter acontecido num outro momento, quando ele estivesse cuidando de outro caso, de folga, outra hora! Camille bate com o punho na mesa. Devagar, porque é um homem comedido. Mesmo em outras situações, ele não gosta de excessos.

O tempo corre. Ele se levanta, apanha seu casaco, seu chapéu, desce os degraus rapidamente. Camille é pequeno, mas seus passos são pesados. Até a morte de Irene, ele tinha o passo bem leve, ela até lhe dizia com frequência: "Você tem o andar de um pássaro. Sempre tenho a impressão de que vai sair voando". Irene morreu há quatro anos.

A viatura para à sua frente. Camille sobe.

– Como você se chama mesmo?

– Alexandre, patr…

Ele morde a língua. Todo mundo sabe que Camille detesta ouvir a palavra "patrão". Diz que é coisa de hospital, de seriado de televisão. Ser categórico é do seu feitio. Camille é um não violento com um traço brutal. Às vezes se enerva. Ele já era uma pessoa caricata, e agora, com a idade e a viuvez, tornou-se um pouco sombrio, irritável. No fundo, ele é enérgico. Irene já perguntava: "Querido, por que você está sempre com tanta raiva?". Do alto, se é possível dizer assim, de seu um metro e quarenta e cinco, Camille respondia, forçando ironicamente o espanto: "É mesmo, é verdade… Não tenho nenhuma razão para estar com raiva…". Raivoso e comedido, brutal e diplomata, é muito raro que as pessoas o compreendam à primeira vista. Ou o apreciem. Isso se deve também ao fato de ele não ser uma pessoa muito alegre. Camille não gosta muito de si mesmo.

Desde que ele voltou ao trabalho, há quase três anos, Camille tem aceitado trabalhar com todos os estagiários, uma dádiva para os encarregados que não querem se incomodar cuidando deles. Já ele, por sua vez, não quer reconstruir uma equipe estável, desde que a sua se desfez.

De viés, ele olha Alexandre, cuja fisionomia era de qualquer outro nome, mas certamente não Alexandre. De qualquer forma, ele é Alexandre o bastante para ser quatro palmos mais alto que Camille, o que não é uma

proeza, e ele já até partiu antes que Camille mandasse, o que é ao menos um sinal de quem tem iniciativa.

Alexandre voa como uma flecha, ele gosta de dirigir e isso é visível. O GPS parece sofrer para ajustar a rota. Já Alexandre quer mostrar ao comandante que ele conduz bem, a sirene grita, a viatura atravessa com autoridade as ruas, os cruzamentos, os bulevares… Os pés de Camille balançam a vinte centímetros do solo, ele segura o cinto de segurança com a mão direita. Eles não levam mais de quinze minutos para chegar ao local. São vinte e uma horas e cinquenta. Embora não seja tarde, Paris já tem um aspecto adormecido, sereno, não é de fato o tipo de cidade onde sequestram mulheres. "Uma mulher", disse a testemunha que ligou para a polícia. O homem estava nitidamente em estado de choque: "Sequestrada diante dos meus olhos!". Não podia acreditar. Não é uma experiência muito frequente, deve-se admitir.

– Pode me deixar aqui – diz Camille.

Camille sai ajeitando o chapéu, e o rapaz se vai. Está no fim da rua, a cinquenta metros dos primeiros cordões de isolamento. Camille termina o percurso a pé. Quando tem tempo, ele aborda os fatos de longe, esse é seu método. O primeiro olhar conta muito, contanto que seja panorâmico, porque depois, quando se aprofunda nos inúmeros detalhes, não há chances para mais nenhum recuo. Este é o motivo oficial que ele dá para si mesmo por ter descido a uma centena de metros do lugar em que o estão aguardando. A outra razão, a verdadeira, é que ele não tem vontade de estar lá.

Enquanto avança em direção às viaturas de polícia, cujas luzes do giroflex salpicam as fachadas, ele busca compreender o que sente.

Seu coração bate forte.

Ele realmente não se sente bem. Daria dez anos de sua vida para estar em outro lugar.

Mas por mais que ele tenha se aproximado lentamente, agora lá está ele.

Aconteceu mais ou menos daquela mesma forma quatro anos antes. Na rua em que ele morava, um pouco parecida com essa. Irene não estava mais lá. Ela deveria dar à luz um pequeno menino dentro de alguns dias. Deveria estar na maternidade, Camille se precipitou, correu, procurou por ela, fez de tudo naquela noite para achá-la… Estava como um louco, mas por mais que tivesse feito tudo o que podia… ela estava morta. O pesadelo na vida de Camille começou num momento semelhante a esse. Por isso seu coração

está batendo forte, saltando, e suas orelhas estão zunindo. Sua culpa, que ele acreditava adormecida, despertou. Isso lhe dá náuseas. Uma voz grita ao seu ouvido para fugir; outra para encarar a situação. Sente um aperto forte no peito. Camille acha que vai desmaiar. Em vez disso, ele desloca uma barreira para entrar no perímetro isolado. O agente de facção lhe dá um breve aceno com a mão de longe. Se nem todo o mundo conhece o comandante Verhoeven pessoalmente, todos o reconhecem de vista. Não é de se surpreender, se ele já não fosse uma espécie de lenda, bastaria aquele tamanho… E aquela história…

– Ah, você?

– Está desapontado…

Louis imediatamente se afoba apavorado.

– Não, não, não, nada disso!

Camille sorri. Ele sempre foi muito bom em lhe fazer perder a postura. Louis Mariani foi seu adjunto por muito tempo; Camille o conhece como se ele mesmo o tivesse criado.

No início, após o assassinato de Irene, Louis foi visitá-lo na clínica várias vezes. Camille não conversava muito. Desenhar, o que antes era só um passatempo, tornara-se sua atividade principal e até mesmo exclusiva. Ele não fazia nada além daquilo durante o dia. Os desenhos, os esboços, os rascunhos se amontoavam no quarto, cujo caráter impessoal Camille, porém, conservava. Louis sentava num canto, um olhava as árvores do parque, o outro, os próprios pés. Eles se disseram muitas coisas naquele silêncio, e de qualquer forma tudo aquilo não valia a pena ser posto em palavras. Eles não conseguiam achar palavras. E, então, um dia, sem prevenir, Camille explicou que preferiria ficar só, pois não queria arrastar Louis para sua tristeza. “Um policial triste não é uma companhia muito interessante”, disse ele. Foi difícil para ambos se separarem daquela forma. E então o tempo passou. Depois, quando as coisas começaram a ficar melhores, já era tarde demais. Passado o luto, tudo o que resta é um tanto infértil.

Eles não se viam há muito tempo, apenas se cruzaram em reuniões, formações: nesse tipo de situações. Louis não mudou muito. Quando estiver velho, ele morrerá com o ar jovem – algumas pessoas são assim. E continua tão elegante como sempre. Um dia, Camille lhe disse: “Mesmo vestido para

um casamento, a seu lado continuo parecendo um maltrapilho". É importante dizer que Louis é rico, muito rico. Sua fortuna é como os quilos do divisionário Le Guen: ninguém sabe a quantia, mas todos reconhecem que é expressiva e, certamente, em permanente expansão. Louis poderia viver de suas rendas e garantir o conforto das quatro ou cinco gerações por vir. Em vez disso, ele escolheu ser tira na Polícia Criminal. Completou vários estudos dos quais não precisava, e eles lhe renderam uma cultura que Camille nunca viu falhar. Louis é de fato alguém fora do comum.

Ele sorri, acha estranho reencontrar Camille assim, de repente.

– É ali – diz ele, apontando para os cordões de isolamento.

Camille aperta o passo atrás do jovem homem. Aliás, não tão jovem assim.

– Você está com que idade, Louis?

Louis vira para trás.

– Trinta e quatro. Por quê?

– Não, por nada.

Camille percebe que estão a dois passos do Museu Bourdelle. E, por conta disso, ele se recorda com bastante nitidez do rosto de *Hércules arqueiro*, que representava a vitória do herói sobre os monstros. Camille nunca esculpiu, nunca teve o porte físico para tanto e não pinta mais faz tempo, mas continua a desenhar, mesmo após sua longa depressão. É mais forte que ele, faz parte do que ele é, não consegue evitar, está sempre com um lápis na mão, esta é sua maneira de olhar o mundo.

– Você conhece o *Hércules arqueiro* do Museu Bourdelle?

– Sim – diz Louis.

Ele fica com um olhar confuso.

– Mas me pergunto se, na verdade, ele não está no Museu de Orsay.

– Pelo jeito, você continua irritante como sempre.

Louis sorri. Esse tipo de gracejo vindo de Camille significa "gosto de você". Significa "como o tempo voa, faz quanto tempo que eu e você não nos vemos?". Significa, enfim, "nós quase não nos vimos mais desde que matei Irene, não é? É estranho nos reencontrarmos, os dois, numa cena de crime". Assim, Camille acha importante deixar claro:

– Estou substituindo Morel. Le Guen não tinha mais ninguém disponível. Ele me pediu.

Louis faz um gesto de que entende, mas se mantém cético. O comandante Verhoeven de passagem num caso como esse é de todo modo

surpreendente.

– Ligue para o Le Guen – continua Camille. – Preciso de equipes. Imediatamente. Considerando o horário, não poderemos fazer grande coisa, mas pelo menos vamos tentar…

Louis concorda com a cabeça e tira seu celular do bolso. Ele vê as coisas da mesma maneira. Pode-se abordar esse tipo de caso por duas extremidades: pelo sequestrador ou pela vítima. O primeiro certamente está longe. Já a vítima talvez more no bairro, talvez tenha sido sequestrada perto de sua casa, e não é somente a história de Irene que faz os dois homens pensarem assim, são as estatísticas.

Rua Falguière. Definitivamente, essa noite eles estão cercados de escultores. Eles se aproximam no meio da rua, cujos acessos foram bloqueados. Camille levanta os olhos para os andares dos prédios e percebe que todas as janelas estão com as luzes acesas, aquele é o espetáculo da noite.

– Temos uma testemunha, uma só – diz Louis fechando seu celular. – E a localização do veículo que foi usado no sequestro. A Perícia Criminal deve estar para chegar.

E, nesse momento, ela chega. Afastam rapidamente as barreiras e Louis lhes mostra o lugar vazio ao longo da calçada, entre dois veículos. Quatro peritos criminais descem de imediato com seu equipamento.

– Onde está a testemunha? – pergunta Camille.

O comandante está perdendo a paciência. É evidente que ele não quer estar ali. Seu celular vibra.

– Não, senhor procurador – responde ele. – Quando a informação chegou até nós, depois de passar pelo comissariado do quinto distrito, já era tarde demais para mandar bloquear as ruas.

Tom seco, no limite da polidez, para falar com um procurador. Louis se afasta pudicamente. Ele entende a impaciência de Camille. Se a vítima fosse uma criança menor de idade, já teriam disparado o alerta de sequestro, mas trata-se de uma mulher adulta. Eles vão ter que cuidar disso sozinhos.

– O que o senhor está pedindo vai ser muito difícil, senhor procurador – diz Camille.

Sua voz baixou ainda mais um tom. E ele fala muito devagar. Aqueles que o conhecem sabem que essa mudança no tom da voz frequentemente é um sinal.

– Veja, senhor, neste momento em que estou falando com o senhor, há… – ele levanta os olhos –, eu diria… umas cem pessoas espiando pelas janelas. As equipes que estão cercando a zona vão informar mais duzentas ou trezentas. Então, nestas condições, se o senhor conhecer um meio de evitar a difusão da notícia, sou todo ouvidos.

Louis sorri silenciosamente. Típico Verhoeven. Ele fica muito feliz porque o reencontra como ele sempre foi. Em quatro anos, envelheceu, mas continua sempre bastante desinibido. Às vezes, é um perigo público para os superiores.

– Certamente, senhor procurador.

Pelo seu tom, adivinha-se com clareza que, qualquer que seja a promessa que acabou de fazer, Camille não tem nenhuma intenção de cumpri-la. Ele desliga. A conversa o deixou ainda mais de mau humor do que as atuais circunstâncias.

– Antes de tudo, cadê, diabos, seu parceiro Morel?

Louis não esperava por aquilo. "Seu parceiro Morel." Camille está sendo injusto, mas Louis entende. Impor tal caso a um homem como Verhoeven, que já tem certa propensão à agitação…

– Em Lion – responde Louis calmamente –, no seminário europeu. Volta depois de amanhã.

Eles voltaram a caminhar em direção à testemunha, resguardada por um agente uniformizado.

– Vão se foder! – diz Camille.

Louis se cala. Camille se detém.

– Desculpe, Louis.

E diz isso não o olhando, mas, sim, olhando para seus pés. Então, observa de novo as janelas dos prédios com todas aquelas cabeças que olham na mesma direção, como num trem de partida para a guerra. Louis queria dizer algo, mas, enfim, não valia a pena. Camille toma uma decisão. Ele finalmente olha para Louis:

– Vamos fazer como se…?

Louis afasta sua mecha. Com a mão direita. E esse jeito de afastar a mecha é toda uma linguagem para ele. Nesse instante, com a mão direita, isso quer dizer "certamente, de acordo, vamos encenar". Louis aponta para uma silhueta atrás de Camille.

É um homem de uns quarenta anos. Ele estava passeando com seu cão, uma criatura sentada junto a seus pés, que Deus deve ter feito ao acaso num dia de muito cansaço. Camille e o cão se olham e se detestam imediatamente. O cão grunhe, em seguida, recua, gemendo até se confinar nos pés de seu dono. Mas entre os dois, é o proprietário do cão que fica mais surpreso ao ver Camille de pé diante dele. Ele olha para Louis, surpreso que alguém possa se tornar chefe na polícia com aquele tamanho.

– Comandante Verhoeven – diz Camille. – O senhor deseja ver meu distintivo ou acredita em minha palavra?

Louis se diverte com a situação. Ele já sabe o que vem em seguida. A testemunha vai dizer:

– Não, não, tudo bem… É que…

Camille vai interrompê-lo e perguntar:

– É que… o quê?

O outro vai piorar as coisas:

– Eu não esperava por isso, sabe… é só que…

A partir daí, duas opções. Ou Camille continua pressionando o sujeito, empurrando-o cada vez mais contra a parede até que ele peça perdão – às vezes ele pode ser bem cruel. Ou ele desiste. E, dessa vez, Camille desiste. Eles estão lidando com um sequestro. Uma urgência.

A testemunha estava passeando, então, com seu cão. Ele viu uma mulher ser sequestrada. Diante de seus olhos.

– Vinte e uma horas – diz Camille. – Você tem certeza da hora? A testemunha é como todo mundo, quando ela fala de alguma coisa, no fundo só está falando de si.

– Tenho certeza, porque meia hora depois eu assisto sempre às batidas de carros no No-Limit… Por isso, desço com meu cão um pouco antes.

Eles começam pela descrição física do agressor.

– É que ele estava de perfil. Mas era um sujeito grande, atlético.

Ele realmente tem a impressão de que está dando uma informação preciosa.

Camille olha para ele, já exausto. Louis interroga. Os cabelos? A idade? As roupas? Não viu muito bem, difícil dizer, normal. Só com essas informações…

– Ok. E o veículo? – sugere Louis com ar encorajador.

– Uma van branca. Do tipo que um comerciante dirigiria, sabe?

– Que tipo de comerciante? – corta Camille.

– Ah… não sei, tipo… não sei, um comerciante, oras!

– E o que o leva a dizer isso?

Percebe-se que Verhoeven quer pegá-lo desprevenido. O sujeito fica com a boca entreaberta.

– Os comerciantes – diz ele, enfim –, todos eles têm vans desse tipo, não?

– Sim – diz Camille. – Eles até aproveitam para colocar na van o nome, o telefone e o endereço deles. É como publicidade gratuita e itinerante, sabe? Então, nesse aí, o que ele tinha escrito, esse seu comerciante?

– Ah, isso que é estranho, nesse aí não havia nada escrito. Em todo caso, não vi nada.

Camille apanhou sua caderneta.

– Deixe-me tomar nota. Estamos falando de… uma mulher desconhecida… sequestrada por um comerciante anônimo, num veículo indeterminado, esqueci algo?

O dono do cão entra em pânico. Seus lábios tremem. Ele se vira para Louis, *vamos, me dê uma ajuda, ele vai me atacar de novo*.

Farto daquilo, Camille fecha sua caderneta e vira as costas. Louis toma seu lugar. Essa única testemunha se ateve a pouca coisa, mas será necessário fazer algo com o que eles têm. Camille ouve a sequência do interrogatório de costas. A marca do veículo (“Um Ford, talvez… Não conheço bem as marcas, sabe, não tenho carro faz muito temp…”), mas a vítima é uma mulher (“certeza absoluta”). A descrição do homem continua vaga (“Ele estava só, de qualquer forma, eu não vi mais ninguém…”). Falta o *modus operandi*. De forma violenta.

– Ela gritou, se debateu… então ele lhe deu um murro no estômago. Ele não poupou forças! Foi até mesmo nessa hora que gritei. Para tentar assustá-lo, sabe…

Camille sente fundo cada um daqueles detalhes, como se cada golpe o acertasse pessoalmente. Um comerciante viu Irene no dia de seu sequestro, foi semelhante: não tinha nada a dizer, nada visto ou quase nada. A mesma coisa. Vejamos. Ele se vira de uma vez.

– Onde o senhor estava exatamente? – pergunta ele.

– Ali…

Louis olha para o chão. O sujeito estende o braço com o indicador apontado.

– Mostre para mim.

Louis fecha os olhos. Ele pensou a mesma coisa que Camille, mas o que vai fazer Verhoeven, ele já não faria. A testemunha puxa seu cão, avança pela calçada, cercado pelos dois tiras, e se detém.

– Mais ou menos aqui…

Ele pondera, vira-se para um lado, para o outro, faz uma careta. Sim, mais ou menos aqui. Camille quer uma confirmação.

– Aqui? Você não estava mais longe?

– Não, não – responde a testemunha, triunfante.

Louis chega à mesma conclusão que Camille.

– Ele também deu alguns chutes nela, sabe… – diz o homem.

– Estou entendendo tudo – conclui Camille. – Então o senhor está aqui, estamos a quantos metros de distância?

Ele interroga a testemunha com o olhar.

– Qua...renta metros?

Sim, o homem fica satisfeito com a estimativa.

– O senhor vê uma mulher sendo espancada, sendo sequestrada, a quarenta metros, e o que faz com toda a coragem que tem? Dá um grito.

Ele levanta os olhos para a testemunha que bate ligeiramente as pálpebras, como se estivesse sob o baque de uma forte emoção.

Sem dizer uma palavra, Camille suspirou, afastou-se, lançou mais um último olhar para o cachorro, cuja aparência transmitia um ar tão corajoso quanto a de seu proprietário. Nota-se que ele está com muita vontade de atirar nos dois.

Ele sente, como dizer, ele procura a palavra, uma espécie de aflição, uma sensação um pouco… elétrica. Por causa de Irene. Ele se vira, olha para a rua deserta. E enfim, sente o choque. Ele compreende. Até então, fez seu trabalho técnico, metódico, organizado, tomou as iniciativas que esperam dele, mas é só agora, e pela primeira vez desde sua chegada, que toma consciência de que naquele lugar, há menos de uma hora, uma mulher de carne e osso foi sequestrada, uma mulher gritou, foi espancada, jogada numa van, está presa em algum lugar, apavorada, sendo talvez torturada, é agora que ele toma consciência de que cada minuto conta e que ele, por sua vez, não está envolvido de fato porque quer se manter a distância, proteger-se, não quer fazer seu trabalho, o trabalho que ele escolheu. E que manteve depois da morte de Irene. *Você poderia ter feito outra coisa*, pensa consigo, *mas não fez. Está aqui, neste instante preciso e sua presença não tem senão uma justificativa: achar a mulher que acabou de ser sequestrada.*

Camille sente vertigem. Com uma mão, ele se apoia na carroceria de uma viatura e, com a outra, solta o nó da gravata. Achar-se em tal situação não é provavelmente algo muito bom para um homem atingido por desastres tantas vezes. Louis, por sua vez, chega perto. Qualquer outro perguntaria: "Tudo bem?". Mas Louis, não. Ele permanece de pé perto de Camille, desvia o olhar para outra parte, como se aguardasse um veredito, com paciência, comoção, inquietude.

Camille sai de seu mal-estar e parece se recompor. Direciona-se aos técnicos da Perícia Criminal a três metros dele.

– O que vocês conseguiram?

Ele se aproxima da equipe, limpa a garganta. O problema de uma cena de crime em plena rua é que você recolhe tudo e qualquer coisa e, em meio ao amontoado, vai saber o que pertence a seu caso.

Um policial perito, o maior dos dois, levanta a cabeça em sua direção:

– Bitucas de cigarro, uma moeda… – ele se curva sobre um saquinho plástico de evidência posto sobre sua maleta… – estrangeira, um bilhete de metrô e, um pouco mais longe da cena, posso te oferecer um lenço de papel usado e uma tampa de caneta de plástico.

Camille observa o saquinho transparente com a passagem de metrô e levanta-o contra a luz.

– E visivelmente – continuam os oficiais –, ela apanhou bastante.

Junto ao meio-fio, alguns resíduos de vômito que seu colega recolhe cautelosamente com uma colher esterilizada.

Inicia-se uma agitação junto aos cordões de isolamento. Alguns policiais uniformizados chegam rapidamente. Camille conta. Le Guen enviou-lhe cinco.

Louis já sabe o que deve fazer. Três equipes. Ele vai passar a eles os primeiros detalhes, vasculhar a área – não será possível ir muito longe, considerando a hora –, distribuir as orientações, pois já está habituado com os métodos de Camille. E um último policial ficará com Louis para interrogar os moradores, mandar descer os que estão olhando pela janela e que se encontram mais próximos da cena do sequestro.

Por volta de vinte e três horas, Louis, o Sedutor, encontrou o único prédio da rua que ainda dispõe de uma porteira no térreo, uma raridade em Paris. Seduzida pela elegância de Louis, ela permite que sua portaria se torne o

quartel-general da polícia. Ver o tamanho do comandante faz a porteira imediatamente sentir algo. A deficiência desse homem toca-a profundamente, como os animais abandonados. Cobre a boca com o punho, *meu Deus, meu Deus, meu Deus*. Diante desse espetáculo, ela se enche de pena, estremece, sente que vai desmaiar, *pobre coitado*! Ela olha de relance para o comandante, franzindo os olhos dolorosamente, como se ele tivesse uma ferida exposta e ela compartilhasse de seu sofrimento.

À parte, ela pergunta a Louis:

– Quer que eu busque uma cadeira para seu chefe?

É como se Camille tivesse diminuído de tamanho, como se fosse necessário tomar providências.

– Não, obrigado – responde Louis, o Piedoso, fechando os olhos. – Tudo está bem assim, muito obrigado mesmo, minha senhora.

Louis lhe dá um sorriso magnífico. Resultado: ela faz um bule cheio de café para todos.

À xícara de Camille, ela adiciona uma colher de café moka.

Todas as equipes começam a trabalhar. Camille sorve seu café sob o olhar misericordioso da porteira. Louis pensa. É o que ele faz, Louis é um intelectual, ele pensa todo o tempo. Vai tentar entender.

– Resgate em dinheiro… – sugere ele, prudentemente.

– Sexo… – diz Camille. – Loucura…

Poderiam percorrer todas as paixões humanas: vontade de destruir, possessão, revolta, sujeição. Os dois já viram várias paixões homicidas e lá estão eles, naquela portaria, imóveis… Praticamente inativos.

Eles vasculharam a área, mandaram descer pessoas, confrontaram os testemunhos, os rumores, as opiniões de uns e de outros, tocaram campainhas com grandes suspeitas, que logo se mostraram infundadas, e essas ações tomaram uma parte da madrugada.

E, por enquanto, nada. A mulher que foi sequestrada provavelmente não mora no bairro, ou, em todo caso, não na vizinhança imediata do local do sequestro. Ali, ninguém parece conhecê-la. Eles conseguiram três descrições que poderiam corresponder a ela, mulheres que estão viajando, em viagem de negócios, que se ausentaram…

Para Camille, nada daquilo tem valor.

3

É o frio que a acorda. E seus ferimentos, pois o trajeto foi longo. Amarrada, ela não pôde fazer nada para impedir seu corpo de rolar, de bater contra as laterais da van. Então, quando o furgão enfim parou, o homem abriu a porta, cobriu-a com uma espécie de capa de plástico e a amarrou. Em seguida, ele a pôs sobre um ombro. É assustador estar reduzida a uma simples carga, aterrador também pensar que está à mercê de um homem que pode carregá-la dessa forma sobre seu ombro. Imagina-se logo o que ele é capaz de fazer.

Em seguida, ele não tomou o menor cuidado para colocá-la no chão, nem para arrastar o saco, nem mesmo para rolá-lo escada abaixo. Suas costelas bateram contra os degraus e foi impossível proteger a cabeça. Alex gritou, mas o homem continuou seu trajeto. Ao bater a parte de trás da cabeça uma segunda vez, ela desmaiou.

Quanto tempo atrás aconteceu isso, impossível saber.

Agora não se ouve o menor barulho, mas ela sente um frio terrível nos ombros, nos braços. E os pés estão congelados. A fita adesiva está tão apertada que o sangue não circula mais. Ela abre os olhos. Ou pelo menos tenta abri-los porque o esquerdo permanece colado. A boca também não se abre. Uma larga fita isolante. Ela não se lembra daquilo. Deve ter sido posta enquanto estava inconsciente.

Alex está deitada de lado no chão, os braços estão presos nas costas, os pés, amarrados um ao outro. Ela sente dor na lateral do quadril sobre a qual está apoiando todo o peso. Volta a si com a lentidão de alguém que sai do coma, sentindo dores pelo corpo todo, como após um acidente de carro. Ela tenta ver onde está, move os quadris e consegue se deitar sobre as costas, seus ombros doem muito. Seu olho finalmente se descolou, mas não capta nenhuma imagem. *Estou cega de um olho*, pensa Alex, aflita. Mas, após alguns segundos, seu olho semiaberto lhe transmite uma imagem desfocada, que parece chegar de um planeta situado a anos-luz de distância.

Ela fareja o ar, esvazia a mente, tenta raciocinar. Isso é um galpão ou um depósito. Um grande espaço vazio, com uma luz difusa vinda do alto. O chão é duro, úmido; há um cheiro de poças sujas de água da chuva, água parada – é por esta razão que ela está com tanto frio: o lugar está todo molhado.

A primeira coisa que vem à sua mente é a lembrança do homem apertando-a fortemente contra ele. Seu odor de transpiração, azedo, forte, animal. Nos momentos trágicos, são normalmente os pensamentos insignificantes que vêm à mente: *ele arrancou meus cabelos*, eis o primeiro pensamento. Ela imagina seu couro cabeludo com um grande buraco, todo um punhado arrancado, ela desata a chorar. Na verdade, não é tanto essa imagem que a faz chorar, mas tudo o que acabou de acontecer, o cansaço, a dor. E o medo. Ela chora, e é difícil chorar assim, com uma fita adesiva mantendo os lábios cerrados; ela engasga, começa a tossir e, de tão difícil que é tossir, ela se sufoca e seus olhos se enchem de lágrimas. Uma náusea lhe sobe pelo estômago. Impossível vomitar. Sua boca se enche de uma espécie de bile, que ela é obrigada a engolir de volta. E essa situação permanece por um tempo, o que a deixa enjoada.

Alex esforça-se para respirar, esforça-se para entender, para dar sentido às coisas. Apesar do momento desesperador, ela busca reencontrar um pouco de calma. O sangue-frio nem sempre basta, mas, sem ele, você está arruinado. Alex tenta relaxar o corpo, diminuir a frequência cardíaca. Compreender o que acabou de acontecer, o que está fazendo ali.

Refletir. Ela está sentindo dor, mas o que a incomoda também é sua bexiga, apertada, cheia. Nunca foi muito resistente nesse sentido. Não precisa nem de vinte segundos para tomar a decisão, ela relaxa e urina em si mesma, por um longo momento. Ter se entregado à vontade de urinar não é um fracasso porque foi ela que decidiu. Se não fizesse isso, sofreria por um longo tempo, ficaria talvez se contorcendo por horas e de todo modo chegaria à mesma decisão. E considerando as circunstâncias, ela tem muitas outras coisas a temer, a necessidade de urinar é um obstáculo inútil. Porém, alguns minutos depois, ela passa a sentir ainda mais frio e não havia pensado nisso. Alex treme e não sabe mais por que: pelo frio ou pelo medo. Ela se recorda de duas imagens: o homem no metrô, no final do vagão, sorrindo para ela, e seu rosto, quando ele a aperta contra ele, um pouco antes de arremessá-la para dentro da van. Ela se machucou bastante ao aterrissar.

De repente, em algum lugar, uma porta de metal bate e ecoa. Alex para de chorar instantaneamente, fica em alerta, tensa, prestes a entrar em colapso. Então, com um movimento, ela se deita novamente de lado e fecha os olhos, pronta para levar a primeira pancada, porque ela sabe que ele vai bater nela – foi por isso que a sequestrou. Alex não respira mais. Ela ouve o

homem se aproximar de longe, com um passo tranquilo, pesado. Enfim, ele para diante dela. Entre seus cílios, ela distingue os sapatos dele: grandes e bem engraxados. Ele não diz nada. Passa por ela, sem dizer uma palavra, e permanece assim um longo momento, como se vigiasse seu sono. Ela enfim se decide, abre totalmente os olhos e levanta-os na direção dele. Ele está com as mãos nas costas, o rosto inclinado e não deixa transparecer nenhuma intencionalidade, está apenas debruçado por cima dela, como se estivesse por cima… de um objeto. Vista de baixo, sua cabeça é impressionante, suas sobrancelhas negras e abundantes fazem sombra e mascaram em parte seus olhos, mas o que mais se destaca é a testa, maior que o resto do rosto. É como se fosse totalmente desproporcional. Isso lhe faz parecer retardado, primitivo. *Obcecado*. Ela procura a palavra certa. Não acha.

Alex queria poder dizer alguma coisa. A fita adesiva a impede. De qualquer forma, tudo o que poderia sair dela seria "Eu suplico…". Ela pensa no que poderá lhe dizer se ele a soltar. Ela realmente queria achar outra coisa além de uma súplica, mas não lhe vem nada, nada, nenhuma pergunta, nada além dessa súplica. As palavras não vêm, o cérebro de Alex está congelado. E um pensamento confuso ecoa: *ele a sequestrou, amarrou, jogou ali, o que vai fazer com ela?*

Alex chora, ela não consegue se conter. O homem se afasta sem dizer uma palavra. Vai até o canto da sala. Com um largo gesto, ele puxa uma lona – impossível ver o que ela estava cobrindo. E aquela mágica ladainha continua, irracional: *faça com que ele não me mate*.

O homem está de costas, curvado, ele arrasta algo pesado com as duas mãos – um caixote? –, algo que range sobre o assoalho de concreto. Ele está com uma calça de sarja cinza-escuro, uma blusa listrada, larga, folgada, dá a impressão de que ele a tem há anos.

Depois de recuar assim alguns metros, ele para de puxar, levanta os olhos para o teto como se focasse algo, então permanece assim, as duas mãos no quadril, parecendo se interrogar sobre a maneira como proceder. E, enfim, ele se vira. E olha para ela. Aproxima-se, abaixa-se, põe o joelho perto de seu rosto, estende o braço e, de uma vez, arranca a fita adesiva em torno de seus tornozelos. Em seguida, sua grande mão segura a extremidade da fita adesiva no canto de seus lábios e a puxa com brutalidade. Alex solta um grito de dor. Ele, por sua vez, utiliza apenas uma mão para colocá-la de pé. Alex certamente não é muito pesada, mas, mesmo assim, só uma mão! Ela é tomada por um atordoamento que percorre seu corpo. Pôr-se de pé faz com

que o sangue suba até sua cabeça, ela vacila de novo. Sua testa chega à altura do peito do homem. Ele a segura pelo ombro, bem firme, e a vira. Ela não tem tempo de dizer uma palavra, com um gesto seco, ele corta os laços em torno de seus punhos.

Então Alex reúne toda a coragem e, sem pensar, pronuncia as palavras que lhe vêm à boca:

– Eu lhe… s… suplico…

Ela não reconhece a própria voz. E, além disso, ela gagueja, como quando era criança, como quando era adolescente.

Estão face a face, é a hora da verdade. Alex está tão aterrorizada com a ideia do que ele poderia fazer com ela que, subitamente, tem vontade de morrer, sem exigir nada, apenas que ele a mate, agora. E o que ela mais teme é essa espera na qual sua imaginação se abisma. Ela pensa no que ele poderia fazer com ela. Ela fecha os olhos e vê seu corpo, como se não lhe pertencesse mais, um corpo estirado, exatamente na mesma posição que estava há pouco e que tem feridas, sangra abundantemente, dói – é como se não fosse ela, mas é. Ela se vê morta.

O frio, o cheiro de urina, ela tem vergonha e medo, o que vai acontecer, *contanto que ele não me mate, faça com que ele não me mate*.

– Tire a roupa – diz o homem.

Uma voz grave, calma. Sua ordem também é grave, calma. Alex abre a boca, mas não tem tempo de pronunciar uma sílaba, ele lhe desfere um tapa tão forte que ela gira, dá um passo, desequilibrada; então leva outro tapa e cai, sua cabeça bate no chão. O homem avança lentamente na direção dela e a segura pelos cabelos. Isso é terrivelmente doloroso. Ele a levanta, Alex sente que toda sua cabeleira vai ser arrancada de seu couro cabeludo. Com suas mãos, ela se agarra na dele, tenta segurá-la, suas pernas, mesmo sem ela desejar, readquirem força. Alex está de pé. Quando ele lhe dá um terceiro tapa, continua segurando-a pelos cabelos, então seu corpo dá apenas um tranco e sua cabeça vai para o lado. O estalo é terrivelmente alto, ela não sente mais quase nada, de tão atordoada pela dor.

– Tire a roupa – repete o homem. – Tudo.

E ele a solta. Alex dá um passo, grogue. Ela tenta se manter de pé, cai novamente de joelhos, segura um gemido de dor. Ele se aproxima, se curva. Acima dela, seu grande rosto, sua cabeça pesada de crânio desproporcional, seus olhos cinza…

– Você me entendeu?

E ele espera a resposta, levanta uma mão amplamente aberta, Alex se apressa e diz “sim”, várias vezes, “sim, sim, sim”, levanta-se imediatamente, tudo o que ele quiser para ela não apanhar mais. Bem rápido, para que ele entenda que ela está completamente, totalmente disposta a obedecê-lo, ela tira sua camisa, arranca seu sutiã, solta os botões de seu jeans, como se suas roupas tivessem pegado fogo de repente, ela quer ficar nua bem rápido para que ele não lhe bata de novo. Alex se contorce, tira tudo o que está vestindo, tudo, tudo, depressa e se põe de pé. Ela mantém os braços contra o corpo e é somente nesse instante que percebe tudo o que acabou de perder e que jamais terá de volta. Sua derrota é absoluta, ao tirar a roupa tão depressa, ela consentiu a tudo, disse sim a tudo. De certa maneira, Alex acabou de morrer. Ela sente vagamente algo distante. Como se estivesse exterior ao próprio corpo.Talvez por isso ela consiga encontrar energia para perguntar: – O que você qu… quer?

Ele de fato quase não tem lábios. Mesmo quando sorri, é possível ver quase tudo menos um sorriso. Nesse instante, ele tem a expressão interrogativa.

– O que você tem a oferecer, sua vagabunda?

Ele tentou colocar apetite no que disse, como se estivesse sinceramente tentando seduzi-la. Para Alex, essas palavras têm um sentido claro. Para todas as mulheres, essas palavras têm um sentido óbvio. Ela engole a saliva. Pensa: *ele não vai me matar*. Seu cérebro se enrola ao redor dessa certeza e aperta-a bem forte para evitar qualquer contradição. Alguma coisa dentro dela diz que ele a matará de qualquer forma, depois, mas o nó de seu cérebro está apertado, apertado, apertado.

– Você pode me… c… comer – diz ela.

Não, não é isso, ela tem a sensação de que não é dessa forma…

– Você pode me es… estuprar – continua ela. – Pode f… fazer tudo…

O sorriso do homem se mantém paralisado. Ele dá um passo para trás, toma um pouco de distância para observá-la. Dos pés à cabeça. Alex abre os braços, ela quer mostrar que está se oferecendo, entregue, quer mostrar que abdicou de toda sua vontade, que a está colocando em suas mãos, que ela é dele, é preciso ganhar tempo, nada além do tempo. Em tais circunstâncias, tempo é vida.

O homem a examina com tranquilidade, seus olhos passam lentamente de cima para baixo, vindo enfim a deter-se em sua genitália, por um longo momento. Ela não se mexe, ele inclina um pouco a cabeça, interrogativo.

Alex tem vergonha do que ela é, de se expor daquela forma. E se ele não se sentir atraído, se o pouco que ela tem a oferecer não for o suficiente, o que ele vai fazer? Então ele balança a cabeça, como se estivesse decepcionado, desapontado, *não, não serve*. E para deixar isso claro, ele estende a mão, segura o mamilo direito de Alex com o polegar e o indicador e torce tão rápido e forte que imediatamente a jovem mulher se curva e grita.

Ele a solta. Alex segura o seio, os olhos arregalados, a respiração entrecortada, dança pulando de um pé ao outro, a dor a cegou. Suas lágrimas escorrem sem querer quando pergunta:

– O que… você vai fazer?

O homem sorri, como se quisesse lembrá-la de algo evidente:

– Oras… Vou te assistir morrer, sua vagabunda.

Em seguida, ele dá um passo para o lado, como um ator.

Então ela vê. Por detrás dele. Ao chão, uma furadeira elétrica e, ao seu lado, um caixote de extensão não muito grande. Do tamanho de um corpo.

4

Camille percorre e analisa um mapa de Paris. Fora da portaria, um policial uniformizado, designado pelo comissariado local, passa seu tempo explicando aos curiosos, aos vizinhos, que eles não devem permanecer ali a não ser que tenham um testemunho crucial sobre o sequestro. Um sequestro! É uma atração, um pouco como um espetáculo. Falta a atriz principal, mas não importa: só o fato de estar no cenário já é incrível. Durante a noite toda, a notícia se espalha como numa cidadezinha. As pessoas mal podem acreditar, *mas quem, quem, quem, quem, eu não sei, estou dizendo, uma mulher, pelo que entendi, mas nós a conhecemos, diga, nós a conhecemos?* O rumor aumenta, até as crianças descem para ver, deveriam estar dormindo àquela hora, mas todos no bairro estão excitados com tal situação inesperada. Alguém pergunta se a televisão vai aparecer, fazem incessantemente as mesmas questões ao oficial de serviço, as pessoas ficam mais de quinze minutos, à toa, esperando não se sabe o quê, só para estarem presentes caso alguma coisa enfim aconteça, mas nada. Então pouco a pouco o rumor perde força, o interesse diminui, *é que está ficando tarde*, algumas horas depois e a noite fica mais pesada, a atração se torna

um incômodo, as primeiras reclamações surgem das janelas, *a gente quer dormir, podem fazer silêncio?*

– Acho que eles deveriam chamar a polícia – diz Camille.

Louis está mais calmo, como sempre.

Em seu mapa, ele marcou as vias que convergem para o lugar do sequestro. Quatro itinerários possíveis que a mulher pode ter tomado antes de ser sequestrada. A praça Falguière ou o bulevar Pasteur, a rua Vigée-Lebrun ou, em sentido inverso, a rua do Cotentin. Ela também pode ter tomado um ônibus, o 88 ou o 95. As estações de metrô são muito distantes do local do sequestro, mas não devem ser descartadas Pernety, Plaisance, Volontaires, Vaugirard…

Se continuarem sem encontrar nada, amanhã será necessário ampliar o perímetro, vasculhar ainda mais longe em busca da menor informação que for. Para isso, é preciso esperar que aqueles idiotas acordem, aguardar até amanhã, como se tivessem tempo.

O sequestro é um crime bem peculiar: a vítima não está diante de seus olhos, como num homicídio; você precisa imaginá-la. É o que Camille tenta fazer. O que sai de seu lápis: a silhueta de uma mulher caminhando pela rua. Ele olha com distanciamento: elegante demais, uma *socialite*. Para desenhar mulheres como aquela, Camille talvez tenha envelhecido um pouco. Enquanto faz suas ligações pelo telefone, ele rabisca, recomeça. Por que a imagina tão jovem? Será que as mulheres mais velhas são sequestradas? Pela primeira vez, ele pensa nela não como uma mulher, mas como uma garota. “Uma garota” foi sequestrada na rua Falguière. Ele volta a seu desenho. De jeans, cabelos curtos, uma bolsa pendurada no ombro. Não. Outro desenho. Neste, ela está de saia lápis, busto saliente. Ele rabisca, irritado. Ele a imagina jovem, mas, na verdade, não consegue visualizá-la de forma alguma. E quando consegue, é Irene que vê.

Ele não teve outra mulher em sua vida. Entre as raras ocasiões que surgem a um homem de seu tamanho, ele acabou sentindo um tanto de culpa, um pouco de aversão de si mesmo e o receio do que poderia representar o fato de ter novamente uma relação normal com as mulheres, suas necessidades sexuais dependiam da coincidência de muitas condições, e isso não aconteceu. Na verdade, sim, uma vez. Uma mulher estava numa situação delicada e ele a tirou desses apuros. Fez vista grossa. No momento, ele notou um alívio no olhar dela, nada além disso. E depois a encontrou perto de sua residência, por acaso. Então tomaram algo no terraço do bar La

Marine, depois foram jantar, e forçosamente uma coisa leva à outra, você sobe para uma última bebida e então… Normalmente, isso não é o tipo de coisa que um tira íntegro deveria aceitar. Mas ela era realmente meiga, de espírito livre e com um ar que desejava agradecer com sinceridade. Ou pelo menos é o que Camille repetiu para si em seguida, a fim de se desculpar. Mais de dois anos sem tocar em uma mulher, em si, já era uma razão, mas não o suficiente. Aquilo foi uma má ação. Aquela noite afetuosa e calma – ninguém se viu na obrigação de pensar em sentimentos. Ela sabia da história dele, na Brigada, todos conhecem aquela história, a mulher de Verhoeven fora assassinada. Ela disse coisas simples, do cotidiano, tirou a roupa a seu lado e subiu em cima dele em seguida, sem preliminares. Eles se olharam nos olhos, Camille fechou os seus no final, sem conseguir evitar fazer aquilo. Eles se cruzam de tempos em tempos, ela não mora muito longe. Deve ter uns quarenta anos. E quinze centímetros a mais que ele. Anne. Perspicaz também: ela não passou a noite na casa dele, disse que preferia voltar para casa. Isso evitou sofrimento a Camille, era a coisa certa a fazer. Quando eles se encontram, ela faz como se nada tivesse acontecido. Da última vez, havia outras pessoas, ela chegou até a cumprimentá-lo apenas com um aperto de mão. Por que será que ele está pensando nela agora? Seria ela o tipo de mulher que um homem poderia ter vontade de sequestrar?

Então, Camille direciona seus pensamentos para o sequestrador. Pode-se matar de múltiplas maneiras e por inúmeras razões, mas todos os sequestros são parecidos. E uma coisa é certa: para sequestrar alguém, é preciso se planejar. Claro que se pode fazer isso por impulso, por conta de uma raiva repentina, mas é muito raro e fadado a um fracasso imediato. Na maior parte dos casos, o autor se organiza, premedita, prepara tudo meticulosamente. As estatísticas não são muito favoráveis, as primeiras horas são cruciais, as chances de sobrevivência diminuem rapidamente. Um refém é um peso, você quer se livrar dele logo.

Louis é o primeiro a encontrar uma pista. Ligou para todos os motoristas de ônibus em serviço entre dezenove e vinte horas e trinta minutos. Ele acordou um por um.

– O motorista da linha 88, que fez a última viagem – disse ele a Camille, com a mão no receptor. – Por volta das vinte e uma horas. Ele se lembra de uma garota que correu para alcançar seu ônibus e mudou de ideia.

Camille larga o lápis e levanta a cabeça.

– Qual ponto?

– Instituto Pasteur.

Frio na espinha.

– Por que ele se lembra dela?

Louis repassa as perguntas.

– Porque ela é bonita – diz Louis.

Ele aperta a mão sobre o receptor.

– Linda.

– Ah…

– E ele tem certeza da hora. Eles se cumprimentaram de longe, ela deu um sorriso para ele. Ele disse que aquele era o último ônibus da noite, mas ela preferiu ir a pé pela rua Falguière.

– Qual calçada?

– Da direita, descendo.

A direção certa.

– E a descrição?

Louis pede detalhes para o motorista, mas não chega muito longe.

– Vaga. Muito vaga.

É o problema das garotas lindas: ficamos deslumbrados com seu charme, não nos atemos aos detalhes. A única coisa de que lembramos: os olhos, a boca, o traseiro ou os três ao mesmo tempo, mas a lembrança do que ela estava vestindo, já isso… É a deficiência dos homens que fazem depoimento, as mulheres são mais precisas.

Camille rumina aquele tipo de pensamento durante uma parte da noite.

Por volta das duas e meia da manhã, tudo o que podia ter sido realizado foi feito. Agora, resta torcer para que algo venha a acontecer em breve, algo que trará um primeiro fio condutor, um pedido de resgate que abrirá uma nova linha de investigação. Um corpo achado que encerrará todas as outras linhas. Um indício qualquer, algo para se ater.

O mais urgente, se for possível, é identificar a vítima. Por enquanto, a central é categórica: nenhuma sinalização de desaparecimento que poderia corresponder a essa mulher.

Nada nas proximidades do sequestro.

E já se passaram seis horas.

5

Aquilo é um caixote de madeira. As tábuas têm uma distância de uns dez centímetros entre si; é possível ver perfeitamente o que há em seu interior. Por enquanto, nada, ela está vazia.

O homem agarra Alex pelos ombros, segura-a com uma força fora do comum e a arrasta até a caixa. Em seguida, vira as costas e age como se ela não estivesse mais lá. A furadeira é, na verdade, um parafusador elétrico. Ele desparafusa uma tábua da parte de cima do caixote, em seguida, outra. Está de costas, curvado. Sua nuca grossa, vermelha, com um colar de suor… um Neandertal, essa é a palavra que vem à cabeça de Alex.

Ela está de pé bem atrás dele, um pouco recuada, nua, com um braço cobrindo os seios. A outra mão em formato de concha sobre a genitália, porque ela continua com vergonha, mesmo naquela situação, o que é loucura se você pensar bem. O frio a faz tremer dos pés à cabeça. Ela aguarda, sua passividade é total. Poderia tentar algo. Jogar-se em cima dele, golpeá-lo, correr. O galpão é deserto e imenso. Uns quinze metros à sua frente há uma abertura, algo como uma grande brecha, grandes portas deslizantes deviam fechar aquele salão outrora, hoje desapareceram. Enquanto o homem desparafusa as tábuas, Alex tenta fazer seu cérebro voltar a funcionar. *Fugir? Golpeá-lo? Tentar arrancar o parafusador dele? O que será que ele vai fazer quando tiver desparafusado o caixote?* Matá-la, disse ele. O que isso quer dizer exatamente? Como ele quer matá-la? Ela toma consciência do caminho alarmante que sua mente percorreu em apenas algumas horas. De: “Eu não quero morrer”, ela passou para: “Contanto que seja rápido”. Enquanto pensa nisso, duas coisas acontecem. De início, em sua cabeça, um pensamento simples, resoluto, teimoso: *não se entregue, não aceite, resista, lute.* Em seguida, o homem se vira, coloca o parafusador de lado e estende seu braço em direção ao ombro de Alex para agarrá-la. Uma misteriosa decisão irrompe em seu cérebro, como uma luz, ela se põe a correr em direção à abertura, do outro lado da sala. Pego de surpresa, o homem não teve tempo de reagir. Em alguns microssegundos, ela salta por cima do caixote e corre, com os pés descalços, o mais rápido que pode. O frio desapareceu, o medo desapareceu, seu verdadeiro motor é a vontade de fugir, de sair dali. O chão está gelado, duro, escorregadio por estar molhado, o cimento está bruto, áspero, mas ela não sente nada, está

sendo levada pela própria corrida. A chuva encharcou o chão, os pés de Alex soltam jatos ao atravessar as largas poças de água suja. Ela não olha para trás, repete para si mesma "corra, corra, corra", não sabe se o homem também começou a correr atrás dela. *Você é mais rápida. Você sabe que é. Ele é um homem velho, pesado, você é jovem, magra. Você tem vida.* Alex passa pela abertura, diminui um pouco o passo, tempo suficiente para avistar, à sua esquerda, outra abertura, semelhante àquela que acabou de atravessar. Todas as salas são idênticas. *Onde está a saída?* A preocupação com o fato de que vai sair daquele lugar totalmente nua, de que vai aparecer assim na rua, nem passa por sua cabeça. Seu coração bate numa cadência vertiginosa. Alex está morrendo de vontade de olhar para trás, de medir a distância que ela atingiu em relação ao homem, mas, acima de tudo, está morrendo de necessidade de sair dali. Uma terceira sala. Dessa vez, Alex para, sem ar e quase desfalece. Não, ela não acredita naquilo. Volta a correr, mas as lágrimas já subiram aos olhos. Lá está ela, na outra extremidade do prédio, diante da abertura que deve dar para o lado de fora.

Cimentada.

Com grandes tijolos vermelhos por entre os quais escorre o cimento que os une e que não foi espalhado, apenas lançado às pressas de qualquer jeito para selar a passagem da porta. Alex encosta nos tijolos, também eles estão úmidos. Enclausurada. O frio volta-lhe ao corpo brutalmente. Ela bate com os punhos nos tijolos, começa a gritar, talvez alguém a escute do outro lado. Grita, as palavras lhe faltam. *Deixem-me sair. Eu imploro.* Alex bate mais forte, mas está esgotada, então gruda o corpo na parede, como se fosse uma árvore, como se quisesse se fundir com ela. Não grita mais, não tem mais voz, apenas uma súplica que permanece presa na garganta. Ela soluça silenciosamente e fica assim, colada à parede, como um cartaz. Então, de repente, ela fica em silêncio, porque sente a presença do homem, ali, logo atrás dela. Ele não correu, veio tranquilamente para junto dela. Ela ouve seus últimos passos aproximando-se. Alex não se move, os passos se interrompem. Ela acha estar ouvindo a respiração dele, mas é seu próprio medo que ouve. Ele não diz nenhuma palavra, agarra-a pelos cabelos – este é o seu método: agarrar pelos cabelos. Um punhado inteiro com a mão. O corpo de Alex voa para trás, ela cai com força sobre as costas, abafa um grito. Ela poderia jurar que ficou paralisada, começa a gemer, mas ele não quer deixá-la ali. Ele dá um violento pontapé em sua costela e, como ela não se mexe rápido o bastante, ele dá outro, mais forte ainda. "Sua puta."

Alex grita, ela sabe que aquilo não vai parar, então reúne toda a sua energia para se encolher. Foi uma má ideia. Enquanto ela não o obedecer, ele vai continuar batendo nela, dá outro pontapé, nos rins dessa vez, com a ponta de seu sapato. Alex grita de dor, apoia-se no cotovelo, levanta a mão em sinal de rendição, o gesto diz claramente: "Pare, vou fazer o que você quiser". Ele não se move mais, aguarda. Agora, Alex está de pé, cambaleando, procurando sua direção, vacila, quase cai, avança em zigue-zague. Ela não está se movendo muito rápido, então ele lhe dá um chute por trás e ela cai alguns metros à frente, sobre a barriga, mas se levanta de novo, com os joelhos sangrando, e recomeça a andar, mais rápido. Acabou, não há mais nada a exigir. Alex se entrega. Ela caminha em direção à primeira sala, passa pela abertura, está pronta agora.Totalmente esgotada. Ao chegar perto do grande caixote, ela se vira para ele. Com os braços balançando, abdicando de todo pudor. Ele também não se move. O que ele disse mesmo por último, quais foram suas últimas palavras? "Vou te assistir morrer, sua vagabunda."

Ele olha para o caixote. Alex olha para ele também. É um caminho sem volta. O que ela for fazer, o que for aceitar, será irreversível. Irremediável. Nunca mais poderá recuar. Será que ele vai violentá-la? Matá-la? Matá-la antes, depois? Será que ele vai fazê-la sofrer por muito tempo? O que será que ele quer, esse carrasco que não diz nada? Ela terá as respostas a essas perguntas em alguns minutos. Resta apenas um mistério.

– Me… me diga… – implora Alex.

Ela sussurrou, como se solicitasse uma confidência.

– Por quê? Por que eu?

O homem franze as sobrancelhas como alguém que não falasse a língua dela e estivesse tentando adivinhar o sentido de sua pergunta. Automaticamente, Alex estende a mão atrás de si, seus dedos raspam a madeira áspera do caixote.

– Por que eu?

O homem sorri lentamente. Aquela ausência de lábios…

– Porque é você que eu quero assistir morrer, sua vagabunda.

Com aquele tom de obviedade, ele parece certo de ter respondido claramente à indagação.

Alex fecha os olhos. Suas lágrimas escorrem. Ela queria rever a vida, mas nada aparece, seus dedos não raspam mais a madeira do caixote, agora é sua mão inteira que ela apoia para impedir sua própria queda.

– Vamos… – diz ele com um tom irritado.

E aponta para o caixote.

Alex não é mais ela mesma ao se virar, não é mais ela mesma ao pisar dentro do caixote, não há mais nada dela nesse corpo que se encolhe. Lá está ela, com os pés esticados para apoiar cada um sobre uma tábua, fechando seus joelhos entre seus braços como se esse caixote fosse seu derradeiro refúgio, e não seu caixão.

O homem se aproxima e observa a cena da garota nua encolhida no fundo do caixote. Com os olhos escancarados de deleite, radiante, como um entomologista observaria uma espécie rara. Parece realizado.

Enfim, ele desperta, sacode a cabeça e apanha seu parafusador.

6

A porteira os deixou e foi dormir. Ela roncou como uma britadeira durante a noite toda. Eles deixaram dinheiro para o café, Louis acrescentou uma mensagem para agradecer.

São três horas. Todas as equipes foram embora. Seis horas após o sequestro, os resultados que obtiveram caberiam numa caixa de fósforos.

Camille e Louis caminham pela calçada. Vão voltar para casa, tomar um banho e se reencontrar logo em seguida.

– Pode ir – diz Camille.

Eles estão diante do ponto de táxi, mas Camille não vai tomar táxi.

– Não se preocupe comigo, eu vou descer a pé.

Eles se separam.

Camille desenhou aquela mulher um número incalculável de vezes, tal como a imagina, caminhando pela calçada, dando sinal para o motorista de ônibus. Recomeçou o desenho várias vezes porque a imagem continuava carregando um pouco de Irene em si. Só de pensar, Camille se sente mal. Ele acelera o passo. Essa mulher é uma pessoa diferente. Eis o que ele deve lembrar.

E existe principalmente essa terrível diferença: ela está viva.

A rua está deserta, os carros passam muito raramente.

Ele tenta encontrar lógica nos acontecimentos e é com ela que Camille tem se preocupado desde o começo. Ninguém sequestra alguém por acaso,

o mais frequente é que sequestrem uma pessoa conhecida. Às vezes, alguém que se conhece pouco, mas o suficiente para ter ao menos um motivo. Portanto, ele decerto sabe onde ela mora. Camille repete isso para si mesmo há mais de uma hora. Aperta o passo. E se o homem não a sequestrou na casa dela, ou na frente da casa dela, é porque não era possível. Não se sabe por que, mas não era possível, senão ele não a teria raptado ali, na rua, com todos os riscos que isso apresenta. Ora, foi justamente ali que ele a raptou.

Camille anda mais rápido e seu pensamento segue o mesmo ritmo.

Duas possibilidades: o sujeito segue a vítima ou ele a aguarda. Segui-la com sua van? Não. Ela não toma o ônibus e caminha pela calçada. E ele a segue de van? Em marcha lenta? À espera do momento ideal para… Seria muita estupidez.

Portanto, ele estava esperando por ela.

Ele a conhece, conhece seu trajeto. Precisaria de um local que lhe permitisse vê-la se aproximando… e ficar no ponto para se lançar sobre ela. E esse lugar se encontra necessariamente *antes* daquele onde a sequestrou porque a rua é de mão única. Ele a vê, ela passa por ele, ele a alcança, ele a sequestra.

– Para mim, foi assim que tudo aconteceu.

Não é raro que Camille fale consigo dessa maneira, em voz alta. Ele não está viúvo há muito tempo, mas os hábitos de homem solteiro não demoram a voltar. É por esta razão que não pediu para Louis acompanhá-lo: ele perdeu os costumes do trabalho em equipe, tem estado demasiadamente só, tempo demais ruminando e, por conseguinte, pensando apenas em si. Ele acabaria discutindo. Não gosta muito do homem que se tornou.

Ele caminha alguns minutos remoendo esses pensamentos. Está procurando por algo. Camille é do tipo de pessoa que pode ficar obstinado com um erro até que os fatos lhe provem o contrário. É um defeito desagradável num amigo, mas uma qualidade apreciável num tira. Ele passa por uma rua, segue adiante, outra rua, não lhe vem nada. Então, finalmente, ele tem uma luz.

Rua Legrandin.

Um beco sem saída que não tem mais de trinta metros, mas é suficientemente largo para que veículos possam estacionar dos dois lados. Se ele fosse um sequestrador, é ali que teria estacionado. Camille se aproxima, em seguida se volta para a rua.

Ao fim dela, um prédio e, no térreo, uma farmácia.

Ele levanta a cabeça.

Duas câmeras apontam para a fachada da farmácia.

Eles logo encontram a imagem da van branca. O senhor Bertignac é um homem extremamente prestativo, o tipo de comerciante que adora ajudar a polícia. Essas pessoas sempre deixam Camille um pouco irritado. Na dispensa nos fundos de sua loja, o senhor Bertignac está sentado diante de uma tela de computador gigantesca. Não existe um estereótipo de farmacêuticos, mas uma maneira de ser, com certeza. Camille sabe disso, seu pai era farmacêutico. Aposentado, ele se parecia mesmo com um farmacêutico aposentado. Ele morreu há pouco menos de um ano. Mesmo morto, Camille não pôde deixar de achá-lo com um ar de farmacêutico.

Então, o senhor Bertignac ajuda a polícia. Para isso, ele está totalmente disposto a se levantar e abrir a porta ao comandante Verhoeven às três e meia da manhã.

Embora sua farmácia tenha sido roubada cinco vezes, Bertignac não demonstra má vontade. Como as farmácias têm se tornado alvo dos bandidos, sua resposta para isso é tecnológica. A cada vez, ele compra uma nova câmera. Hoje tem cinco: duas do lado de fora, cobrindo cada lado da calçada; as demais no interior. As tomadas são conservadas por vinte e quatro horas, passado esse prazo, são apagadas automaticamente. E o senhor Bertignac ama sua equipagem. Ele não exigiu um mandato para fazer a demonstração de seu equipamento, estava feliz demais. Não foram necessários mais que alguns minutos para acessar a parte do beco coberto pela câmera, mas também não há grande coisa, apenas a parte de baixo dos carros estacionados ao longo da calçada, os pneus. E às vinte e uma horas e quinze minutos, chega a van branca, que estaciona e avança suficientemente para que o condutor possa ver a rua Falguière de lado. O que Camille gostaria muito não é somente que sua teoria fosse confirmada (embora ele já fique bastante feliz com isso, ele adora ter razão), mas que fosse possível ver mais, porque a imagem do veículo, na cena pausada pelo senhor Bertignac, limita-se à parte de baixo da carroceria e aos pneus dianteiros. Agora eles sabem mais sobre o *modus operandi*, o horário do sequestro, mas nada sobre o sequestrador. Infelizmente, nada se passa no filme. Nada. Eles rebobinam.

Mesmo assim, Camille não consegue partir. É muito incômodo ter o sequestrador diante de si, e essa câmera ingenuamente filmando um detalhe ao qual ninguém dá a mínima… Às vinte e uma horas e vinte e sete minutos, a van deixa o beco. E é nesse momento que Camille percebe:

– Ali!

Cheio de si, o senhor Bertignac dá uma de engenheiro de estúdio. Volta o vídeo. Ali. Eles se aproximam da tela, Camille pede para ampliar a imagem. O senhor Bertignac obedece. No instante em que a caminhonete avança para deixar o local, a parte de baixo da carroceria mostra claramente que o veículo foi repintado, à mão, e ainda é possível discernir o traço das inscrições que figuravam nas laterais. Mas é impossível ler as letras. Elas mal se distinguem e, além disso, são cortadas horizontalmente pelo alto da tela, fora do alcance da câmera de vigilância. Camille pede uma impressão em papel e o farmacêutico empresta-lhe gentilmente um *pen drive*, para o qual passa uma cópia de toda a sequência. Contrastado ao máximo, a imagem impressa assemelha-se a algo assim:



É como se fosse código Morse.

A parte de baixo da carroceria do furgão ralou em algum lugar. É possível discernir também leves traços de tinta verde.

Mais trabalho para os peritos.

Camille enfim volta para casa.

Essa noite mexeu com ele de alguma forma. Ele sobe os degraus.

Mora no quarto andar, não sobe nunca de elevador, questão de princípios.

Eles fizeram o que podiam. O que vem agora é o pior. Aguardar. Que alguém sinalize o desaparecimento de uma mulher. Isso pode levar um dia, dois dias, mais. E enquanto isso… Quando sequestraram Irene, não foram necessárias nem dez horas para a encontrarem morta. Nessa manhã, já passou metade disso. Se a Perícia Criminal tivesse achado algum indício realmente útil, ele já estaria sabendo. Camille conhece essa história triste e lenta, essa que irá cruzar as informações e os indícios, essa guerra esgotante que demora séculos e que arruína os nervos.

Ele tenta digerir essa noite interminável. Está exausto. Só tem tempo de tomar um banho e beber alguns cafés.

Ele não conservou o apartamento em que morava com Irene, não quis, era um pouco difícil encontrá-la por toda parte na casa. Ficar lá exigia uma coragem inútil, que era melhor usar em outro ambiente. Camille se perguntou se viver após a morte de Irene era uma questão de coragem, matéria de determinação. *Como se sustentar, totalmente só, quando nada mais se sustenta ao redor de você?* Ele precisava conter sua própria queda. Sentia que aquele apartamento o mergulhava no desespero, mas não tinha coragem de abandoná-lo. Indagou seu pai (aquele ali, de qualquer forma, até responder claramente às questões…), depois Louis, que afirmou: "Para seguir adiante, é preciso abrir mão de alguma coisa". Aparentemente, aquilo era de Tao. Camille não estava muito certo de ter compreendido bem a resposta.

– É como *O Carvalho e o Caniço*, se assim preferir.

Camille preferia assim.

Então ele vendeu. Há três anos, mora no Quai de Valmy.

Ele entra no apartamento. Doudouche imediatamente se aproxima. Ah sim, havia ela também, Doudouche, uma gatinha malhada.

– Um viúvo com um gato? – perguntou Camille. – Não acha que é muito clichê? Ou estou exagerando, como sempre?

– Isso depende do gato, não? – respondeu Louis.

Eis o grande problema. Por amor, por cautela em manter uma proporção, por mimetismo, por pudor, vai saber, Doudouche ficou incrivelmente pequena para a sua idade. Ela tem uma linda carinha, as pernas arqueadas como um cowboy e é minúscula. Nesse ponto, Louis não tinha hipóteses a oferecer, o que demonstra bem a profundidade do mistério.

– Ela também não está exagerando um pouco? – perguntou ainda Camille.

O veterinário ficou um tanto sem jeito quando Camille levou-lhe sua gata e perguntou sobre seu tamanho.

Qualquer que seja a hora de seu retorno para casa, Doudouche acorda, levanta-se e vai recebê-lo. Nessa noite, ou melhor, nessa manhã, Camille apenas acaricia sua espinha dorsal. Não está com muita vontade de se abrir. É demais para um único dia.

Primeiro, o sequestro de uma mulher.

Em seguida, o reencontro com Louis sob tais circunstâncias, é de se perguntar se Le Guen…

Camille se detém bruscamente.

– Aquele desgraçado!

7

Alex entrou no caixote, curvou as costas, encolheu-se.

O homem colocou a tampa de volta no lugar, parafusou-a e em seguida recuou para admirar sua obra.

Alex se contorceu dos pés à cabeça – seu corpo inteiro está tomado por tremores. Embora isso possa lhe parecer absurdo, ela não pode negar a seguinte evidência: nesse caixote, sente-se segura de certa forma. Como num abrigo. Ao passar das últimas horas, ela não parou de imaginar o que ele iria fazer com ela, mas tirando a brutalidade com a qual a sequestrou, tirando as bofetadas que lhe deu… Bom, aquilo não foi pouca coisa, Alex ainda está com dor na cabeça, por causa daqueles tapas, pelo tanto que foram fortes, mas agora, aí está ela, nessa caixa, inteira. Ele não a violentou. Não a torturou. Não a matou. Algo lhe diz "ainda não", Alex não quer ouvir isso, ela considera que cada segundo a mais é um segundo ganho, que cada segundo por vir não veio ainda. Tenta respirar o mais profundamente possível. O homem continua imóvel, ela enxerga suas grandes botas de operário e a parte de baixo de sua calça; ele está olhando para ela. "Vou te assistir morrer…" Foi o que ele disse, é quase a única coisa que disse. Então é isso? Ele quer fazê-la morrer? Quer assistir-lhe morrer? Como será que vai matá-la? Alex não se pergunta mais por que; ela se pergunta como, quando.

Por que será que ele odeia as mulheres a tal ponto? Qual é a história desse sujeito para justificar armar tudo isso? Para bater nela com tanta força assim? O frio não está tão intenso, mas com o cansaço, os golpes, o medo, a noite, Alex sente-se congelada, ela tenta mudar de posição. E não é fácil. Está sentada com as costas curvadas, a cabeça está apoiada sobre os braços que estão abraçando os joelhos. Ao se erguer um pouco para tentar se virar, ela solta um grito. Acabara de enfiar uma longa lasca de madeira no braço, na parte superior, próximo ao ombro. Ela é obrigada a tirá-la com os dentes.

Não há espaço. A madeira do caixote é maciça, áspera. Como ela vai fazer para se virar, apoiar-se sobre as mãos? Girar o quadril? Primeiro, ela vai tentar deslocar seus pés. Ela sente o pânico subir pelo estômago. Começa a gritar, a se mexer para todos os lados, mas tem medo de se machucar com a madeira mal entalhada. Contudo, ela precisa se mexer, aquilo vai deixá-la louca, ela se debate, tudo o que consegue é ganhar alguns centímetros, a aflição toma conta dela.

Então, a grande cabeça do homem surge em seu campo de visão.

E surge de maneira tão súbita que ela recua instintivamente e bate a cabeça. Ele se abaixou para olhá-la. Sorri levemente com seus lábios ausentes. Um sorriso sério, sem alegria, um sorriso que seria ridículo se não fosse tão ameaçador. Sua garganta emite algo como um barrido. Sempre sem pronunciar uma palavra, ele balança a cabeça, como se dissesse: "Agora você entendeu?".

– Você… – começa Alex, mas ela não sabe o que quer dizer, o que quer perguntar.

Ele simplesmente balança a cabeça, continua com aquele sorriso cretino. *Ele é louco*, Alex pensa consigo.

– Você é m-maluco…

Mas ela não tem tempo de dizer mais nada, ele acabou de recuar e se distanciar, ela não o vê mais, então seus tremores aceleram. Assim que ele desaparece, ela se desespera. *O que ele está fazendo?* Ela torce o pescoço, ouve apenas alguns ruídos, bem distantes, tudo ressoa na imensa sala vazia. Só que, agora, algo começou a se mover. Insensivelmente, o caixote balançou, o que faz um barulho de madeira rangendo. De canto de olho, movendo os quadris o máximo que pode, ela discerne, acima dela, uma corda. Ela não a tinha visto. Está amarrada ao topo do caixote. Alex se contorce para levantar a mão por sobre sua cabeça, entre as tábuas: um anel de aço, ela apalpa o nó da corda, um nó enorme bem apertado.

A corda treme e se estica, o caixote parece soltar um gemido, ele se ergue, abandona o chão e começa a balançar, a girar lentamente em torno de si. O homem entra de novo no campo de visão de Alex, está a sete ou oito metros dela, perto da parede, ele puxa com força a corda conectada a duas polias. O caixote sobe muito lentamente, dá a impressão de que vai cair. Alex não se mexe, o homem está olhando para ela. Quando ela fica a mais ou menos um metro e cinquenta do solo, ele para, amarra a corda, vai

vasculhar um monte de coisas deixadas perto da abertura na parede oposta e volta.

Eles estão face a face, à mesma altura, e podem se encarar. Ele tira seu celular do bolso para fotografá-la. Procura o ângulo ideal, desloca-se, recua, tira uma, duas, três… em seguida, verifica as fotos, apaga aquelas que não o agradam. Então volta para perto da parede, o caixote continua subindo, e eis que agora ela está a dois metros do chão.

O homem amarra a corda, está nitidamente contente consigo mesmo. Ele veste seu casaco, bate sobre os bolsos para verificar se não esqueceu nada. Alex parece não existir mais, ele apenas dá uma olhada no caixote ao partir. Está realmente contente com sua obra. Como se estivesse deixando seu apartamento para ir trabalhar.

Ele se foi.

Silêncio.

O caixote balança lentamente na ponta da corda. Uma corrente de ar frio gira ao redor dela e cobre o corpo já gelado de Alex com suas ondas de ar.

Ela está só. Nua, trancafiada.

Então, de repente, ela compreende.

Aquilo não é um caixote.

É uma gaiola.

8

– Seu desgraçado…

"Olha a boca…", "Não esqueça que sou seu chefe!", "O que você teria feito no meu lugar?", "Você deveria ampliar seu vocabulário, suas ofensas já estão dando tédio." Com Camille, ao passar dos anos, o divisionário Le Guen tentou de tudo, ou quase. Em vez de repetir os mesmos argumentos de sempre, ele não responde mais. Desse modo, ele apanha Camille de surpresa, que agora entra no escritório sem bater e se limita a ficar de pé, plantado diante de seu chefe. No melhor dos casos, o divisionário levanta os ombros, conformado; no pior, ele abaixa os olhos, falsamente contrito. Não diz uma palavra, como um velho casal, o que é um fracasso para ambos os homens que, aos cinquenta anos, estão solteiros. Enfim, sem esposa. Camille é viúvo. Já Le Guen liquidou seu quarto divórcio ano passado. "É

curioso como você se casa sempre com a mesma mulher", disse-lhe Camille da última vez. "O que se pode fazer? São velhos hábitos", respondeu Le Guen. "Veja também que nunca mudei de padrinho, é sempre você!" E acrescentou resmungando: "Além disso, se for para sair mudando de esposa, melhor casar com a mesma", demonstrando assim que, quando se trata de conformismo, realmente não tem para ninguém.

O fato de não ser necessário dizer nada para que um entenda o outro é a primeira razão pela qual Camille não está gritando com Le Guen nesta manhã. Ele ignora a pequena manipulação do divisionário que, evidentemente, poderia ter posto qualquer outro naquele caso e fingiu não ter ninguém disponível. O que incomoda Camille é que ele deveria ter se dado conta disso imediatamente, mas agora já era tarde. É muito curioso e, para ser franco, suspeito. A segunda razão é que ele não dormiu, está exausto e não tem energia para desperdiçar porque tem um longo dia à frente antes de ser substituído por Morel.

São sete e meia da manhã. Policiais cansados passam de um escritório ao outro se interpelando. As portas batem, ouvem-se gritos, nos corredores pessoas abatidas aguardam, a Brigada termina uma noite em claro como qualquer outra.

Louis chega. Também não dormiu. Camille o olha dos pés à cabeça. Terno Brooks Brothers, gravata Louis Vuitton, sapatos Finsbury; sempre muito sóbrio. Quanto às meias, Camille ainda não pode se pronunciar e, de qualquer maneira, não sabe nada sobre meias. Louis é chique, mas, embora perfeitamente barbeado, está com uma cara feia.

Eles se cumprimentam com um aperto de mão como numa manhã comum, como se não tivessem nunca parado de trabalhar juntos. Desde que se reencontraram, na noite passada, eles não se falaram de fato. Nenhuma referência aos quatro anos. Não é que haja algum segredo, não, é que é embaraçoso, há mágoas e depois, o que haveria a dizer diante de tamanho fracasso? Louis e Irene se gostavam muito. Camille acha que Louis também se sentiu responsável por aquele assassinato. Louis não fingiu sentir a mesma mágoa que Camille, mas ele tinha a sua. Aquilo era incomunicável. No fundo, eles foram esmagados pelo mesmo desastre, que deixou ambos sem palavra. Além disso, esse caso atordoou a todos, mas, quanto a eles dois, deveriam ter se falado e conversado a respeito. Não conseguiram e, pouco a pouco, embora continuassem a pensar um no outro, eles pararam de se ver.

As primeiras conclusões da Perícia Criminal não são animadoras. Camille folheia rapidamente o relatório e, à medida que vai lendo as páginas, passa-as para Louis. A borracha dos pneus é muito usual e deve equipar por volta de cinco milhões de veículos. O furgão, o gênero mais comum. Quanto à última refeição da vítima, alimentos crus, carne vermelha, feijões verdes, vinho branco, café, só com essas informações…

Eles se põem diante do grande mapa de Paris no escritório de Camille. O telefone toca.

– Ah, Jean – diz Camille. – Ligou em boa hora.

– É, bom-dia para você também – diz Le Guen.

– Preciso de uns quinze policiais.

– Absolutamente impossível.

– A maioria mulher.

Camille reflete por alguns segundos.

– Preciso para pelo menos dois dias. Talvez três, se não encontrarmos a garota até lá. E também um veículo suplementar. Não, dois.

– Ouça…

– E quero Armand…

– Sim, isso é possível. Vou mandá-lo já para você.

– Obrigado por tudo, Jean – diz Camille, desligando.

Ele se volta para o mapa.

– O que conseguimos? – pergunta Louis.

– A metade de tudo. Mais Armand.

Camille mantém os olhos fixos no mapa. Na melhor das hipóteses, ao levantar o braço, ele poderia tocar no máximo o sexto distrito.[5] Para apontar para o décimo nono, seria preciso uma cadeira. Ou um bastão. Mas isso o faria parecer um professorzinho. Com o passar dos anos, ele pensou em diversas soluções para aquele mapa. Afixá-lo mais baixo, colocá-lo no chão, cortá-lo em zonas e colá-las uma ao lado da outra… Não adotou nenhuma porque todas as que resolviam seu problema de tamanho traziam o problema inverso a todos os outros. Assim como em sua casa, bem como no Instituto Médico-Legal, aqui também Camille tem seus instrumentos. Quando se trata de banquinhos, escadas, escadas de mão, escadotes, ele é um *expert*. Em seu escritório, para acessar as pastas, os arquivos, os móveis e sua documentação técnica, ele optou por uma pequena escada de alumínio, estreita, de formato médio; já para o mapa de Paris, um banquinho de biblioteca, do modelo que tem rodinhas e trava quando se

sobe nele. Camille o traz para perto e sobe. Ele observa os eixos que convergem para o local do sequestro. Eles organizarão as equipes para vasculhar todo o setor, a questão é saber até onde limitar o perímetro de ação. Ele aponta para um bairro, olha subitamente seus pés, reflete, vira-se para Louis e pergunta:

– Pareço um general de meia-tigela, não acha?

– Para você, imagino que "general de meia-tigela" seja um pleonasmo.

Eles faziam gracejos, mas na verdade não se ouviam. Cada um prosseguia com sua reflexão.

– De qualquer forma… – diz Louis pensativamente –, nenhum furgão desse modelo foi roubado muito recentemente. A menos que ele tenha planejado seu ataque há muitos meses, sequestrar uma garota com o próprio veículo é correr riscos desnecessários.

– Ele talvez não tenha nada na cabeça, esse sujeito… – diz uma voz atrás deles.

Camille e Louis se viram. É Armand…

– Se não tiver nada na cabeça, ele é imprevisível – diz Camille, sorrindo. – Isso vai deixar as coisas ainda mais difíceis.

Eles se cumprimentaram com um aperto de mão. Armand trabalhou mais de dez anos com Camille, dos quais nove e meio sob seu comando. É um homem terrivelmente magro, de aparência triste e abatida, de uma avareza patológica que gangrenou toda sua vida. Cada segundo que Armand vive é direcionado para a economia. A teoria de Camille é que ele tem medo da morte. Louis, que fez quase todos os estudos que se pode fazer, confirmou que aquilo era psicanaliticamente defensável. Camille sentiu orgulho por ser um bom teórico numa matéria em que desconhece tudo. Profissionalmente, Armand é uma formiga incansável. Dê a ele a lista telefônica de qualquer cidade e volte um ano depois, ele terá confirmado todos os números.

Armand sempre teve por Camille uma admiração sem igual. No início da carreira deles, quando soube que a mãe de Camille era uma pintora célebre, sua admiração triplicou. Ele coleciona recortes de notícias sobre ela. Tem em seu computador uma reprodução de todas as suas obras que podem ser encontradas na internet. Quando soube que era ao tabagismo ininterrupto de sua mãe que Camille devia sua baixa estatura, Armand entrou em conflito. Ele tentou fazer uma síntese que conciliaria a admiração por um pintor cujo trabalho ele não entende, mas cuja fama admira, e o ressentimento que se pode sentir por ter sido uma mulher tão egoísta. Mas esses sentimentos tão

contraditórios tiveram uma lógica compreensível. Seria possível dizer que ele ainda tenta conciliá-los. Porém, é mais forte que ele, não pode se conter, sempre que a mídia menciona o nome ou uma obra de Maud Verhoeven, Armand entra em êxtase.

– Bem que ela poderia ter sido sua mãe – disse-lhe Camille, um dia, olhando-o de baixo.

– Isso é golpe baixo – resmungou Armand que, apesar de tudo, não é destituído de humor.

Quando Camille teve de parar de trabalhar, ele também foi visitá-lo na clínica. Estava sempre aguardando que alguém passasse de carro não muito longe para evitar pagar o transporte, chegava de mãos vazias com um pretexto sempre diferente, mas estava lá. A situação de Camille o devastava. Seu sofrimento era real. Você trabalha anos e anos com pessoas e, no fim das contas, percebe que não as conhece. Basta que ocorra um acidente, um drama, uma doença, uma morte e você descobre a que ponto o que sabia delas era circunscrito ao acaso. Armand tem momentos de generosidade, embora isso possa soar loucura. Certamente, não no sentido financeiro, não com algo que lhe custe dinheiro, mas, à sua maneira, ele tem um espírito grandioso. Na Brigada, ninguém acreditaria nisso, dizer coisa semelhante faria gargalhar todos aqueles que emprestaram dinheiro para ele umas dez vezes, ou seja, todo o mundo.

Quando ele ia visitá-lo na clínica, Camille lhe dava dinheiro para que fosse buscar um jornal, dois cafés na máquina e uma revista. Armand ficava com o troco. E, ao fim da visita, quando se debruçava na janela, via Armand no estacionamento, indagando os visitantes que saíam da clínica para achar aquele que o levaria a uma distância próxima o bastante de sua casa para ele terminar o caminho a pé.

Todavia, é doloroso ver todos juntos quatro anos depois. Da equipe original, falta apenas um certo Maleval, que foi expulso da polícia. Arrastou-se vários meses em prisão preventiva. O que aconteceu com ele… Camille acha que Louis e Armand o reveem de tempos e tempos. Já ele não conseguiria.

Os três estão diante do grande mapa de Paris sem dizer nada. Como aquilo já estava parecendo uma prece fingida, Camille sacode a cabeça e volta a si. Ele aponta para o mapa.

– Pois bem. Louis, vamos fazer como dissemos. Você conduz todos até o local. Faça-os vasculhar a área.

Ele se volta para Armand.

– E quanto a você, Armand, um furgão branco modelo padrão, pneus universais, uma refeição corriqueira para a vítima, uma passagem de metrô… Deixo a você a dor da decisão.

Armand concorda com a cabeça.

Camille apanha suas chaves.

Ele precisa aguentar só mais um dia até o retorno de Morel.

9

A primeira vez que ele retorna, o coração de Alex salta. Ela apenas o ouve, pois não pode se virar e olhá-lo. Seu passo é pesado, lento e ecoa como uma ameaça. Durante cada uma das horas precedentes, Alex antecipou essa vinda e visualizou-se sendo violentada, espancada, morta. Ela imaginou a gaiola descer e sentir o homem agarrá-la pelo ombro, tirá-la de sua gaiola, estapeá-la, estrangulá-la, coagi-la, estuprá-la, fazê-la gritar, matá-la. Como ele prometeu. "Vou te assistir morrer, sua vagabunda." Quando alguém chama uma mulher de vagabunda é porque quer matá-la, não?

Isso ainda não aconteceu. Ele ainda não a tocou, talvez queira primeiro usufruir dessa expectativa. Tê-la colocado numa gaiola tem como intenção fazer dela um animal, aviltá-la, domesticá-la, mostrá-la quem é o dono. É por isso que ele a agrediu tão violentamente. Esses pensamentos e mais outros mil ainda mais terríveis a apavoram. Morrer não é nada agradável. Mas esperar pela morte…

Alex promete a si mesma sempre anotar mentalmente os momentos em que ele aparece, mas as referências temporais logo se embaralham. A manhã, o dia, a noite, a madrugada, tudo isso faz parte de um *continuum* de tempo o qual sua mente tem cada vez mais dificuldade de identificar.

Quando ele aparece, primeiro permanece próximo à gaiola, com as mãos nos bolsos, olha para ela por um longo momento, depois coloca sua jaqueta de couro no chão, desce o caixote até a altura de seus olhos, pega seu celular do bolso, tira uma foto e caminha alguns metros, até onde deixou todas as suas coisas, uma dezena de garrafas de água, de sacos plásticos e as roupas de Alex, atiradas ao chão. Para ela, é angustiante estar trancafiada e

ver tudo isso, quase ao alcance das mãos. Ele se senta. Não faz mais nada por enquanto, apenas olha para ela. É como se ele estivesse esperando por alguma coisa, mas ele não diz o quê.

E então, de repente, ele toma a decisão de partir de novo, sem que Alex entenda o motivo. Ele se levanta de uma vez, bate nas coxas como se quisesse tomar coragem, sobe a gaiola de novo e, após uma última olhada, se vai.

Ele não fala nada. Alex lhe fez perguntas, não muitas porque ela não quer deixá-lo com raiva, ele respondeu só uma vez. O resto do tempo não diz nada, como se não estivesse pensando em nada; ele apenas a encara. Como, aliás, ele já disse: “Vou te assistir morrer.”

A posição de Alex é fisicamente insuportável.

Impossível ficar de pé, a gaiola não é alta o bastante. Impossível deitar, ela não é longa o bastante. Impossível sentar, o topo é muito baixo. Ela vive curvada sobre si mesma, enrolada como uma bola. Então, as dores logo se tornam insuportáveis. Os músculos começam a dar câimbras, as articulações parecem se solidificar, tudo está adormecido, tudo está travado, sem contar o frio. Seu corpo inteiro está enrugado e, como Alex não pode se mexer, a circulação sanguínea ficou mais lenta, acrescentando mais dor ainda à contração muscular a que ela está condenada. Por conta dessa situação, algumas imagens voltaram à sua mente – esquemas que remontam a seus estudos de enfermagem –, músculos atrofiados, articulações congeladas, esclerosadas; às vezes, ela acredita estar assistindo à deterioração de seu corpo, como se fosse radiologista, como se esse corpo não fosse o seu, e ela percebe que sua mente está se dividindo em duas: uma que está ali, outra que não está, que está vivendo em outro lugar. É o início da loucura que a espera e será o resultado automático dessa posição infernal, desumana.

Ela chorou muito, mas logo ficou sem lágrimas. Dorme pouco, nunca por muito tempo porque os espasmos dos músculos a despertam continuamente. As primeiras câimbras realmente dolorosas apareceram na noite passada. Ela acordou gritando, pois sua perna inteira estava tomada por uma contração insuportável. Para tentar relaxá-la, ela bateu com seu pé contra as tábuas o mais forte que podia, como se quisesse fazer a gaiola quebrar em pedaços. A câimbra diminuiu pouco a pouco, mas ela sabe que não foi por seu esforço. Uma hora ela voltará assim como foi. Tudo o que ela conseguiu foi que a gaiola começasse a balançar. Quando ela começa,

demora bastante tempo para se estabilizar de novo. Depois de algum período, aquilo causa náuseas. Alex passou horas temendo que a câimbra voltasse. Ela monitora cada parte de seu corpo, mas quanto mais pensa nisso, mais doloroso fica.

Durante seus raros momentos de sono, ela tem sonhos com prisão, que é enterrada viva ou afogada; quando não são as câimbras, o frio ou a angústia, são os pesadelos que a despertam. Agora, como ela não se mexeu mais que alguns centímetros em algumas dezenas de horas, está sendo tomada por sobressaltos, como se seus músculos estivessem tentando se mover, são reflexos ante os quais ela não pode fazer nada, seus membros se batem violentamente contra as tábuas – e ela solta gritos.

Ela venderia a alma para poder se esticar, somente para poder ficar deitada por uma hora.

Em um de seus primeiros aparecimentos, usando outra corda, ele subiu, à altura de sua gaiola, uma cesta de vime que balançou por um longo momento antes de se estabilizar. Embora não estivesse muito distante, foi necessário Alex se esforçar ao máximo para alcançá-la; ela teve que esfolar a mão por entre as tábuas para conseguir pegar uma parte do conteúdo: uma garrafa de água e ração. Para cão ou para gato. Alex não tentou descobrir: devorou tudo sem parar para pensar. E quase esvaziou a garrafa de uma só vez. Foi só mais tarde que se perguntou se ele havia posto algo dentro. Começou a tremer, mas é impossível saber por que está tremendo, de frio, de exaustão, de sede, de medo… A ração reativou sua sede sem matar sua fome de fato. Ela toca na ração o mínimo possível, só quando a fome a tortura. E, aliás, é preciso urinar e fazer todo o resto… No início, ela ficou com vergonha, mas como fazer? Aquilo se esparrama abaixo de sua gaiola, como os dejetos de um pássaro enorme. A vergonha passou rápido, ela não é nada ao lado da dor, nada ao lado do temor de viver assim por dias e mais dias, sem se mexer, sem mudar de posição, sem saber por quanto tempo ele vai mantê-la presa, se realmente tem a intenção de deixá-la morrer ali, daquele modo, naquele caixote.

Quanto tempo será que é preciso para morrer daquela maneira?

Nas primeiras vezes, quando ele aparecia, ela implorava, pedia perdão sem saber pelo quê, e uma vez até escapou-lhe de pedir para matá-la. Não tinha dormido há horas e horas, a sede a corroía, seu estômago havia regurgitado a ração que, contudo, ela havia mastigado por um longo tempo; ela estava cheirando a urina e a vômito, a rigidez da sua posição a deixava

louca. Naquele instante, a morte lhe pareceu preferível a tudo. Ela se arrependeu logo porque, na verdade, ela não quer morrer, não agora, não é assim que ela via o fim de sua vida. Há tantas coisas por fazer ainda. Mas não importa o que ela diga, não importa o que ela pergunte: o homem nunca responde.

A não ser uma vez.

Alex estava chorando copiosamente, estava exausta, sentia que sua mente começava a divagar, que seu cérebro estava se tornando um elétron livre, descontrolado, solto, desorientado. Ele havia descido a gaiola para tirar uma foto sua, e Alex disse, provavelmente pela milésima vez:

– Por que eu?

O homem olhou para cima, como se nunca houvesse perguntado isso a si mesmo. Ele se curvou. Seus rostos se encontraram entre as tábuas a alguns centímetros de distância um do outro.

– Porque… porque é você.

Aquilo pegou Alex de surpresa. Como se tudo tivesse parado de uma vez, como se Deus tivesse virado uma alavanca. Ela não sentiu mais nada, nem suas câimbras, nem a sede, nem as dores de estômago, nem seus ossos congelados até a medula. Tudo se concentrou ao que ele ia responder.

– Quem é você?

Ele simplesmente sorriu. Talvez ele não tenha o costume de falar muito, talvez aquelas palavras o tenham deixado exausto. Ele subiu a gaiola, bem rápido, apanhou sua jaqueta e se foi sem nem olhar para ela, parecia até com raiva. Talvez tivesse falado mais do que gostaria.

Daquela vez, ela não tocou na ração; ele havia acabado de acrescentar mais à que restava, mas ela apenas apanhou a garrafa e procurou poupá-la. Ela queria refletir sobre o que ele dissera, mas, quando o sofrimento é muito grande, como pensar em outra coisa?

Ela passa horas com o braço estendido sobre si, a mão apertando, acariciando o enorme nó da corda que segura sua gaiola. Um nó grosso como seu punho, inacreditavelmente apertado.

Ao longo da noite seguinte, Alex caiu numa espécie de coma. Sua mente não se concentrava em nada, ela tinha a impressão de que toda sua massa muscular havia derretido, que ela não era mais que ossos, que estava reduzida a um enrijecimento muscular total, uma imensa contratura dos pés à cabeça. Até aquele momento, ela havia conseguido manter-se disciplinada, alguns exercícios minúsculos que repetia mais ou menos a

cada hora. Primeiro mover os dedos dos pés, depois os calcanhares, girá-los para um lado, três vezes, depois para o outro, três vezes também, levantá-los, também as panturrilhas: contrair, relaxar, contrair, depois estender a perna direita o mais longe possível, dobrá-la, recomeçar, três vezes etc. Mas agora ela não sabe mais se sonhou com seus exercícios ou se realmente os fez. O que a acorda são seus próprios gemidos. A tal ponto que pensa que são de outra pessoa, uma voz externa a ela. Pequenos grunhidos que vinham do estômago, sons que ela não conhecia.

E por mais que ela estivesse perfeitamente acordada, não conseguia impedir que esses gemidos escapassem dela, no ritmo de sua respiração.

Alex tem certeza de uma coisa: ela está começando a morrer.

10

Quatro dias. Faz quatro dias que a investigação está patinando. As análises são inúteis; os depoimentos, infrutíferos. Aqui, dizem que viram um furgão branco; ali, que ele é azul. Em outro lugar, disseram que uma mulher havia desaparecido, uma vizinha; ao ligar para ela, descobre-se que ela está no trabalho. E ainda uma outra, que já estavam investigando, retorna da casa de sua irmã – o marido não sabia que ela tinha uma irmã, uma zona…

O procurador designou um juiz,[6] um jovem bastante dinâmico, da geração que gosta de ação. A imprensa, por sua vez, não falou quase nada a respeito, o caso foi citado e logo submergido pela imensa onda de notícias cotidianas. No fim das contas, eles não identificaram o sequestrador e continuam sem saber quem é a vítima. Cada desaparecimento declarado foi verificado, nenhum poderia ser o da rua Falguière. Louis estendeu a busca a todo o território parisiense, checou os desaparecimentos de muitos dias precedentes, depois, de semanas precedentes e meses precedentes, tudo em vão. Nada que pudesse corresponder a uma garota, jovem e com reputação de ser muito bonita, cujo trajeto plausível passasse pela rua Falguière, no décimo quinto distrito de Paris.

– Então ninguém conhece essa garota? Ninguém está preocupado pelo fato de não a ter visto há quatro dias?

São quase vinte e duas horas.

Eles estão sentados num banco e olhando para o canal. Formam um belo grupo de policiais. Camille deixou o novo estagiário no escritório e levou Louis e Armand para jantar. Quando se trata de restaurante, ele não tem imaginação nem memória para se lembrar de um bom endereço, e isso é sempre um tormento. Perguntar a Armand é burrice, ele não ia a um restaurante desde a última vez que o convidaram, o estabelecimento deve ter fechado há séculos. Quanto a Louis, o que ele poderia recomendar não está ao alcance de Camille. À noite, seu restaurante é o Taillevent ou o Ledoyen. Então, é Camille quem decide. La Marine, no cais de Valmy, quase debaixo de seu prédio.

Antes eles teriam muito o que conversar. Quando trabalhavam juntos e saíam tarde, não era raro que jantassem antes de voltar para casa. Nessas ocasiões, a regra era clara: Camille sempre pagava. Segundo ele, deixar Louis pagar a conta seria vergonhoso aos olhos dos outros, lembraria de que, apesar de ser servidor público, o dinheiro não é um problema para ele. Em relação a Armand, não tinham dúvida: quem o convidava era aquele que deveria pagar. Quanto a Maleval, como ele sempre teve problemas de dinheiro, sabiam como terminaria o convite.

Nessa noite, Camille ficou contente em pagar, apesar de não comentar nada sobre isso, mas está feliz em ter seus dois rapazes de volta. Era inesperado. Três dias antes, ele não poderia ter imaginado aquela situação.

– Não entendo… – diz ele.

O jantar acabou, eles atravessaram a rua, caminharam ao longo do canal, olhando para os barcos amarrados.

– Ninguém no trabalho dela? Nada de marido, noivo, namorado, amiga, ninguém? Nada de família? Mesmo que numa cidade como essa as coisas estejam como estão, o fato de ninguém ter perguntado por ela…

A conversa hoje se assemelha a todas aquelas que eles sempre tiveram, pontuada por longos silêncios. Cada um tem o seu: pensativo, reflexivo ou concentrado.

– Você falava com seu pai todos os dias, por acaso? – pergunta Armand.

É evidente que não, nem de três em três dias. Seu pai poderia morrer subitamente em sua casa e permanecer lá uma semana antes que… No caso do pai de Camille, ele tinha uma namorada que encontrava com frequência. Foi ela que o achou morto e que lhe avisou. Camille a conheceu dois dias antes do enterro; seu pai a mencionara de passagem, como uma conhecida. De todo modo, foram necessárias três viagens de carro para buscar o que

ela havia deixado na casa dele. Uma mulher pequena, de rosto fresco como uma maçã, de bochechas rosadas, com rugas que pareciam recentes. Ela cheirava a lavanda. Para Camille, a ideia de que aquela mulher tivesse tomado o lugar de sua mãe na cama de seu pai era inimaginável. Elas eram duas mulheres que não tinham nada a ver. Vinham de outro mundo, de outro planeta. Às vezes, ele até se perguntava o que os pais dele tinham em comum – a princípio, nada. Maud, artista, casou-se com um farmacêutico, vai entender. Ele se fez a pergunta mil vezes. A pequena maçã de belas rugas combinava mais com ele. Qualquer que seja a forma como olhamos para nossos pais, o porquê de estarem juntos muitas vezes permanece um mistério. Apesar disso, algumas semanas mais tarde, Camille se deu conta de que a pequena maçã havia sugado uma boa parte dos bens do farmacêutico. Camille achou aquilo engraçado. Ele a perdeu de vista, é uma pena, ela devia ser uma figura.

– No meu caso – prosseguiu Armand –, meu pai morava em casa, era diferente. Já uma pessoa que vive sozinha, se ela morre, para alguém se dar conta logo, é preciso realmente muita sorte.

Esse pensamento deixa Camille perplexo. Lembra-se de algo relacionado a esse assunto e decide contar. Um sujeito que se chamava Georges. Por uma combinação de circunstâncias, ninguém ficou surpreso por não ter notícias suas durante mais de cinco anos. Ele desapareceu administrativamente sem que ninguém se perguntasse nada; a água e a eletricidade foram cortadas. Desde 1996, a porteira achava que ele estava no hospital, de onde ele havia voltado sem que ninguém percebesse. Encontraram seu corpo em sua casa em 2001.

– Eu li isso no…

O título lhe escapa.

– Edgar Morin, algo como *O Pensamento*… alguma coisa.

– *Por uma política da civilização* – diz discretamente Louis. Ele afasta sua mecha com a mão esquerda. – Tradução, desculpe…

Camille sorri.

– É bom estar junto de novo, não acham? – diz Camille.

– Isso me faz pensar na Alice – diz Armand.

Naturalmente. Alice Hedges, uma garota do Arkansas, achada morta numa escavadeira de dragagem, à margem do canal do Ourcq, e cuja identidade se manteve desconhecida durante três anos. No fim das contas, desaparecer sem deixar rastro é menos raro do que as pessoas pensam.

Mesmo assim, pensar nisso é bem intrigante. Você está diante do canal Saint-Martin, sabe que em alguns dias o caso será arquivado, diz para si mesmo que o desaparecimento dessa garota desconhecida não alarmou ninguém. O que significa sua vida: menos que ondulações sobre a água.

Ninguém mencionou o fato de Camille continuar trabalhando naquele caso, que não queria nem morto. Antes de ontem, Le Guen ligou para ele para lhe contar o retorno de Morel.

– Vá se foder com seu Morel – respondeu Camille.

Ao dizer isso, Camille compreendeu algo que sabia desde o começo: aceitar provisoriamente um caso como aquele era aceitá-lo até o fim. Ele não sabe se deve ou não ser grato a Le Guen por tê-lo jogado naquela história. Aos olhos de seus superiores, ela nem é mais prioritária. Um sequestrador anônimo rapta uma mulher desconhecida e, com exceção do depoimento de uma testemunha, interrogada e reinterrogada muitas e muitas vezes, nada "comprova" aquele sequestro. Há a poça de vômito junto ao meio-fio, o chiado dos pneus do furgão que muitas pessoas ouviram, um morador que estava estacionando o carro e se lembra da van parada de qualquer jeito, atravessada sobre a calçada. Mas isso tudo não se compara a ter um corpo bem morto, um verdadeiro cadáver, bem real. Consequentemente, Camille tem tido muita dificuldade para manter Louis e Armand com ele no caso, mas, no fundo, Le Guen, como os demais, como todos, está contente por ver a brigada Verhoeven reunida de novo. Aquilo não pode durar muito, um ou dois dias talvez, mas por enquanto ele fecha os olhos. Para Le Guen, se não se trata mais de um caso, ainda é um investimento.

Os três homens caminharam por um momento após o jantar, então encontraram aquele banco de onde observam a passagem dos caminhantes ao longo do cais, a maioria deles casais de namorados ou de pessoas com seus cães. É como se estivessem numa cidade pequena.

Eis aí uma equipe curiosa, pensou Camille. De um lado, um rapaz riquíssimo; do outro, um avarento incurável. "Será que tenho problema com dinheiro?" Aliás, é engraçado estar pensando naquilo. Ele recebeu, dias atrás, alguns documentos informando-o do leilão das obras de sua mãe, mas não conseguiu abrir o envelope.

– Pois bem – diz Armand –, é porque você não tem vontade de vendê-las. Na minha opinião, é melhor assim.

– Claro, se dependesse de você, eu teria que guardar tudo.

As obras de Maud, principalmente. É algo que fica atravessado na garganta de Armand.

– Não. Não mesmo. Mas são os quadros de sua mãe, de qualquer forma…

– É como se você estivesse falando das joias da coroa!

– Oras, de toda forma são joias da família, não?

Louis nada diz. Quando o assunto se torna muito pessoal…

Camille volta ao sequestro:

– Como andam as investigações no que se refere aos proprietários de furgão? – pergunta ele a Armand.

– Estamos tentando, tentando…

A única pista por enquanto continua sendo a foto do veículo. Eles sabem o modelo do furgão graças à imagem obtida pela câmera de segurança da farmácia Bertignac. Porém, há dezenas de milhares em circulação. O laboratório científico analisou a inscrição recoberta de pintura e forneceu a eles uma primeira lista de nomes próprios que poderiam corresponder a ela. De "Abadjian" a "Zerdoun". Trezentos e trinta e quatro nomes. Armand e Louis estão verificando um por um. Assim que acham na lista o nome de alguém que possuiu ou apenas alugou um furgão desse modelo, eles verificam, descobrem para quem foi revendido; se pode haver correspondência com o que estão procurando, mandam alguém ir ver o veículo.

– É uma baita dor de cabeça quando o veículo se encontra no fim do mundo.

Para piorar, essas vans não param de ser vendidas, revendidas, é um ciclo sem-fim, até achar as pessoas e conseguir falar com elas… Quanto menos pessoas acham, mais difícil fica e mais Armand tem que gastar suas energias. Embora "gastar" não seja uma palavra que lhe convenha muito bem. Camille o observou trabalhar essa manhã, enfiado em seu velho suéter, tendo à sua frente papel reciclado, à mão uma caneta de brinde publicitário com o logo da Lavanderia Saint-André.

– Isso vai levar semanas e mais semanas – concluiu Camille.

Na verdade, não.

Seu celular vibra.

É o estagiário excitado. Ele está esbaforido, até esquece as recomendações de Camille.

– Patrão? O sequestrador se chama Trarieux, acabamos de localizá-lo. O divisionário está pedindo para o senhor vir para cá imediatamente.

11

Alex não come quase nada, ela está terrivelmente enfraquecida, mas o pior é que sua cabeça não está nada bem. A gaiola compele seu corpo e manda seu cérebro para a estratosfera. Uma hora nessa posição e você começa a chorar. Um dia e você acha que vai morrer. Dois dias e você perde a cabeça. Três e você enlouquece. E agora, ela não sabe muito bem desde quando está enjaulada e pendurada ali – talvez há dias. Dias.

Ela não se dá mais conta, mas seu estômago grunhe de dor permanentemente. Ela geme. Não consegue mais chorar, bate a cabeça na tábua, à direita, uma vez, outra, de novo, de novo, de novo, ela golpeia a cabeça, bate a cabeça, de novo e de novo, e seu gemido se torna um grito, sua testa está toda ensanguentada, sua cabeça está totalmente fora dos eixos, ela quer morrer o mais rápido possível porque viver se tornou insuportável.

É somente na presença do homem que ela não geme. Quando ele está lá, Alex fala, faz perguntas, não para que ele responda (ele nunca fala), mas porque, quando ele parte, ela se sente terrivelmente sozinha. Agora entende como os reféns se sentem. Ela poderia suplicar para ele ficar de tanto medo que tem de permanecer sozinha, de morrer sozinha. Ele é seu carrasco, mas é como se, na presença dele, ela não pudesse morrer.

De fato, a verdade é justamente o contrário.

Ela tem se machucado sozinha.

De propósito.

Está tentando se matar porque nenhuma ajuda virá. Esse corpo quebrado, paralisado, ela não o controla mais; urina em si mesma, é sacudida por espasmos, está rígida dos pés à cabeça. Então, de desespero, ela rala sua perna na aresta da tábua áspera. De início, isso causa uma queimadura, mas Alex continua, continua, ela continua porque odeia esse corpo que a faz sofrer, quer matá-lo, esfrega sua perna com toda força e a queimadura se torna uma ferida. Seus olhos se fixam em um ponto imaginário. Uma farpa entrou na panturrilha, Alex esfrega mais e mais, ela aguarda até que a ferida sangre, ela espera, ela deseja aquilo, sangrar até morrer, morrer.

Está abandonada pelo mundo. Ninguém virá mais ao seu socorro.

Quanto tempo vai levar para morrer? E depois, quanto tempo para que encontrem seu corpo? Será que ele vai sumir com ele, enterrá-lo? Onde? Ela tem pesadelos, vê seu corpo enrolado numa lona, largado, à noite, numa floresta, mãos jogam tudo num buraco, aquilo faz um barulho sinistro e desesperador, ela se vê morta. É como se ela já estivesse morta.

Uma eternidade atrás, quando ela ainda conseguia saber que dia era, Alex pensou em seu irmão. Como se fosse servir para alguma coisa pensar nele. Ele sente desprezo por ela, ela sabe disso. Ele tem sete anos a mais que ela. Sabe mais das coisas que ela, por isso se permite tudo. Sempre foi mais forte que ela, desde o início. É aquele que lhe ensina lições. A última vez que ela o viu, quando ela tirou da bolsa um pote de pílulas para dormir, ele o tomou dela subitamente, dizendo:

– Que porcaria é esta?

Sempre com o ar de ser seu pai, sua consciência, seu patrão, de ter autoridade sobre sua vida. Sempre foi assim, desde o começo. – Hein? Que porcaria é essa?

Seus olhos saltavam do rosto. Ele é irascível, é assustador. Naquele dia, para acalmá-lo, Alex aproximou o braço e passou lentamente a mão em seus cabelos. Nesse momento, seu anel ficou preso nos cabelos dele; ela retirou sua mão demasiadamente rápido, ele soltou um grito e lhe deu um tapa, assim, na frente de todos. De fato, ele se irrita com muita facilidade.

Com o desaparecimento de Alex, ele ficaria… extremamente contente por ter um pouco de paz. Ele vai esperar umas duas ou três semanas antes de começar a se fazer perguntas.

Ela também pensou em sua mãe. Elas não se falam com frequência, podem ficar um mês sem se telefonarem. E, mesmo assim, não seria sua mãe quem ligaria primeiro.

Quanto a seu pai… São em momentos como aqueles que deve ser bom ter um. Poder imaginar que ele virá libertar você, acreditar nisso, ter esperança, isso deve ajudar a tranquilizar, mas também deve levar você ao desespero. Normalmente, ela nunca pensa nisso.

Mas esses pensamentos vieram no começo do encarceramento. Hoje, ela não conseguiria mais articular duas ou três ideias sãs. Sua mente se tornou incapaz, apenas registra a dor que o corpo lhe inflige. Antes, Alex pensou também em seu trabalho. Quando o homem a sequestrou, ela havia acabado de encerrar um contrato. Queria terminar os projetos que estavam em

andamento, em casa, enfim, em sua vida. Ela tem um pouco de dinheiro guardado, pode se sustentar dois ou três meses, facilmente, tem poucas necessidades, portanto, ela não pediu uma nova atribuição. Ninguém vai se manifestar para perguntar de seu paradeiro. Às vezes, quando está trabalhando, alguns colegas ligam para ela, mas nesse momento isso não tem acontecido.

Nem marido, nem noivo, nem namorado. Lá está ela. Ninguém.

Talvez alguém se preocupe com ela depois de morrer ali, exausta e louca.

Mesmo que sua cabeça ainda funcionasse, ela não saberia que pergunta se fazer: Quantos dias antes de morrer? Quais são as dores da hora de morrer? Como apodrece um cadáver suspenso entre o céu e a terra?

Por enquanto, ele está esperando minha morte, foi o que ele disse: "Te assistir morrer". É o que está acontecendo.

E aquela dúvida incômoda de repente explodiu como uma bolha, e Alex escancarou os olhos. Ela vinha remoendo essa ideia sem saber, sem querer, a ideia germinou, inconscientemente, como uma erva nociva e obstinada. O clique acabou de se realizar, vai saber como, já que sua mente está em uma tamanha desordem. Como uma descarga elétrica.

Pouco importa, agora ela sabe.

Ele é o pai de Pascal Trarieux.

Os dois homens não se parecem, em nada, seria possível, inclusive, dizer que eles nem se conhecem pelo tanto que são diferentes. Não, talvez o nariz – ela deveria ter pensado naquilo antes. É ele, sem dúvida, e essa é uma notícia muito ruim para Alex, porque agora ela tem a convicção de que ele estava dizendo a verdade. Ele a conduziu até ali para matá-la.

Ele a quer morta.

Até aqui, ela havia recusado acreditar naquilo realmente. Essa certeza retorna à sua mente, absolutamente intacta, como nos primeiros instantes, e ela tranca todas as portas, extingue seus últimos e minúsculos resíduos de esperança.

– Ah, aí está…

Dominada por seu medo, ela não o ouviu chegar. Ela torce o pescoço para tentar avistá-lo, mas, antes que consiga, o caixote começa a dançar levemente, em seguida, a girar em torno de si mesmo. Então, ele entra em seu campo de visão. Está perto do muro, descendo a gaiola. Quando ela fica à altura certa, ele amarra a corda e se aproxima. Alex franze as sobrancelhas porque ele não está como de costume. Não é para ela que está olhando, é

como se estivesse enxergando através dela, além disso, caminha bem lentamente, como se temesse pisar numa mina. Agora que ela o vê mais perto, de fato ele tem algo, sim, de semelhante com seu filho, aquele rosto teimoso.

Ele parou a dois metros da gaiola, não se move. Ela o vê tirar seu celular do bolso, ouve barulhos de algo raspando por cima dela. Tenta se virar, mas não há nada a fazer, já tentou mil vezes, absolutamente impossível.

Alex se sente muito mal.

O homem segura o celular na ponta dos dedos, ele sorri, Alex já viu essa careta que não é presságio de nada de bom. Ela ouve de novo o barulho de algo raspando por cima dela e, então, o clique da máquina fotográfica. Ele balança a cabeça, concorda com não se sabe o quê, logo volta para o canto da sala e sobe a gaiola.

Nesse momento, os olhos de Alex são atraídos pela cesta de vime cheia de ração bem ao lado dela. A cesta balança estranhamente, tomada por pequenos sobressaltos, poderia quase dizer que está viva.

De repente, Alex compreende. Aquela ração não era para ela, como ela achava.

Ela compreende quando vê a cabeça do enorme rato emergir pela beira da cesta. Em seu campo de visão, no topo da gaiola, duas outras silhuetas escuras passam bem rápido, acompanhadas dos barulhos de raspagem que já tinha ouvido. As duas silhuetas param e enfiam a cabeça entre as tábuas, bem acima dela. Dois ratos, maiores que o precedente, com olhos pretos e brilhantes.

Alex é incapaz de se conter, ela berra a ponto de quase estourar as cordas vocais.

Por isso que ele havia deixado a ração ali. Não era para alimentá-la. É para atraí-los.

Não é ele quem vai matá-la.

São os ratos.

12

Uma antiga clínica hospitalar, totalmente cercada de muros, próxima à Porte de Clichy. Um grande prédio abandonado que data do século XIX,

demasiado obsoleto e substituído por um centro hospitalar universitário implantado no outro extremo do subúrbio.

O local inteiro está vazio há dois anos, trata-se de uma instalação industrial desativada. A sociedade que dirige o projeto imobiliário colocou um guarda para vigiar todo o local, a fim de evitar invasores, moradores de rua, imigrantes ilegais. Os intrusos e os indesejáveis. O guarda dispõe de um pequeno apartamento no térreo e recebe um salário para vigiar o local enquanto não começam as obras, previstas para dali a quatro meses.

Jean-Pierre Trarieux, cinquenta e cinco anos, antigo empregado do serviço de limpeza da clínica. Divorciado. Sem ficha criminal.

Foi Armand que rastreou seu furgão a partir de um dos nomes sugeridos pelo sistema da Perícia Científica: Lagrange, um trabalhador autônomo especializado em instalar janelas de PVC que, assim que se aposentou, há dois anos, revendeu todo o seu equipamento. Trarieux, então, comprou sua van e apenas cobriu parcialmente, com spray, as inscrições comerciais coladas por Lagrange. Armand enviou por e-mail a foto da parte de baixo da carroceria ao comissariado do bairro que mandou um policial checar. O cabo Simonet passou no local, ao fim de seu turno, porque localizava-se no meio de seu caminho para casa e, pela primeira vez em sua vida, arrependeu-se por sempre ter se recusado a comprar um celular. Em vez de ir para casa, voltou correndo ao comissariado, absolutamente categórico: o rastro de tinta verde no veículo de Trarieux, estacionado diante do antigo hospital, é idêntico ao da foto. De qualquer forma, Camille quis ter certeza. Não se provoca um combate em Fort Álamo sem algumas precauções. Ele mandou um agente escalar discretamente o muro do recinto. Durante a noite, o local fica escuro demais para se tirar fotos para registro, mas uma coisa é certa: não havia furgão algum. Muito provavelmente, Trarieux não está por lá. Nenhuma luz acesa em seu apartamento, nenhum rastro de sua presença.

Eles esperam sua chegada para o capturarem, a armadilha está armada, tudo está pronto.

Lá estão eles a postos, em guarda.

Ao menos, até a aparição do juiz e do divisionário.

A reunião ocorre numa das viaturas que estão sem identificação policial, estacionada a várias centenas de metros da entrada principal.

O juiz é um sujeito de uns trinta anos que tem o sobrenome de um antigo secretário de Estado de Giscard, d’Estaing ou de Miterrand: Vidard, seu avô

provavelmente. Magro, enxuto, veste um terno de listras finas, mocassim, botões das mangas de ouro. Só estes detalhes já dizem muito. É como se ele tivesse nascido de terno e gravata. Por mais que você se concentre, é impossível imaginá-lo sem aquelas vestes. Ele é rijo como um poste, demonstra querer seduzir – parte de seus cabelos volumosos é partida de lado, como vendedores de seguro que sonham em entrar para a política. É um futuro garanhão de meia-idade.

Quando via aquele tipo de homem, Irene ria disfarçando com a mão e dizia a Camille: "Meu Deus, como ele é bonito! Por que não tenho um marido bonito assim?".

E ele está mais para um babaca. *São suas origens*, pensa Camille. Ele está com pressa, quer invadir o lugar.Talvez ele também tenha um general de infantaria em sua genealogia, pois está com vontade de cair matando o Trarieux, o mais rápido possível.

– Não podemos fazer isso, é ridículo.

Camille poderia ter se precavido, escolhido melhor as palavras, mas aquele juiz imbecil quer brincar com o que é sério. Trata-se nada menos que a vida de uma mulher sequestrada há cinco dias. Le Guen entra na discussão:

– Como vai ver com o tempo, senhor juiz, o comandante Verhoeven é um pouco… ríspido. Ele simplesmente quer dizer que talvez seja mais prudente esperar o retorno de Trarieux.

O caráter ríspido de Camille Verhoeven não incomoda nem um pouco o juiz. Ele quer é mostrar que não teme a adversidade, que é um homem de decisão. Melhor, um estrategista.

– Proponho que a gente invada o local, liberte a refém e espere o sequestrador lá dentro.

E, diante do silêncio que coroa sua brilhante sugestão:

– Ele vai cair numa emboscada.

Todos ficam estarrecidos. Ele nitidamente interpreta aquilo com admiração. Camille é mais rápido.

– Como o senhor sabe que a refém está lá dentro?

– O senhor, pelo menos, tem certeza de que é ele o sequestrador?

– Estamos certos de que o veículo dele se encontrava escondido na hora e no local em que a mulher foi sequestrada.

– Portanto, é ele.

Silêncio. Le Guen procura uma solução para desfazer o conflito, mas o juiz toma a dianteira:

– Compreendo sua posição, senhores, mas vejam, as coisas mudaram…

– Sou todo ouvidos – diz Camille.

– Perdoem-me por dizer assim, mas, socialmente, não temos mais como foco o culpado. Hoje temos como foco a vítima.

Ele olha para os dois tiras, um após o outro, e conclui com pompa:

– É muito louvável capturar os culpados, é até mesmo um dever. Mas, em primeiro lugar, são as vítimas que nos interessam. É por elas que estamos aqui.

Camille abre a boca, mas não tem tempo de intervir. O juiz abriu a porta do carro, ele sai, vira. Está com o celular nas mãos, abaixa-se e, pela brecha do vidro aberto, fita Le Guen nos olhos.

– Vou mandar vir o RAID.[7] Imediatamente.

Camille a Le Guen:

– Mas esse cara é um completo imbecil!

O juiz ainda não está suficientemente longe do carro, mas finge não ter ouvido nada. É a genética.

Le Guen levanta os olhos para o céu e, por sua vez, apanha seu celular. Eles vão precisar de reforços para cobrir o perímetro, caso Trarieux chegue no momento da invasão.

Menos de uma hora mais tarde, todos estão prontos.

É uma e trinta da manhã.

Eles mandaram trazer com urgência alguns jogos de chaves para abrir todas as saídas. Camille não conhece o comissário do RAID, Norbert. Com um sobrenome como este, ninguém nunca soube seu primeiro nome; cabeça raspada, passos de gato, Camille tem impressão de já tê-lo visto algumas vezes.

Após o estudo dos mapas e das fotos de satélites, os agentes do RAID se dispuseram em quatro lugares: um grupo nos telhados, um grupo na entrada principal e dois grupos cobrindo as janelas. As equipes da Polícia Criminal foram encarregadas de cercar o perímetro. Camille colocou três equipes em veículos sem identificação policial em cada um dos acessos. Uma quarta equipe monta guarda discretamente à saída da tubulação de esgoto, que restou como única saída possível para o caso de o sujeito querer escapar por ali.

Camille tem um mau pressentimento quanto a essa operação.

Quanto a Norbert, ele prefere agir com ponderação. Entre um divisionário, um colega e um juiz, ele se reduz à sua especialidade. À pergunta feita pelo magistrado: “Vocês podem invadir esse local e libertar a mulher mantida lá dentro?”, ele estudou os mapas, deu a volta no prédio, demorou menos de oito minutos para responder que é possível invadir o local. A oportunidade e a pertinência são outra pergunta sobre a qual ele não tem autoridade para se pronunciar. Mas, por seu silêncio, nota-se o que ele pensa. Camille gosta dele.

Claro que é duro ficar esperando o retorno de Trarieux, enquanto se sabe que lá dentro há uma mulher mantida em condições que ninguém nem ousa imaginar, mas, segundo ele, ainda assim seria a melhor opção.

Norbert dá um passo para trás, o juiz dá um passo para a frente.

– O que custa esperar? – pergunta Camille.

– Custa tempo – diz o juiz.

– E ser prudente, o que custa?

– Talvez uma vida.

Até Le Guen hesita em se intrometer. Assim, Camille se vê só. Eles vão invadir.

A investida do RAID está prevista para dali a dez minutos, eles correm para se colocar a seus postos, restam apenas os últimos ajustes.

Camille chama de lado o agente que escalou o muro do recinto:

– Diga-me de novo, como é lá dentro?

O agente não sabe muito bem o que responder.

– Quero dizer – diz Camille um pouco irritado –, o que você viu lá dentro?

– Ah, nada, maquinário de obras, um contêiner, uma barraca de canteiro de obras, equipamento de demolição, acho. Enfim, uma escavadeira…

A menção da escavadeira faz Camille refletir.

Norbert e suas equipes estão a postos e dão o sinal. Le Guen o acompanha. Quanto a Camille, ele decidiu permanecer no perímetro de entrada.

Ele nota precisamente a hora em que Norbert lança a operação: 1h57. Acima do prédio adormecido, avistam-se luzes que se acendem por intermitência, e eles ouvem o barulho de passos correndo.

Camille reflete. Maquinário de obras, equipamentos de demolição…

– Já houve circulação de pessoas lá dentro – ele diz para Louis.

Louis franze as sobrancelhas em busca de um esclarecimento.

– Pedreiros, engenheiros… não sei, eles estão levando o maquinário de obras antes do início das obras, talvez já haja reuniões sobre o desenvolvimento do projeto. Portanto…

– …não é lá que ela se encontra.

Camille não tem tempo de responder porque nesse instante a van branca de Trarieux aponta na esquina.

A partir de então, as coisas acontecem com muita rapidez. Camille vai subir abruptamente na viatura dirigida por Louis, ele vai ligar para as quatro unidades que cercam o perímetro. Eles saem na captura. Camille faz malabarismos com o rádio de bordo, informa o trajeto tomado pela van que foge para os subúrbios. Ela não é rápida, solta bastante fumaça, aquele é um modelo muito antigo, ofegante, por mais rápido que queira ir, Trarieux não poderá nunca passar dos setenta quilômetros por hora. Sem contar que ele não é nenhum piloto de Fórmula 1 ao volante. Ele hesita, perde preciosos segundos traçando trajetórias absurdas, permitindo que Camille chegue mais perto. Louis não tem nenhuma dificuldade em colar em sua traseira. Giroflex acesos, sirenes reverberando, todos vão encurralar o veículo que está tentando fugir, agora é só uma questão de segundos. Camille continua transmitindo sua posição, Louis se aproxima da traseira da van, todos os faróis acesos para assustá-lo e fazê-lo entrar em pânico, dois outros veículos se aproximam, um pela direita, outro pela esquerda, o quarto atravessou a via periférica por um caminho paralelo e vem pelo sentido inverso. Fim de jogo.

Le Guen liga para Camille, que responde agarrando-se com força ao cinto de segurança.

– Você o pegou? – pergunta ele.

– Quase! – grita Camille. – E você?

– Não perca esse cara! Porque a garota não está aqui!

– Eu sei!

– Quê?

– Nada!

– Está tudo vazio aqui, ouviu? – grita Le Guen. – Não há ninguém!

Esse caso vai ser cheio de imagens cruciais, Camille irá logo descobrir isso. A primeira, a imagem inaugural, de certa forma, é a do viaduto do

bulevar periférico em que a van de Trarieux entra e freia bruscamente, ficando atravessada na pista. Atrás dele, dois veículos da polícia; à frente, um terceiro que bloqueia o caminho. Os policiais desceram e se posicionaram atrás das portas abertas das viaturas. Camille também sai, saca sua arma, ele se prepara para gritar a ordem de prisão quando vê o homem sair da van e correr pesadamente para o parapeito da ponte onde, por mais estranho que pareça, ele se senta, de frente para eles, como se quisesse que se aproximassem.

Todos compreendem na hora, ao vê-lo assim, sentado no parapeito de concreto, de costas para o bulevar periférico, com as pernas balançando, de frente para os policiais que avançam lentamente em sua direção com as armas apontadas. É essa primeira imagem que vai ficar na memória. O homem olhando para os policiais que se aproximam.

Ele abre os braços, como se quisesse fazer um depoimento histórico.

Depois levanta as pernas para o alto.

E desaba para trás.

Antes de chegar ao parapeito, os policiais ouvem o choque de seu corpo batendo na autoestrada, o barulho de um caminhão que o acerta em seguida, as freadas, as buzinas, as batidas dos veículos que não conseguem parar.

Camille olha pelo parapeito. Abaixo dele, carros parados, todos os faróis acesos, pisca-alertas ligados. Ele se vira, atravessa a ponte correndo, debruça-se sobre o outro parapeito, o homem está debaixo de um caminhão semirreboque, é possível ver a metade de seu corpo, sua cabeça despedaçada e o sangue que se espalha lentamente sobre o betume.

A segunda imagem, para Camille, chega mais ou menos vinte minutos mais tarde. O bulevar periférico está totalmente isolado, o local inteiro é um espetáculo de giroflex, de luzes, de sirenes, de buzinas, de ambulâncias, de bombeiros, de policiais, de motoristas, de curiosos. Eles estão na ponte, na viatura. Louis anota, ao celular, a partir do ditado de Armand, os elementos de informação reunidos sobre Trarieux. Ao lado dele, Camille vestiu as luvas de borracha, tem em mãos o celular recolhido do cadáver que, miraculosamente, escapou dos pneus do semirreboque.

Algumas fotos. Seis. Mostram um tipo de caixote de madeira, cujas tábuas estão amplamente espaçadas, suspendido por sobre o solo. E dentro, enjaulada, uma mulher, jovem, deve ter trinta anos, cabelos escorridos, gordurosos e sujos, totalmente nua, encolhida naquele espaço nitidamente pequeno demais para ela. Em cada imagem, ela encara o fotógrafo. Seus

olhos estão com olheiras profundas e seu olhar está alucinado. Porém, tem traços finos, belo olhar sombrio, ela está num estado de deterioração avançado, mas isso não impede de afirmar que, em tempos normais, ela deve ser muito bonita. Mas, por enquanto, todas as fotos afirmam a mesma coisa: linda ou não, essa garota enjaulada está morrendo.

– Essa é uma *fillette* – diz Louis.

– Do que você está falando?

– A gaiola. Ela se chama "fillette".

E como Camille franze as sobrancelhas, interrogativo:

– Uma gaiola onde não é possível ficar nem sentado nem de pé.

Louis se deteve. Ele não gosta de exibir seus conhecimentos, ele sabe que com Camille… Contudo, dessa vez, Camille lhe fez um gesto exasperado, quer que continue.

– É um instrumento de tortura criado sob o reino de Luís XI, para o bispo de Verdun, eu acho. Ele ficou nela por uns dez anos. É uma espécie de tortura passiva muito eficaz. As articulações ficam soldadas, os músculos se atrofiam… e isso deixa a vítima maluca.

É possível ver as mãos da jovem mulher agarradas à tábua. Essas imagens são de revirar o estômago. Na última, vê-se apenas a parte de cima de seu rosto e três ratos enormes andando sobre o topo da gaiola.

– Puta que pariu…

Camille joga o telefone para Louis, como se estivesse com medo de se queimar.

– Ache a data e a hora.

Camille em relação àquelas coisas… Louis demora quatro segundos.

– A última foto remonta a três horas.

– E as ligações? As ligações!

Louis digita a toda velocidade. Talvez haja um meio de triangular o aparelho, situar o lugar de onde ele ligou.

– A última ligação remonta a dez dias…

Nenhuma ligação desde que ele sequestrou a jovem.

Silêncio.

Ninguém sabe quem é essa jovem nem onde ela se encontra.

E o único que sabia acabou de morrer atropelado por um semirreboque.

No telefone de Trarieux, Camille escolhe duas fotos da jovem mulher, dentre as quais a que mostra os três ratos enormes.

Ele redige um SMS para o juiz com cópia para Le Guen:

"Agora que o'culpado'está morto, como fazemos para salvar a vítima?"

13

Quando Alex abriu os olhos, o rato estava na frente dela, a alguns centímetros de seu rosto, tão perto que ela o via três ou quatro vezes maior do que era na realidade.

Ela gritou, ele se recuou bruscamente até a cesta. Em seguida, subiu pela corda a toda velocidade, mas permaneceu ali por um longo momento, hesitando sobre o que fazer e farejando ao redor para avaliar o perigo – também analisando o que tem a ganhar com a situação. Ela o xingou algumas vezes; o rato, indiferente a seus esforços, permanecia sobre a corda, com a cabeça abaixada, inclinada na direção dela. Aquele nariz rosado, aqueles olhos brilhantes, aquele pelo reluzente, aqueles bigodes longos e brancos e aquela cauda interminável. Alex está paralisada de medo, incapaz de recuperar o fôlego. Ela se esbaforiu, mas, como agora está muito frágil, teve de parar e, então, eles ficaram por um longo momento assim se encarando.

Ele está a uns quarenta centímetros dela, imóvel, mas, logo em seguida, cautelosamente, ele desce para a cesta e começa a comer a ração, lançando com frequência alguns olhares para Alex. De tempos em tempos, dominado por um medo repentino, ele sai em disparada, como para se proteger, mas volta bem rápido, parece compreender que não há nada a temer. Ele tem fome. É um rato adulto, deve medir mais ou menos trinta centímetros. Alex fica encolhida no fundo da gaiola, o mais longe possível. Ela fixa os olhos no rato com uma intensidade ainda mais derrisória porque tem como objetivo mantê-lo distante. Ele comeu a ração, mas não subiu logo pela corda. Avançou na direção dela. Dessa vez, Alex não gritou, ela fechou os olhos e chorou. Quando os abriu novamente, o rato havia partido.

O pai de Pascal Trarieux. Como será que ele a achou? Se seu cérebro não tivesse ficado tão lento, ela talvez poderia responder a essa pergunta, mas seus pensamentos não são mais do que imagens congeladas, como fotos, nada de dinâmico. Aliás, que importância isso tem nesse instante? Negociar,

eis o que é preciso fazer. É preciso achar uma história, qualquer coisa convincente, para que ele a deixe sair daquele caixote, depois ela se vira. Alex reúne todos os dados de que é capaz, mas sua reflexão não tem tempo de ir muito longe. Um segundo rato acabou de aparecer.

Maior.

Talvez o líder. Pelugem bem mais escura.

E ele não veio pela corda que está segurando a cesta de vime. Não, este veio pela corda que segura a gaiola, chegou até acima da cabeça de Alex, e este, contrariamente ao rato que o precedeu, não esboçou nenhuma reação de medo quando ela gritou e o xingou. Ele continua a descer em direção à gaiola, com pequenos movimentos ágeis, irregulares, colocou as duas patas dianteiras sobre a tábua da tampa. Alex sente seu cheiro forte, é um rato muito grande, de pelo muito brilhante, com bigodes muito longos, olhos pretos, sua calda é tão longa que passou por um instante pelas tábuas e tocou o ombro de Alex.

Grito. O rato se virou para ela, sem precipitação, então andou ao longo da tábua, fazendo assim várias idas e vindas. De tempos em tempos, ele se demora, encara-a, retoma sua caminhada. É como se ele estivesse tomando suas medidas. Alex o segue com os olhos, inteiramente contraída, falta-lhe fôlego, seu coração parece que vai se romper de tão forte que bate.

É o meu cheiro, pensa ela. *Estou cheirando a sujeira, a urina, a vômito. Ele farejou a carniça.*

O rato fica de pé sobre suas patas traseiras, farejando para cima.

Alex segue a corda com os olhos.

Dois outros ratos, por sua vez, acabaram de iniciar a descida para a gaiola.

14

É como se o canteiro de obras do antigo hospital tivesse sido invadido por uma equipe de cinema. O RAID deixou o local, os peritos criminais entraram puxando dezenas de metros de cabos, projetores inundam o pátio com luz. Eles estão em plena noite e não há nem um centímetro quadrado de sombra. Vias isoladas, que é possível utilizar sem se correr o risco de

alterar o cenário, foram dispostas com fitas de plástico vermelho e branco. Os peritos seguem na coleta de evidências.

A questão é saber se Trarieux passou com a garota por ali quando a sequestrou.

Armand gosta de ter bastante gente ao redor. Para ele, uma multidão em volta é como ter uma reserva de cigarros. Confiante, ele dribla os que já foram bastante abusados por ele e, antes que tenham tempo de avisar os recém-chegados, já garantiu seu estoque para quatro dias.

Plantado no pátio, ele termina um cigarro cujos últimos milímetros queimaram-lhe os dedos e lança um olhar perplexo sobre toda aquela agitação.

– Ué… – pergunta Camille. – O juiz não quis ficar?

Armand tentaria contê-lo, mas é filósofo o bastante, conhece as virtudes da paciência.

– Ele também não foi ver o acidente na via periférica – continua Camille. – É uma pena porque um criminoso prensado por um caminhão semirreboque não é algo que se vê todos os dias. Por outro lado…

Camille consulta ostensivamente seu relógio; Armand, impávido, olha para os cadarços de seus sapatos; já Louis parece absorvido pela morfologia de uma escavadeira.

– Por outro lado, às três horas da manhã, o juiz deve estar tirando um cochilo, devemos compreender. Considerando a quantidade de idiotices que fala, ele deve precisar de dias inteiros para se recuperar.

Armand joga fora sua bituca microscópica, soltando um suspiro.

– O que foi? O que eu disse de mais? – pergunta Camille.

– Nada – diz Armand –, você não disse nada. Enfim, vamos trabalhar ou não?

Ele tem razão. Camille e Louis abrem uma passagem até o apartamento de Trarieux, que também foi invadido pela Perícia Criminal. Como o local não é muito grande, eles precisam se esforçar para permanecer juntos no mesmo lugar. Verhoeven lança primeiro um olhar geral. Apartamento modesto, cômodos limpos, a louça muito bem arrumada, as ferramentas alinhadas como na vitrine de uma loja de bricolagem e reservas impressionantes de cerveja. O suficiente para fazer a Nicarágua inteira urinar.Tirando isso, nenhum papel, nenhum livro, nenhum caderno, aquele é o apartamento de um analfabeto.

Única coisa curiosa no local, um quarto de adolescente:

– É do filho, Pascal… – diz Louis, consultando suas anotações.

Diferentemente do restante do apartamento, naquele cômodo, a faxina não é feita há séculos. Ele cheira a lugar fechado e a roupa de cama úmida, cheirando a mofo. Um Xbox 360 e um joystick sem fio jazem sob a poeira. Resta um computador de alta performance e tela grande, a única coisa que foi limpa, diríamos, com algumas passadas de manga de camisa. Um perito já está trabalhando para disponibilizar um primeiro inventário do disco rígido antes que o levem para uma análise completa.

– Jogos, jogos, jogos – diz o rapaz. – Conexão de internet…

Camille se mantém à escuta, observando o conteúdo de um guarda-roupa que os peritos estão fotografando.

– E sites de putaria – completa o perito. – Jogos e putaria. Meu garoto é a mesma coisa.

– Trinta e seis anos.

Eles se viram para Louis.

– É a idade do filho – diz Louis.

– Bom, isso certamente muda um pouco o que temos aqui – diz o perito.

No guarda-roupa, Camille observa o arsenal de Trarieux. O guarda do futuro canteiro de construção levava seu trabalho realmente a sério. Bastão de beisebol, chicote, soco inglês. Ele devia ser rigoroso em suas patrulhas, é surpreendente não terem encontrado um pitbull ali.

– Nesse caso, o pitbull era Trarieux – diz Camille a Louis, que havia feito sua observação em voz alta.

E então, para o perito:

– O que mais?

– E-mails. Alguns. Não muitos. Vou te contar que a ortografia dele…

– É como a do seu filho? – questiona Camille.

Dessa vez, o policial pareceu incomodado. É diferente quando é ele quem diz.

Camille se aproxima da tela. De fato. Pelo que se pode ver, mensagens inofensivas em linguagem quase fonética.

Camille veste as luvas de borracha que Louis lhe passa e apanha uma fotografia tirada da gaveta da cômoda. Uma foto provavelmente feita alguns meses antes, porque o rapaz está no canteiro de obras que seu pai vigia. Da janela, é possível reconhecer o pátio com as escavadeiras. Ele não é bonito, é bem alto e magro, rosto rude, nariz bem grande. Ele se lembra das fotos

da moça na gaiola. Transtornada, porém, linda. Ambos não combinam muito bem.

– Ele parece burro como uma porta – diz Camille.

15

Uma frase veio-lhe à cabeça, que ela tinha ouvido em algum lugar. Quando vemos um rato, isso quer dizer que há dez deles por perto. Eles já são sete. Eles brigaram pela posse da corda e principalmente pela ração. Curiosamente, não são os maiores os mais vorazes. Estes, na verdade, parecem ser os estrategistas. Dois em particular. Totalmente impermeáveis aos xingamentos e aos gritos de Alex, eles permanecem por um longo tempo no topo da gaiola. O que a aterroriza é que eles se põem de pé sobre as patas traseiras e ficam farejando em todos os sentidos. Eles são enormes, monstruosos. À medida que o tempo passa, alguns se revelam mais insistentes, como se tivessem percebido que ela não representa perigo. Estão ficando mais ousados. No começo da noite, um deles, de tamanho médio, quis passar por cima de um de seus congêneres e caiu dentro da gaiola, nas costas de Alex. Esse contato lhe causou nojo e ela deu um grito. Por conta disso, houve um breve instante de indecisão na colônia dos ratos, mas a perturbação não durou muito tempo. Alguns minutos mais tarde, lá estavam eles de novo, em suas fileiras apertadas. Um deles, Alex acha que é o mais jovem, é muito persistente, ávido, aproxima-se muito perto dela para farejá-la. Ela recua, recua, mas ele não para de avançar, só bate em retirada quando ela grita a plenos pulmões, quando ela cospe nele.

Trarieux não vem há muito tempo, pelo menos um dia, dois, talvez mais. Agora, outro dia está passando. Se pelo menos ela pudesse saber a hora, o dia… Está surpresa por ele não ter vindo, por ter faltado a três, quatro visitas consecutivas. O que a incomoda é que corre o risco de ficar sem água. Ela está poupando bastante e felizmente ontem ela não bebeu, resta-lhe quase meia garrafa, mas estava contando com ele para renovar sua provisão. Os ratos também ficam menos excitados quando têm ração; quando não têm, eles se irritam, ficam impacientes.

Paradoxalmente, o que faz Alex entrar em pânico é que Trarieux possa vir a abandoná-la, que ele a deixe na gaiola, morrendo de fome, de sede,

sob o olhar afiado daqueles ratos que se tornam cada vez mais ousados. Os maiores já a estão encarando com um olhar inquietante, e ela já enxerga segundas intenções no comportamento daqueles ratos.

Desde que o primeiro apareceu, não se passaram mais de vinte minutos sem que um ou outro viesse escalar pela gaiola, subisse ao longo da corda, para enfim constatar que não há mais ração.

Alguns se balançam dentro da cesta de vime, encarando-a sem parar.

16

Sete horas da manhã.

O divisionário chamou Camille de canto:

– Bom, dessa vez, você trate de ser delicado, ouviu?!

Camille não promete nada.

– Essa eu quero só ver… – conclui Le Guen.

De fato. À chegada do juiz Vidard, Camille não consegue se conter: ele abre a porta, mostra as fotos da jovem mulher afixadas na parede, anunciando:

– O senhor que adora as vítimas, senhor juiz, vai ganhar o dia. Esta aqui é ótima.

Elas foram ampliadas e, dispostas daquela forma, parecem *voyeurismo* sadomasoquista. De fato, aquelas são fotos de revirar o estômago. Aqui, o olhar quase delirante da jovem mulher limitado a uma linha horizontal formada por duas tábuas separadas. Do outro lado, a imagem de seu corpo inteiro aninhado e contraído, como se estivesse quebrado ao meio: a cabeça inclinada e bloqueada contra o topo da gaiola. Agora um *close-up* de suas mãos, cujas unhas sangram, provavelmente de tanto arranhar a madeira. Em seguida, as mãos mais uma vez, a garrafa de água de que ela dispõe é volumosa demais para passar entre as tábuas. Imagine a prisioneira bebendo água na palma da mão com uma avidez de náufraga? Ela certamente nunca é libertada de sua gaiola, pois tem feito todas as necessidades ali e está suja de excrementos. Imunda, machucada, nota-se que ela foi esbofeteada, espancada, provavelmente violentada. O conjunto das fotos é ainda mais surpreendente pelo fato de ela continuar viva. Ninguém ousa imaginar o que ainda a espera.

No entanto, diante de tal espetáculo, apesar da provocação de Camille, o juiz Vidard permanece calmo. Ele olha as fotos uma por uma.

Todos se mantêm silenciosos, isto é, Armand, Louis e os seis investigadores que Le Guen mandou vir. Disponibilizar um time daquele assim de improviso significa muito.

O juiz anda ao longo da linha das fotos, rosto simples e sério. Como um secretário de Estado inaugurando uma exposição. *É um jovem babaca com ideias imbecis, mas não é covarde*, pensa Camille. O juiz vira-se para ele.

– Comandante Verhoeven – diz ele –, o senhor contesta minha decisão de invadir o domicílio de Trarieux e, quanto a mim, eu contesto a maneira pela qual o senhor está conduzindo a investigação desde o princípio.

E como Camille abre a boca, o juiz o interrompe erguendo a mão bem alto, com a palma para a frente:

– Nós temos uma divergência de opiniões, mas proponho que cuidemos disso mais tarde. Parece-me que a urgência, independentemente do que o senhor pense, é encontrar com rapidez… essa vítima.

Um babaca, mas muito hábil, é inegável. Le Guen deixa correr dois ou três segundos de silêncio, então tosse. Mas o juiz retoma rapidamente a palavra, voltando-se para a equipe.

– Permita-me também, senhor divisionário, parabenizar seus homens por terem localizado Trarieux tão rapidamente e com tão poucas informações. Isso é notável.

Aí certamente ele exagerou.

– O senhor está em campanha eleitoral? – pergunta Camille. – É uma marca de fábrica de sua família?

Le Guen tosse mais uma vez. Silêncio novamente. Louis morde os lábios com deleite, Armand sorri para seus sapatos, os outros se perguntam onde é que eles foram parar.

– Comandante – responde o juiz –, conheço seu histórico. Também sei de sua história pessoal, que é intimamente conectada a seu ofício.

Dessa vez, os sorrisos de Louis e de Armand congelam. Camille e Le Guen entram em alerta máximo. O juiz se aproxima, mas não muito perto para não dar a impressão de que está medindo o comandante com desdém.

– Se o senhor sentir que esse caso… como poderia dizer… soa forte demais em sua vida pessoal, serei o primeiro a entender.

A advertência é clara, há aí uma ameaça quase dissimulada.

– Tenho certeza de que, para essa investigação, o divisionário Le Guen poderá nomear alguém menos envolvido emocionalmente. Mas, mas, mas, mas, mas… – dessa vez, ele abre bastante as duas mãos, como se quisesse segurar as nuvens – mas… deixo isso ao senhor, comandante. Com toda minha confiança.

Para Camille, definitivamente, esse cara é um filho da puta.

Mais uma vez em sua vida, Camille compreendeu o que podem sentir os criminosos ocasionais, os que mataram sem intenção, tomados pela própria raiva, pela própria cegueira – e ele já prendeu dezenas deles. Homens que estrangularam a esposa, mulheres que apunhalaram o marido, filhos que jogaram os pais pela janela, amigos que atiraram nos próprios amigos, vizinhos que atropelaram o filho de outro vizinho, e ele busca em sua memória o caso de um comandante de polícia que sacou sua arma de serviço para atirar num juiz, bem no meio de sua testa. Em vez disso, ele não diz nada. Simplesmente balança a cabeça. Custa-lhe muito não dizer nada, pois o magistrado acabou de fazer uma referência ignóbil a Irene, mas é justamente em nome disso que ele se força a se calar, porque uma mulher foi sequestrada e ele jurou encontrá-la com vida. O juiz sabe disso e percebe isso nitidamente, mas ele tira vantagem desse mutismo.

– Bem – diz ele com uma satisfação ostensiva. – Agora que os egos cederam lugar ao trabalho em equipe, acredito que os senhores possam voltar ao trabalho.

Camille vai matá-lo. Tem certeza disso. Vai levar o tempo que for preciso, mas ele vai matar aquele cara. Com as próprias mãos. O juiz volta-se para Le Guen, buscando melhorar sua imagem ao sair:

– Senhor divisionário – diz ele com uma voz branda e ponderada –, trate de me manter bem informado.

– Duas urgências – explica Camille à sua equipe. – Primeira, compor um retrato desse tal Trarieux e compreender sua vida. É em sua vida que vamos encontrar o rastro da garota, e talvez sua identidade. Porque o primeiro problema é este: continuamos sem saber nada dela nem quem ela é e, consequentemente, o motivo de ter sido sequestrada. Isso nos leva ao segundo ponto, o único fio que podemos puxar são os contatos conhecidos de Trarieux, que aparecem em seu telefone, no computador de seu filho, do

qual ele se serviu. *A priori*, isso já é antigo, de várias semanas, se considerarmos os históricos, mas é tudo o que temos.

Não é muito. As únicas certezas de que eles dispõem são alarmantes. Ninguém tem condições de dizer o que Trarieux tinha intenção de fazer com aquela garota para tê-la enjaulado assim naquela gaiola suspensa, mas, agora que ele está morto, provavelmente ela não tem mais muito tempo de vida. Ninguém havia expressado a natureza do perigo em palavras, mas Alex corria o risco de desidratar-se, morrer de inanição. E é sabido que essas são mortes dolorosas, intermináveis. Sem contar os ratos. Marsan intervém primeiro. É o policial perito que servirá de intermediário entre a brigada Verhoeven e as equipes da Perícia Criminal que trabalham no dossiê.

– Mesmo se a encontrarmos viva – diz ele –, a desidratação pode deixar sequelas neurológicas irreversíveis. Vocês correm o risco de encontrar um vegetal.

Ele não mede as palavras. *Ele está certo*, pensa Camille. *Já eu, eu não ousaria porque tenho medo e não é com medo que vou encontrar essa garota*. Ele sacode a cabeça e volta a si.

– E o furgão? – pergunta ele.

– Foi revistado noite passada – responde Marsan consultando suas notas. – Encontramos cabelos e sangue, portanto, temos o DNA da vítima, mas, como ela não está fichada nos arquivos, continuamos sem saber quem é.

– E a identificação facial eletrônica?

Trarieux levava, num bolso dentro do casaco, uma foto de seu filho, tirada em alguma feira festiva. Ele está acompanhado por uma garota que o segura com o braço em volta de seu pescoço, mas a foto foi banhada de sangue e, de qualquer forma, ela havia sido tirada um pouco de longe. A garota parece bastante gorda, é provável que não se trate da mesma pessoa. As fotos guardadas no celular são mais promissoras.

– Devemos obter um bom resultado – diz Marsan. – É um celular de má qualidade, mas temos bons planos do rosto, de diferentes ângulos, mais ou menos tudo de que precisamos. Você terá a identificação em mãos à tarde.

A análise da cena do crime terá também grande importância. Porém, as fotos foram tiradas em plano aproximado ou muito aproximado e vê-se pouca coisa do local no qual a jovem mulher está presa. Os peritos escanearam o ambiente, tiraram medidas, fizeram análises, projeções, pesquisas…

– A natureza do edifício continua desconhecida – declara Marsan. – Em função da hora em que as imagens foram tiradas e da qualidade da luz, temos certeza de que ele está orientado a nordeste. Mas isso é extremamente comum. As fotos não oferecem nenhuma perspectiva, nenhuma profundidade, portanto, é impossível avaliar a dimensão dos cômodos. A luz vem de cima, então calculamos que a altura do pé-direito seja ao menos de quatro metros. Talvez mais, não se sabe. O solo é de concreto, talvez haja alguns vazamentos de água. Todas as imagens foram tiradas sob luz natural, é possível que não haja fornecimento elétrico. Quanto ao material utilizado pelo sequestrador, considerando o pouco que se pode ver, nada de especial. O caixote é de madeira maciça, comum, e foi parafusado da forma corriqueira, o anel em inox que o segura é padrão, assim como a corda que vemos, cânhamo comum, nada a destacar. Os ratos, *a priori*, não são animais domésticos. Então, provavelmente estamos diante de um edifício vazio, abandonado.

– A data e a hora das fotos provam que Trarieux ia lá pelo menos duas vezes por dia – diz Camille. – Portanto, o perímetro está limitado ao subúrbio parisiense.

Ao seu redor, todos balançam a cabeça, concordando. Camille vê bem que o que acabou de dizer todos já sabiam. Momentaneamente, ele se imagina em casa, com Doudouche, não tem mais vontade de estar ali, deveria ter aceitado passar o bastão quando Morel voltou. Ele fecha os olhos. Volta a si.

Louis propõe que Armand se encarregue de preparar uma descrição sucinta do local, com base nas evidências das quais eles dispõem e, em seguida, de difundir essas informações por toda a região da Île-de-France, ressaltando seu caráter urgente. Camille diz que está de acordo, sim, certamente. Eles não criam falsas expectativas. As informações são tão sucintas que poderiam corresponder a três de cinco edifícios, que, segundo as informações obtidas por Armand junto às prefeituras, na região parisiense existem sessenta e quatro lugares classificados como “instalação industrial”, sem contar as centenas e centenas de imóveis e edifícios diversos abandonados.

– Não saiu nada na imprensa? – pergunta Camille, olhando para Le Guen.

– Você está brincando?

Louis entra no corredor em direção à saída, dá meia-volta e retorna. Preocupado.

– Sabe, de todo modo… – diz ele a Camille. – É bem sofisticado construir uma *fillette*, não acha? Não seria algo muito erudito para alguém como o Trarieux?

– Que nada, Louis, você que é erudito demais para o Trarieux! Ele não construiu uma *fillette*, essa é uma referência sua, uma bela referência histórica, mostra que você é um homem de cultura, já ele, ele não construiu uma *fillette*. Construiu uma gaiola. E ela é pequena demais.

Le Guen está imerso em sua poltrona de diretor. Ele fecha os olhos enquanto escuta Camille. É sua maneira de se concentrar.

– Jean-Pierre Trarieux – diz Camille –, nascido no dia 11 de outubro de 1953, tinha cinquenta e três anos. Um metalúrgico qualificado, vinte e sete anos de experiência em oficinas aeronáuticas (ele começou na Sud Aviation em 1970). Foi demitido em 1997. Após dois anos desempregado, ele arruma um emprego na manutenção do Hospital René-Pontibiau, mas, dois anos mais tarde, fica desempregado mais uma vez. Em 2002, ele obtém o posto de vigilante na instalação industrial. Deixa seu apartamento e vai se instalar no local.

– Violento?

– Brutal. Seu arquivo pessoal tem brigas e esse tipo de coisas. Esse cara é pavio curto. Pelo menos é o que deve achar sua esposa. Roseline. Ele se casou com ela em 1970. Tiveram um filho, Pascal, que nasceu no mesmo ano. É aí que a coisa fica interessante, voltarei a esse ponto.

– Não! – interrompe Le Guen. – Vá direto ao ponto.

– O filho desapareceu. Em julho do ano passado.

– Continue.

– Estou aguardando as informações complementares, porém, grosso modo, Pascal fracassou em tudo: na escola primária, no ginásio, na escola técnica, na formação profissionalizante, no trabalho. Quando se trata de fracassos, ele é um prato cheio. Ele trabalha como servente, carregador de mudanças… esse tipo de coisa. É emocionalmente instável. O pai consegue fazer com que o contratem na clínica em que trabalha (isso em 2000), então se tornam colegas de trabalho. Por solidariedade operária, eles também se tornam colegas de desemprego, os dois são mandados para a rua no ano

seguinte. Quando o pai obtém o posto de vigilante em 2002, o filho vai morar com ele. Lembrando mais uma vez, Pascal tem trinta e seis anos! Visitamos seu quarto no apartamento do pai. Consoles de videogame, pôsteres de futebol e a internet totalmente direcionada para sites de putaria. Se descartássemos as dezenas de latas de cerveja vazias debaixo da cama, aquele seria um verdadeiro quarto de adolescente. Para amenizar, podemos dizer que é um "adolescente no corpo de um adulto". E então, *tcharam*: em julho de 2006, o pai declara o filho desaparecido.

– Alguma investigação?

– Mais ou menos. O pai fica preocupado. Mas quanto à polícia, considerando as circunstâncias, deixou o caso de lado. O filho fugiu com uma garota levando suas roupas, objetos pessoais e todo o montante do dinheiro que estava na conta de seu pai: seiscentos e vinte e três euros, veja que tipo de pessoa… Então, eles encaminham o pai à subprefeitura. Delegacia de Pessoas Desaparecidas. Eles fazem uma busca pela região, mas não encontram nada. Em março, estendem a busca ao âmbito nacional. Nada ainda. Trarieux fica maluco de raiva, exige um desfecho para o caso. Então, no início de agosto, um ano após o desaparecimento do filho, entregam-lhe o atestado de que "todas as tentativas para localizar a pessoa foram sem êxito". De acordo com a última informação, o filho continua desaparecido. Suponho que, quando souber da morte do pai, ele vai dar as caras.

– E a mãe?

– Trarieux se divorciou em 1984. Bem, na verdade foi sua esposa que se divorciou dele por causa de conflitos conjugais, agressões e alcoolismo. O filho ficou com o pai. Os dois pareciam se dar muito bem. Ao menos até Pascal resolver dar no pé. A mãe casou novamente, mora em Orléans. Sra… – ele consulta sua caderneta, não acha –, enfim, pouco importa, de qualquer maneira já mandei buscarem-na. Vão trazê-la aqui.

– Mais alguma coisa?

– Sim, o celular de Trarieux é um telefone comercial. O empregador de Trarieux queria poder contatá-lo a qualquer momento, mesmo se estivesse no fim do mundo. A análise das ligações entre os dois demonstra que ele quase não usa o telefone; a maioria das ligações é destinada a seu empregador ou a "assuntos do trabalho", como dizem. E então, de repente, ele começa a fazer ligações. Não muitas, mas é diferente do que vinha

fazendo. Uma dúzia de destinatários surge de repente no seu histórico, pessoas para quem ele liga uma, duas, três vezes…

– E daí?

– Daí que essa súbita onda de ligações começa duas semanas após a emissão do atestado de "busca sem êxito", referente a seu filho e se interrompe totalmente três semanas antes do sequestro da garota.

Le Guen franze as sobrancelhas. Camille propõe sua conclusão:

– Trarieux acha que a polícia está pouco se lixando e parte para fazer ele mesmo as investigações.

– Você acha que nossa garota na gaiola é a mesma que fugiu com o filho dele?

– Sim, acho.

– Você me disse que a menina na foto era gorda. A nossa não é gorda.

– Gorda pode significar muita coisa… Talvez ela tenha perdido peso, sei lá. De qualquer forma, acho que é a mesma pessoa. Agora, quanto a dizer onde está o Pascal, já isso…

17

Até agora, Alex sofreu bastante com o frio, embora o mês de setembro seja bastante fresco. Ela não consegue se mexer e está subnutrida. E as coisas ficaram ainda piores, porque de uma só vez, em algumas horas, o clima de outono se manifestou mais bruscamente. O frio que ela vinha sentindo, por causa do cansaço, agora se deve também à temperatura, que despencou em muitos graus. A julgar pela luz que desce das vidraças, o céu está coberto; a luminosidade, por sua vez, também caiu. Em seguida, Alex ouviu as primeiras rajadas de vento penetrando nas salas, assobiando, uivando dolorosamente, como os gemidos de um desesperado.

Também os ratos levantaram a cabeça, os bigodes começaram a fremir como nunca. Trombas d'água de repente se chocaram contra o edifício, que grunhiu e rangeu como um barco prestes a afundar. Antes que Alex atinasse, todos os ratos haviam descido pelas paredes para beber a água da chuva que começou a escorrer. Ela contou: havia nove deles. Não tem certeza se são ainda os mesmos. Por exemplo, tem aquele grande preto e ruivo, que chegou recentemente e que causa temor nos demais; ele acaba de

se enfiar numa poça de água só para ele e foi ele que subiu de volta primeiro. É o primeiro a voltar para a corda. Aquele é um rato persistente.

Um rato molhado é ainda mais assustador que um rato seco. O pelo parece mais sujo, e ele tem um olhar mais afiado, que dá a impressão de estar mais à espreita. Molhada, sua longa cauda tem algo de viscoso, parece outro animal, uma cobra, por exemplo.

Uma tempestade sucede a chuva e, após a umidade, vem o frio. Alex está paralisada, sem chance de se mexer, ela sente sua epiderme sendo atingida por ondulações, não são calafrios, mas verdadeiros solavancos. Ela começa a bater os dentes, o vento se infiltra pelos salões com tanta violência que a gaiola se põe a girar em torno de si mesma.

O preto e ruivo, depois de ter subido sozinho pela corda, passeia sobre o topo da gaiola e levanta-se bem alto sobre as patas traseiras. Aquele é provavelmente o sinal de agrupamento, pois nos segundos seguintes, quase todos os ratos sobem, estão por toda parte: no topo, à direita, à esquerda, na cesta que balança.

Um relâmpago ilumina a sala, quase todos os ratos se levantam com o focinho apontado para o céu, como se tivessem sido eletrificados, e começam a se mover para todos os lados. Não estão assustados com a tempestade, não, aquele é um tipo de dança. Eles estão em êxtase.

Apenas o grande preto e ruivo permanece plantado sobre a tábua mais próxima ao rosto de Alex. Ele inclina a cabeça na direção dela, seus olhos se sobressaem. Então ele se põe de pé, enfim, mostrando sua barriga ruiva e inchada, enorme. Ele solta alguns gritos e suas patas dianteiras gesticulam para todos os lados, elas são rosa. Mas Alex vê apenas as garras.

Esses ratos são espertos. Entenderam que à fome, à sede, ao frio, basta acrescentar o medo. Eles guincham em coro. Para assustá-la. Alex sente a água da chuva gelada carregada pelo vento. Ela não chora mais, apenas treme. Vinha pensando na morte como uma libertação, mas a perspectiva das mordidas de rato, a ideia de ser devorada…

Quantos dias de alimentação representa um corpo humano para uma dúzia de ratos?

Aterrorizada, Alex começa a gritar.

Mas, pela primeira vez, nenhum som sai de sua garganta.

Ela desmaia de exaustão.

18

Le Guen endireita a postura, levanta-se e dá alguns passos pelo escritório, enquanto Camille prossegue com seu relatório. Em seguida, o divisionário volta a seu lugar, senta-se e retoma sua postura de esfinge pensativa e redonda. Camille o viu reprimir algo como um sorriso de contentamento ao voltar à sua poltrona. *Talvez a satisfação por ter realizado sua ginástica cotidiana*, pensa consigo. Ele faz aquilo duas ou três vezes por dia: levantar-se, ir até a porta e voltar. Às vezes, chega até a fazer isso quatro vezes. Seu treinamento segue uma disciplina ferrenha.

– Há sete ou oito contatos interessantes no celular de Trarieux – continua Camille. – Ele ligou para cada um deles, para alguns, várias vezes. Fazia sempre as mesmas perguntas. Indagava a respeito do desaparecimento de seu filho. Quando ia encontrar essas pessoas, mostrava a elas a foto em que seu filho está na feira festiva com a garota.

Camille pessoalmente só interrogou duas testemunhas, as outras foram Louis e Armand que interrogaram. Ele passou pelo escritório de Le Guen para mantê-lo informado, mas não foi por causa do divisionário que ele tinha voltado à Brigada, e sim porque a ex-senhora Trarieux chegara de Orléans. A polícia local se encarregou do transporte.

– Trarieux provavelmente localizou os contatos deles a partir dos e-mails de seu filho. Na caixa de mensagens, havia de tudo um pouco.

Camille checa suas anotações.

– Uma tal de Valérie Touquet, trinta e cinco anos, antiga colega de classe, que, durante quinze anos, Pascal tentou levar para a cama desesperadamente.

– Ele é persistente.

– O pai ligou para ela várias vezes para perguntar se sabia do paradeiro de seu garoto. Ela diz que aquele rapaz é um baita de um carente. "Esquisitão." E, logo em seguida, emenda: "Um completo perdedor. Ele sempre tentava impressionar as garotas com histórias imbecis". Enfim, um verdadeiro babaca. Mas gentil. De qualquer forma, ela não tem a menor ideia de seu paradeiro.

– Que mais?

– Tem também o Patrick Jupien, um entregador de uma lavanderia, amigo de Pascal Trarieux das apostas de cavalos. Também nenhuma notícia

do Trarieux filho. Ele não reconhece a garota da foto. Há também um colega de ginásio, Thomas Vasseur, representante de vendas, e um antigo colega de trabalho, Didier Cottard, auxiliar de estoque, com quem ele trabalhou numa sociedade de vendas por correspondência. Enfim, nesses casos, é a mesma história: o pai faz suas ligações e enche o saco de todos eles. E, claro, ninguém tem notícias do filho há muito tempo. Os mais bem informados sabem que há uma garota envolvida no caso. Seu amigo, Vasseur, desata a rir como se dissesse "pelo menos uma". Seu amigo entregador confirma que ele atormentava todo mundo com aquela história de Nathalie, mas o sobrenome de Nathalie ninguém sabe, visto que ele não a mostrou para ninguém.

– Aí está…

– Não, não é tão surpreendente assim. Ele a conhece em meados de junho e foge com ela somente um mês depois. E é por isso que ele não tem tempo para apresentá-la aos amigos.

Os dois homens permanecem pensativos. Camille relê suas anotações, com a sobrancelha franzida. De tempos em tempos, ele olha pela janela, como se estivesse procurando a resposta para uma questão, e volta a sua caderneta. Le Guen o conhece bem. Deixa passar um breve momento, e então:

– Ok, pode desembuchar.

Camille está sem jeito. Isso não acontece com muita frequência.

– Bem, para dizer a verdade… não vejo essa garota com bons olhos.

Imediatamente, ele levanta as duas mãos para proteger o rosto.

– Eu sei, eu sei! Eu sei, Jean. Ela é a vítima! Não se toca numa vítima! Mas você está me perguntando o que eu acho, e estou dizendo.

Le Guen ergueu-se em sua poltrona, com os dois cotovelos na mesa.

– Isso é ridículo, Camille.

– Eu sei.

– Essa garota está presa como um pássaro numa gaiola a dois metros de altura há uma semana…

– Eu sei, Jean…

– …Nas fotos dá para ver nitidamente que ela está morrendo…

– Sim…

– O cara que a sequestrou é uma besta analfabeta, ignorante, alcoólatra…

Camille limita-se a suspirar.

– …que a prende numa gaiola entregue aos ratos… Camille apenas balança a cabeça com pesar.

– …e que prefere se jogar do alto de um viaduto a entregá-la…

Camille simplesmente fecha os olhos como alguém que não quer ver o tamanho do desastre que causou.

– …e você "não vê essa garota com bons olhos"? Você disse isso para mais alguém ou é uma novidade que guardou especialmente para mim?

Mas, quando Camille não protesta, quando não diz nada, é pior. Quando ele não se defende, Le Guen sabe que algo está acontecendo. Uma anomalia. Silêncio. Então:

– Eu não consigo entender – diz lentamente Camille – que ninguém reporte o desaparecimento dessa garota.

– Ora essa! Mas tem mi…

– …Milhares de casos assim, eu sei, Jean, milhares de pessoas que não são procuradas por ninguém. Mas enfim… esse cara, Trarieux, ele é uma besta, estamos de acordo?

– Sim.

– Além disso, não é muito sofisticado.

– Redundante.

– Então me explique por que ele consegue ter tanta raiva dessa garota. E dessa maneira.

Le Guen levanta os olhos sem compreender.

– Porque, mesmo sendo uma besta, ele investiga sobre o desaparecimento de seu filho. Então compra tábuas, constrói um caixote, acha um local onde pode prender essa garota durante dias e mais dias. Depois disso, ele a sequestra, ele a prende, ele a faz morrer lentamente, ele tira foto dela para ter certeza de que está no rumo certo… E você acha que isso é só um capricho.

– Eu não disse isso, Camille.

– Oras, disse sim, é o que você está dizendo, ou de qualquer forma dá no mesmo! A ideia veio até ele do nada. Em seu cérebro de peão… – ele pensou consigo. – Espera aí, e se eu achasse a garota que sumiu com meu filho e a prendesse num caixote de madeira?! E, por pura coincidência, trata-se de uma garota cuja identidade somos incapazes de descobrir. E ele, que é burro como uma porta, encontra-a sem problema, o que não temos a competência de fazer.

19

Ela quase não dorme mais. Está com muito medo. Mais que nunca, Alex se contorce em sua gaiola. Desde o começo de seu cativeiro, ela não mudou de posição, não comeu decentemente nem dormiu muito bem. Ela não consegue estender suas pernas, seus braços, deitar por alguns minutos. Com esses ratos, então… Sua mente a abandona cada vez mais. Por vezes durante horas, tudo o que ela vê fica embaçado, desfocado; todos os sons lhe chegam abafados, como ecos de vários ruídos distantes. Além disso, ela geme, choraminga, solta gritos graves que sobem pelo estômago. Está enfraquecendo terrivelmente rápido.

Sua cabeça desaba e é reerguida incessantemente. Um pouco mais cedo, ela desmaiou de cansaço, embriagada de sono, de dor, sua mente divagava, vendo ratos por toda parte.

E, de súbito, ela não sabe por que, tem certeza de que Trarieux não voltará mais, que ele a abandonou ali. Se ele voltar, ela vai lhe contar tudo. Ela repete isso para si mesma como uma ladainha: “Faça com que ele volte e eu contarei tudo, tudo o que ele quiser, tudo, para acabar logo com isso”. Que ele a mate, rápido, ela aceita, tudo menos os ratos.

Eles descem pela corda em fila indiana nas primeiras horas do dia e soltam pequenos gritos. Eles sabem, Alex agora é deles.

Não vão esperar que ela morra. Estão agitados demais. Eles nunca lutaram entre si como fazem desde essa manhã. Para farejá-la, aproximam-se cada vez mais. Estão esperando que ela fique totalmente esgotada, mas estão furiosos, febris. Qual será o sinal? Quando vão decidir atacar?

Ela sai bruscamente de seu estado de torpor, vivencia um instante de pura lucidez.

A frase: “vou te assistir morrer”, na verdade, quer dizer: “vou ver você morta”. Ele não voltará mais, só voltará quando ela estiver morta.

Acima dela, o maior de todos, o preto e ruivo, está de pé sobre suas patas traseiras e solta gritinhos estridentes, além de mostrar os dentes.

Resta apenas uma coisa a fazer. Ela tateia com as pontas dos dedos da mão febril a beirada áspera da tábua que está abaixo dela, a que tem evitado há dezenas e dezenas de horas porque é afiada e sempre a corta quando toca. Ela crava suas unhas numa fenda, milímetro por milímetro. A madeira estala levemente, ela avança ainda mais um pouco, concentra-se, aplica toda

a força que pode, aquilo exige um tempo, ela é forçada a fazer várias tentativas e, enfim, de uma vez, a madeira cede.

Entre os dedos de Alex, há uma grande lasca de madeira, de mais ou menos quinze centímetros. Pontiaguda. Ela olha para cima, entre as tábuas da tampa, perto do anel, perto da corda que mantém sua gaiola suspensa. E de uma só vez, ela atravessa a mão e empurra o rato para fora com a ponta da madeira. Ele tenta se segurar, arranha desesperadamente a beira do caixote, solta um grito selvagem e cai dois metros para baixo. Sem esperar mais, Alex enfia a lasca de madeira profundamente em sua mão e a revira, como se fosse uma faca; imediatamente ela grita de dor.

Imediatamente o sangue começa a escorrer.

20

Roseline Bruneau não tem vontade de ouvir falar de seu ex-marido. O que ela quer são notícias de seu filho. Desaparecido há mais de um ano.

– No dia 14 de julho – diz ela, apavorada, como se um desaparecimento no dia da Queda da Bastilha tivesse um valor simbólico.

Camille afastou sua mesa e sentou-se ao lado dela.

Antes, ele dispunha de duas cadeiras, uma elevada e outra baixa. O efeito psicológico causado era bastante distinto. Segundo as circunstâncias, ele escolhia uma ou outra. Irene não gostava daqueles truques, então Camille parou com eles. As cadeiras ficaram por um tempo na Brigada, usaram-nas um pouco para pregar peças nos recém-chegados. Mas não foi tão engraçado como esperavam. Um belo dia, as cadeiras desapareceram. Camille tem certeza de que foi Armand que as pegou. Ele o imagina com sua esposa, à mesa, um na cadeira alta, o outro na baixa…

Diante da senhora Bruneau, ele se lembra de suas cadeiras porque lhe ajudavam a quebrar o gelo, o que ele gostaria muito hoje. E bem rápido, pois o tempo corre. Camille se concentra no interrogatório porque, se ele parar para pensar na garota enjaulada, imagens vêm à sua mente e se misturam, imagens que embaralham seu pensamento, que trazem de volta tantas coisas, e ele perde a postura.

E, infelizmente, Roseline Bruneau e ele não estão na mesma sintonia. Ela é uma mulher pequena e magra, que deve ser cheia de vida em tempos

normais, mas que, nesse instante, é pura preocupação. Balança a cabeça para um lado e para o outro, alarmada. Está convencida de que vão lhe anunciar a morte de seu filho. Esse pressentimento está assombrando-a desde que os policiais vieram buscá-la na autoescola em que trabalha.

– Seu marido se matou noite passada, senhora Bruneau.

Mesmo divorciada há vinte anos, aquilo lhe causa um efeito. Ela fita Camille direto nos olhos. Seu olhar hesita entre o rancor (*espero que ele tenha sofrido*) e o cinismo (*não é uma grande perda*), mas a apreensão domina tudo. Primeiro, ela se cala. Para Camille, seu rosto parece com o de um passarinho. Seu nariz é pequeno e afiado; o olhar, os ombros e os seios, afiados. Ele já imagina como poderia desenhá-la.

– Ele morreu como? – pergunta ela, enfim.

Com base na papelada do divórcio, ela não vai lamentar muito a morte de seu ex-marido. *Em circunstâncias normais*, Camille pensa consigo, *ela teria antes pedido notícias do seu filho. Se ela não está fazendo isso é porque tem algum motivo.*

– Um acidente – diz Camille. – Estava sendo perseguido pela polícia.

Por mais que a senhora Bruneau soubesse o quanto valia seu marido, por mais que se lembrasse de suas agressões, ela não havia se casado com um bandido. A frase "estava sendo perseguido pela polícia" deveria causar espanto, mas não, nada, ela balança a cabeça. Percebe-se que está pensando o mais rápido que a situação permite, mas ela não deixa nada transparecer.

– Senhora Bruneau… – Camille se mostra paciente justamente porque é preciso agir rápido –, nós achamos que o desaparecimento de Pascal tem relação com a morte do pai dele. Na verdade, estamos convencidos disso. Quanto mais rápido a senhora responder a nossas questões, mais chances temos de achar logo seu filho.

Pode-se procurar durante horas no dicionário, "desonesta" é realmente a palavra que se encaixa para qualificar a atitude de Camille. Porque, para ele, não há a menor dúvida, mais morto que esse rapaz, impossível. Usar seu filho como chantagem é uma estratégia bastante imoral, mas não sente vergonha dela, pois pode permitir que ache alguém que ainda está vivo.

– Há alguns dias, seu ex-marido sequestrou uma mulher, uma mulher jovem. Ele a raptou e morreu sem nos dizer onde a prendeu. Essa moça está agora em algum lugar, e não sabemos onde. E ela vai morrer, senhora Bruneau.

Ele deixa essas informações serem absorvidas por ela. Os olhos de Roseline Bruneau passam da direita para a esquerda, como os de um pombo. Ela está cercada por ideias contraditórias, a questão é saber qual escolha vai realizar. *Qual será a relação que essa história de sequestro tem com o desaparecimento de meu filho?* Eis o que ela devia estar se perguntando. Se ela não estiver se perguntando, é porque já tem a resposta.

– Preciso que a senhora me diga o que sabe… Não, não, não, não, senhora Bruneau, espere! A senhora vai me dizer que não sabe nada, mas essa não é uma boa escolha, eu lhe garanto, é até a pior de todas. Peço que reflita por alguns instantes. Seu marido sequestrou uma mulher que está relacionada, não sei como, com o desaparecimento de seu filho. E essa mulher vai morrer.

Olhares para a direita, para a esquerda, agora é a cabeça que se move, não os olhos. Camille deveria colocar na mesa, diante dela, uma foto da jovem mulher presa para provocar o choque, mas algo o retém.

– Jean-Pierre me ligou…

Camille respira aliviado, isso não é exatamente um triunfo, mas uma conquista. Em todo caso, as coisas engrenaram.

– Quando isso?

– Não sei mais, faz mais ou menos um mês.

– E…?

Roseline Bruneau aponta com o bico para o chão. Relata lentamente.Trarieux recebe o atestado de "busca sem êxito", fica furioso, pois aquilo queria dizer que a polícia acreditava numa espécie de fuga, que não fará mais investigações, que está tudo acabado. Uma vez que a polícia não faz nada, Trarieux lhe diz que vai tratar de achar Pascal por conta própria. Ele tem um palpite.

– É aquela vadia…

– Uma vadia…

– É assim que ele chamava a namorada do Pascal.

– Ele tinha motivos para desprezá-la tanto?

Roseline Bruneau suspira. Para explicar o que ela quer dizer, será necessário começar do início.

– Sabe, Pascal é um rapaz, como posso dizer, bastante ingênuo. Entende o que estou dizendo?

– Acho que sim.

– Sem malícia, sem complicação. Por mim, eu não queria que ele fosse morar com seu pai. Jean-Pierre o fazia beber, sem contar as brigas, mas Pascal adorava o pai, e eu até me perguntava o que ele via nele. Enfim, era assim, tudo era o pai. E, então, um dia, essa garota entra em sua vida. Ela logo toma as rédeas e o coloca na palma de sua mão. Ele, por sua vez, fica louco por ela… o que não é uma surpresa. Ele e as garotas… Até então, ele não havia tido muitas. E sempre as coisas corriam mal. Ele não sabia muito bem como se comportar com elas. Enfim, então essa garota chega e o seduz. Ele obviamente fica desorientado.

– Como se chama essa garota, a senhora a conhece?

– Nathalie? Não, nunca a vi. Conheço apenas seu nome. Quando eu falava com Pascal pelo telefone, era sempre Nathalie pra cá, Nathalie pra lá…

– Ele não a apresentou à senhora? Ou ao pai dele?

– Não. Ele dizia toda hora que viria me visitar com ela, que eu ia adorá-la e esse tipo de coisa.

Aquela é uma história-relâmpago. O que ela entendeu é que Pascal encontra Nathalie em junho, mas ela não sabe nem onde nem como. Em julho, ele desaparece com ela.

– De início – diz ela –, não fiquei preocupada, pensava comigo: quando ela o deixar, pobre coitado, ele vai voltar para a casa do pai e tudo terá acabado. Já o pai estava louco de raiva. Eu achava que ele estava tendo uma crise de ciúmes. Ele cuidava de seu filho como a menina de seus olhos. Foi um marido ruim, mas era um bom pai.

Ela levanta os olhos para Camille, surpresa com esse julgamento pelo qual nem ela esperava. Sem saber, acabou de dizer algo que pensava. Ela abaixa de novo o nariz.

– Quando eu soube que Pascal havia roubado todo o dinheiro do pai e desaparecido, também pensei comigo que aquela garota, sabe… Não era do feitio de Pascal roubar seu pai.

Ela sacode a cabeça. Disso tem certeza.

Camille se recorda da fotografia de Pascal Trarieux encontrada na casa de seu pai e, nesse instante, tal lembrança aperta-lhe o coração. Como um bom desenhista, ele tem uma excelente memória visual. Ele revê o rapaz de pé, com uma mão pousada sobre um trator de obras, com ar desajeitado, desengonçado… Sua calça é um pouco curta demais, parece patético e sorri

largamente. Como fazer quando você tem um filho simplório? Quando você se dá conta disso?

– E enfim, seu marido achou essa garota?

Reação imediata.

– Eu não faço ideia! Tudo o que ele me disse é que ia achá-la! E que ela acabaria lhe dizendo onde está Pascal… O que ela fez com ele.

– O que ela fez com ele?

Roseline Bruneau olha pela janela, é sua maneira de conter as lágrimas.

– Pascal nunca fugiria, ele não é… como posso dizer… Ele não é tão esperto para desaparecer por tanto tempo.

Ela se virou para Camille e lhe disse isso como se lhe desferisse um tapa. Aliás, ela se arrepende.

– Ele é um rapaz realmente muito ingênuo. Conhece poucas pessoas, é muito apegado ao pai. Ele não ficaria, por vontade própria, semanas, meses sem dar notícias; seria incapaz disso. Portanto, aconteceu alguma coisa com ele.

– O que seu marido lhe disse exatamente? Ele falou o que queria fazer? Do que…

– Não, ele não ficou muito tempo ao telefone. Ele tinha bebido, como de costume, e, quando isso acontecia, às vezes era violento e achava que a Terra inteira estava contra ele. Ele queria achar aquela garota, queria que ela lhe dissesse onde estava seu filho. Ele me ligou para dizer isso.

– E como a senhora reagiu?

Em circunstâncias comuns, já é necessário muito talento para se mentir convincentemente, exige energia, criatividade, sangue-frio, memória, é muito mais difícil do que parece. Mentir a uma autoridade é um exercício muito ambicioso, que demanda todas essas qualidades, mas num nível superior. Então, mentir para a polícia, imagine… E Roseline Bruneau não é muito habilidosa para esse tipo de exercício. Ela tenta com todas as forças, mas, agora que baixou a guarda, Camille vê nela um livro aberto. E isso o cansa. Ele passa uma mão sobre seus olhos.

– Do que você o chamou naquele dia, senhora Bruneau? Suponho que, com ele, a senhora não fique escolhendo muito as palavras. A senhora deve ter dito exatamente o que achava dele, estou enganado?

É uma questão sinuosa. Responder “sim”, responder “não” conduz a uma via diferente, mas ela não vê saída clara.

– Não sei o que…

– Sabe, sim, senhora Bruneau, a senhora entende perfeitamente o que estou querendo lhe dizer. Naquela noite, a senhora disse a ele o que achava, ou seja, que certamente não seria ele que teria êxito onde a polícia fracassou. Foi até mais longe, não sei quais palavras utilizou, mas tenho certeza de que a senhora fez tudo o que podia. Em minha opinião, você lhe disse: "Jean-Pierre, você é um babaca, um incompetente, um imbecil e um incapaz". Ou algo parecido.

Ela abre a boca, e Camille não lhe dá muito tempo. Ele pula de sua cadeira e aumenta o tom porque está farto de ficar dando voltas:

– O que vai acontecer, senhora Bruneau, se eu pegar seu telefone celular e olhar suas mensagens?

Nenhum movimento, nenhum gesto, simplesmente um olhar fulminante, como se ela quisesse fuzilá-lo.

– Vou lhe dizer o que acontecerá. Vou encontrar fotos que seu ex-marido lhe enviou. Não cogite escapar dessa, elas estão no histórico do celular dele. E posso até lhe dizer o que há nessas fotos: uma garota num caixote de madeira. A senhora o desafiou, achando que isso o impulsionaria a agir. E, quando a senhora recebeu as fotos, ficou com medo. Medo de ser cúmplice.

Camille é tomado por uma dúvida.

– A menos que…

Ele interrompe a fala, aproxima-se, abaixa, vira a cabeça por baixo para olhá-la nos olhos. Ela não se move.

– Minha nossa… – diz Camille se levantando.

Há momentos realmente difíceis nesse ofício.

– Não foi por isso que a senhora não avisou a polícia, né? Não foi pelo medo de ser cúmplice. É porque a senhora também acha que essa garota é responsável pelo desaparecimento de seu filho. Não disse nada porque acha que ela só está tendo o que merece, é isso?

Camille respira fundo. Está exausto:

– Espero que a encontremos viva, senhora Bruneau. Primeiro por ela, mas também pela senhora. Porque senão vou ter que prendê-la por cumplicidade de homicídio acompanhado de atos de tortura ou brutalidade. E muitas outras coisas.

Ao deixar seu escritório, Camille sente uma enorme pressão – o tempo corre a uma velocidade alucinante.

E o que conseguimos?, pergunta-se ele.

Nada. E isso o deixa maluco.

21

O mais voraz não é o malhado, é um rato grande e cinza – cruel e impetuoso. Ele ama sangue e se debate com os outros para ser o primeiro.

Para Alex, durante as últimas horas, cada instante tem sido uma batalha. Ela teve que matar dois deles. Para irritá-los, provocá-los. Para se fazer respeitar.

O primeiro, ela espetou com a grande lasca de madeira, sua única arma, e o esmagou com o pé descalço, com toda a sua força, até que ele morresse. Enquanto isso, ele se remexia como um condenado, guinchava como um porco degolado ao mesmo tempo em que tentava mordê-la. Nesse momento, Alex gritava mais alto que ele, e toda a colônia ficava eletrizada; o rato, então, era tomado por loucas contrações e se remexia como um peixe enorme – essas bestas imundas ganham uma força assustadora quando estão morrendo. Os últimos instantes foram muito angustiantes. Ele não se mexia mais, urinava sangue e soltava gemidos, ganidos, os olhos esbugalhavam-se, os lábios palpitavam abertos sobre os dentes sempre prontos para morder. Depois disso, ela o empurrou pela beirada.

Aquilo foi uma declaração de guerra.Todos entenderam bem a mensagem.

O segundo rato, ela esperou que ele chegasse bem perto. Ele vinha farejando o sangue. Seus bigodes, por sua vez, remexiam-se numa velocidade incrível. Ele estava de fato bastante agitado, mas, ao mesmo tempo, desconfiado. Alex o deixou vir, chegou até mesmo a chamá-lo, *venha, chegue mais perto, seu verme, venha pra mamãe*… E, quando ele ficou ao alcance da mão, ela conseguiu prendê-lo contra a tábua, cravou a lasca de madeira em seu pescoço. Então, ele se contorceu para trás sob o choque, como se estivesse se preparando para dar um bote; ela imediatamente o empurrou entre as tábuas, ele se chocou contra o chão e ficou gritando por mais de uma hora, com seu espeto atravessado no pescoço.

Alex não tem mais arma, mas eles não sabem disso e estão com medo dela.

E ela os alimenta.

Misturou o sangue que corre de sua mão com o resto de água, a fim de diluí-lo, ergueu a mão acima da cabeça e molhou a corda que sustenta a

gaiola. Como agora não há mais água, ela mela a corda com sangue puro. Isso obviamente anima ainda mais os ratos. E, quando para de sangrar, ela pica alguma parte de seu corpo com outra lasca de madeira – essa é menor e não será com ela que conseguirá matar os outros, principalmente os grandes –, mas é o suficiente para furar uma veia na panturrilha, ou no braço, para fazer sangrar, e é isso que conta. Às vezes, a dor é tamanha… Ela não sabe se é sua imaginação ou se realmente está perdendo muito sangue, mas em alguns momentos sua visão escurece. Isso ocorre também por conta do cansaço, naturalmente.

Assim que o sangue começa a escorrer, ela passa a mão entre as tábuas do topo da gaiola e esfrega mais uma vez na corda.

A corda está ficando impregnada de sangue.

Ao redor, os ratos maiores ficam à espreita, prontos para ata-cá-la… então, ela retira a mão da corda e eles lutam entre si para devorar aquele sangue fresco, roem a corda para absorvê-lo – e adoram aquilo.

Mas agora que eles experimentaram o gosto do sangue, agora que ela deu a eles do seu para provarem, nada mais irá contê-los.

O sangue os deixa fora de si.

22

Champigny-sur-Marne.[8]

Uma grande casa de tijolos vermelhos próxima à beira do rio. Uma das últimas ligações feitas por Trarieux antes de sequestrar a garota.

Ela se chama Sandrine Bontemps.

Quando Louis chegou e quis falar com ela, Sandrine terminava de tomar café e estava saindo para o trabalho. Por isso, teve de ligar para a empresa. O jovem policial tomou gentilmente o celular das mãos dela e explicou ao seu patrão que ela estava sendo requisitada para uma "investigação prioritária". Ele vai mandar um policial acompanhá-la de volta ao trabalho assim que possível. Para ela, aquilo tudo estava acontecendo rápido demais.

Ela é requintada, um pouco afetada, vinte e cinco, vinte e seis anos, e parece impressionada. Sentada com uma nádega na ponta do sofá Ikea, Camille já consegue enxergar nela o rosto que terá em vinte, trinta anos – é um pouco triste.

– Esse senhor… Trarieux. Ele insistiu pelo telefone, insistiu… – explicou ela. – Depois veio até aqui. Ele me deu medo.

Agora é a polícia que lhe dá medo. Principalmente o carequinha, o anão, é ele quem dá as ordens. Seu jovem colega ligou para ele, chegou lá em vinte minutos e aparentava estar com bastante pressa. No entanto, é como se ele não a escutasse, vai de um cômodo ao outro, faz uma pergunta de lá da cozinha, sobe ao andar de cima, desce de volta, está muito nervoso, como se farejasse a casa. Ele deixou claro assim que chegou: "Nós não temos tempo a perder", toda vez que ela fica hesitante, ele a interrompe. Ela nem sequer sabe do que se trata aquilo tudo. Tenta recompor as coisas mentalmente, mas é bombardeada de perguntas.

– É ela?

O anão mostra um desenho, o rosto de uma garota. Do tipo feito pela identificação facial eletrônica, como se vê no cinema, nos jornais. Ela a reconhece de imediato: é a Nathalie. Mas não como a conhecia. Ela está mais bonita no desenho que na realidade, mais arrumada e, principalmente, menos gorda. E mais asseada. O cabelo também está diferente. Até mesmo os olhos estão um pouco diferentes, eles eram azuis. Na imagem em preto e branco, não se sabe de qual cor eles são, mas não tão claros como na realidade e, por isso, seria possível dizer que é ela… E, ao mesmo tempo, que não é ela. Quanto aos policiais, eles querem uma resposta, que deve ser sim ou não, não pode estar entre os dois. De todo modo, acima de qualquer dúvida, Sandrine é enfim categórica, é ela.

Nathalie Granger.

Os dois policiais se olharam. O anão disse "Granger…" com um tom cético. O rapaz tirou seu celular do bolso e foi telefonar no jardim. Quando ele voltou, fez apenas um sinal com a cabeça que dizia "não" e o anão respondeu com um gesto de "eu tinha certeza".

Sandrine falou do laboratório no qual trabalhava Nathalie, na rua de Planay, em Neuilly-sur-Marne,[9] no centro da cidade.

O rapaz saiu imediatamente. Sandrine tem certeza de que foi ele quem telefonou, mais ou menos meia hora mais tarde, talvez. O anão parecia bastante cético ao telefone, ele dizia sem parar: entendi, entendi, entendi. Sandrine acha esse cara enervante. Ele tem o ar de quem sabe disso, mas não dá a mínima. Ao telefone, contudo, parece desapontado. Durante a ausência do jovem inspetor, ele a encheu de perguntas sobre Nathalie.

– Ela estava sempre com o cabelo sujo.

Há coisas que não se pode dizer a um homem, mesmo quando se trata de um policial, mas às vezes Nathalie era realmente desleixada, fazia uma faxina superficial, a mesa nunca estava limpa, sem contar uma vez em que deixou os absorventes expostos no banheiro… eca. A coabitação não durou muito tempo, porém elas brigaram mais de uma vez.

– Eu não acho que duraríamos muito tempo morando juntas.

Sandrine havia feito um anúncio no qual procurava por alguém para dividir o apartamento. Nathalie respondeu, foi conhecer o lugar, parecia simpática. Não parecia desleixada naquele dia, estava bem apresentável. O que agradava a ela no local era o jardim e o quarto no sótão, pois dizia que eram românticos. Sandrine, no entanto, não lhe contou que no auge do verão aquele cômodo se tornava uma estufa.

– Tem um mau isolamento térmico, sabe…

O anão olha para ela inexpressivo, é como se estivesse encarando uma porcelana, como se seu pensamento estivesse em outro lugar.

Nathalie pagou na hora, sempre pagava em dinheiro.

– Foi no começo de junho. Eu precisava a todo custo encontrar logo uma pessoa para dividir, uma vez que meu namorado havia me deixado…

A história pessoal de Sandrine aborrece o pequeno policial, a do namorado, aquele grande amor, que se muda para lá e, então, sem avisar, vai embora dois meses depois. Ela nunca mais o viu. Ao nascer, sem saber, ela deve ter assinado um contrato no departamento de abandonos repentinos, o namorado primeiro, Nathalie em seguida. Ela confirma a data do dia 14 de julho.

– Na verdade, ela não ficou muito tempo, ela conheceu o namorado logo após se mudar para cá, então com certeza…

– Com certeza o quê? – pergunta ele irritado.

– Oras, ela sentiu vontade de ir morar com ele. Isso é normal, não?

– Ah…

Pareceu cético, com o aspecto de quem diz “ah, é só isso?”. *Esse cara não sabe nada sobre mulheres, já se vê logo*. O jovem policial voltou do laboratório, ouve-se sua sirene de longe. Ele faz as coisas com bastante rapidez, mas parece que está sempre passeando. É a elegância que faz isso. E as roupas que ele usa, Sandrine reparou logo de imediato, roupa de marca, de alta qualidade. Com um único olhar de relance, ela calcula o preço dos calçados, duas vezes seu salário. É uma grande descoberta para

ela saber que os policiais ganham tanto dinheiro, a julgar pelos que aparecem na televisão, quem diria.

Os dois policiais tiveram uma breve conversa. Sandrine apenas ouviu o rapaz: “nunca vi…” e também: “… sim, ele também passou por lá…”.

– Eu não estava em casa quando ela se foi, pois passo o verão na casa da minha tia em…

O pequeno policial fica nervoso. As coisas não andam como ele gostaria, mas não é culpa dela. Ele suspira e balança a mão diante dela como se estivesse afastando uma mosca. Poderia ao menos se mostrar mais educado. O jovem colega sorri gentilmente, parece dizer “ele é assim mesmo, não fique alvoroçada, mantenha a concentração”. É ele quem lhe mostra outra foto.

– Sim, esse aí é o Pascal, o namorado da Nathalie.

Quanto a isso, nenhuma dúvida. E a foto na feira festiva, por mais que estivesse um pouco desfocada, também não deixa nenhuma dúvida. Na ocasião em que o pai de Pascal veio visitá-la no mês passado, a fim de encontrar não somente seu filho, mas Nathalie, ele também mostrou aquela foto. Sandrine lhe passou o endereço onde Nathalie trabalhava na época. Depois, ela não teve mais notícias.

Basta ver a foto para compreender. Pascal não é muito astuto. Nem muito bonito. *E as roupas dele, os senhores precisavam ver, eram umas coisas, de se perguntar onde ele podia ter comprado*. Enfim, por mais que Nathalie fosse gorda, ela tinha um belo rosto, percebia-se que se ela quisesse… Enquanto ele, ele parecia… como dizer…

– Um pouco retardado, para ser franca.

Ela quer dizer não muito astuto. Ele adorava sua querida Nathalie. Ela o trouxe duas ou três vezes aqui, mas ele não passava a noite. Sandrine chegou até a se perguntar se eles transavam. Quando ele vinha, Sandrine via que ele estava excitado como uma pulga, babava de vontade quando olhava para a sua Nathalie. Com seus olhos de peixe morto, esperava apenas uma coisa: a autorização para pular em cima dela.

– Exceto uma vez. Uma única vez, ele dormiu aqui. Eu me lembro, foi em julho, um pouco antes de eu partir para a casa da minha tia.

Mas Sandrine não ouviu nenhum barulho vindo do quarto deles. – E, contudo, eu dormia bem debaixo do quarto.

Ela morde os lábios porque isso quer dizer que ela ficava tentando escutar. Enrubesce-se, não insiste no tema, e eles entenderam. Ela não ouviu

nada e, contudo, teria gostado de ouvir. Nathalie e seu Pascal devem ter feito, já eu não sei como… De pé, talvez. Ou então eles não fizeram nada porque ela não queria. Aquilo, aliás, seria compreensível para Sandrine, aquele Pascal…

– Se fosse eu… – começou ela com ar superior.

O pequeno policial recompõe a história inteira em voz alta. Ele, apesar da altura, não é bobo, é até bem vigoroso. Nathalie e Pascal vão embora, deixando dois meses de aluguel sobre a mesa da cozinha, compras para um mês e mais as coisas que ela não quis levar.

– Coisas? Que coisas? – pergunta ele em seguida.

De repente, ele demonstra grande atenção. Sandrine não conservou nada. Nathalie era duas vezes o tamanho dela e, de qualquer modo, vestia umas coisas tão feias… Não é verdade, há o espelho de aumento no banheiro, mas ela não conta isso para a polícia. Ela o usa para tirar os cravos e os pelos do nariz, mas isso não é da conta deles. Mas ela comenta sobre o resto – ou seja, a cafeteira elétrica, a chaleira em forma de vaca, a cisterna, os livros de Marguerite Duras –, parece que ela só lia aquilo, tinha quase a obra completa.

O rapaz disse:

– Nathalie Granger… É o nome de um personagem de Duras, eu acho.

– Ah é? – perguntou o outro. – De que obra?

O rapaz respondeu, embaraçado:

– Um filme intitulado… *Nathalie Granger*.

O anão bateu na testa como quem diz "como sou burro", mas, na opinião de Sandrine, aquilo foi só para causar efeito.

– É para coletar a água da chuva – explica ela.

Porque o pigmeu volta a perguntar sobre a cisterna. Sandrine pensava naquilo fazia tempo, ela era bem ecológica, e com aquela chuva toda… Há dezenas de metros quadrados de teto sobre aquela casa, é realmente uma pena. Ela falou com a agência que alugou, com o proprietário, sem chance de convencê-los, mas também a ecologia irrita o pequeno policial, é de se perguntar o que lhe interessa.

– Ela a comprou um pouco antes de partir. Eu a descobri ao voltar para casa. Ela deixou um recado, pedia desculpas pela partida precipitada. A cisterna era uma forma de compensação, uma surpresa, se quiser pôr nesses termos.

O nanico acha engraçado o truque da surpresa.

Agora, ele está plantado diante da janela que dá para o jardim, afastando a cortina de musselina. É verdade que aquilo não era muito agradável, aquela espécie de grande reservatório de plástico verde no canto da casa no qual mergulham os canos de zinco. Percebe-se que foi remendado de qualquer jeito. Mas não é isso que ele olha. Ele não ouve mais o que ela está dizendo. Ela está no meio de uma frase quando ele tira o celular do bolso e faz uma ligação:

– Jean? – diz ele. – Acho que encontrei o Trarieux filho.

O tempo passa, Sandrine teve de ligar de volta para o patrão. E é o jovem inspetor que falou com ele mais uma vez. Agora não é mais questão de investigação urgente, ele disse: "estamos colhendo provas". Essa é uma frase ambígua, pois Sandrine trabalha justamente em um laboratório. Como Nathalie. Ambas biólogas, mas Nathalie nunca queria falar de seu trabalho. Ela dizia: "Quando eu vou trabalhar, eu vou trabalhar e ponto!".

E vinte minutos mais tarde, todos se põem a postos. Eles bloquearam a rua, peritos criminais entraram na casa com trajes de astronautas, levaram todo o equipamento para o jardim, maletas, projetores, lonas, esmagaram todas as flores, tiraram as medidas da cisterna e a esvaziaram com precauções inimagináveis. Não queriam que a água espalhasse pela terra.

– Eu sei o que eles vão encontrar – disse o nanico. – Tenho certeza. Posso ir dormir um pouco.

Ele perguntou a Sandrine onde estava o quarto que ocupava Nathalie. Ele se deitou totalmente vestido, não tirou nem os sapatos, ela está certa disso.

O rapaz permaneceu com eles no jardim.

Ele é mesmo um belo rapaz e, realmente, aquelas roupas, aqueles sapatos… E até seu jeito! Sandrine tentou puxar papo de maneira mais pessoal com o tipo de conversa "a casa é muito grande para uma garota sozinha", mas não deu muito resultado.

Está convencida de que aquele policial é homossexual.

Os peritos esvaziaram a cisterna, puseram-na de lado, começaram a cavar, não muito fundo, antes de encontrar um corpo. Enrolado numa lona plástica, como as que se encontram nas lojas de materiais de construção. Aquilo chocou Sandrine, os policiais a afastaram, *não fique aqui, senhorita*. Ela voltou para dentro da casa e olhou pela janela, ao menos ninguém podia proibi-la daquilo. De todo modo, ela estava na casa dela. Ela se sentiu

desconcertada quando tiraram em grupo a lona para colocá-la num estrado: ela teve certeza na hora de que aquele era Pascal.

Ela reconheceu seus tênis.

Quando abriram as dobras da lona, todos se debruçaram sobre o corpo e chamaram uns aos outros para mostrar algo que ela não conseguia ver. Ela abriu a janela para escutar.

Um perito dizia:

– Ah, não, isso não causaria tanto dano assim.

É nesse momento que o anão desceu do quarto.

Ele chegou apressado ao jardim. Em seguida, mostrou-se interessado pelo que estavam comentando sobre o corpo.

Balançou a cabeça extremamente atônito com o que via.

Ele disse:

– Eu concordo com Brichot. Acho que só ácido pode causar isso.

23

Essa é uma corda de um modelo antigo, não é dessas cordas sintéticas e maleáveis como dos navios, mas cânhamo, de diâmetro grosso. Naturalmente, para sustentar uma gaiola como essa.

Há por volta de uma dúzia de ratos. Alex conhece alguns deles, estão lá desde o início. Já os novos, ela não sabe de onde eles vêm, como souberam dela. Eles adotaram a estratégia de grupo. O cerco.

Três ou quatro posicionam-se na gaiola ao lado dos pés dela, dois ou três outros se instalam do outro lado. Na opinião dela, quando eles acharem que é a hora certa, vão pular todos ao mesmo tempo sobre ela, mas por ora algo os detém: a energia de Alex. Ela não para de xingá-los, de provocá-los, de gritar. Eles sentem que existe vida naquela gaiola, resistência, que será preciso lutar. Já há dois ratos mortos no chão. Isso os faz pensar duas vezes.

Eles farejam o sangue constantemente, de pé, com o focinho apontado para a corda. Exaltados, febris, vieram cada um de uma vez arranhar a corda com seus dentes, Alex não sabe como eles se organizam para decidir quem vai vir sorver o sangue da corda.

Ela não se importa. Fez uma nova ferida, dessa vez na parte inferior da panturrilha, perto do calcanhar. Encontrou uma veia limpa, abundante. O mais difícil é afastá-los enquanto molha a corda – que já diminuiu pela metade. É uma corrida contra o relógio entre Alex e a corda, para descobrir qual das duas vai ceder primeiro.

Alex não para de se sacudir, a gaiola balança de um lado para o outro, tornando difícil o trabalho de os ratos decidirem vir acertar as contas. Além disso, ela espera que isso ajude a corda a ceder.

É também porque, se sua estratégia funcionar, será preciso que a gaiola caia sobre uma de suas quinas, e não horizontalmente, para que as tábuas quebrem. Ela se chacoalha o máximo que pode, afasta os ratos, molha a corda. Quando um deles vem roê-la, ela mantém os outros a distância. Alex está extremamente cansada, está morrendo de sede. Desde o começo das tempestades que duraram mais de um dia, ela não sente mais algumas partes do seu corpo, que parecem estar anestesiadas.

O rato grande e cinza fica impaciente.

Há uma hora, ele tem deixado os outros se empanturrarem na corda. Ele não vai mais até ela, passa sua vez para outro.

Explicitamente, não é mais aquilo que o interessa.

Ele encara Alex e solta gritos bastante estridentes.

E, pela primeira vez, ele introduz sua cabeça entre as madeiras e sibila.

Como uma serpente, enrolando os lábios.

O que funciona com os outros não funciona com ele. Alex pode gritar, xingar, ele não se mexe, agarrado com as garras cravadas na madeira para não escorregar por causa do balanço da gaiola.

Ele se segura e a encara fixamente.

Alex também o encara.

Eles são como dois apaixonados juntos num carrossel, olhando-se no fundo dos olhos.

Vem, sussurra Alex sorrindo. Inclinando o quadril com força, ela dá à gaiola todo o impulso que pode, e sorri para o grande rato, plantado acima da sua cabeça. *Vem, papai, vem pra cá, mamãe tem uma coisa pra você…*

24

Foi estranha aquela pequena sesta no quarto de Nathalie. Por que ele sentiu vontade de fazer aquilo? Não faz ideia. Uma escada de madeira que estrala, um patamar com o carpete gasto, um trinco de porta de porcelana, o calor da casa que parece se condensar na parte de cima. Uma atmosfera de

casa de campo, casa de família, com aqueles quartos que são abertos apenas para os convidados, no verão. Fechados no restante do tempo.

Hoje serve como quarto de bagunça. Ela não parece nunca ter tido muita personalidade, o quarto parece um quarto de hotel, um quarto de hóspedes. Alguns adesivos tortos nas paredes, uma cômoda faltando um pé, colocaram um livro no lugar. A cama é macia como um marshmallow, afunda profundamente, é impressionante. Camille se senta, sobe até os travesseiros e, sentado contra a cabeceira da cama, procura sua caderneta, um lápis. Enquanto, no jardim, os peritos extraem a terra ao redor da cisterna, ele esboça um rosto. O seu. Quando era jovem, quando estava se preparando para estudar na escola de belas-artes, ele fez centenas de autorretratos. Sua mãe alegava que aquele era o único exercício de verdade, o único que permite encontrar "a distância adequada". Ela mesma fizera dezenas, resta apenas um, em tinta a óleo, magnífico, mas ele não gosta de pensar naquilo. E Maud tinha razão: o problema de Camille é sempre encontrar a distância adequada, ele sempre está demasiado perto ou demasiado longe. Ou ele mergulha e não enxerga mais nada, debate-se a ponto de se afogar, ou ele se mantém longe, com prudência, e se condena a não entender nada. "Então o que falta é o grão das coisas", diz Camille. Em sua caderneta, o rosto que emerge está emaciado, o olhar, desgarrado, é um homem extenuado pelas adversidades da vida.

Ao redor dele, o teto é inclinado. Viver aqui deve supor curvar a coluna na maior parte dos deslocamentos. Exceto para alguém como ele. Camille rabisca, mas sem convicção, ele se sente enjoado. O coração está pesado. Volta a pensar na cena com Sandrine Bontemps, sua irritação, sua impaciência, às vezes ele é impossível. É que gostaria de acabar logo com esse caso, acabar com ele definitivamente.

Ele não está bem e sabe o porquê. Achar o grão certo.

Há poucos instantes foi o retrato de Nathalie Granger que causou esse efeito nele. Até agora, as fotos do celular de Trarieux não mostravam mais do que uma vítima. Só mais um caso. É a isso que ele havia relegado aquela garota, a um caso de sequestro. Mas, na identificação facial eletrônica da Perícia Criminal, ela se tornou uma pessoa. Uma foto é realidade pura. Um desenho é realidade, a sua realidade, revestida por seu imaginário, seus fantasmas, sua cultura, sua vida. Quando ele estendeu a foto diante do nariz de Sandrine Bontemps, quando viu aquele rosto de ponta-cabeça, como o de uma nadadora, ele lhe pareceu novo naquele ângulo. Será que ela matou o

pateta daquele Pascal Trarieux? É mais que provável, mas pouco importa. No desenho, de ponta-cabeça, ele a achou comovente, ela está presa e só depende dele que ela permaneça viva. O pavor do fracasso o corrói por dentro. Irene, ele não foi capaz de salvar. O que fará com essa aqui? Irá deixá-la morrer também?

Desde o primeiro passo, desde o primeiro segundo desse caso, ele tenta bloquear as emoções que se acumulam por detrás do muro. Mas agora o muro está se desfazendo, brechas se abrem uma a uma, tudo vai desmoronar de uma vez, soterrá-lo, submergi-lo, e ele vai voltar direto para o necrotério, direto para o quadrado chamado "clínica psiquiátrica". O que esboçou então em sua caderneta: uma pedra enorme, um rochedo. Retrato de Camille como Sísifo.[10]

25

A autópsia ocorre na quarta logo cedo, pela manhã. Camille está presente, Louis também.

Le Guen está atrasado, como sempre. Quando ele chegou ao Instituto Médico-Legal, todos já sabem o essencial. Segundo todas as probabilidades, trata-se mesmo de Pascal Trarieux. Tudo corresponde. A idade, o tamanho, os cabelos, a suposta data da morte, sem contar que a moradora da casa jura por Deus que reconheceu seus calçados, mesmo se, daquele modelo, deve haver meio milhão. Será feito um teste de DNA para verificar se é realmente o rapaz desaparecido, mas já é possível se basear no fato de que é ele mesmo e que Nathalie Granger o matou, desferindo-lhe, primeiro, um golpe bastante violento atrás da cabeça com algo que parece com uma picareta (eles recolheram todos os utensílios de jardim encontrados na casa) e, em seguida, esmagando-a a pancadas com uma pá.

– O que mostra que ela realmente estava querendo acertar as contas com ele – diz Camille.

– Sim, uns trinta golpes, por baixo – diz o legista. – Eu poderei lhes passar um número mais preciso um pouco mais tarde. Alguns golpes foram desferidos com a espátula da pá, o que dá a impressão de que o sujeito foi golpeado com um machado afiado.

Camille está satisfeito. Não contente, mas satisfeito. A cena toda corresponde bem ao que ele pressentia. Se fosse com o babaca do juiz, ele faria comentários, mas com seu velho amigo Le Guen, limita-se a piscar o olho e lhe dizer em voz baixa:

– Eu te disse, não via essa garota com bons olhos…

– Vamos fazer análises, mas trata-se de ácido – diz o legista.

O sujeito recebeu umas trinta pancadas de pá. Em seguida, sua assassina, Nathalie Granger, despejou pelo menos um litro de ácido na garganta dele. E, pelos danos, o legista arrisca uma hipótese: ácido sulfúrico concentrado.

– Bem concentrado.

Esses produtos causam bastante dano. A carne derrete numa efervescência borbulhante a uma velocidade proporcional à concentração.

Camille faz a pergunta que tem perturbado todos desde a véspera, desde a descoberta do corpo:

– Nesse momento,Trarieux ainda estava vivo ou já estava morto?

Ele conhece a resposta de praxe, é preciso esperar pelas análises. Mas, dessa vez, o legista está prestativo:

– Se eu julgar pelas marcas que encontramos nos tecidos remanescentes, particularmente no nível dos braços, o sujeito foi amarrado.

Um breve instante de reflexão.

– O senhor quer saber minha opinião? – pergunta o legista.

Ninguém quer saber a opinião dele. Então, isso forçosamente o encoraja:

– Na minha opinião, ela dá algumas pancadas de pá e logo o amarra. Em seguida, desperta-o com o ácido. O que não significa que ele não foi morto a golpes de machado, quando se tem uma técnica que funciona bem… Resumindo, e na minha humilde opinião, o cara passou por maus bocados.

É difícil de imaginar, mas, para os investigadores, nesse momento a técnica e a maneira não fazem grande diferença. Por outro lado, se o legista tiver razão, para a vítima, o fato de estar viva ou morta no momento do ácido é uma diferença que deve ter contado bastante.

– Isso também contará para o júri – diz Camille.

O problema com Camille é que ele não volta atrás. Nunca. Quando tem uma ideia… Le Guen lhe disse um dia:

– Você é mesmo um imbecil! Até os cães fox terrier sabem quando recuar!

– Bela comparação – respondeu Camille. – Por que você não me compara com um basset. Ou melhor, que tal um poodle toy?

Com qualquer outra pessoa, aquilo terminaria em briga.

E Camille demonstra que não vai voltar atrás nesse momento. Desde ontem, Le Guen o vê preocupado, às vezes, pelo contrário, ele parece se enaltecer por dentro. Eles se cruzam nos corredores, Camille mal diz bom-dia. Duas horas mais tarde, ele perambula dentro do escritório do divisionário, incapaz de partir, como se tivesse algo a dizer, mas não conseguisse. Então, enfim, ele sai, como se fosse contra a própria vontade, e olha para Le Guen com ar de rancor. Le Guen tem a paciência que é preciso. Eles saem juntos do banheiro (a imagem dos dois lado a lado nos mictórios é única), e Le Guen diz simplesmente: "Quando você quiser", tradução: "Estou preparado, pode vir que eu aguento".

E agora é a hora. No terraço, um pouco antes de almoçar. Camille desligou o celular para demonstrar que está requisitando a concentração de todos e o colocou sobre a mesa. Os quatro estão presentes: Camille, Le Guen, Armand e Louis. Desde que as tempestades limparam o céu, voltou a fazer um tempo bastante fresco. Armand bebe quase em um só gole todo o seu copo de cerveja e, de garantia, pede logo em seguida um pacote de chips e uma porção de azeitonas na conta de quem for pagar.

– Essa garota é uma assassina, Jean – diz Camille.

– Uma assassina, sim, talvez – diz Le Guen. – Poderemos dizer isso quando tivermos os resultados das análises. Por enquanto, temos apenas especulações. Você sabe disso tão bem quanto eu.

– De todo modo, as especulações são bastante prováveis.

– Talvez você esteja certo, mas… que diferença faz?

Le Guen toma Louis como testemunha. Essa é uma situação muita embaraçosa, mas Louis é um rapaz de família. Ele cresceu nos melhores colégios, tem um tio arcebispo e outro que é deputado de extrema direita, o que quer dizer que aprendeu muito jovem a fazer a distinção entre moral e prática. Teve suas primeiras aulas com jesuítas. Quando se trata de duplicidade, ele está mais do que treinado.

– A pergunta do divisionário me parece pertinente – articula ele calmamente. – Mas que diferença faz?

– Louis, quando eu te conheci, você era mais esperto – diz Camille. – A diferença… é a abordagem!

Todos ficam perplexos. Até mesmo Armand, que, embora estivesse ocupado mendigando um cigarro para a mesa vizinha, vira-se espantado.

– Abordagem? – pergunta Le Guen. – Cacete, Camille, de que diabos você está falando?

– Acho que vocês realmente não estão entendendo – diz Camille.

Normalmente, eles brincam e zombam um do outro, mas, dessa vez, há na voz de Camille uma certa entoação, um eco.

– Vocês não estão entendendo.

Ele pega sua caderneta. Aquela na qual desenha constantemente. Para tomar notas (toma poucas, confia quase tudo à sua memória), ele a vira e escreve no verso das páginas desenhadas. Um pouco à maneira de Armand. Só que Armand também escreveria na lombada. Louis percebe ligeiramente alguns esboços de ratos, Camille continua desenhando extremamente bem.

– Essa garota me interessa muito – explica Camille, com calma. – Muito. Essa história de ácido sulfúrico também me interessa bastante. A vocês não?

E como sua questão não conquista nenhuma adesão manifesta:

– Então eu fiz uma pequena pesquisa. É preciso refiná-la, mas acho que já tenho o essencial.

– Pois bem, desembucha – diz Le Guen, um tanto excedido.

Em seguida, ele pega seu copo de cerveja, esvazia-o de uma vez e levanta o braço na direção do garçom para lhe pedir a mesma coisa. Armand faz um sinal pedindo o mesmo.

– No dia 13 de março do ano passado – diz Camille –, um tal Bernard Gattegno, quarenta e nove anos, é encontrado num quarto de um hotel Fórmula 1 perto de Étampes.[11] Absorção de ácido sulfúrico concentrado em 80%.

– Oh não… – diz Le Guen, horrorizado.

– Tendo em vista o contexto conjugal, levantou-se a hipótese de suicídio.

– Esqueça isso, Camille.

– Não, não, espere, é engraçado, você vai ver. Oito meses mais tarde, no dia 28 de novembro, assassinato de Stefan Maciak, dono de um café em Reims.[12] Seu corpo é encontrado pela manhã no seu estabelecimento. Conclusão da autópsia: espancado e torturado com ácido sulfúrico, a mesma concentração. Também pela garganta. Montante do roubo, um pouco mais de dois mil euros.

– Você vê uma garota fazendo isso? – pergunta Le Guen.

– E você? Você se suicidaria com ácido sulfúrico?

– Mas que diabo tem isso a ver com o nosso caso? – brada Le Guen, batendo com o punho sobre a mesa.

Camille levanta as mãos em sinal de redenção.

– Ok, Jean, ok.

Em meio a um silêncio sepulcral, o garçom serve a cerveja de Le Guen, de Armand e enxuga a mesa, erguendo os demais copos.

Louis sabe muito bem o que vai acontecer, ele poderia escrever num envelope e o esconder em algum lugar no café, como nos espetáculos de *music hall*. Camille vai voltar a atacar. Armand termina seu cigarro com deleite – ele nunca comprou cigarros.

– Só uma coisa, Jean…

Le Guen fecha os olhos. Louis ri, mas por dentro. Na presença do divisionário, Louis só ri por dentro, é uma regra. Armand segue a corrente, ele sempre está pronto para apostar todas as suas fichas em Verhoeven.

– Esclareça-me uma coisa – diz Camille. – Em sua opinião, não houve um único caso de homicídio com ácido sulfúrico há… há quanto tempo?

Ele propõe a Le Guen adivinhar, mas o divisionário não está com muita disposição para jogos nesse momento.

– Há onze anos, meu caro! Estou falando de casos não solucionados. Há de fato, de tempos em tempos, alguns engraçadinhos que recorrem a isso, mas eles o usam como complemento, é como um toque final para a obra de arte. Esses, nós achamos, prendemos, atordoamos, julgamos, enfim, a nação atenciosa e vingativa não tolera e exige sua captura. Quando se trata de ácido sulfúrico concentrado, nós, a polícia democrática, há onze anos somos infalíveis e intransigentes.

– Como você é chato, Camille – suspira Le Guen.

– Certamente, meu caro divisionário, entendo sua indignação. Mas fazer o quê, como dizia Danton: “Os fatos são teimosos!”. E eis os fatos!

– Lênin – diz Louis.

Camille se vira, irritado.

– O que tem Lênin?

Louis afasta sua mecha, com a mão direita.

– “Os fatos são teimosos!” – arrisca Louis, embaraçado. – Isso é Lênin, não Danton.

– Que diferença faz?

Louis enrubesce. Ele decide dizer algo, mas não dá tempo, Le Guen é mais rápido:

– Exatamente, Camille! Esses seus casos de ácido há dez anos, que diferença faz? Hein?

Ele está furioso, sua voz ecoa pelo terraço, mas as fúrias shakespearianas de Le Guen impressionam apenas aos outros clientes. Já Camille, modesto, olha calmamente seus pés que oscilam a quinze centímetros do betume.

– Não são dez anos, meu caro comissário, são onze.

Entre as críticas que se pode fazer a Camille, uma delas é que, de tempos em tempos, ele tem um comedimento um pouco teatral, um pouco raciniano, pode-se dizer.

– E temos dois deles em mãos em menos de oito meses. Ambos homens. Agora, com o caso Trarieux, você já pode contar três.

– Mas…

Louis diria que o divisionário "eructa" – esse rapaz tem realmente um vocabulário amplo.

Só que, nesse instante, o divisionário reclama pouco, pois ele não tem muito a dizer.

– Qual é a relação com essa garota, Camille?

Camille sorri:

– Finalmente uma boa pergunta.

O divisionário se limita a algumas sílabas:

– Você é muito chato…

Para demonstrar seu abatimento, ele se levanta, *vamos ver isso depois*, gesto vago, *talvez você tenha razão, mas depois, depois*. Quem não conhece Le Guen diria que ele está farto. Ele lança um punhado de moedas sobre a mesa e, ao sair, levanta a mão como um juiz fazendo um juramento*, até mais a todos*. Eles o veem de costas, largo como um caminhão, e ele distancia-se com um passo pesado.

Camille suspira, sempre se está errado ao se ter razão cedo demais. *Mas eu não estou enganado*. Ao pensar isso, ele bate em seu nariz com o indicador, como se, diante de Louis e Armand, fosse necessário deixar claro que, em geral, ele tem um bom faro. O único problema é que esse é o momento errado. Por enquanto, a garota é uma vítima, nada mais. E não a achar, quando se é pago para isso, já é mais que uma falha; logo, sustentar que ela seria uma homicida reincidente não é uma defesa muito eficiente.

Eles se levantam e deixam o restaurante. Armand fila um pequeno charuto, afinal seu vizinho de mesa não tinha mais que aquilo. Os três deixam o terraço e caminham em direção ao metrô.

– Eu reagrupei as equipes – diz Louis. – A primeira…

Camille o interrompe, pondo a mão abruptamente em seu antebraço, como se tivesse acabado de descobrir uma cobra aos pés. Louis levanta a cabeça; Armand, com as orelhas erguidas, também escuta. O gesto de Camille não foi em vão, é mesmo como se eles estivessem na selva. Os três homens se entreolham, sentem o betume vibrar sob os pés ao ritmo de batidas surdas e profundas. Num mesmo movimento, eles se viram, prontos para qualquer eventualidade. Diante deles, a uns vinte metros, uma massa monumental avança a uma incrível velocidade. O paquidérmico Le Guen corre ao encontro deles. As abas de seu casaco alargam ainda mais sua enorme envergadura, ele está com o braço erguido para o alto segurando o celular. Camille tem o reflexo de procurar o seu, mas lembra que o desligou. Não tem tempo nem de fazer um gesto nem de se afastar, Le Guen já está na frente deles e dá vários passos para frear, mas a trajetória está bem calculada, ele para exatamente diante de Camille. Curiosamente, ele não está ofegante. Aponta para o seu celular.

– Acharam a garota. Ela está em Pantin.[13] Corra para lá!

O divisionário voltou para a Brigada, pois tem mil coisas por fazer. É ele também quem liga para o juiz.

Louis dirige com calma, mas a uma velocidade insana, e em alguns minutos eles chegam ao local.

O antigo depósito parece situado à beira do canal como uma gigantesca fortificação industrial, metade navio, metade usina. É um edifício ocre. Do lado do navio, é quadrado com largas passagens exteriores que, a cada andar, passam ao longo das quatro fachadas do edifício. Já do lado da usina, há grandes aberturas equipadas com vitrais altos e estreitos, cerrados uns junto aos outros. Uma obra-prima da arquitetura de concreto dos anos 1930. Um monumento imperial cujas letras, hoje bastante apagadas, ainda registram: SIDERÚRGICAS EM GERAL.

Tudo ao redor já foi demolido. Resta apenas esse edifício, talvez destinado à restauração. Pichado de cima a baixo com imensas letras

brancas, azuis, laranjas, impermeável às tentativas de demolição, ele continua a reinar sobre o cais, imperturbável, como aqueles elefantes da Índia que são decorados dos pés à cabeça para as festas e que seguem sua marcha pesada e misteriosa sob serpentinas e bandeirolas. Na noite anterior, dois jovens grafiteiros conseguiram escalar até a passagem do primeiro andar, tarefa que se considerava impossível desde que todos os acessos foram murados, mas, para aqueles caras, isso não é grande coisa. Bem cedo pela manhã, eles estavam dando os toques finais em sua obra quando um deles olhou de relance pela vidraça quebrada através da qual viu de forma clara, balançando perigosamente, um caixote suspenso no ar com um corpo dentro. Eles avaliaram os riscos durante a manhã toda antes de ligar anonimamente para o comissariado. Foram necessárias menos de duas horas para achá-los a fim de que prestassem satisfação sobre suas atividades noturnas.

Eles ligaram para a Brigada Criminal e para os bombeiros. O edifício está fechado há anos, a empresa que o comprou murou todas as entradas com cimento. Enquanto uma equipe leva uma grande escada em direção às passagens, outra começa a derrubar, a golpes de marreta, um muro fechado a tijolos.

Além dos bombeiros, já há bastante gente do lado de fora, policiais de uniforme, outros à paisana, viaturas, giroflex e um público curioso, que não se sabe de onde veio, mas está interessado e logo começa a ser contido com barreiras de obras encontradas no local.

Camille desce rapidamente da viatura e nem precisa mostrar seu distintivo. Quase vai para o chão ao escorregar entre os entulhos, pedaços de tijolos quebrados, mas equilibra-se no momento certo, observa por um instante os bombeiros demolidores e diz: – Esperem!

Ele se aproxima. Um capitão dos bombeiros avança, por sua vez, para proibir a passagem. Camille não lhe deixa tempo para proibir nada, o buraco permite passar um homem exatamente do seu tamanho, e ele entra dentro do edifício. Para permitir a entrada dos outros, serão necessárias ainda algumas marretadas.

O interior está totalmente vazio, as grandes salas são banhadas por uma luz difusa, esverdeada, que desce, como poeira, pelos vitrais e pelas janelas estilhaçadas. É possível ouvir goteiras, o estalo de chapas mal afixadas em

algum lugar no andar, cujo eco repercute pelos imensos espaços vazios. Canais de água serpenteiam entre seus pés. Realmente, esse tipo de lugar é de dar arrepios. É impressionante, parece uma catedral abandonada com um clima triste de fim de reino industrial e cujas atmosfera e luz parecem-se bastante com as das fotos da garota. Atrás de Camille, as marretas continuam a golpear e a derrubar os tijolos, como o alarme de um sino.

Camille imediatamente grita bem alto:

– Tem alguém aí?

Ele espera um segundo e, então, começa a correr. A primeira sala é bem grande, quinze ou vinte metros de extensão, com um teto bastante alto, talvez quatro ou cinco metros de altura. O solo está banhado de água, as paredes transpiram, uma umidade densa e glacial reina no ambiente. São salas destinadas à armazenagem que ele atravessa correndo, mas antes mesmo de chegar à abertura que conduz à sala seguinte, ele sabe que é ali.

– Tem alguém aí?

Camille sente bem que sua voz não é mais a mesma. Faz parte do ofício, quando se chega à cena de um crime há uma forma de tensão especial, que é sentida no estômago e ouvida na voz. E o que desencadeou esse novo estado de espírito, tenso, é um odor, imerso nas correntes de um ar frio que rodopia. Aquilo fede a carne em decomposição, a urina, a merda.

– Tem alguém aí?

Ele corre. Passos precipitados se fazem ouvir, ao longe, as equipes por sua vez conseguem se infiltrar no edifício. Camille entra na segunda sala. Então, com os braços balançando, planta-se diante da cena.

Louis acabou de chegar ao seu lado. A primeira coisa que ele ouve de Camille é essa exclamação:

– Minha nossa…

A gaiola de madeira chocou-se contra o chão, tábuas foram arrancadas. É provável que elas tenham se quebrado primeiro com a queda, e a garota tenha terminado o trabalho com força. O odor de putrefação vem de ratos mortos, três, dos quais dois deles foram esmagados pelo caixote. Estão cheios de moscas. Há alguns excrementos semissecos em sacolas a alguns metros do caixote. Camille e Louis levantam os olhos e verificam que a corda foi roída, não se sabe com o quê. Uma das extremidades permanece atada à polia fixada no teto.

Há também muito sangue pelo chão.

E nenhum rastro da garota.

Os policiais que acabam de chegar partem à sua procura.

Camille balança a cabeça, cético, ele acha que é inútil.

Ela evaporou.

No estado em que se encontrava…

Como será que ela fez para se libertar? As análises dirão. Por onde e como será que ela saiu? Os peritos descobrirão. Eis o resultado: a garota que eles acreditavam que salvariam, salvou-se sozinha.

Camille e Louis permanecem silenciosos e, enquanto ordens e instruções são gritadas por uns e outros e ecos de passos acelerados ressoam pela grande sala, eles observam, imóveis, aquele estranho fim de ato.

A garota desapareceu e não é à delegacia de polícia que ela foi, como teria feito qualquer refém libertado subitamente.

Ela matou, alguns meses atrás, um homem a pancadas de pá e derreteu metade da sua cabeça com ácido sulfúrico antes de enterrá-lo num jardim dos subúrbios.

Somente uma série de circunstâncias permitira encontrar aquele corpo, o que faz perguntar se ainda há outros.

E quantos.

Principalmente depois que duas outras mortes similares foram assinaladas e que Camille apostaria tudo que elas têm ligação com a de Pascal Trarieux.

Pela forma com a qual a garota conseguiu se libertar daquela situação desesperadora, percebe-se que ela não é qualquer uma.

É preciso encontrá-la

Não se sabe quem é ela.

– Tenho certeza – comenta sobriamente Camille – de que agora o divisionário Le Guen vai enxergar melhor a extensão do nosso problema.

Sudoeste de Paris, no 14º distrito. (N. T.)

Norte de Paris, no 18º distrito. (N. T.)

Sudoeste de Paris, no 15º distrito. (N. T.)

Termo alemão que significa “o motivo condutor”. (N. E.)

Localizado no centro de Paris, portanto, no centro do mapa. (N. T.)

Na França, o sistema judiciário designa um juiz de instrução para acompanhar as investigações. Ele pode interrogar suspeitos e vítimas, bem como contribuir na administração do processo em diversos segmentos. Uma

vez que haja evidências em torno do acusado, o caso é transferido para o procurador. (N. T.)

Recherche Assistance Intervention Dissuasion (Pesquisa Assistência Intervenção Dissuasão). Corpo de elite da polícia francesa fundado em 1985 e reservado a assistir a polícia nacional e a operações especiais, como libertação de reféns, prisão de criminosos de alto risco, combate antiterrorista etc. (N. T.)

Cidade situada a dezesseis quilômetros do centro de Paris, ao sudeste da cidade. (N. T.)

Cidade situada ao leste, a vinte quilômetros do centro de Paris. (N. T.)

Narrativa grega mítica na qual Sísifo é condenado a um trabalho eterno – arrastar uma pedra morro acima, a qual sempre rola montanha abaixo ao fim do dia – como punição por tentar enganar os deuses. (N. E.)

Comuna francesa situada a mais ou menos 50 quilômetros ao sul de Paris. (N.T.)

Comuna situada ao nordeste da França, na região da Champanha-Ardenas, a mais ou menos 140 quilômetros de Paris. (N. T.)

Zona periférica ao nordeste de Paris. (N. T.)

SEGUNDA PARTE

26

Alex, entorpecida pelo cansaço, não tem sequer tempo de perceber o que realmente aconteceu.

Usando as últimas forças que lhe restavam, ela sacudiu a gaiola com tanta intensidade, a uma distância tão longa, que os ratos, apavorados, paralisados, agarravam-se pelas garras. Alex gritava continuamente. Na ponta da corda, o caixote girava de um lado para o outro em meio à corrente de ar gelado que rodopiava pela sala, como a cabine de um brinquedo de parque de diversões no momento de um acidente trágico.

O golpe de sorte de Alex, o que vai salvar sua vida, é que a corda cede no momento em que uma aresta da gaiola está apontando para baixo. Os olhos fixos na corda que se desfia, Alex vê os últimos fios romperem um a um, o cânhamo parece se contorcer de dor e, de uma vez, o caixote voa. Com o peso, sua trajetória é fulgurante, algumas frações de segundo, só o tempo de Alex contrair todos os músculos para resistir à aterrissagem. O choque é extremamente violento, o canto projetado parece querer cravar no solo de concreto, o caixote treme por um breve instante antes de desmoronar com um suspiro de alívio ensurdecedor. Alex está espremida contra a tampa. Logo no primeiro segundo, os ratos se dispersaram. Duas tábuas se romperam, mas nenhuma cedeu totalmente.

Alex, atordoada pelo choque, sofre para voltar à superfície, para tomar consciência, mas a informação fundamental chega ao seu cérebro: funcionou. O caixote caiu. Espatifou-se. Uma tábua da lateral se rompeu em duas partes, talvez aquele espaço seria largo o suficiente para passar. Alex está sofrendo de hipotermia, é de se perguntar de onde ela tira energia. Contudo, de tanto empurrar com as pernas, de puxar com seus braços gritando, subitamente o caixote abandona a luta. Sobre ela, a tábua de madeira cede. É como se o céu se abrisse por inteiro, tal como o mar Vermelho, na Bíblia.

Essa vitória a deixa louca. Ela fica tão submersa pela emoção, pelo alívio, pelo sucesso dessa estratégia sem sentido, que em vez de se levantar, de partir, ela permanece dentro da gaiola, consternada, soluçando. Impossível se conter.

O cérebro lhe envia então um novo sinal: partir. Depressa. Os ratos não vão voltar a ameaçá-la tão cedo, mas e Trarieux? Ele não aparece há muito tempo, e se ele surgisse agora?

Portanto, sair, vestir-se, partir dali, fugir, fugir.

Ela começa a estender o corpo. Esperava por uma libertação, mas é um suplício. O corpo todo está rígido, impossível se levantar, estender uma perna ou se apoiar com o braço, encontrar uma posição normal. Ela é uma bola rígida de músculos paralisados. Não tem mais nenhuma força.

Pôr-se de joelhos lhe exige um, dois minutos. Parece impossível de tão doloroso. Então ela chora por causa de sua limitação, faz força gritando, bate furiosamente com o punho no caixote. O esgotamento a derruba, ela cai novamente, enrolada como uma bola, congelada, esgotada. Paralisada.

É que lhe falta coragem e vontade pura para recomeçar. Faz esforços exaustivos, xingando o céu, para estender o corpo, ajeitar o quadril, girar o pescoço… Uma luta, Alex condenada contra Alex viva. Pouco a pouco, o corpo desperta. Dolorosamente, mas ele desperta. Alex, estagnada, consegue finalmente se agachar, passa, centímetro por centímetro, uma perna por cima do caixote, depois a outra e, do outro lado, mais uma vez, desaba. O choque é duro, mas ela pousa sua bochecha com deleite sobre o concreto frio e úmido, recomeça a soluçar.

Alguns minutos depois, ela rasteja de quatro e apanha um pano, cobre os ombros com ele, avança em direção às garrafas de água, pega uma delas e a bebe quase por inteiro. Ela retoma o fôlego, deita-se enfim sobre as costas. Faz dias e dias (quantos exatamente?) que espera por aquele instante, dias em que ela se resignou a nunca mais viver. Permanecer assim até o fim do mundo, sentindo a circulação retomar o curso, o sangue esquentar, as articulações se reanimarem, os músculos despertarem. Tudo é doloroso. É o que devem sentir os alpinistas congelados quando são encontrados ainda com vida.

O cérebro, funcionando em segundo plano, lança mais uma vez a informação: *e se ele chegar?* Partir, depressa.

Alex confere. Todas as suas roupas estão ali. Todas as suas coisas, sua bolsa, seus documentos, seu dinheiro e até mesmo a peruca que ela estava usando naquela noite, ele a largou ali com todo o resto. Ele não pegou nada. Ele não quer mais que a vida dela, enfim, sua morte. Alex tateia ao seu redor, apanha as roupas, suas mãos tremem de fraqueza. Ela não para de olhar inquieta para todos os lados. Antes de qualquer coisa, para o caso de

ele ressurgir, tenta encontrar algo para se defender. Ela, então, mexe febrilmente nas ferramentas espalhadas, encontra um pé-de-cabra usado para abrir caixotes. Em que momento ele estava pensando em usá-lo? Quando ela estivesse morta? Para enterrá-la? Alex o deixa ao seu lado. Ela nem se dá conta de quão derrisória é a situação; se Trarieux chegasse, ela estaria tão frágil que seria incapaz de erguer a ferramenta.

No momento de se vestir, ela de repente toma consciência de seu próprio odor, repulsivo, de urina, de merda, de vômito e um hálito podre. Abre uma garrafa, depois outra, esfrega-se vigorosamente, mas seus gestos são lentos. Lava-se como pode, enxuga-se, seus membros reencontram lentamente sua função. Ela se aquece, esfregando-se com uma lona abandonada ali e com panos sujos. Certamente, nenhum espelho, impossível ver qual é sua aparência. Ela deve ter um espelho em sua bolsa, mas novamente seu cérebro soa o alarme. Último aviso: *some daqui, cacete, dê o fora daqui*. Imediatamente.

As roupas no mesmo instante lhe transmitem uma sensação de calor. Como seus pés estavam inchados, os sapatos lhe causam dor. Ela fica de pé com dificuldade, é forçada a tentar se levantar duas vezes, apanha sua bolsa, desiste de levar o pé-de-cabra, sai mancando, com a impressão de que certos movimentos nunca mais serão possíveis, como estender totalmente as pernas, girar completamente a cabeça, endireitar-se de fato. Ela avança semi-curvada como uma velha.

Trarieux deixou pegadas que ela não deve senão segui-las de um cômodo a outro. Ela procura com os olhos onde pode estar a saída que ele utiliza. No primeiro dia, quando tentou escapar e ele a apanhou diante da parede de tijolos, eis o que ela não tinha avistado. Ali, no canto da parede, aquela porta de metal de um alçapão sobre o chão. Um liame de arame serve de maçaneta. Alex tenta erguê-la. Desespero. Ela puxa com todas as forças, a porta do alçapão não se move nem um milímetro. As lágrimas remontam aos olhos mais uma vez, um gemido surdo lhe sai do estômago, ela tenta de novo, nada a fazer. Alex olha ao seu redor, procura algo. Ela já sabe que não há outra saída, eis porque ele não correu para apanhá-la naquela noite. Sabia que, mesmo se ela chegasse até o alçapão, não conseguiria levantar a porta. A raiva lhe sobe, uma raiva violenta, assassina, uma raiva sombria. Alex grita e se põe a correr. Ela corre desajeitadamente, como uma deficiente física. Recua, de longe. Os ratos que arriscaram se aproximar a veem correr em direção a eles e partem em disparada. Alex apanha o pé-de-

cabra, três tábuas quebradas e consegue carregá-las, pois ela nem se pergunta se tem força para aquilo, sua mente está em outro lugar. Quer sair e nada, absolutamente nada poderá impedi-la. Ela sairá dali, nem que seja morta. Enfia a extremidade do pé-de-cabra na fenda do alçapão e coloca todo o seu peso em cima. Quando a porta do alçapão cede um espaço de alguns centímetros, com o pé, ela empurra a tábua deitada por baixo, ergue de novo e insere uma segunda tábua, corre para buscar outros pedaços de madeira, volta e, pouco a pouco, ela consegue prender o pé-de-cabra em posição vertical embaixo da porta do alçapão. O espaço aberto deve ser de quarenta centímetros, um espaço exíguo para passar o corpo, correndo o risco de que esse equilíbrio instável ceda brutalmente e que a porta do alçapão caia sobre ela e a esmague.

Alex para, escuta seu cérebro com a cabeça inclinada. Dessa vez, nenhum aviso chega, nenhum conselho. Ao menor deslize, ao menor tremor, se seu corpo tocar o pé-de-cabra e o derrubar, a porta do alçapão desaba. Ela leva um pouco menos de um segundo para jogar sua bolsa dentro do alçapão, ela a ouve fazer um barulho macio ao cair. Aquilo não parece muito fundo. Enquanto pensa isso, Alex já está deitada e, milímetro por milímetro, desliza sob a porta do alçapão. Faz frio, mas ela transpira bastante quando a ponta do seu pé, logo atrás dela, sente um apoio, é um degrau. Ela termina de se infiltrar pelo buraco, segura com os dedos na beirada quando, ao virar a cabeça, faz o falso movimento que temia: o pé-de-cabra escorrega com um grito estridente e a porta do alçapão desaba brutalmente com um barulho infernal. Num reflexo que se mede em nanossegundos, retira seus dedos. Alex fica paralisada. Ela está de pé sobre um degrau, no escuro quase completo. Está inteira. Quando seus olhos conseguem se habituar, ela apanha sua bolsa alguns degraus abaixo, permanece em apneia, vai sair dali, vai conseguir, não consegue acreditar… Mais alguns degraus, então uma porta de ferro bloqueada com um pedregulho que ela leva um tempo infinito para empurrar, pois não tem mais forças. Depois um corredor que fede a urina, uma segunda escada tão escura que ela a percorre passando as mãos na parede, como uma cega, guiada por um feixe de luz. Foi nessa escada que ela bateu a cabeça quando ele a trouxe aqui e onde ela desmaiou. E, bem ao final, há três barras que Alex sobe uma após a outra, em seguida, mais um pequeno túnel, uma espécie de duto que leva até a uma pequena chapa de aço embutida verticalmente na parede. A luz do exterior mal atravessa a barreira e Alex

tem que passar seus dedos ao redor da placa para compreender de que maneira ela está fixada. Está apenas encaixada. Alex tenta puxá-la em sua direção, não é muito pesada. Retira-a com cautela e a põe ao seu lado.

Eis o lado de fora.

O ar fresco da noite chega imediatamente até ela, tem um cheiro doce, a refrescante umidade da noite, um cheiro de água do canal. A vida que remonta, um pouco de luz. Aquela chapa dissimulava uma abertura da parede, junto ao chão. Alex sai e se vira imediatamente para ver se pode colocá-la de volta, mas desiste, não é mais necessário tomar precauções. Contanto que parta rápido, logo. Tão rápido quanto lhe permitirem seus membros rígidos e dolorosos. Ela se afasta da abertura.

Um cais deserto a uns trinta metros. Não muito longe, pequenos imóveis residenciais quase todos com as janelas iluminadas. Os sons abafados de um bulevar que deve passar por trás, não muito longe.

Alex começa a andar.

Agora ela está no bulevar. Com o cansaço, não poderá andar por muito tempo, tanto que, tomada por uma vertigem, ela é obrigada a se segurar num poste de luz para não cair.

Parece muito tarde para esperar qualquer transporte que seja. Ou não. Eis ali um ponto de táxi.

Deserto e, de toda forma, muito arriscado, sussurram os poucos neurônios ainda em atividade. Para ser encontrada, nada mais fácil.

Só que esses neurônios são incapazes de lhe sussurrar uma solução melhor.

27

Quando há, como nessa manhã, muita coisa para se fazer e fica difícil de se classificar as prioridades, Camille alega que “o mais urgente é não fazer nada”. É uma variante do seu método, que consiste em abordar os casos com o máximo de recuo. Na época em que dava aulas na Academia de Polícia, ele mencionava esse método de sobrevoo sob o nome de “técnica aérea”. Vindo de um homem de um metro e quarenta e cinco, a expressão poderia fazer rir, mas ninguém nunca ousou.

São seis horas da manhã, Camille já acordou, banhou-se e tomou café. Sua toalha está perto da porta e ele está de pé, Doudouche, sobre um braço. Com uma mão, ele esfrega as costas dela, os dois olham pela janela.

Seus olhos topam com o envelope do leiloeiro que ele enfim decidiu abrir na noite passada. Aquele leilão é o último ato da sucessão do seu pai. Sua morte não foi tão dolorosa, não. Na ocasião, Camille ficou transtornado, balançado, depois sentiu pena, tristeza, mas a morte do seu pai não foi um cataclismo. Ela causou danos circunscritos. Com seu pai, tudo era sempre terrivelmente previsível, sua morte de fato não foi uma exceção. Se Camille não conseguiu até ontem abrir aquele envelope, é porque o seu conteúdo marca o último ato de uma era inteira da sua vida. Logo ele fará cinquenta anos. Ao seu redor, todo mundo está morto, sua mãe, depois sua esposa, agora seu pai; ele não terá filhos. Nunca havia imaginado que seria a última alma viva de sua vida. Eis o que o perturba: a morte do seu pai encerra uma história que, no entanto, não terminou. Camille continua aqui, bastante abatido, mas de pé. Só que sua vida agora pertence apenas a ele, ele é o único detentor e o único beneficiário. Quando nos tornamos o personagem principal da própria vida, ela já não é mais muito interessante. O que faz Camille sofrer não é somente esse estúpido complexo de sobrevivente, é sentir-se submetido a tal lugar-comum.

O apartamento do seu pai foi vendido. Não restam mais que umas quinze telas de Maud que o senhor Verhoeven havia conservado.

Sem falar do ateliê. Camille é incapaz de ir até lá, é o ponto de encontro de todos os seus sofrimentos, sua mãe, Irene… Não, ele é incapaz, nunca poderá nem subir os quatro degraus, empurrar a porta, entrar, não, jamais.

Quanto às telas, ele reuniu toda a sua coragem. Entrou em contato com um amigo de sua mãe, que havia feito escola de belas-artes junto com ela; ele aceitou fazer o inventário das obras. O leilão acontecerá no dia 7 de outubro, tudo já está arranjado. Ao abrir o envelope, Camille teve diante dos olhos a lista de telas em oferta, o lugar, a hora, o programa da noite inteiramente consagrado à obra de Maud, com testemunhos e discursos de reminiscências.

De início, para não conservar consigo nenhuma das telas de sua mãe, ele criou diversas teorias. A mais impressionante relata que dispersar a obra da sua mãe é prestar-lhe homenagem. “Eu mesmo, para ver uma de suas telas, terei de ir ao museu”, explicava ele então com uma mistura de satisfação e seriedade. Certamente, aquilo é uma bobagem. A verdade é que ele adorou

sua mãe além de qualquer medida e que, desde que ficou só, irrompeu nele a ambivalência desse amor, mistura de admiração e de rancor, de amargura e de ressentimento. Esse amor marcado por hostilidade e tão velho quanto ele, mas, para viver em paz hoje, ele precisa se desprender de tudo isso. A pintura era a maior causa da sua mãe, sacrificou por ela a sua vida e, com sua vida, sacrificou também a de Camille. Não por completo, não, mas a parte que ela sacrificou tornou-se o destino de seu filho, como se ela tivesse pensado em fazer um filho sem imaginar que ele seria uma pessoa. Camille não vai se desfazer de nenhum fardo, quer apenas se livrar de um peso.

Dezoito telas, abrangendo principalmente os dez últimos anos de Maud Verhoeven, vão ser vendidas. Todas elas são pinturas puramente abstratas. Diante de algumas, Camille tem a mesma sensação que diante das telas de Rothko,[14] é como se a cor vibrasse, palpitasse – é preciso sentir isso para saber o que é pintura viva. Duas telas ganharam maior preferência do público, irão para museus, duas telas do extremo fim da sua vida, que gritam a dor, pintadas na fase terminal do câncer de Maud e que são o apogeu da sua arte. O que Camille poderia talvez ter conservado é um autorretrato que ela fez por volta dos trinta anos. Ele revela um rosto infantil e preocupado, quase sério. A imagem olha para além de quem o olha, há algo de ausente naquela pose; é uma junção bastante elaborada de feminilidade adulta e ingenuidade infantil, como se verifica no rosto daquelas mulheres outrora juvenis e ávidas por ternura, hoje corroídas pelo álcool. Irene gostava muito daquela pintura. Um dia, ela a fotografou para Camille, a foto, formato 10x13, continua sobre sua mesa, com o pote de vidro para os lápis que Irene, sempre ela, havia lhe dado de presente – e essa é a única coisa realmente íntima que Camille conservou em seu ambiente profissional. Armand sempre olhou para aquela foto com um olhar apaixonado, é a única pintura de Maud Verhoeven que ele compreende, pois ela é suficientemente figurativa. Camille prometera a si mesmo dar a ele aquela reprodução um dia, mas ele nunca cumpriu a promessa. Até mesmo esse quadro, ele incluiu na venda. Quando a obra de sua mãe estiver finalmente dispersa, talvez ele venha a ter paz, talvez possa finalmente vender o último elo dessa corrente que não se conecta a mais nada: o ateliê de Montfort.

O sono veio com outras imagens, bem mais peremptórias e atuais, as daquela garota enjaulada que se libertou. São sempre imagens de morte, mas de morte por vir. Ele não sabe dizer de onde vem isso, mas teve a

certeza intrínseca, diante do espetáculo daquele caixote despedaçado, dos ratos mortos, dos rastros daquela fuga, que tudo aquilo mascara outra coisa, que por trás daquilo há ainda mais morte.

Lá embaixo, a rua já despertou. Para alguém que, como ele, dorme pouco, tanto faz, mas Irene nunca poderia ter vivido ali. Por outro lado, aquele é o grande espetáculo da Doudouche, ela pode ficar horas observando através do vidro o movimento dos barcos manobrando no canal. Quando o tempo permite, ela tem o direito de se instalar sobre o apoio da janela.

Camille só sairá de casa quando as coisas estiverem claras em sua mente. E, por enquanto, as questões proliferam.

O depósito de Pantin. Como Trarieux o achou? Isso é importante ou não? Desativado há anos, o imenso galpão nunca foi invadido, os sem-teto não o ocuparam. Sua insalubridade provavelmente desencorajou as iniciativas, mas, principalmente, a única entrada possível, uma chapa bastante estreita situada quase ao nível do chão, obriga a tomar um caminho longo que torna difícil o transporte do equipamento necessário para alguém se instalar. Talvez seja por essa razão que Trarieux construiu uma gaiola tão pequena, o limite da extensão das tábuas que ele poderia passar por ali. Imagina-se também o que deve ter sido o transporte da garota. Ele teve que se mostrar extremamente determinado. Estava disposto a consumir aquela garota o tempo que fosse necessário para que ela confessasse onde havia metido seu filho.

Nathalie Granger. Eles sabem que esse não é o seu nome, mas continuam a chamá-la assim, por falta de opção. Camille prefere dizer “a garota”, mas nem sempre consegue. Entre um nome falso e nenhum nome, o que escolher?

O juiz aceitou dar busca por ela. Contudo, até que se prove o contrário, aquela que certamente liquidou Trarieux com pancadas de cabo de picareta e quase arrancou sua cabeça com ácido sulfúrico só é procurada como testemunha. Sua colocatária de Champigny a reconheceu formalmente na identificação facial eletrônica, mas o Tribunal precisa de provas materiais.

No depósito de Pantin, eles colheram amostras do sangue, dos cabelos e de todos os tipos de matérias orgânicas que confirmarão logo que se trata mesmo da garota cujos indícios foram encontrados no furgão de Trarieux. Ao menos, esse ponto estará resolvido. *Mas isso não é grande coisa*, pensa Camille.

Única solução para continuar seguindo esta pista é reabrir os dossiês dos dois homicídios com ácido sulfúrico concentrado encontrados nos arquivos recentes, ver se é possível relacioná-los ao mesmo assassino. Apesar do ceticismo do divisionário, a convicção de Camille é absoluta: são obras do mesmo assassino e trata-se de uma assassina. Os arquivos devem chegar essa manhã, ele os encontrará na Brigada ao chegar.

Camille medita um instante sobre aquele casal. Nathalie Granger e Pascal Trarieux. Um crime passional? Se for o caso, ele o imaginaria antes no sentido inverso, Pascal Trarieux, dominado por uma furiosa crise de ciúmes ou não suportando ser deixado, assassina Nathalie, ato irrefletido, loucura súbita… Acidente? Difícil acreditar quando se considera a maneira como as coisas aconteceram. O pensamento de Camille não consegue se concentrar muito nessas hipóteses, alguma outra coisa percorre sua mente enquanto Doudouche começa a arranhar a manga do seu casaco. É a maneira como a garota deixou o depósito. O que será que aconteceu exatamente?

As análises dirão de que maneira ela conseguiu soltar o caixote suspenso, mas depois, uma vez do lado de fora, o que ela fez?

Camille tenta imaginar a cena. E no seu filme, falta uma sequência.

Eles sabem que a garota recolheu suas roupas. Identificaram o rastro dos seus sapatos até o duto que leva à saída. Certamente são os que ela estava usando quando Trarieux a sequestrou, pois é bem pouco provável que seu carcereiro tivesse lhe trazido novos calçados. *Ora, ele bateu naquela garota, ela se defendeu, ele a arremessou amarrada em seu furgão. Em que estado estão essas roupas? Amarrotadas, rasgadas, sujas. Em todo caso, não estão novas*, diagnostica Camille. Na rua, uma garota vestida assim deve chamar a atenção, não?

Camille acha difícil de imaginar que Trarieux tenha sido cauteloso com as coisas da garota, *mas que tenha sido assim*, pensa consigo Camille. Abandonemos a pista das roupas para considerar a garota em si.

Sabe-se de seu estado de imundice. Uma semana, nua como um verme, numa gaiola a dois metros do chão. Nas fotos, ela está mais que acabada, quase morta, foram encontradas rações para animais, para ratos e hamsters, foi com isso que Trarieux a alimentou. Ela fez suas necessidades em si mesma durante uma semana.

– Ela está destruída – diz Camille em voz alta. – E suja como um porco.

Doudouche levanta a cabeça, como se, melhor que ele, ela se desse conta de que seu dono está falando sozinho de novo.

Vestígios de água pelo chão, nos panos, suas digitais em várias garrafas de água mineral, antes de sair do depósito, ela se lavou superficialmente.

– Mesmo assim… Quando você faz suas necessidades em você mesmo durante uma semana, que banho se pode tomar com três litros de água fria e dois panos sujos?

Volta-se à questão central: como ela fez para voltar para casa sem ser notada?

– Quem te disse que ninguém a viu? – pergunta Armand.

Sete e quarenta e cinco. Brigada. Mesmo quando não se está com a cabeça para aquilo, é bizarro ver Armand e Louis lado a lado. Louis, terno cinza metálico Kiton, gravata Steffano Ricci, sapatos Weston, Armand, totalmente vestido com a ponta de estoque de uma instituição de caridade. *Minha nossa*, pensa consigo Camille olhando-o dos pés à cabeça, é como se, para economizar um pouco mais, ele comprasse um tamanho menor!

Ele toma outro gole de café. *É verdade, quem disse que ninguém a viu?*

– Vamos investigar – diz Camille.

A garota foi discreta, ela saiu do depósito e simplesmente desapareceu. Evaporou. Difícil de admitir.

– Será que ela pegou uma carona? – sugere Louis.

Nem ele acredita em sua hipótese. Uma garota de vinte e cinco, trinta anos que toma uma carona a uma hora, duas horas da manhã? E se ninguém lhe der carona logo, ela fica ali, à beira da calçada, com o polegar erguido? Pior, ela caminha ao longo da calçada, dando sinal para os carros, como uma puta?

– Ônibus…

É possível. Como de madrugada não deva haver muitos nesse trajeto, é preciso que ela tenha tido sorte. Senão, ficaria plantada num ponto de ônibus durante uma meia hora, quarenta e cinco minutos, exaurida, em farrapos talvez. É pouco provável. Será que ela ao menos conseguia ficar de pé sozinha?

Louis toma nota para verificar os horários, interrogar os motoristas.

– Táxi…?

Louis acrescenta essa pista às demais por checar, mas também nesse caso…

Será que ela tinha dinheiro para pagar? E uma aparência apresentável o bastante para transmitir confiança a um motorista de táxi? Alguém talvez a tenha visto, na rua, caminhando pela calçada.

A única coisa em que se pode apostar é que ela partiu na direção de Paris. Eles vão verificar pela vizinhança. Que tenha sido ônibus ou táxi, isso deverá ser descoberto em algumas horas.

Ao meio-dia, Louis e Armand saem juntos. Camille os observa partir, *que dupla*. Ele passa atrás da sua mesa e olha de relance dois dossiês que o esperam, Bernard Gattegno, Stefan Maciak.

28

Alex avança em direção ao seu prédio com um caminhar pesado, desajeitado e desconfiado. Será que Trarieux está esperando por ela? Será que ele descobriu sua fuga? Mas não, ninguém no hall de entrada. A caixa de correio não está sobrecarregada. Ninguém na escada. Ninguém no patamar. Aquilo é como um sonho.

Ela abriu a porta do apartamento, fechou-a.

Realmente, como num sonho.

Em casa, abrigada. Duas horas atrás, estava ameaçada e pronta para ser devorada pelos ratos. Ela por pouco não desmorona, segurou-se nas paredes.

Comer imediatamente.

Mas antes, olhar-se.

Meu Deus, pelo menos quinze anos mais velha. Feia, suja. Velha. Olheiras, rugas, marcas e uma pele amarelada, olhos de demente.

Geladeira, ela esvaziou tudo o que restava, iogurtes, queijo, pão de forma, bananas, empanturrou-se como uma náufraga enquanto tomava banho. E, evidentemente, mal teve tempo de se precipitar em direção ao vaso sanitário para vomitar.

Ela retomou o fôlego e bebeu meio litro de leite.

Em seguida, teve que limpar com álcool suas feridas nos braços, nas pernas, nas mãos, nos joelhos, no rosto e, ao sair do banho, onde resistiu ao sono, passou sobre elas creme antisséptico e pomada de cânfora. Ela desaba de cansaço. Seu rosto está terrivelmente devastado: se por um lado os

hematomas do dia do sequestro estão sumindo, as feridas nos braços e nas pernas estão bem feias, duas dentre elas estão bastante infectadas. Vai ficar de olho nelas, tem tudo de que precisa para cuidar devidamente. Quando está trabalhando, no último dia de cada contrato, no momento de partir, ela sempre tira um pouco de proveito das estantes da farmácia. Chega a ser impressionante tudo o que já conseguiu surrupiar: penicilina, barbitúricos, ansiolíticos, diuréticos, antibióticos, betabloqueadores…

Enfim, ela se deitou. Apagou imediatamente.

Treze horas seguidas.

Acordar é como sair do coma.

Mais de meia hora para compreender onde ela se encontra, reconstituir de onde vem. As lágrimas enchem os olhos, ela se encolhe na cama como um bebê e adormece novamente soluçando.

Ela acorda de novo cinco horas mais tarde. São dezoito horas de uma quinta-feira.

Alex, embriagada de sono, espreguiça-se. Tudo dói, por isso faz tudo a seu tempo para não se machucar. Ela executa muito lentamente alguns exercícios de alongamento, partes inteiras do seu corpo se mantêm bloqueadas, mas, efeito progressivo do relaxamento muscular, tudo volta a funcionar. Ela sai da cama vacilando. Caminha dois metros, mas uma vertigem a acomete dos pés à cabeça e ela é obrigada a se apoiar numa prateleira. Está morrendo de fome. Olha para seu corpo, é preciso cuidar das feridas, mas essa é uma reação de autoproteção que seu cérebro lhe sussurra. Antes de tudo, certifique-se de que está protegida.

Ela escapou. Trarieux vai tentar pegá-la de novo, persegui-la. Ele sabe onde ela mora, pois a sequestrou no caminho para seu apartamento. A essa hora, ele já deve saber. Uma olhada pela janela, a rua parece calma. Tão calma quanto na noite em que ele a sequestrou.

Ela estende o braço, apanha o laptop e o põe ao seu lado, sobre o sofá. Abre uma aba de navegador, digita “Trarieux”, não conhece seu primeiro nome, somente o do filho, Pascal. É pelo pai que ela está procurando. Pois o idiota do seu filho, aquele retardado, ela lembra muito bem o que fez com ele. E onde o deixou.

Terceiro resultado, o motor de busca menciona um “Jean-Pierre Trarieux” no site de *Paris.news.fr*. Um clique. É ele.

Bulevar periférico:
Abuso da autoridade policial?

Noite passada, um homem de mais ou menos cinquenta anos, Jean-Pierre Trarieux, perseguido por vários veículos de polícia, freou bruscamente seu furgão sobre o viaduto do bulevar periférico próximo à Porte de la Villette, deixou o veículo, correu em direção ao parapeito e atirou-se por cima dele. Imediatamente atingido por um caminhão semirreboque, morreu na hora.

Segundo a polícia judiciária, o homem era suspeito de um sequestro que teria ocorrido alguns dias antes na rua Falguière, em Paris, e mantido em segredo, de acordo com a fonte policial, "por razões de segurança". No entanto, a identidade da pessoa sequestrada continua sem ser detectada e o suposto local do seu encarceramento, "identificado" pela polícia, revelou-se… totalmente vazio. Na ausência de denúncias precisas, a morte desse suspeito – seu "suicídio", segundo a polícia – mantém-se evidentemente misteriosa e fortemente sujeita à investigação. O juiz Vidar, responsável pela investigação, prometeu ir a fundo no caso, confiado, pela Brigada criminal, ao comandante Verhoeven.

A mente de Alex funciona o mais rápido que pode. Diante de um milagre, sempre se fica um pouco reticente.

Eis por que ela não o viu mais. Morto atropelado no bulevar periférico, ele não corria mais o risco de vir olhá-la. Nem trazer comida aos ratos. Aquele traste preferiu se matar a ver a polícia ir libertá-la.

Que ele queime no inferno com o babaca do seu filho.

Outro fato essencial: a polícia não sabe quem ela é. Não se sabe nada dela. Pelo menos no começo da semana, ninguém sabia nada dela.

Para confirmar, ela digita seu nome no motor de busca, Alex Prévost, encontra homônimos, mas nada sobre ela, absolutamente nada.

É um alívio de um peso incalculável.

Ela olha em seu celular se há chamadas perdidas. Oito… E a bateria prestes a acabar. Ela se levanta para buscar correndo o carregador, mas é rápido demais para o corpo, ele ainda não está pronto para movimentos abruptos, isso a faz sentar de volta no sofá, como se estivesse sob o efeito de um peso massivo. Sua vista se escurece, as luzes piscam diante de seus

olhos, tem a impressão de estar girando a toda velocidade, o mal-estar se dissipa, ela se levanta prudentemente, apanha o carregador, liga-o com cautela e volta a se sentar. Oito chamadas, Alex checa, começa a respirar melhor. Todas são ligações comerciais, agências, algumas ligaram duas vezes. Há trabalho para ela. Alex não escuta as mensagens, ela verá isso mais tarde.

– Ah, é você? Eu vinha me perguntando quando você finalmente me daria notícias suas.

Aquela voz… Sua mãe e suas eternas repreensões. Ouvi-la causa-lhe sempre o mesmo efeito: uma bola na garganta. Alex se explica, sua mãe sempre faz muitas perguntas, ela é uma mulher cética quando se trata de sua filha.

– Um trabalho temporário? Orléans? É daí que você está me ligando?

Alex sempre ouve desconfiança nas entoações de sua mãe e diz:

– Sim, mas eu não tenho muito tempo.

A resposta é imediata:

– Então nem valia a pena ter me ligado.

Sua mãe liga raramente e, quando é Alex que o faz, é sempre assim. Sua mãe não vive, ela reina. É preciso pensar em algo. Uma conversa com sua mãe é como passar num teste, seria preciso se preparar, estudar, se concentrar.

Alex não pensa muito.

– E vou me ausentar por um tempo, vou para a província, para um trabalho temporário. Quero dizer, outro…

– Ah é? Onde?

– É um trabalho temporário – repete Alex.

– Eu sei, você já me falou, um trabalho temporário, na província! E ela não tem nome, essa sua província?

– É para uma agência, ainda não sabemos o destino, é… complicado, saberemos em cima da hora.

– Aham… – diz sua mãe.

Não está muito disposta a acreditar naquela história. Há um instante de hesitação. E então:

– Você vai para um trabalho temporário, não se sabe onde, alguém sabe, mas não se sabe quem, é isso?

Esse diálogo não tem nada de excepcional, chega até a ser perfeitamente comum, mas dessa vez Alex está bastante fraca, muito, muito menos treinada que de costume.

– Não, n-não é isso…

De todo modo, com sua mãe, cansada ou não, ela sempre gagueja em algum momento.

– É o que então?

– Ouça, a bateria do meu celular está acabando…

– Ah… E a duração também, suponho que você não saiba a duração do contrato. Você trabalha, substitui alguém. E um dia, alguém diz que acabou, que você pode voltar para casa, é isso?

Seria preciso achar algo "bem convincente", como a própria mãe diria. Mas Alex não acha. Ou talvez sim, ela ache, mas sempre depois, tarde demais, quando já desligou, na escada, no metrô. E, quando isso acontecer, ela vai bater na própria cabeça. Repete para si mesma a frase malograda, reencena o episódio revisto e corrigido durante dias às vezes, é tão inútil quanto nocivo, mas é mais forte que ela. Ela o enfeita, com o passar do tempo, aquilo se torna uma história totalmente nova, uma luta na qual Alex vence cada *round* e depois, quando ela liga de novo para sua mãe, é nocauteada logo na primeira palavra.

Sua mãe espera silenciosa, incrédula. Alex enfim cede:

– Preciso mesmo desligar…

– Tudo bem. Ah sim, Alex!

– Sim?

– Eu vou bem também, a propósito. Muito gentil de sua parte me perguntar.

Ela desliga.

Alex fica com o coração apertado.

Ela balança a cabeça e volta a si para não pensar mais em sua mãe. Concentrar-se no que há por fazer. Trarieux, caso encerrado. A polícia, fora da jogada. Sua mãe, questão resolvida. Agora, um SMS para o irmão.

"Estou indo para (ela pensa por um instante, pensa nas destinações possíveis) *Toulouse: um trabalho temporário. Avise a mãe rainha, estou sem tempo de ligar para ela – Alex."*

Ele vai levar pelo menos uma semana para transmitir a informação – se chegar a transmiti-la.

Alex respira, fecha os olhos. Ela está conseguindo. Passo a passo, faz tudo o que é preciso fazer, apesar do cansaço.

Ela faz seus curativos enquanto seu estômago grita de fome. Vai se olhar no espelho de corpo no banheiro. Sim, parece mesmo ter dez anos a mais.

Então, toma um banho, deixa a ducha quase no frio ao final, treme com isso. *Meu Deus, como é bom estar viva!* Um *frisson* lhe acomete dos pés à cabeça, a vida retorna. *Meu Deus, como é bom quando o corpo dói dessa forma!* Um suéter direto na pele, que lhe causa coceiras, antes ela detestava, hoje é isso que ela quer, que coce, sentir seu corpo vivo, até sobre sua pele. Uma calça de linho, folgada, larga, disforme, uma feiura, mas flexível, algo frouxo, como uma carícia. Seu cartão bancário, a chave do apartamento, de passagem, olá, senhora Guénaude, sim, voltei, isso, eu estava viajando, foi tudo bem. O tempo? Formidável, no sul não tem como ser de outra forma. Aparência cansada? Sim, foi um período de trabalho difícil, não dormi muito nesses últimos dias, ah não é nada, um torcicolo, nada grave. Ah… isso? Ela mostra a testa, uma queda estúpida. A outra: não está mais conseguindo ficar de pé, é?! Risos, sim, uma boa-noite para a senhora também. E a rua, essa luz azulada de começo de noite, tão bela que poderia fazer chorar. Alex é dominada por uma espécie de riso insano por dentro, a vida é magnífica, eis ali o árabe dono da mercearia, este homem que ela nunca olhou é lindo, ele é lindo, ela se deixaria levar pelo impulso, acariciaria a bochecha dele olhando-o no fundo dos olhos, ela ri por se sentir tão plena de vida. Tudo o que sempre busca evitar, todas as coisas que vê com ressalvas, nesse instante, são como recompensas, batatas *chips*, mousse de chocolate, queijo de cabra, vinho Saint-Émilion e até uma garrafa de licor Baileys. Volta para o apartamento. O menor esforço a cansa e poderia fazê-la chorar. De repente, ela se sente atordoada. Concentra-se, aguarda, consegue fazer o atordoamento diminuir, toma o elevador com todas as compras tão pesadas. Tem tanta vontade de viver. Por que será que a vida não é sempre como esse instante?

Alex, nua em seu velho roupão disforme, passa diante do espelho. *Cinco anos a mais, bom, enfim, seis*. Ela vai se recuperar bem rápido, sabe disso, pode sentir. Retire os ferimentos e os inchaços, as olheiras e as rugas, os tormentos e as mágoas, o que resta, Alex em ótimo estado. Ela abre bem o

roupão, observa-se nua, esses seios, essa barriga… E inevitavelmente, começa a chorar, de pé, diante da vida.

Ela dá risada ao se ver chorando porque não sabe mais se está feliz por continuar viva ou infeliz por ainda ser Alex.

Ela sabe como lidar com essa adversidade que vem do fundo. Funga, assoa o nariz, fecha o roupão ao redor de si, toma um grande copo de Saint-Émilion e uma bandeja infame, uma refeição insana, chocolate, patê de coelho, biscoitos doces.

Ela come, come, come. Depois se larga contra o encosto do sofá. Debruça-se para tomar um grande copo de Baileys. Faz um último esforço para buscar cubos de gelo. O cansaço se aproxima bastante, mas o bem-estar permanece ali, como um som de fundo.

Um olhar para o despertador. Ela está totalmente fora de sincronia com o horário, são vinte e duas horas.

29

Óleo de motor, tinta, gasolina, difícil definir todos os vapores que convergem ali, sem contar o perfume de baunilha da senhora Gattegno. Cinquentenária. Quando ela viu entrar os policiais na oficina, logo saiu do seu escritório envidraçado; já o aprendiz que vinha na direção deles desapareceu subitamente, como um filhote de cão surpreendido pela irrupção do seu dono.

– É a respeito do seu marido.

– Que marido?

Esse tipo de resposta define o tom da conversa.

Camille projeta o queixo para a frente, como se o colarinho da camisa o apertasse, e coça o pescoço, perplexo, com os olhos para o céu. Ele se pergunta como vão resolver aquilo, pois a patroa cruza os braços sobre seu vestido estampado, pronta a bloquear o caminho com seu corpo, se for preciso. É de se perguntar o que ela poderia querer defender.

– Bernard Gattegno.

Foi pega desprevenida, percebe-se de imediato, os braços se distendem meramente, sua boca se abre no formato de um “O”. Ela não esperava por isso e não pensava naquele marido. De fato, ela casou novamente, no ano

passado, com um vagabundo de primeira, mais jovem, o melhor mecânico da oficina. Agora, ela se chama senhora Joris. Efeito desastroso. O casamento logo deixou o novo marido acomodado. Ele pode passar todo o tempo no bar, impunemente. Ela balança a cabeça para a direita e para a esquerda, que perda de tempo.

– Foi por causa da oficina, sabe. Sozinha… – explica-se ela.

Camille compreende. Uma grande oficina, três, quatro mecânicos, dois aprendizes, sete ou oito carros, capô aberto, motores rodam em marcha lenta, sobre o elevador de veículos uma limusine conversível rosa e branca, do estilo Elvis Presley – é curioso encontrar isso em Étampes. Um dos mecânicos, alto, meio jovem, de largos ombros que limpa as mãos num pano sujo, aproxima-se e pergunta, com seu maxilar ameaçador, se pode ajudar. Ele interroga a patroa com o olhar. Se Joris sucumbir a uma cirrose, sem dúvida, o substituto está garantido. Seus bíceps gritam que ele não é do tipo que se deixa impressionar pela polícia. Camille balança a cabeça.

– E também pelas crianças… – diz a senhora Joris.

Ela volta a falar do novo casamento, é talvez isso que ela quer defender desde o começo da entrevista, essa ideia de se casar novamente assim tão rápido e… tão mal.

Camille se afasta, deixa Louis lidar com ela. Ele olha à sua direita. Há três carros usados que levam seu preço de venda em letras pintadas de branco sobre o para-brisa. Ele se aproxima do escritório, todo envidraçado, construído para vigiar os mecânicos enquanto se faz a contabilidade. Sempre funciona aquele tipo de truque, um que interroga, o outro que caminha, bisbilhotando. Dessa vez não é diferente.

– Procurando alguma coisa?

Curiosamente, ele tem uma voz bastante aguda, uma articulação quase sóbria, mas agressiva, que defende um território, mesmo se não é o seu. Pelo menos não ainda. Camille se vira, seus olhos estão mais ou menos à altura do osso esterno do mecânico musculoso. Pelo menos três cabeças mais alto que ele. Com isso, ele dispõe de uma visão privilegiada do seu antebraço. O mecânico continua a limpar suas mãos sistematicamente no pano, como um barman. Camille levanta os olhos.

– Fleury-Mégoris?[15]

O pano para de se mexer. Camille aponta o indicador para o antebraço tatuado.

– Esse estilo é dos anos noventa, não? Quantos anos você cumpriu?

– Cumpri minha pena – diz o mecânico.

Camille balança a cabeça para dizer que compreende.

– Faz bem você ter aprendido a ser paciente…

Ele aponta com a cabeça, atrás dele, a chefe que continua a falar com Louis.

–… porque você perdeu a chance anterior e, agora, corre o risco de ter de esperar bastante.

Louis acabou de exibir o retrato de Nathalie Granger. Camille se aproxima. Os olhos da senhora Joris se sobressaem. Ela fica sem ar ao reconhecer a amante do ex-marido. Léa. "É nome de puta, não acha?" Camille permanece perplexo com a pergunta, Louis balança a cabeça com discrição. Léa o quê, ninguém sabe. Léa, nada mais. Ela só a viu duas vezes, mas lembra-se dela perfeitamente, "como se fosse ontem". "Mais gorda." Na imagem, ela parece bastante gentil, mas era uma peste de "tetas grandes". Para Camille, "tetas grandes" é um conceito bem relativo, principalmente quando ele nota o busto extremamente plano da senhora Joris. Ela se foca nos seios da garota, como se, sozinhos, eles explicassem o naufrágio do seu casamento.

Eles reconstituem a história cujas lacunas são preocupantes. Onde Gattegno conheceu Nathalie Granger? Ninguém sabe. Nem os mecânicos que Louis interroga, os que trabalhavam lá há dois anos. "Uma bela garota", diz um, ele cruzou com ela um dia em que ela estava esperando pelo patrão no seu carro, na esquina. Ele a viu apenas uma vez, impossível dizer se é ela que aparece na identificação facial eletrônica. Porém, do carro o sujeito se lembra do modelo, da cor, do ano (ele é mecânico), mas só com isso não se poderá fazer grande coisa. "Olhos de avelã", diz o outro, um homem perto da aposentadoria que não olha mais para o traseiro das garotas, a quem as grandes tetas não fazem mais muito efeito, então ele olha para os olhos. Mas, quanto à identificação facial eletrônica, ele não poderia jurar que era ela. *De que serve ser observador quando não se tem memória?*, pergunta-se Camille.

Não, quanto à forma como eles se conheceram, ninguém sabe. Por outro lado, todos concordam que a história é relâmpago. Totalmente desnorteado, o patrão, "de um dia para o outro", não era mais o mesmo.

– Ela devia ter o dom para a coisa – diz um outro que acha engraçado mostrar-se malicioso em relação ao seu antigo patrão. Gattegno começa a se ausentar da oficina. Senhora Joris confessa que os seguiu uma vez, aquilo a

deixava maluca por causa dos filhos, mas eles a despistaram, o marido não voltou para casa naquela noite, só no dia seguinte, sem jeito, “aquela tal de Léa” veio procurá-lo. “Em casa!”, grita ela. Dois anos depois, ela ainda se exaspera ao falar daquilo. O mecânico a tinha visto pela janela da cozinha. De um lado, sua esposa, os filhos estavam ausentes (“Uma pena, eles poderiam tê-lo impedido”); do outro, à porta do jardim “aquela vagabunda” (Nathalie Granger, conhecida como Léa, tem uma reputação decididamente bem definida). Enfim, o marido hesita, não leva muito tempo, ele apanha sua carteira, sua jaqueta e se vai, foi encontrado morto num quarto do hotel Fórmula 1 na madrugada da segunda, foram as camareiras que o descobriram. Nesses hotéis, não há recepção, não há recepcionista, os empregados são invisíveis, entra-se com um cartão de crédito – usaram o cartão do marido. Nenhum rastro da garota. No necrotério, não a deixaram ver a parte inferior do rosto de seu marido, não deveria ser muito agradável de ver. A autópsia foi categórica, nenhum indício de agressão, nada, o sujeito deita-se na cama, totalmente vestido, “com seus sapatos”, engole meio litro de ácido, “daqueles que usamos para as baterias”.

Na Brigada, enquanto Louis redige o relatório (ele digita rápido, atento, com todos os dedos, com regularidade, como se estivesse praticando escalas musicais), Camille checa o relatório da autópsia que nada diz sobre a concentração do ácido utilizado. Suicídio selvagem, brutal, o sujeito realmente devia estar no fim da picada. A garota o deixou lá. Também nenhum rastro dos quatro mil euros que o mecânico sacou na madrugada, utilizando seus três cartões de crédito, “até mesmo o da oficina!”.

Não há a menor dúvida, Gattegno, Trarieux, mesmo encontro fatal com Nathalie-Léa, nos dois casos, o roubo é irrisório. Eles começam a investigar a vida de Trarieux e de Gattegno em busca de um ponto comum.

30

O corpo começa a voltar a si, alquebrado, mas inteiro. As infecções se interromperam, quase todas as feridas estão cicatrizadas, os hematomas estão desaparecendo.

Ela foi ver a senhora Guénaude e explicou a ela: uma obrigação familiar de última hora, ela havia escolhido a máscara que diz: “Eu sou jovem, mas

tenho o senso do dever”.

– Não sei… Preciso ver…

É um pouco abrupto para a senhora, mas Guénaude zela bastante pelo seu ganha-pão. Antiga comerciante. E como Alex propôs pagar dois meses de aluguel, dinheiro na mão, a senhora Guénaude disse que compreendia, até mesmo jurou:

– Se eu achar um locatário antes, certamente devolvo o dinheiro…

Velha safada, pensou Alex, sorrindo agradecida.

– É gentil – disse ela, mas não fez seus olhos de agradecida, afinal, ela deve partir por causas graves.

Ela pagou em espécie, deixou um falso endereço. No pior dos casos, a senhora Guénaude vai escrever para ela, não vai fazer tanto esforço quando a carta e o cheque voltarem, sairá ganhando.

– Quanto à inspeção do apartamento?

– Não se preocupe quanto a isso – garante a proprietária, que usufrui da boa negociação. – Estou certa de que tudo está em ordem.

Ela deixará as chaves na caixa de correio.

Quanto ao carro, não há problema, ela paga por ordem bancária mensal o estacionamento da rua dos Morillons, não é preciso se preocupar. É um Clio de seis anos que ela comprou usado.

Ela subiu com as caixas vazias do porão, doze, desmontou os móveis que lhe pertencem, a mesa de madeira de pinho, os três suportes de livros, a cama. Ela não sabe por que ainda acumula aquilo tudo, exceto a cama, ela preza sua cama, que é quase sagrada para ela. Quando tudo está vazio, ela olha ao seu redor, incerta, enfim, uma vida não ocupa tanto espaço quanto se pensa. Pelo menos não a dela. Dois metros cúbicos. Três de acordo com o carregador de mudança. Alex apenas concorda, ela conhece os carregadores de mudança. Uma pequena van, nem vale a pena mandar dois caras, um só bastará. Ela também concordou quanto ao preço do guarda-móveis e quanto ao pequeno suplemento de tarifa para o serviço do dia seguinte. Quando Alex quer partir, não pensa duas vezes. Sua mãe diz sempre: “Com você, sempre é para já, então obviamente nada é feito direito”. Às vezes, quando está bastante inspirada, sua mãe acrescenta: “Seu irmão, pelo menos…”, mas há cada vez menos temas sobre os quais ele ganha na comparação. Embora isso não importe para sua mãe, pois para ela sempre há o suficiente, isso é o que basta.

Apesar das dores e do cansaço, em algumas horas ela termina de embalar e desmontar tudo. Aproveita para jogar algumas coisas fora, principalmente alguns livros. Com exceção de alguns clássicos, ela joga livros com regularidade. Ao mudar de Porta de Clignancourt, ela jogou tudo o que tinha de Karen Blixen, tudo o que tinha de Forster. Ao mudar da rua do Commerce, foi a vez de Stephan Zweig e de Pirandello. Quando mudou de Champigny, jogou no lixo tudo de Duras. Ela tem dessas manias, quando gosta, lê tudo (sua mãe diz que ela não tem limite), e depois, aquilo pesa toneladas nas mudanças…

Então, ela passa o resto do tempo no meio das caixas, dorme no colchão sobre o chão. Há duas pequenas caixas com a inscrição "Pessoal". Dentro, o que é realmente dela. São coisas tão bobas e mesmo extremamente fúteis, cadernos de escola, do ginásio, boletins de notas, cartas, cartões-postais, uma parte de um diário íntimo que ela manteve intermitentemente entre doze e treze anos, nunca por muito tempo, e alguns bilhetes de antigas amigas, bugigangas que enfim ela poderia já ter se livrado. A propósito, é o que vai fazer um dia desses. Ela sabe a que ponto as coisas são pueris. Também há bijuterias, velhas canetas ressecadas, enfeites de cabelo de que ela gostava bastante, fotos de férias ou de família com sua mãe, seu irmão, de quando ela era pequena. Enfim, seria preciso se livrar de tudo aquilo, não serve para nada, pode ser até perigoso conservar aquilo, entradas de cinema, páginas arrancadas de romances… Um dia, ela jogará tudo. Por enquanto, as duas pequenas caixas com a inscrição "Pessoal" reinam em meio àquela mudança de última hora.

Quando acabou tudo, Alex foi ao cinema, jantou no Chartier, comprou ácido para bateria. Para a sua mistura, ela usa sua máscara, seus óculos de proteção, liga seu ventilador e o exaustor, porta da cozinha fechada, janela bem aberta para dispersar os vapores para fora. Para destilar o produto até uma concentração de 80%, é preciso aquecê-lo lentamente até liberar fumaça ácida. Ela preparou seis dosagens de meio litro cada. Armazena-as em frascos de plástico imputrescível comprados numa loja de ferragens perto da République. Ela fica com dois, os outros ela coloca cuidadosamente numa mochila compartimentada.

De madrugada, é acometida por espasmos nas pernas, que a fazem acordar num sobressalto. Talvez sejam os pesadelos, ela tem muitos, cenas com os ratos devorando-a viva, Trarieux enfiando vergas de aço em sua cabeça com a furadeira elétrica. O rosto do filho de Trarieux também a

assombra, naturalmente. Ela revê sua cara de imbecil, ratos saem de sua boca. Às vezes, ela sonha com cenas reais, Pascal Trarieux está sentado na sua cadeira no jardim de Champigny, quando ela chega por trás dele, com a pá erguida por cima de sua cabeça, e sua blusa a atrapalha porque tem as mangas muito apertadas. Nessa época, ela pesa doze quilos a mais que hoje, o que a deixa com os seios grandes… O cretino ficava louco com eles. Ela o deixava tocar neles um pouco por debaixo de sua blusa, não muito tempo e, quando ele ficava bem excitado e suas mãos começavam a apalpá-la com ardor, ela lhe dava um tapa estalado, como uma professora. Enfim, numa outra escala, é um pouco o equivalente da pancada com a pá que ela lhe deu com todas as forças na parte detrás da cabeça. No seu sonho, a pancada com a pá é extraordinariamente estrondosa e, como na realidade, ela sente a vibração nos seus braços até os ombros. Pascal Trarieux, semi-inconsciente, vira-se para ela com dificuldade, titubeia e dirige um olhar de espanto, de incompreensão, um olhar estranhamente sereno, no qual a dúvida seria incapaz de entrar. Então, Alex faz a dúvida entrar com pancadas de pá, ela conta sete, oito, o busto de Trarieux desaba sobre a mesa do jardim, o que facilita a tarefa. Depois, o sonho salta toda a parte em que ela o amarra, vai direto ao grito de Pascal quando recebe a primeira dose de ácido na boca. Ele grita tão alto que vai chamar a atenção de toda a vizinhança, aquele babaca. Ela é obrigada a se levantar de novo e a desferir mais uma pancada de pá em seu rosto, com a superfície da pá. Como são estrondosas essas ferramentas!

Assim, há os sonhos, os pesadelos, dores musculares, as câimbras, os espasmos dolorosos, mas, no geral, seu corpo tem se recuperado. Alex está certa de que isso não se apagará nunca por completo; não é possível viver uma semana numa gaiola demasiado pequena com uma colônia de ratos exaltados sem conservar nenhuma dívida em relação à existência. Ela faz muitos exercícios, alongamentos, movimentos que aprendeu outrora nas aulas de alongamento, volta a correr também. Sai de casa cedo pela manhã e dá várias voltas com pequenos grupos no parque Georges-Brassens, mas é obrigada a parar com frequência, pois se cansa facilmente.

Enfim, o carregador chega e leva tudo. Um grande sujeito um pouco barulhento, que tenta flertar com ela, mas nada que não tenha visto antes.

Alex vai reservar seu lugar no trem para Toulouse, põe sua mala no depósito de bagagens e, ao sair da estação Montparnasse, olha para seu relógio: 20h30. Ela pode retornar ao Mont-Tonerre, talvez ele esteja lá, com seus amigos fazendo algazarra e contando histórias idiotas… Ela percebeu que eles jantam solteiros toda semana. Talvez nem sempre no mesmo restaurante.

Na verdade, sim, no mesmo, pois lá está ele com seus amigos, são ainda mais numerosos que das últimas vezes, aquilo está se tornando um pequeno clube, hoje são sete. Alex tem a impressão de que o patrão do restaurante os serve torcendo o nariz, não muito certo de que o aumento do clube seja do seu agrado. Há tanto barulho que os outros clientes viram o pescoço. A linda cliente ruiva… Os empregados sempre a servem com toda a atenção. Alex foi acomodada num lugar de onde é menos fácil de vê-lo que da última vez, ela tem que se inclinar um pouco e, por falta de sorte, ele a vê fazendo isso, seus olhos se cruzam, é evidente que ela estava tentando olhar para ele. *Bem, fazer o quê?*, pensa ela sorrindo. Ela bebe vinho Riesling gelado, come conchas Saint-Jacques, pequenos legumes *al dente*, *crème brûlée*, bebe um café bem forte, em seguida um segundo, o último é oferecido como cortesia pelo patrão, que pede desculpas pelo barulho dos convivas. Ele oferece para ela um copo de Chartreuse, acha que é uma bebida alcoólica de garotas. Alex diz *não, obrigada, mas Baileys com gelo, eu aceito*, o patrão sorri, essa garota é absolutamente charmosa. Ela demora um pouco antes de ir embora, esquece seu livro sobre a mesa, dá meia-volta. O cara não está mais com seus amigos, ele está de pé, vestindo seu casaco. Seus amigos fazem brincadeiras grosseiras sobre essa partida precipitada, ele está atrás dela quando ela sai do restaurante. Ela percebe os olhos dele fixos em suas nádegas. Alex tem uma bunda atraente e sensível como uma parabólica. Ela mal percorre dez metros e ele já está ao seu lado, e diz “Boa-noite”. Ela acha seu rosto… enfim, esse rosto desperta nela sentimentos conflituosos.

Félix. Ele não diz seu sobrenome, não está de aliança, ela percebeu de imediato, mas há uma marca ao redor do dedo, talvez ele tenha acabado de tirá-la.

– E você, como se chama?

– Julia – diz Alex.

– Belo nome.

Ele teria dito isso de qualquer forma. Alex acha engraçado.

Ele aponta para trás com o polegar, o restaurante:

– Somos um pouco barulhentos…

– Um pouco – diz Alex sorrindo.

– Estamos entre rapazes, então é claro que…

Alex não responde. Se ele continuar assim, vai apenas piorar as coisas, e ele percebe isso.

Primeiro, ele oferece uma bebida num bar que conhece. Ela diz não e agradece. Eles dão alguns passos lado a lado, Alex não anda depressa, olhando para ele. Está vestindo roupas de lojas de departamento. Ele acabou de comer, mas não é a única razão pela qual os botões da camisa estão tão apertados, ninguém disse a ele que seria preciso comprar um tamanho maior. Ou começar um regime e voltar a praticar esporte.

– Não – diz ele. – Eu garanto, não mais que vinte minutos… Ele disse que onde mora não é nada longe para tomarem uma última bebida. Alex diz que não está com muita vontade, que está cansada. Eles estão diante do seu carro, um Audi em plena desordem por dentro.

– O que você faz da vida? – pergunta ela.

– Sou técnico de manutenção.

Alex traduz: cara da manutenção.

– Escâneres, impressoras, discos rígidos… – explica ele, como se aquilo alçasse o seu prestígio.

Então acrescenta:

– Coordeno uma equipe de…

E ele se dá conta de que é idiotice tentar elevar sua imagem, além de inútil. Pior, improdutivo.

Ele esboça um gesto de abandono com a mão, difícil de saber se ele abandona o fim da frase, como se ela não tivesse nenhuma importância ou o começo, como se estivesse arrependido.

Ele abriu a porta, sente-se uma fria rajada de cigarro.

– Você fuma?

Ora quente,ora fria,é a técnica de Alex.Ela a executa muito bem.

– Um pouco – diz o sujeito embaraçado.

Ele deve medir um metro e oitenta, tem os ombros bastante largos, cabelos castanhos-claros e olhos escuros, quase pretos. Quando ela o viu andar ao lado dela, achou que ele tinha pernas curtas. Ele não tem as proporções bem distribuídas.

– Eu só fumo com pessoas que fumam – diz o cavalheiro.

Ela tem certeza de que, nesse instante, ele daria qualquer coisa por um cigarro. Ele a acha linda, está dizendo "eu garanto…", mas não olha para ela de fato, pois a deseja com ardor. Isso é essencialmente sexual, animal, deixa-o totalmente cego. Ele nem saberia dizer como está vestido. Dá a impressão de que, se Alex não transar com ele, imediatamente, ele volta para sua casa e mata toda a família com um fuzil de caça.

– Você é casado?

– Não, divorciado. Enfim, separado…

Só pelo seu tom de voz, Alex traduz: não sei o que dizer e, além disso, estou sendo despedaçado aqui.

– E você?

– Solteira.

É a vantagem da verdade, ela soa como verdade. Ele baixa os olhos, não por vergonha ou pudor, mas é porque está olhando para os seios dela. Alex pode vestir o que quiser, todos veem imediatamente que ela tem lindos seios voluptuosos. Ela sorri e, ao partir, diz:

– Uma outra vez, talvez…

Ele se lança na brecha, quando, quando, quando? Mexe em seus bolsos. Um táxi passa. Alex levanta o braço. O táxi para. Alex abre a porta. Quando ela se vira para se despedir dele, ele dá a ela um cartão de visita. Está um pouco amassado, parece que ele é desleixado. Ela o aceita mesmo assim e, para demonstrar que dá alguma importância, enfia-o distraidamente em seu bolso. Ela o vê pelo retrovisor, de pé no meio da rua, olhando para o táxi que se distancia.

31

O guarda municipal perguntou se sua presença era necessária.

– Prefiro que você fique… – disse Camille. – Se tiver tempo, claro.

Normalmente, a colaboração entre polícia e guarda municipal é bastante espinhosa, mas Camille gosta bastante dos guardas municipais. Ele sente algo em comum com eles. Eles são teimosos, combativos, do tipo que nunca abandona uma pista, mesmo que esteja fria. O guarda municipal aprecia o pedido de Camille, é um marechal-chefe. Camille o chama de "chefe" porque conhece a praxe, o guarda se sente respeitado e não está

errado.Tem quarenta anos e expõe um bigode fino como do século passado, do tipo mosqueteiro, aliás, muitas de suas características parecem ser de outra época, uma espécie de elegância também, um pouco rígido, artificial, mas percebe-se rapidamente que o homem é bastante aguçado. Ele vê sua designação como algo de grande incumbência. É preciso ver seus sapatos, são como espelhos.

Faz um tempo cinzento, marítimo.

Faignoy-les-Reims, oitocentos habitantes, duas ruas principais, uma praça com um enorme monumento aos mortos de guerra, o lugar é triste como um domingo no paraíso. Eles vão ao bar, foi para isso que vieram. O chefe Langlois estaciona a viatura da polícia municipal bem em frente.

Ao entrar, o cheiro de sopa, de vinho barato, de detergente fica preso na garganta. Camille questiona-se se ele não está se tornando ultrassensível a cheiros. Na oficina, já bastava a senhora Joris, com seu perfume de baunilha…

Stefan Maciak morreu em novembro de 2005. O novo patrão chegou aqui logo após.

– Assumi o lugar dele em janeiro, na verdade.

O que ele sabe é o que contaram, como todos os outros. Isso até o fez hesitar se assumia ou não o estabelecimento, pois o caso inusitado causou bastante barulho ali. Ouve-se falar de roubos, assaltos, esse tipo de coisa, até assassinatos (o patrão tenta tomar o chefe Langlois como testemunha, sem sucesso), mas histórias como aquela… Na verdade, Camille não veio para ouvir isso, ele nem veio para escutar algo, mas para ver as cenas do crime, para sentir mais de perto essa história, esclarecer suas ideias. Ele leu o dossiê, o chefe Langlois não fez mais que confirmar o que ele já sabia. Nessa época, Maciak tinha cinquenta e sete anos, ele é de origem polonesa, solteiro. É um homem bastante gordo, tão alcoólatra quanto se pode ser quando se administra bares durante trinta anos sem nenhuma autodisciplina. Sobre sua vida, nada de especial além do seu estabelecimento. Quanto ao sexo, ele frequentava a casa de Germaine Malignier e sua filha, conhecidas por ali como “as quatro nádegas”. Quanto ao resto, um cara tranquilo, simpático.

– As contas estavam em dia.

Para o novo proprietário, que fecha solenemente os olhos, aquilo era um passe livre para a vida eterna.

E então, numa noite de novembro… [É o chefe Langlois que conta. Camille e ele saíram do bar após terem recusado educadamente uma rodada de bebida, eles caminham em direção ao monumento aos mortos de guerra, um pedestal no topo do qual um combatente da Primeira Guerra Mundial inclinado para a frente, contra o vento, prepara-se para empalar com sua baioneta um boche invisível.] Um certo 28 de novembro. Maciak fecha seu estabelecimento como de costume, por volta das vinte e duas horas, abaixa a porta de aço e começa a preparar seu jantar na cozinha dos fundos do bar, provavelmente iria jantar diante de uma televisão ligada desde as sete da manhã. Mas naquela noite ele não janta, não tem tempo, supomos que ele foi abrir a porta dos fundos, volta para a sala acompanhado. Ninguém sabe exatamente o que aconteceu, a única certeza é de que um pouco mais tarde ele recebe uma pancada de martelo atrás da cabeça. Fica atordoado, gravemente ferido, mas não morto, a autópsia foi categórica. Em seguida, é amarrado com as toalhas do bar, o que exclui a premeditação. Lá fica ele, estendido sobre o piso no salão, provavelmente a pessoa tentou fazê-lo contar onde se encontram suas economias, mas ele resiste. Ela certamente foi até a garagem ligada à cozinha dos fundos para pegar o ácido sulfúrico, que serve para recarregar a bateria da van, e volta para despejar meio litro garganta abaixo, o que encerra rapidamente a conversa. A pessoa limpa o caixa com o faturamento do dia: cento e trinta e sete euros. Sobe para o andar de cima e revira tudo, rasga um colchão, esvazia as cômodas e encontra os dois mil euros de economias escondidos nas roupas, antes de ir embora, sem ser vista nem reconhecida, carregando a lata de ácido, provavelmente por causa das impressões digitais.

Camille lê mecanicamente o nome dos mortos da Grande Guerra, encontra três Malignier, o sobrenome mencionado há pouco. Gaston, Eugène, Raymond. Mecanicamente, Camille procura o elo de parentesco com as quatro nádegas.

– Há uma mulher na história?

– Sabe-se que há uma, não se sabe se ela tinha conexão com a história.

Camille sente um breve frio na espinha.

– Enfim, na sua opinião, como aconteceu? Maciak fecha às vinte e duas horas…

– Vinte e uma horas e quarenta e cinco – retifica o chefe Langlois.

Isso não faz muita diferença. O chefe Langlois faz uma pequena careta, pois, para ele, isso faz alguma diferença.

– Veja, comandante – diz ele. – Esse tipo de comerciante teria antes tendência a fechar um pouco depois que o autorizado. Já fechar quinze minutos antes não é algo tão comum.

Um "encontro amoroso", estas são as palavras do chefe Langlois, é sua hipótese. Uma mulher foi vista no bar ao fim do dia pelos fregueses. Como eles todos estavam lá desde o meio da tarde, já deviam estar flertando com três ou quatro mililitros de álcool no sangue. Então, uns a viram como jovem, outros como velha, uns como pequena, outros como gorda, alguns dizem que ela estava acompanhada, outros não, falam de um sotaque estrangeiro, mas, entre aqueles que acreditam ter reparado nela, nenhum deles é capaz de esclarecer de que sotaque se trata. Na verdade, ninguém sabe de nada, exceto que ela conversou por um longo momento no bar com Maciak, que ele parecia bastante excitado e que isso teria sido por volta das 21h45. Em seguida, ele fecha o bar, explicando aos fregueses que estava cansado. O resto já se sabe. Nenhum rastro de uma mulher jovem ou velha, pequena ou grande nos hotéis das proximidades. Convocamos testemunhas a darem depoimento, mas não serviu de nada.

– Seria preciso estender o perímetro de busca – diz o chefe, que evita a eterna ladainha sobre a falta de recursos. – Por enquanto, podemos afirmar que há uma mulher na área, mais que isso…

Chefe Langlois parece sempre estar na posição de "sentido". Inflexível, enrijecido.

– Algo o está incomodando, chefe? – pergunta Camille com os olhos sempre na lista dos defuntos da Grande Guerra.

– Bem…

Camille se vira para o chefe Langlois e continua, sem esperar resposta:

– A mim, o que surpreende é que alguém queira fazer um cara confessar algo, despejando-lhe ácido garganta abaixo. Se fosse para calá-lo, eu poderia entender, mas para fazê-lo falar…

Aquilo alivia o chefe Langlois. A posição de "sentido" parece relaxar, como se ele se esquecesse por um instante de se manter firme, chega até mesmo a se permitir um pequeno estalo com a boca, bem pouco regulamentar. Camille pensa em pedir que ele volte à posição de ordem, mas, em seu plano de carreira, o chefe Langlois certamente não escolheu a opção humor.

– Também pensei nisso – diz ele enfim. – É estranho… Num primeiro momento, diríamos que se trata de crime de um ladrão. O fato de Maciak

abrir a porta dos fundos não prova que ele conhecia a pessoa, prova no máximo que a pessoa foi convincente o bastante para que ele a abrisse, e não deve ter sido muito difícil de convencê-lo. Então, pode ter sido um ladrão. O bar está vazio, ninguém o viu entrar, ele pega o martelo – Maciak tinha uma pequena caixa de ferramentas atrás do balcão –, ele golpeia Maciak, amarra-o… é o que está no relatório.

– Mas como o senhor não acredita de verdade nessa história de ácido para lhe fazer confessar onde estão suas economias, o senhor prefere outra versão…

Eles se afastam do monumento aos mortos de guerra, voltam em direção à viatura, o vento começa a aumentar e, com o vento, o frio do fim da estação. Camille ajeita seu chapéu e fecha seu sobretudo.

– Digamos que eu ache uma versão mais lógica. Não sei por que despejam ácido na boca e pela garganta, mas, a meu ver, isso não tem nada a ver com o roubo. De forma geral, os ladrões, quando também são assassinos, fazem o mais simples, eles matam, depois reviram tudo e então vão embora. Os mais cruéis torturam de modo clássico, podem causar muita dor, mas são procedimentos conhecidos. Enquanto nesse caso…

– Então, quanto ao ácido, o que o senhor acha?

Pequena careta. Enfim, ele se decide.

– Uma espécie de ritual, eu acho. Enfim, quero dizer…

Camille entende muito bem o que ele quer dizer.

– Que tipo de ritual?

– Sexual… – arrisca Langlois.

Bem sagaz, o chefe.

Sentados lado a lado, os dois homens observam através do para-brisa da viatura a chuva escorrer sobre o soldado do monumento aos mortos de guerra. Camille explica a sequência à qual eles chegaram: Bernard Gattegno no dia 13 de março de 2005, Maciak no dia 28 de novembro do mesmo ano, Pascal Trarieux no dia 14 de julho de 2006.

O chefe Langlois balança a cabeça.

– O que os conecta é que são todos homens.

É também a opinião de Camille. O ritual é sexual. Essa garota, se for ela, odeia os homens. Ela seduz aqueles que conhece, talvez até os escolha e, na primeira ocasião, os trucida. Quanto a compreender por que com ácido sulfúrico, é algo que se saberá quando a prenderem.

– Dá um crime por semestre – conclui o chefe Langlois. – De todo modo, um bom número de vítimas.

Camille concorda. O chefe não se limita apenas a emitir hipóteses mais que plausíveis, ele também faz boas perguntas. Mas não, até onde sabe Camille, não há nenhuma relação entre eles: Gattegno, mecânico em Étampes, Maciak, dono de um bar em Reims, Trarieux, desempregado na periferia norte. Com exceção de que eles são mortos mais ou menos da mesma maneira e certamente pela mesma mão.

– Não sabemos quem é essa garota – propõe Camille, enquanto o chefe Langlois arranca com a viatura para levá-lo à estação –, mas estamos seguros de que, quando se é um homem, melhor não cruzar o caminho dela.

32

Ao chegar, Alex entrou logo no primeiro hotel que encontrou. Em frente à estação. Ela não cerrou os olhos durante a noite. Mesmo que não fosse pela barulheira dos trens, havia ainda os ratos para assombrar seus sonhos e isso aconteceria em qualquer hotel que fosse… Da última vez, o grande rato malhado tinha pelo menos um metro de altura, ele havia alçado seus bigodes e seu focinho reluzente bem na frente do rosto de Alex, seus olhos pretos e brilhantes a penetravam profundamente, ela via a ponta dos seus dentes afiados sob suas bochechas.

No dia seguinte, ela encontrou o que procurava nas páginas amarelas. Hotel du Pré Hardy. Por sorte, havia quartos disponíveis não muito caros. É um hotel bom e limpo, mesmo sendo um pouco longe de tudo. Ela gosta da cidade, tem uma bela iluminação, deu alguns passeios agradáveis, um pouco como se estivesse de férias.

Ao chegar ao hotel, por pouco não deu meia-volta e foi embora.

Por causa da proprietária do hotel, senhora Zanetti, “mas aqui, todo mundo me chama de Jacqueline”. Já para Alex, não agradou muito aquela história de virarem amigas de primeira, e você, como se chama? Já que tinha que dizer algo: Laura.

– Laura…? – repetiu a hoteleira surpresa. – É o nome da minha sobrinha!

Alex não via o que havia de curioso naquilo. Todo mundo deve ter um nome, as proprietárias de hotel, as sobrinhas, as enfermeiras, todos, mas

para a senhora Zanetti, aquilo parecia particularmente surpreendente. É disso que Alex não gostou nela, logo de cara, sua maneira horrivelmente comercial de inventar elos com as pessoas. É uma mulher "de boas relações" e, como está envelhecendo, ela reforça seu talento comunicativo com uma aura de impulso protetor. Alex também se incomoda com essa forma de querer ser amiga da metade do planeta e mãe da outra metade.

Fisicamente, ela é uma mulher que foi bonita no passado, que quis permanecer bonita e foi assim que arruinou tudo. Os efeitos das cirurgias plásticas às vezes não reagem bem ao envelhecimento. Nesse caso, é difícil saber o que não cai bem, tem-se a impressão de que tudo está deslocado e que o rosto, ao tentar ainda se parecer com um rosto, agora escapa a qualquer pretensão de proporcionalidade. Aquilo é como uma máscara esticada em demasia com olhos de serpente mergulhados nas órbitas, centenas de rugas que convergem em direção aos lábios de um volume espantoso, a testa é tão esticada que as sobrancelhas parecem arqueadas à força e as bochechas recuaram bastante em direção à parte de trás da cabeça e pendem pela lateral, como costeletas. Seu cabelo, tingido de preto azeviche, é de um volume de tirar o fôlego. De fato, quando ela apareceu por trás do balcão, Alex conteve um movimento de recuo: não há o que falar, essa mulher tem uma cara de bruxa. Diante de uma monstruosidade como essa para recepcioná-lo ao entrar, você é encorajado a tomar decisões rápidas. Mentalmente, Alex decidiu terminar logo com Toulouse e voltar para Paris. Só que, na primeira noite, a dona do hotel a convidou ao seu cômodo privativo para tomar uma bebida.

– Você não gostaria de bater um papo comigo?

O uísque é excelente, seu pequeno salão pessoal é agradável, decorado no estilo dos anos cinquenta, com um grande telefone baquelite preto e um gramofone Teppaz com um disco dos Platters. No fim das contas, ela é bastante gentil, conta histórias engraçadas de seus antigos clientes. E depois, esse rosto, enfim, ela se acostuma com ele. Acaba esquecendo-o. Como também ela deve tê-lo esquecido. É próprio da deficiência, num certo momento, apenas os outros a percebem.

Em seguida, ela abriu uma garrafa de vinho Bordeaux, "não sei o que ainda tenho para comer, mas se você quiser jantar…". Alex aceitou, por comodidade. A noite se estende agradavelmente, Alex passou muito rapidamente pelas perguntas e mente razoavelmente. A vantagem dessas conversas para se conhecer é que as pessoas não se atêm à verdade, o que se

diz não tem nenhuma importância para ninguém. Quando ela se levantou do sofá para ir dormir, era mais de uma hora da manhã. Elas se beijam como se se adorassem, dizem que passaram uma noite maravilhosa, o que é ao mesmo tempo verdadeiro e falso. De todo modo, a hora correu sem que Alex percebesse. Ela vai para a cama mais tarde do que planejou, o cansaço a aniquila, ela tem um encontro marcado com seus pesadelos.

No dia seguinte, ela visita as livrarias e, ao fim da tarde, se permite um cochilo inesperado de uma profundidade quase dolorosa.

O hotel "comporta vinte e quatro quartos, foi totalmente reformado há quatro anos", de acordo com Jacqueline Zanetti, "me chame de Jacqueline, sim, sim, eu insisto". Alex está em um quarto no segundo andar. Ela cruza com poucas pessoas, apenas ouve os ruídos de uns e de outros, a reforma não chegou a isolar o som. À noite, no momento em que Alex tenta sair discretamente, Jacqueline surge por trás do balcão da recepção. Impossível recusar uma bebida, impossível. Jacqueline está mais inspirada do que nunca, ela se esforça para ser radiante, exala risos, sorrisos, mímicas, vaivém, no quesito petiscos, ela excede em muito o habitual e por volta das vinte e duas horas, no terceiro uísque, ela revela seus planos: "E se fôssemos dançar…?". A proposta é feita com um apetite destinado a desencadear adesão imediata e entusiasmada, só que para Alex, dançar… Além disso, aqueles lugares a deixam perplexa. Mas Jacqueline finge estar ofendida. "De jeito nenhum! Vamos só para dançar, eu garanto!" Categórica. Como se ela realmente acreditasse no que está dizendo.

Alex se tornou enfermeira por causa da insistência de sua mãe, mas, no fundo, ela é enfermeira de coração. Gosta de fazer o bem. O que a faz ceder é que Jacqueline penou muito para encenar sua proposta. Ela serviu aperitivos, fala do estabelecimento no qual é possível dançar duas vezes por semana, "você vai ver, é muito divertido", ela sempre foi louca por danceterias. Enfim, ela confessa sorrindo tolamente, de fato, também é um lugar bom para conhecer pessoas.

Alex sorve seu vinho Bordeaux e nem se deu conta de que elas já haviam passado para a mesa e, finalmente… são vinte e duas e trinta*, então, vamos?*

33

Até onde eles sabem, o caminho de Pascal Trarieux nunca cruza o de Stefan Maciak, que não cruza o de Gattegno. Camille lê suas fichas em voz alta:

– Gattegno, nascido em Saint-Fiacre, faz escola técnica em Pithiviers, onde também fez estágio profissional. Depois disso, seis anos mais tarde, ele abre sua própria oficina em Étampes e, em seguida (ele tem vinte e oito anos então), assume a garagem do seu antigo preceptor, também em Étampes.

As dependências da Brigada.

O juiz veio até lá para o que ele chama de "*debriefing*". Ele enuncia a palavra com uma pronúncia inglesa bastante acentuada a meio caminho entre a afetação e o ridículo. Hoje, ele está portando uma gravata azul-céu – o cúmulo da extravagância no quesito vestuário. As mãos repousam sobre a mesa à sua frente, como estrelas do mar, e ele permanece impassível. Quer causar uma impressão.

– Esse sujeito não percorreu nem trinta quilômetros entre seu nascimento e sua morte – continua Camille. – Casado, com três filhos e, de repente, aos quarenta anos vem a crise da meia-idade. Essa crise o deixa louco e depois o deixa morto. Nenhuma relação com o Trarieux.

O juiz não diz nada, Le Guen não diz nada, todos guardam suas munições, com Camille Verhoeven, nunca se sabe exatamente como as coisas vão se desenrolar.

– Stefan Maciak, nascido em 1949. Família polonesa, família modesta, família trabalhadora, um exemplo para a França da integração social.

Todos já sabem de tudo aquilo, fazer o balanço de uma investigação para uma só pessoa é muito maçante, percebe-se pela voz impaciente de Camille. Nesses casos, Le Guen fecha os olhos, como se ele quisesse passar serenidade por transmissão de pensamento. Louis também faz isso para acalmar seu chefe. Camille não é irascível, mas, de vez em quando, ele não consegue esconder sua impaciência.

– Nosso Maciak levou tão a sério a integração social que se tornou um alcoólatra. Ele bebe como um polonês, portanto, é um bom francês. Do tipo que quer manter a nacionalidade francesa. Assim, ele trabalha no bistrô. Lava pratos, depois se torna garçom, depois garçom-chefe, temos diante dos olhos um belíssimo exemplo de ascensão social pelo caminho da descida pelo gargalo abaixo. Em um país laborioso como o nosso, o esforço sempre é recompensado. Maciak administra seu primeiro café aos trinta e dois anos,

em Épinay-sur-Orge. Ele fica oito anos e finalmente, no auge da ascensão social, compra, com um pequeno crédito complementar, o bistrô nos arredores de Reims, onde ele vai encontrar a morte nas condições que conhecemos. Ele nunca foi casado. Isso talvez explique a paixão arrebatadora que o atinge quando, certo dia, uma turista de passagem demonstra interesse por ele. Na mesma ocasião, ele perde quatro mil, cento e quarenta e três euros e oitenta e sete centavos (os comerciantes adoram as contas exatas) e a vida. Sua carreira foi suada, mas sua paixão, fulminante.

Silêncio. Não se sabe se é devido ao incômodo (juiz), à consternação (Le Guen), à paciência (Louis), à jubilação (Armand), mas todos se calam.

– Em sua opinião, as vítimas não têm nenhum ponto em comum, nossa homicida mata pessoas ao acaso – diz o juiz, enfim. – O senhor acha que os homicídios dela não são premeditados.

– Premeditados ou não, eu não faço ideia. Apenas constato que as vítimas não se conhecem e que não é por esse caminho que se deve investigar.

– Por que então nossa homicida muda de identidade, senão *para* matar?

– Não é *para* matar, sim *porque* ela matou.

Basta que o juiz emita uma hipótese para que Camille engate a marcha a ré. Ele se explica:

– Ela não muda realmente de identidade, ela escolhe outro nome, não é a mesma coisa. Perguntam a ela como se chama, ela diz "Nathalie", diz "Léa" e ninguém vai pedir sua carteira de identidade. Ela escolhe outro nome porque matou homens, três até onde sabemos… Na verdade, não sabemos quantos. Ela embaralha as pistas como pode.

– Eu acho que ela está conseguindo – diz o juiz.

– Devo reconhecer que sim… – diz Camille.

Ele diz isso distraidamente, pois seus olhos estão em outro lugar. Todos os olhares se direcionam para a janela. O tempo mudou. Fim de setembro. São apenas nove horas da manhã, mas a luz diminuiu de repente. A tempestade que açoita as janelas do Palácio de Justiça acaba de dobrar de intensidade e se choca contra as vidraças com uma violência furiosa; ela começou suas rajadas há mais de duas horas e parece que nada vai interrompê-la.

Camille olha inquieto para esse desastre. Se as nuvens ainda não têm o aspecto feroz do *Dilúvio*, de Géricault, ainda assim nota-se mais que uma ameaça no ar. *É preciso tomar cuidado,* pensa Camille, *no curso das nossas*

vidinhas, o fim do mundo não parecerá grande coisa, poderia começar assim ingenuamente.

– E a motivação? – pergunta o juiz. – Dinheiro é pouco provável…

– Também achamos. Ela só leva consigo somas irrisórias. Se ela estivesse fazendo isso por dinheiro, planejaria melhor seu golpe, escolheria presas mais ricas.

– O dinheiro do Trarieux pai é seiscentos e vinte e três euros, o do Maciak é o caixa do dia. No caso de Gattegno, ela esvazia o que tem em seus cartões.

– Um pequeno ganho de passagem?

– Possível. Eu estou mais inclinado para a ideia de uma pista falsa. Ela quer desviar um pouco as investigações, simulando roubo malsucedido.

– O quê, então? Loucura?

– Talvez. Em todo caso, é de teor sexual.

A grande palavra foi dita. A partir de então, pode-se dizer tudo, eles imediatamente percebem isso. O juiz tem suas próprias ideias sobre a questão. Camille não apostaria grande coisa sobre sua experiência sexual, mas teve suas aulas e não tem medo de teorizar sobre a questão.

– Ela… (se for ela)…

Desde o início, o juiz se compraz com esse efeito. Ele deve usar esse refrão em todos os casos, evocação das regras, presunção de inocência, necessidade de se apoiar em fatos tangíveis. Ele chafurda alegremente na imagem do pedante. Quando emite um subentendido como aquele, que lembra que nada está provado, sempre deixa pairar um segundo de silêncio para que todos sintam o significado do subtexto. Le Guen dá sua opinião a respeito. Mais tarde, ele dirá: “Ainda bem que nós temos que lidar com ele adulto. Imagina esse cara no último ano da escola como devia ser mala!”.

– Ela despeja ácido na garganta de suas vítimas – enfim, continua o juiz. – Se fosse sexual, como o senhor está dizendo, parece-me que ela o utilizaria de outra forma, não?

É uma insinuação, uma indireta. Eles ficaram teorizando e se distanciaram da realidade. Essa é uma oportunidade que não se deve perder:

– O senhor poderia ser mais preciso? – pergunta Camille.

– Bem…

Esse é um segundo muito longo de hesitação, Camille dá o bote:

– Sim…?

– Bem, em vez disso, ela despejaria o ácido…

– No pau dele? – interrompe Camille.

– Eh…

– Ou nas bolas, talvez? Ou nos dois?

– Sim, é o que me parece, na verdade.

Le Guen levanta os olhos para o teto. Quando ele ouve o juiz retomar a palavra, ele pensa "segundo round" e já se sente cansado.

– O senhor continua achando, comandante Verhoeven, que essa mulher foi violentada, é isso?

– Sim, violentada. Acho que ela mata porque foi violentada. Ela se vinga dos homens.

– E o fato de ela despejar ácido sulfúrico na garganta de suas vítimas…

– Estou inclinado a pensar que se trata de más lembranças de felação. Acontece, sabe…

– Absolutamente – diz o juiz. – É até mais frequente do que achamos. Mas felizmente, nem todas as mulheres chocadas por essa prática se tornam assassinas em série. Ou pelo menos, não dessa maneira…

Inesperadamente, o juiz sorri, e Camille fica um pouco confuso. São sorrisos que aparecem fora de hora e são difíceis de interpretar.

– Em todo caso, quaisquer que sejam as razões – continua ele –, foi o que ela fez. Sim, eu sei, se for ela…

Ao dizer isso, Camille gira o indicador no ar rapidamente: já conhece a ladainha.

O juiz continua a sorrir, concorda e se levanta.

– Em todo caso, sendo ou não esse motivo, alguma coisa ficou atravessada na garganta dessa garota.

Todos ficam surpresos. Sobretudo Camille.

34

Alex tentou uma última manobra de resistência. *Não estou com roupa para sair, não posso sair assim, não trouxe nada comigo, você está perfeita assim.* De repente, elas estão uma diante da outra no salão, Jacqueline olha para ela fixamente, mergulha seus olhos nos olhos verdes de Alex e balança a cabeça numa mistura de admiração e pesar, como se olhasse uma parte da própria vida, como se dissesse "como é bom ser bonita, jovem", e ela diz

“você está perfeita assim”, realmente acha isso, e Alex não tem nada mais a dizer, elas tomam um táxi, mal se dão conta e lá estão elas. A pista de dança é muito grande. Por si só, Alex já acha aquilo trágico, é como o circo, o zoológico, o tipo de lugar que desencadeia em você tristezas imediatas e inexplicáveis, mas para piorar, para preencher um lugar tamanho, seria preciso haver por volta de oitocentas pessoas, mas há em torno de cento e cinquenta. Uma orquestra, acordeom, piano elétrico, os músicos têm cinquenta anos, o líder da banda usa uma peruca castanha, que começou a escorregar com sua transpiração, é de se perguntar se ela não vai acabar escorrendo por suas costas. Cadeiras, uma centena, ao redor. Ao centro, o piso de madeira brilha como uma moeda nova, uns trinta casais passam e voltam, vestidos como dançarinos de bolero, como convidados de um casamento, como espanhóis da ralé, como dançarinos de charleston. É como se fosse o ponto de encontro das pessoas carentes. Jacqueline não vê o lugar assim, ela está em casa, adora aquilo e isso é nítido. Ela conhece os frequentadores, apresenta Alex: “Laura”, uma piscada de olho para ela e então “minha sobrinha”. São pessoas de quarenta, cinquenta anos. Aqui, as pessoas que estão nos trinta têm ar de órfãs, caso sejam mulheres, ou são vagamente suspeitas, caso sejam homens. E uma dezena de mulheres vivazes, da idade de Jacqueline, embonecadas, penteadas, maquiadas, junto ao braço de maridos gentis e pacientes com calças impecavelmente engomadas, mulheres barulhentas e brincalhonas, do tipo que dizem estar sempre “prontas para tudo”. Eles recebem Alex com abraços, como se conhecê-la fosse algo ansiosamente esperado há muito tempo, mas logo a esquecem, pois, acima de tudo, estão lá para dançar.

Na verdade, aquilo tudo não é mais que um imenso pretexto, pois Mário está lá, é por causa dele que Jacqueline veio. Ela deveria ter dito isso a Alex, teria sido mais simples. Um cara de trinta anos, com um físico de pedreiro, um pouco desengonçado, mas incontestavelmente viril. Assim, de um lado, Mário, o pedreiro, do outro, Michel, com o estilo de antigo diretor de uma empresa de pequeno ou médio porte, engravatado até o último botão, do tipo que puxa as mangas da camisa com a ponta dos dedos e que usa abotoaduras com suas iniciais. Um terno verde-água, bem claro, com uma pequena franja preta ao longo da perna, como muitos outros, é de se perguntar onde ele poderia exibir tal coisa além dali. Está interessado em Jacqueline e isso é visível, salvo que, diante de Mário, seus cinquenta anos pesam. Jacqueline não está nem aí para Michel. Alex observa essa farsa

transparente. Nesse lugar, alguns conhecimentos rudimentares de etologia bastam para interpretar todas as relações.

Ao lado do salão, há um bar que parece mais uma pequena tenda de bebidas, onde as pessoas se aglutinam quando a dança é menos popular, é ali que elas trocam gracejos. É ali também que os homens se aproximam das mulheres. Em certos momentos, forma-se um verdadeiro aglomerado no canto do salão, e os casais que continuam dançando parecem ainda mais sozinhos, como bonecos sobre um bolo de casamento. O líder da banda acelera um pouco a cadência para terminar a música com mais rapidez e tentar a sorte com outra faixa.

Passa das duas da manhã quando o salão começa a se esvaziar, homens enlaçam fervorosamente algumas mulheres no centro da pista porque resta pouco tempo para conseguir o que querem.

Mário desaparece, Michel se oferece para acompanhar as mulheres, Jacqueline diz *não, nós vamos tomar um táxi*, mas antes todos se beijam, dizem que passaram uma noite formidável, prometem tudo e mais um pouco.

No táxi, Alex arrisca mencionar Michel a uma Jacqueline um pouco alegre, que responde com uma confidência que não tem nada de secreto: "Sempre preferi homens mais jovens". Ao dizer isso, ela faz uma pequena careta, como se estivesse dizendo que não consegue resistir a chocolate. *Os dois se compram*, pensa Alex, pois cedo ou tarde, Jacqueline terá o seu Mário, mas de uma maneira ou de outra, ele custará caro.

– Você ficou entediada, não ficou?

Jacqueline pegou a mão de Alex e a apertou com força. Curiosamente, ela está com as mãos frias, que são longas, enrugadas e com unhas intermináveis. Nessa carícia, ela coloca toda a afeição que o horário e seu estado de embriaguez lhe permitem.

– Não – assegura Alex com convicção –, foi divertido.

Mas ela decide ir embora na manhã seguinte. Bem cedo. Ela não reservou passagem, pouco importa, vai encontrar um trem.

Elas chegam ao hotel. Jacqueline cambaleia sobre os saltos altos. Bom, está tarde. Elas se beijam na entrada, tomam cuidado para não fazer barulho e acordar alguém. *Até amanhã?* Alex diz sim a tudo, sobe para seu quarto, pega sua mala, desce de volta e a põe perto da recepção, fica apenas com a bolsa. Passa por trás do balcão e empurra a porta que dá para o pequeno salão.

Jacqueline tirou seus sapatos e se serve de um imenso copo de uísque. Agora que está só, abandonada a si mesma, parece cem anos mais velha.

Ao ver Alex entrar, ela sorri*, você esqueceu algo*. Não tem tempo de articular a frase, Alex tirou o receptor do telefone do gancho e, em seguida, desfere-lhe uma imensa pancada na têmpora direita, Jacqueline vira a cabeça com o choque e desaba. Seu copo voa pelo cômodo. Ela mal tem tempo para reerguer a cabeça, Alex bate com todas as suas forças a base do grande telefone de baquelite no topo do crânio, dessa vez com as duas mãos – este é seu jeito de matar as pessoas: batendo na cabeça, e essa também é a forma mais rápida quando não se tem arma. Dessa vez, três, quatro, cinco golpes maciços, levantando o braço o mais alto possível, e caso encerrado. A cara da velha já está bastante deformada, mas ela não está morta, é a segunda vantagem da cabeça, fica atordoada, mas ainda permite aproveitar a sobremesa. Mais dois golpes no rosto e Alex se dá conta de que Jacqueline usa dentadura. Três quartos dela estão atravessados para fora da boca, é feita de resina, e a maior parte dos dentes da frente quebrados, não resta grande coisa. O rosto urina sangue pelo nariz, Alex se afasta cautelosamente. O fio do telefone serve para amarrar os punhos e os calcanhares; depois disso, mesmo se a velha se remoer ainda um pouco, não haverá problema.

Alex sempre protege bem o nariz e o rosto. Ela executa seu trabalho afastada, com a ponta dos dedos, segurando um volumoso punhado de cabelo, e ela procede corretamente porque, sobre a resina dos dentes, o ácido sulfúrico concentrado provoca uma efervescência de uma rara intensidade.

Sob o efeito da fundição da língua, da garganta, do pescoço, a hoteleira solta um grito rouco e surdo, bastante animalesco. Seu estômago se distende, como um balão cheio de gás hélio. Esse grito talvez seja apenas um reflexo, difícil saber. De todo modo, Alex espera que seja de dor.

Ela abre a janela que dá para o pátio e entreabre a porta para deixar entrar uma corrente de ar, então, quando a atmosfera se torna respirável, ela fecha novamente a porta, deixa a janela aberta, procura o Baileys, mas não encontra. Então prova a vodca, nada mal, e se acomoda no sofá. Com um olho sobre o corpo da velha mulher. Morta, como se estivesse totalmente desarticulada, e isso não é nada ao lado do rosto, do que resta dele, os

tecidos fundidos pelo ácido provocaram hemorragias de botox, formando uma papa nauseante.

Eca.

Alex está exausta.

Ela apanha uma revista e começa a fazer as palavras-cruzadas.

35

Eles não obtêm avanços. O juiz, a previsão do tempo, a investigação, nada está dando certo. Até mesmo Le Guen está nervoso. E tem ainda essa garota da qual eles continuam sem saber nada. Camille terminou seus relatórios, ele caminha um pouco. Nunca tem vontade de voltar para casa. Se não fosse pela Doudouche esperando…

Eles estão trabalhando dez horas por dia, registraram dezenas de depoimentos, releram dezenas de relatórios e de atas de reuniões, compararam informações, solicitaram esclarecimentos, checaram detalhes, horários, interrogaram pessoas. E nada. Isso dá em que pensar.

Louis estende a cabeça primeiro pelo vão da porta e então se aproxima. Ao ver as folhas esparsas sobre a mesa, ele faz um gesto para o comandante: posso? Camille consente. Louis vira as folhas com os retratos da garota. A identificação facial eletrônica estabelecida pela Perícia Criminal é semelhante o bastante a ela para permitir às testemunhas seu reconhecimento, mas é um retrato sem vida, enquanto aqui, de memória, Camille lhe devolveu a vida, transfigurou-a. Essa garota não tem nome, mas, em seus desenhos, ela tem uma alma. Camille a desenhou dez, vinte, trinta vezes talvez, como se a conhecesse intimamente. Aqui está ela à mesa, provavelmente no restaurante, com as mãos cruzadas sob o queixo, como se escutasse alguém contar uma anedota, ela tem olhos claros e risonhos. Aqui ela chora, acabou de levantar a cabeça, é bastante comovente, como se faltassem palavras e seus lábios tremessem. Ali, na rua, ela caminha e se debruça virando-se, acabou de ser atraída por uma vitrine na qual seu rosto surpreso se reflete. Sob o lápis de Camille, essa garota fica incrivelmente viva.

Louis tem vontade de dizer o quanto ele acha os desenhos bons, mas não diz, pois lembra que Camille desenhava Irene dessa forma, o tempo todo,

sobre sua mesa, ele sempre tinha novos esboços, ele os traçava falando ao telefone, era como uma produção involuntária do seu pensamento.

Portanto, Louis não diz nada. Eles trocam algumas palavras. Não, Louis vai ficar ainda mais um pouco, não muito tempo, ele tem coisas a terminar. Camille compreende, levanta-se, coloca seu casaco, apanha seu chapéu e sai.

No meio do caminho, ele cruza com Armand. Como o encontra raramente no escritório nesse horário, Camille espanta-se. Armand prendeu dois cigarros sobre as duas orelhas, o topo de uma caneta de quatro cores sai pelo bolso do seu casaco desbotado. É sinal de que há um recém-chegado em algum lugar no andar. Uma circunstância na qual o faro de Armand nunca falha. Um recém-chegado não pode dar nem dois primeiros passos no edifício sem topar com o velho tira mais simpático da Terra, pronto para acompanhá-lo pelo labirinto dos corredores, enchê-lo com gentilezas, rumores, o sujeito de grande coração e que compreende os jovens absurdamente bem. Camille se diverte. Parece o número do *music hall* em que o espectador que subiu sem jeito ao palco tem relógio e carteira surrupiados sem perceber. Ao longo da conversa, o recém-chegado é destituído dos cigarros, caneta, caderneta, mapa de Paris, bilhete de metrô, tíquetes de restaurante, cartão de estacionamento, trocados, jornal do dia, revista de palavras-cruzadas, Armand pega tudo o que vier, no primeiro dia. Porque depois, tarde demais.

Camille e Armand saem da Brigada juntos. De manhã, Camille aperta a mão de Louis, mas nunca à noite. Com Armand, eles trocam apertos de mão à noite, mas sem dizer uma palavra.

No fundo, todos sabem, mas ninguém diz: Camille é um homem cheio de hábitos, os quais ele impõe a todos ao seu redor, além de sempre criar novos.

Na verdade, mais do que hábitos, são rituais. Maneiras de reconhecer uns aos outros. Com ele, a vida é uma perpétua celebração, só que ninguém sabe o que se está celebrando. E uma linguagem. Até colocar os óculos, para Camille, não quer dizer somente: estou colocando meus óculos, mas, segundo cada caso, preciso refletir, deixe-me em paz, estou me sentindo velho, que passem dez anos. Para Camille, colocar os óculos é um pouco o equivalente ao afastamento da mecha para Louis, um sistema de sinais. Talvez Camille seja assim porque é muito pequeno. Precisa se ancorar no mundo.

Armand aperta a mão de Camille e corre para o metrô. Camille permanece ali. Um pouco ocioso. Por mais que Doudouche seja gentil e faça tudo o que pode, voltar para casa à noite, quando não há ninguém o esperando…

Camille leu em algum lugar: é no momento em que não se acredita em mais nada que surge o sinal que pode salvar você.

É o que acontece justamente ali, nesse instante preciso.

A tempestade que havia parado, naquele momento acaba de recomeçar com mais intensidade. Camille segura seu chapéu na cabeça porque o vento está rodopiando e se aproximando do ponto de táxi totalmente deserto. Dois homens à sua frente, sob guarda-chuvas pretos, incomodados. Eles olham ao longe, curvados sobre a calçada, como passageiros que aguardam com impaciência um trem atrasado. Camille consulta seu relógio. Para o metrô. Meia-volta, alguns passos, meia-volta de novo. Ele para e observa o pequeno carrossel em torno do ponto de táxi. Um carro passa bem lentamente ao longo da faixa reservada, é até mesmo tão lento que parece uma abordagem, um convite discreto, dissimulado, o vidro abaixado… E de repente Camille tem certeza de que achou o que procurava. Não pergunte a ele por quê. Talvez simplesmente porque ele tenha esgotado todas as outras soluções. O ônibus não era possível por causa do horário, o metrô, arriscado demais, com câmeras para todo lado e, passada certa hora, quando está um pouco deserto, sempre há alguém para observá-lo da cabeça aos pés. O táxi também não. Para ser observado de perto, não há nada melhor.

Logo.

Logo, aconteceu daquela forma. Ele demora refletindo mais, achata o chapéu contra a cabeça, ultrapassa o cliente que estava se aproximando, grunhe um pedido de desculpa e enfia a cabeça através do vidro abaixado.

– Quanto cobra para ir até o cais de Valmy? – pergunta ele.

– Quinze euros? – arrisca o motorista.

País do leste europeu, mas qual, Camille e os sotaques… Ele abre a porta de trás. O carro arranca. O motorista levanta o vidro. Ele veste um colete de lã, do tipo tricotado em casa, com um zíper. Faz pelo menos dez anos que Camille não via algo do tipo. Desde que jogou o seu fora. Alguns minutos se passam, Camille fecha os olhos, alívio.

– Não, mudando de ideia – diz ele –, me leve para o cais des Orfèvres.

O motorista levanta os olhos para o retrovisor central.

No reflexo: a carteira de polícia do comandante Camille Verhoeven.

Louis está de partida, vestindo seu casaco Alexander McQueen, quando Camille entra com a sua caça. Louis fica surpreso.

– Você tem um segundo? – pergunta Camille, mas ele não espera resposta, instala o motorista numa sala de interrogatório e empoleira-se numa cadeira, de frente para ele.

Isso não vai demorar muito. Aliás, é o que Camille explica ao sujeito:

– Entre pessoas de boa vontade, sempre acabamos por chegar a um acordo, não?

O conceito de "pessoas de boa vontade", para um lituano de cinquenta anos, é um pouco complexo. Então, Camille se refugia em valores mais seguros, explicações mais rudimentares e, portanto, bem mais eficazes:

– Nós (quero dizer, a polícia) vamos fazer de tudo. Posso mobilizar esquadrões para bloquear a Gare du Nord e a de l'Est,[16] Montparnasse, Saint-Lazare, e mesmo os Invalides para as viagens destinadas ao aeroporto de Roissy. Podemos deter dois terços dos táxis irregulares de Paris em menos de uma hora e impedir os outros de trabalhar durante dois meses. Trazemos os que apanhamos para cá, separamos os que não têm documentos, os que têm documentos falsos, documentos fora de validade, enfiamos uma multa correspondente ao preço do carro deles, mas até mesmo os carros nós os recolhemos. Pois é, fazer o quê, não se pode agir de outra forma, é a lei, sabe? E depois, enfiamos a metade de vocês em aviões com destino para Belgrado, Tallinn, Vilnius (não precisa se preocupar, nós cuidamos das passagens!), e os que ficarem nós metemos atrás das grades por dois anos. O que acha disso, meu caro?

O taxista lituano não domina muito bem o francês, mas ele compreendeu o essencial. Mais que preocupado, ele olha para seu passaporte sobre a mesa, que Camille esfrega cautelosamente com a lateral da mão, como se quisesse limpá-lo.

– Também vou ficar com isso, se você não se importar. Como lembrança do nosso encontro. E vou devolver isso a você.

Ele lhe passa seu celular. O rosto do comandante Verhoeven muda bruscamente, não está mais brincando. Ele bate com força o telefone sobre a mesa de ferro.

– E agora, você trate de fazer o barraco que for preciso na sua comunidade de taxistas irregulares. Quero uma garota, entre vinte e cinco e

trinta anos, bonita, mas em mau estado. Imunda. Um dentre vocês a transportou no dia 11 de março entre a igreja e a Porte de Pantin. Quero saber para onde ele a levou. Eu dou a você vinte e quatro horas.

36

Alex percebe nitidamente que a experiência na gaiola a balançou de maneira considerável, que ela está vivendo o estresse pós-traumático. O medo de morrer daquela maneira, com aqueles ratos… só de pensar, ela sente calafrios e, por conseguinte, não consegue mais ter total domínio sobre si. Restaurar seu equilíbrio, manter a postura. Seu corpo continua enrijecido, súbitas contrações musculares a despertam de madrugada, é como a marca de uma dor que se recusasse a se extinguir. No trem, em plena madrugada, ela soltou um grito. Dizem que, para nos permitir sobreviver, o cérebro repulsa as lembranças ruins a fim de conservar apenas as boas. É possível, mas isso deve levar um bom tempo porque Alex, assim que fecha os olhos por muito tempo, revive seu tormento até as entranhas, aqueles ratos desgraçados…

Ela sai da estação, é quase meio-dia. No trem, acabou por adormecer e ver-se agora sobre a calçada no meio de Paris. Sentia-se como se tivesse acabado de sair de um sonho mal organizado. E continua bastante adormecida.

Ela puxa sua mala de rodinhas sob um céu uniformemente cinza. Rua Monge, um hotel, um quarto livre com janela para o pátio e um leve cheiro de tabaco frio. Ela tira a roupa e entra no chuveiro de imediato, bastante quente, depois morno, depois frio, em seguida, o inevitável roupão branco de tecidos felpudos que transforma os hotéis inglórios em palácios de pobres. Os cabelos molhados, lesões pelo corpo, faminta, lá está ela inteira diante do espelho. A única coisa de que gosta nela são seus seios. Enquanto seca os cabelos, observa-os. Seus seios cresceram muito tarde, ela já nem esperava mais, vieram de uma vez, quando ela tinha o quê, treze anos, até mais, catorze, talvez. Antes, “plana como uma tábua”, é o que sempre ouvia no ginásio, no colegial. Fazia anos que suas amigas já usavam decotes, vestiam blusas coladas, algumas tinham mamilos que pareciam de titânio, já ela, nada. Também diziam “tábua de pão”, ela nunca soube o que era uma

tábua de pão, ninguém sabia, mas aquilo servia para denunciar seu peito achatado aos olhos do mundo inteiro.

E o resto chegou ainda mais tarde, ela estava no colegial. Aos quinze anos, de uma vez, tudo foi posto no lugar, perfeitamente, os seios, o sorriso, as nádegas, os olhos, a silhueta inteira. O jeito de andar. Antes, Alex era rigorosamente feia, com o que chamam pudicamente de um físico ingrato, um corpo que parecia não se decidir, que ficava no meio do caminho, do tipo que não lembra nada, sem graça, sem personalidade, via-se apenas que era uma garota, nada mais. Sua mãe até dizia "coitada da minha filha", ela parecia entristecida, mas na verdade encontrava a confirmação de tudo o que pensava de Alex na ingratidão daquele físico. Não era nem feito nem por fazer. Quando Alex se maquiou pela primeira vez, sua mãe desatou a rir, não disse uma palavra, nada, apenas isso. Alex correu para o banheiro, limpou o rosto, olhou-se no espelho. Sentia-se envergonhada. Quando desceu de volta as escadas, sua mãe não disse uma palavra. Deu apenas um sorriso de canto de boca, bem discreto, mas aquilo equivalia a todos os qualificativos. E mais tarde, quando Alex começou a mudar de fato, sua mãe fingiu não notar nada.

Hoje tudo isso está longe, no passado.

Ela coloca calcinha, sutiã e mexe em sua mala. Impossível lembrar-se o que ela fez com aquilo. Não perdeu, não, certamente que não, ela está certa de que vai encontrar, revira sua mala inteira, espalha tudo sobre a cama, mexe nos bolsos da lateral, tenta se recordar, ela se revê na calçada, bem, o que ela estava vestindo naquela noite, lembra-se de uma vez, mergulha a mão em suas roupas em busca de um bolso.

– Aqui está!

É uma vitória incontestável.

– Você é uma mulher livre.

O cartão de visita está bem amassado, dobrado, já estava assim quando ele o deu para ela, com uma grande dobra no meio. É só discar o número. Ela diz, com os olhos fixos no cartão:

– Alô, Félix Manière?

– Sim, é ele. Quem fala?

– Oi, aqui é a…

Um branco. Qual foi o nome que ela disse a ele?

– É a Julia? Alô! É a Julia?

Ele quase gritou. Alex respira, sorri.

– Sim, é a Julia.

A voz dele parece um pouco distante.

– Você está dirigindo? – pergunta ela. – Estou atrapalhando?

– Não, sim, enfim, não…

Ele está realmente contente em ouvi-la e fica até um pouco confuso.

– Então é sim ou não? – diz Alex rindo.

– Para você é sempre "sim".

Ela deixa correrem alguns longos segundos, tempo o suficiente para apreciar a réplica, saborear o que isso quer dizer, o que ele disse a ela.

– Você é muito gentil.

– Onde você está? Em casa?

Alex se senta na cama e balança suas pernas à sua frente.

– Sim e você?

– No trabalho…

O breve silêncio seguinte é, entre eles, uma espécie de jogo, cada um espera que o outro se manifeste. Alex está muito confiante. Aquilo nunca falha.

– Fico feliz por você ter me ligado, Julia – diz Félix enfim. – Muito feliz.

Não me diga. E como está feliz. Alex o revê ainda com mais clareza agora que ouve sua voz, aquele físico de um homem meio desanimado com a vida e que começa a ganhar peso, aquela silhueta de pernas um pouco curtas e aquele rosto… Ela se sente mexida por pensar nele, seu rosto que causa tanto impacto, seus olhos vagamente tristes, um pouco distantes.

– E o que você está fazendo no seu trabalho?

Ao dizer isso, Alex deita-se na cama, de frente para a janela aberta.

– Estou checando os números da semana porque amanhã eu viajo e, se não monitorar tudo, uma semana depois, já sabe… Ele se detém. Alex continua a sorrir. É engraçado, basta ela levantar uma pestana ou se calar para detê-lo ou fazê-lo continuar. Se estivesse diante dele, bastaria sorrir de uma certa forma, olhá-lo virando suavemente a cabeça para que ele interrompesse sua frase ou a terminasse de outra maneira. Aliás, é exatamente isso o que ela acabou de fazer. Ela se calou e ele se interrompe sozinho, sentiu que aquela não era a resposta certa.

– Enfim, também pouco importa – diz ele. – E você, o que está fazendo?

Da primeira vez, ao sair do restaurante, ela causou a ele aquele efeito que sabe provocar nos homens. Ela conhece a receita. A forma de andar um tanto desamparada, a maneira de deixar cair os ombros levemente, o olhar

com a cabeça suavemente inclinada, os olhos sobressalentes, quase ingênuos, e os lábios derretendo diante do seu olhar… Naquela noite, na calçada, ela revê Félix, alucinado pela ideia de possuí-la. Sua avidez sexual transpirava por todos os poros. Portanto, aquilo não é nada difícil:

– Estou deitada – diz Alex. – Na minha cama.

Ela não fez muito, não fez uma voz séria e suave, nada de encenação inútil, apenas o necessário para instaurar a dúvida, o embaraço. Em relação ao tom, informação pura; quanto ao conteúdo, um abismo. Silêncio. Ela acha que pode ouvir a avalanche de sinapses que se desencadeou na cabeça de Félix, incapaz de encontrar uma palavra. Então, ele ri tolamente e, como ela não reage, como, pelo contrário, ela coloca toda a tensão que pode em seu silêncio, o riso de Félix se abafa e se esvai:

– Na sua cama…

Félix saiu de si mesmo. Nesse mesmo segundo, ele se tornou seu telefone celular, acabou de se fundir com as ondas que se propagam pela cidade, dele em direção a ela, ele é o ar que ela respira e que infla lentamente seu ventre firme, coroado por sua calcinha branca tão pequena, que imagina tão pequena, ele mesmo é essa calcinha, é o tecido dessa calcinha, a atmosfera do quarto, as micropartículas de poeira que a cercam e a envolvem, ele não consegue dizer mais nada, está incapacitado. Alex sorri levemente. Ele a ouve.

– Por que você está rindo?

– Porque você me faz rir, Félix.

Será que ela já o havia chamado pelo nome?

– Ah…

Ele não sabe muito bem como interpretar aquilo.

– O que você vai fazer essa noite? – emenda Alex.

Ele tenta duas vezes engolir sua saliva.

– Nada…

– Você me convida para jantar?

– Nesta noite?

– Bem – diz Alex com uma voz firme –, se for uma má hora, desculpe…

E seu sorriso se abre ao ouvir a torrente brutal de desculpas, de justificações, de promessas, de explicações, de esclarecimentos, de razões, de motivos enquanto ela olha de relance para o relógio: são dezenove e trinta. Ela o interrompe com uma sugestão:

– Às vinte horas?

– Sim, às vinte horas!

– Onde?

Alex fecha os olhos. Ela cruza as pernas sobre a cama, realmente, essa foi fácil demais. Félix precisa de mais de um minuto para propor um restaurante. Ela se debruça sobre a mesa de cabeceira, anota o endereço.

– É um lugar muito bom – garante ele. – Bem, é um lugar bom… Você verá por si mesma. E, se não gostar, podemos ir a outro lugar.

– Se é bom, por que iríamos para outro lugar?

– É… questão de gosto…

– Justamente, Félix, tenho interesse em saber qual é o seu gosto.

Alex desliga e se espreguiça como uma gata.

37

O juiz exigiu a presença de todos. Toda a equipe, Le Guen primeiro, Camille, Louis, Armand. Essa investigação está patinando lamentavelmente.

Bem, patinando… nem tanto, na verdade. Pois finalmente eles obtiveram algo novo. Algo real, grande, radicalmente novo e, para permitir que todos usufruam disso, o juiz pediu para Le Guen não se esquecer de ninguém. Camille acabou de entrar na Brigada com um passo austero e Le Guen logo tenta acalmá-lo com o olhar. Já Camille sente a tensão subir pelo estômago. Seus dedos, nas suas costas, esfregam-se uns nos outros, como se estivessem se preparando para uma operação de grande precisão. Ele olha o juiz entrar. Da mesma maneira como ele tem se conduzido desde o começo da investigação, pressupõe-se que, para ele, a prova da inteligência é ter a última palavra, e hoje ele não parece ter a intenção de abrir mão disso.

No quesito vestimenta, o juiz é nota dez. Terno sóbrio, cinza, gravata discreta, cinza, a elegância eficaz que encarna a Justiça sensata. Ao ver o figurino tchekoviano, Camille imagina que Vidard está planejando ser teatral. Mas o mérito não é dele. O papel do juiz já está escrito, a peça poderia ter como título: “Crônica de uma novidade prevista”, pois toda a equipe já sabe o que esperar. Ela poderia se resumir a: “Os senhores são todos uns patetas”, pois a teoria de Camille acaba de levar um baita golpe na nuca.

Duas horas antes, a novidade chegou. O homicídio de uma tal Jacqueline Zanetti, hoteleira em Toulouse. Levou várias pancadas violentas na cabeça, com uma nítida obstinação e, em seguida, amarrada e liquidada com ácido sulfúrico concentrado.

Camille imediatamente ligou para Delavigne. Eles se conheceram no início da carreira, duas décadas atrás, ele é comissário na Brigada Criminal de Toulouse. Em quatro horas, trocaram ligações sete ou oito vezes. Delavigne é um sujeito direto, leal, solidário e está sendo a todo instante incomodado pelo amigo Verhoeven. A manhã toda, Camille, do seu escritório, participou das primeiras constatações e dos interrogatórios quase como se estivesse lá.

– Não há a menor dúvida – diz o juiz. – Trata-se, sem contestação, da mesma assassina. De um homicídio ao outro, o método é quase invariável. O relatório situa a morte da senhora Zanetti no sábado, nas primeiras horas da manhã.

– O hotel dela é conhecido aqui – disse Delavigne. – É uma casa *very quiet*.

Ah, sim, ele é assim, Delavigne gosta de ornar a conversa com anglicismos. É sua peculiaridade. Isso deixa Camille bastante irritado.

– A garota chegou terça a Toulouse, eles encontraram seu rastro num hotel próximo à estação em que ela desceu com o nome de Astrid Berma. Ela muda de hotel no dia seguinte. Quarta, faz *check-in* no hotel da Zanetti, chamado Hotel du Pré Hardy, sob o nome de Laura Bloch, quinta *in the night*, ela lhe dá várias pancadas com um telefone. Bem no meio da cara. Depois disso, ela a liquida com ácido sulfúrico e esvazia o caixa do hotel, que continha por volta de dois mil euros, antes de desaparecer.

– Ela não poupa nas identidades, isso pelo menos…

– Não, quanto a isso, nada a dizer.

– Não se sabe se ela está de carro, de trem, de avião. Vamos checar na estação de trem da SNCF, nas ferrovias interdepartamentais, nas agências de locação de automóvel, nos táxis, mas vamos precisar de tempo.

– Encontramos impressões digitais por toda parte, observa o juiz, no quarto dela, no salão da senhora Zanetti, ela claramente não se incomoda que nós a encontremos. Ela não está fichada, sabe disso, não tem nenhum motivo para se dar ao trabalho. É o cúmulo da provocação.

O fato de haver, na sala, um juiz de instrução e um comissário divisionário não impede os policiais de obedecerem à regra de Camille: nas reuniões de balanço, todos ficam de pé. Com as costas na porta, Camille se cala. Ele espera o que está por vir.

– Depois? – pergunta Delavigne. – Bem, quinta à noite, ela acompanhou Zanetti ao bar do Central, é um lugar bem *picturesque*…

– Em que sentido?

– Um baile de terceira idade, solitários. Solteiros, amantes de dança. De traje completo com paletós brancos, gravatas e vestidos com franjas e babados… Eu acho esse tipo de lugar bem *funny*, já você, acho que o deixaria deprimido.

– Estou vendo.

– Não, não acho que você realmente esteja vendo…

– É tão ruim assim?

– Você nem pode imaginar. Deveríamos colocar o Central no circuito dos turistas japoneses como *pinnacle of achievement*!

– Albert!

– O quê?

– Pode me poupar de seus anglicismos, isso me irrita bastante.

– *Ok, boy*.

– Muito melhor assim… O assassinato tem relação com essa noitada fora?

– *A priori*, não. Nenhum testemunho caminha nessa direção. A noite foi "animada", "divertida", teve um até que me disse "formidável". Enfim, foi uma noite chata, mas de todo modo sem problemas, sem briga, exceto as inevitáveis histórias de flerte, de casais, das quais a garota não participou. Bastante reservada, parece. É como se ela estivesse lá somente para agradar Zanetti.

– Elas se conheciam?

– A Zanetti a apresentou como sua sobrinha. Não foi preciso nem uma hora para verificar que ela não tem nem irmão nem irmã. Naquela família,

há menos sobrinhas que virgens num bordel.

– Quanto a essa comparação, você não sabe nada de virgens… – Ah sim, senhor! Em Toulouse, quando se trata de virgens, nossos cafetões são inflexíveis!

– Mas – diz o juiz –, sei que os senhores já obtiveram todos os dados por intermédio de seus colegas de Toulouse. Não, o interessante não está daqueles lados.

Vamos, pense, Camille.

– O interessante é que até aqui ela havia matado apenas homens, mais velhos que ela e que esse homicídio de uma mulher de mais de cinquenta anos desqualifica a hipótese dos senhores. Estou me referindo à teoria do comandante Verhoeven de homicídios com teores sexuais.

– Também era a sua, senhor juiz.

Essa veio de Le Guen. Ele também já está um pouco farto.

– Absolutamente! – diz o juiz.

Ele sorri, quase contente.

– Nós todos cometemos o mesmo erro.

– Isso não é um erro – diz Camille.

Todos olham para ele.

– Enfim – diz Delavigne –, elas vão juntas ao baile. Sobre isso, há vários depoimentos de amigos e conhecidos da vítima. Eles descrevem a garota como gentil, *smiley* (*sorry*), todos reconhecem a identificação facial eletrônica que você me mandou. Linda, magra, olhos verdes, cabelo castanho-avermelhado. Duas mulheres têm certeza de que se trata de uma peruca.

– Acho que elas têm razão.

– Noite no baile do Central, depois retorno ao hotel, por volta das três horas da manhã. O assassinato deve ter acontecido pouco tempo depois, porque (digo por alto, hein, é preciso esperar a autópsia para ter certeza) o legista situa a morte por volta das três e meia.

– Uma discussão?

– Possível, mas então, deveria ser um baita desacordo. Para terminar com ácido sulfúrico…

– Ninguém ouviu nada?

– *No one*. *Sorry*… Ao mesmo tempo, o que se pode esperar, naquele horário, todos estão roncando. E, além disso, umas pancadas de telefone na cara não fazem tanto barulho assim.

– Essa Zanetti morava sozinha?

– Pelo que sabemos, depende da época. Nos últimos tempos, sim, ela estava sozinha.

– Pouco importa a hipótese, comandante. O senhor pode se agarrar à teoria que quiser, isso não nos leva a avançar nenhum dedo e infelizmente não altera nada no resultado final. Nós temos diante de nós uma homicida totalmente imprevisível, que se desloca com rapidez e de maneira reincidente mata indiferentemente homens e mulheres. Está absolutamente livre para ir e vir e nem mesmo preocupada, pois não está fichada. Então, minha pergunta é simples, senhor divisionário, como o senhor pensa em proceder?

38

– Bom, se você está dizendo que é só meia hora… Mas depois me leva de volta?

Félix prometeria qualquer coisa. Porém, ele tem a impressão de que as coisas não se passaram tão bem com Julia, que ela não achou sua conversa tão fascinante. Já na primeira vez, na saída do restaurante, ele sentiu que não estava à altura; há pouco, ao telefone, ele tampouco tem a impressão de ter tido uma boa performance. Em sua defesa, o fato de ela ligar para ele o deixou maluco, ele não podia acreditar. E agora esta noite. Para começar, o restaurante, que ideia foi ter. Foi pego desprevenido, o que se pode esperar… Aquela garota liga para você, deitada na cama, ela diz "Nesta noite". "Tudo bem, nesta noite, onde?" Logo, obviamente, você fica desorientado, você diz o que vem à cabeça e depois…

De início, ela se divertiu em deixá-lo excitado. Primeiro, o vestido que escolheu. Ela sabe o efeito que causa. Não deu erro, quando ele a viu, é como se sua mandíbula inferior fosse cair na calçada. Em seguida, ela disse "Oi, Félix…", colocando a mão sobre seu ombro e raspando sua bochecha com os lábios, bem rapidamente, como um gesto de familiaridade. Félix derreteu na hora, essa maneira de agir o deixou confuso, pois podia tão bem querer dizer "a noite é nossa" quanto "sejamos apenas amigos", como se eles trabalhassem juntos. Alex executa muito bem esse tipo de gesto.

Ela o deixou contar sua vida profissional, os escâneres, as impressoras, a empresa, as oportunidades de promoção por vir, os colegas que não chegam nem no seu calcanhar e os números do último mês. Alex até improvisou um "Oh!" admirado, Félix se sentiu importante e teve a impressão de ter ganhado pontos com aquela jogada.

Não, o que diverte Alex naquele homem é certamente seu rosto, que lhe provoca fortes sensações, desnorteantes, mas ela se diverte principalmente ao ver a violência de seu desejo. É por isso que ela está lá. O fato de ele a desejar em sua cama é algo que exala por todos os poros de sua pele. Sua virilidade está pronta para explodir no contato com a menor faísca. Quando ela sorri, ele fica tão excitado que é como se fosse levantar a mesa. Também foi assim da primeira vez. *Ejaculador precoce?* Alex se pergunta.

Agora, eles estão no carro, Alex levantou seu vestido um pouco mais alto do que precisava e é mais forte que ele. Eles estão no carro em movimento há dez minutos, ele já coloca a mão na parte de cima da coxa dela. Alex não diz nada, ela fecha os olhos com um sorriso por dentro. Quando os abre novamente, ela vê bem, aquilo o deixou louco, se ele pudesse, treparia com ela ali, imediatamente, sobre o bulevar periférico. Veja, justamente, o periférico, eles passam pela Porte de la Vilette. É aqui que Trarieux foi esmagado por um caminhão semirreboque. Alex está nos céus. Félix sobe a mão, ela o interrompe. O gesto, calmo, caloroso, tem mais ar de uma promessa que de uma proibição. Ela segura seu punho de uma maneira… Se continuar com tamanha ereção, esse cara não vai chegar inteiro, ele vai explodir em pleno voo. Eles não dizem nada. A atmosfera no carro é tangível, calorosa, esse silêncio é suspenso como um rojão em chamas sobre um detonador. Félix dirige rápido, Alex não se preocupa. E depois da via rápida, um imenso condomínio, um bloco de prédios, bem triste. Ele estaciona seu carro de uma vez, vira-se para ela, mas ela já está fora do carro, alisando seu vestido com a palma da mão. Ele caminha em direção ao

prédio com sua braguilha protuberante, que ela finge não notar. Ela levanta os olhos, o prédio deve ter ao menos vinte andares.

– Doze – diz ele.

Está bastante mal conservado, as paredes estão sujas, cobertas de inscrições obscenas. Algumas caixas de correio estão arrombadas. Ele sente vergonha, é como se ele pensasse que, todavia, poderia tê-la levado a um motel. Mas a palavra "motel", de imediato, logo após a saída do restaurante, significaria de fato: "quero trepar com você", então ele não ousou. E por isso, sente vergonha. Ela sorri para mostrar que aquilo não tem nenhuma importância e é verdade: para Alex, aquilo não tem a menor importância. Para tranquilizá-lo, ela põe sua mão novamente sobre seu ombro e, enquanto ele procura sua chave, ela dá um beijo bem curto, bem quente na parte de baixo da sua bochecha, na fronteira com o pescoço, na região que provoca arrepios. Ele para, volta a si, abre a porta, acende a luz e diz: "Entre, eu já volto".

Apartamento de solteiro. De divorciado. Ele se precipitou para o quarto. Alex retira seu casaco, coloca-o sobre o sofá e volta para observar Félix. A cama não está arrumada, aliás, nada está arrumado, ele está ajeitando tudo rapidamente. Quando a vê à soleira da porta, ele sorri sem jeito, pede desculpas, tenta fazer tudo com mais rapidez, realmente está com pressa de arrumar as coisas, de terminar aquilo. Alex o observa tentando sair daquela situação como pode. Um quarto sem alma, um quarto de homem sem mulher. Um antigo computador, roupas esparsas, uma maleta fora de moda, um velho troféu de futebol sobre uma prateleira, num quadro a reprodução industrial de uma aquarela como as que se encontram nos quartos de hotel, cinzeiros transbordando, ele está de joelhos sobre a cama, balança o lençol, inclinando-se para a frente. Alex se aproxima, posiciona-se atrás dele, ergue o troféu de futebol com as duas mãos sobre a cabeça e golpeia-o atrás do crânio. Logo na primeira pancada, a quina da base de mármore penetra ao menos três centímetros dentro da cabeça. Aquilo faz um barulho oco, como uma vibração no ar. A violência do choque desequilibra Alex, que dá um passo para o lado, volta para perto da cama, procura um ângulo melhor, ergue de novo os braços sobre a cabeça e, mirando bem, bate com o troféu com todas as suas forças. A aresta da base arrebenta o osso occipital, Félix desmorona sobre a barriga, tomado por convulsões bruscas… Quanto a ele, é o fim da linha. Melhor poupar energia.

Talvez ele até já esteja morto e seja o sistema neurovegetativo que continua a se agitar.

Ela se aproxima, abaixa-se curiosa, levanta-o pelo ombro. Na verdade, não, ele parece apenas inconsciente. Ele geme, mas respira. Até bate as pálpebras, é reflexo. Está com o crânio tão arrebentado que clinicamente já está metade morto. Uns dois terços, digamos.

Logo, ele não está totalmente morto.

É melhor assim.

De todo modo, depois do que levou na cabeça, ele não representa grande perigo.

Ela o vira de costas, ele é pesado, sem resistência. Ele tem gravatas, cintos, tudo o que é preciso para amarrar os punhos, os calcanhares, questão de alguns minutos.

Alex vai até a cozinha, apanha sua bolsa, volta para o quarto, tira seu frasco, monta sobre seu peito com as pernas abertas, quebra alguns de seus dentes, forçando os maxilares com a base de uma luminária, torce ao meio um garfo e enfia em sua boca para mantê-la aberta, afasta-se, enfia o gargalo no fundo de sua garganta e despeja tranquilamente meio litro de ácido sulfúrico concentrado na laringe.

Isso obviamente acorda Félix.

Não por muito tempo.

Ela poderia ter jurado que aqueles prédios eram do tipo barulhentos. Na verdade, à noite, são bem tranquilos. A cidade ao redor é até mesmo bem bonita, assim, vista do décimo segundo andar. Ela procura pontos de referência, mas é difícil se achar na paisagem noturna. Ela também não havia percebido que a rodovia passa bem perto, deve ser a via rápida que eles tomaram. Se for assim, Paris é do outro lado. Alex e o senso de direção…

O apartamento e a faxina são bastante descuidados, mas Félix cuida do seu laptop, que está muito bem guardado em um belo alforje, com compartimentos para as pastas, as canetas, o cabo de alimentação. Alex levanta a tela, inicia uma sessão, conecta-se à internet, olha de relance o histórico para se divertir: sites pornográficos, jogos on-line, ela se vira para o seu quarto: “Que travesso esse Félix…”, então digita seu nome. Nada, a polícia continua sem saber sua identidade. Ela sorri. Prepara-se para fechar

o laptop, contém-se, digita: *polícia – pessoas procuradas – homicídios*, passa os primeiros resultados e enfim encontra. Eles estão procurando uma mulher que cometeu vários homicídios. Já chamaram, inclusive, algumas pessoas para depor. Alex tem a reputação de "perigosa". A julgar pelo estado de Félix, no cômodo ao lado, o qualificativo não é infundado. E honestamente, sua identificação facial eletrônica é muito boa. Eles devem ter se servido das fotos tomadas por Trarieux para chegarem àquilo. Sem dúvidas, eles sabem o que estão fazendo. Com aquele tipo de olhar, alheio, esses desenhos sempre transmitem rostos meio mortos. Mude o penteado e a cor dos olhos, você terá outra pessoa. E é exatamente o que ela vai fazer. Alex fecha o laptop com um gesto seco.

Antes de partir, ela dá uma olhada no quarto. O troféu de futebol jaz sobre a cama. A quina está ensanguentada com bastante cabelo colado. Ele representa um jogador de futebol reproduzido no momento de um chute que se imagina triunfante. O triunfante, sobre a cama, tem o ar muito menos vitorioso. O ácido fundiu toda a garganta, que não é mais que uma massa de tecidos dissolvidos, brancos e rosados. Parece que empurrando um pouco forte, seria possível soltar a cabeça de uma só vez. Ele manteve os olhos abertos, esbugalhados, mas sente-se bem que uma sombra passou sobre eles. Um véu apagou o olhar, como os olhos de vidro dos ursos de pelúcia, Alex já teve um daqueles.

Sem virá-lo, Alex mexe por dentro do casaco dele para pegar suas chaves. Agora ela já está na escada, em seguida no estacionamento.

Ela desativa o alarme no último instante, quando está prestes a entrar no carro.

Em cinco segundos, ela arranca. Abre bastante o vidro. O cheiro de tabaco frio é insuportável. Alex pensa que agora Félix nunca mais irá fumar, e essa é uma boa notícia para ele.

Um pouco antes de chegar à entrada de Paris, ela faz um breve desvio e para o carro por um instante ao longo do canal, diante do depósito das Siderúrgicas em Geral. O imenso prédio, imerso na noite, parece um animal pré-histórico. Alex sente um arrepio nas costas só de pensar no que viveu lá dentro. Ela abre a porta, dá alguns passos, lança o laptop de Félix no canal e volta para o carro.

Nesse horário, é preciso menos de vinte minutos para se chegar ao estacionamento da Cité de la Musique.

Ela estaciona o carro no segundo subsolo, joga as chaves num esgoto antes de descer para o metrô.

39

Trinta e seis horas para localizar o táxi irregular que transportou a garota para Pantin.

O prazo foi ultrapassado em doze horas, mas aí está o resultado.

Três veículos sem identificação policial seguem logo atrás. Eles dirigem em direção à rua Falguière. Enfim, não muito longe do local em que ela foi sequestrada. Isso incomoda Camille. Na noite do sequestro, eles passaram a maior parte da noite interrogando a vizinhança, sem o menor resultado.

– Naquela noite, será que deixamos passar alguma coisa? – pergunta Louis.

– Não necessariamente.

Mesmo assim…

Dessa vez, eles estão num táxi eslovaco. Um sujeito grande, com um rosto de lâmina de faca e olhos febris. Trinta anos talvez, calvície precoce, concentrada na parte detrás da cabeça, como os monges. Pela identificação facial eletrônica, ele reconhece a garota. *Exceto os olhos*, ele disse. Normal, aqui disseram olhos verdes, antes olhos azuis, a garota certamente utiliza lentes coloridas. Mas é ela.

O taxista dirige de maneira excessivamente prudente. Louis se apronta para dizer algo, Camille é mais rápido que ele. Com um movimento dos quadris, ele se propulsiona para o assento da frente, os pés enfim tocam o assoalho. Nesse carro, um modelo 4 por 4, ele poderia quase ficar de pé, e isso o irrita ainda mais. Então, ele põe a mão sobre o ombro do motorista:

– Pode ir mais rápido, amigão, ninguém vai prendê-lo por excesso de velocidade.

O eslovaco não precisa ouvir duas vezes. Ele acelera brutalmente. Quando se dá conta, Camille já está caído no fundo do banco de trás. Esse não é o tipo de coisa que se deve fazer, por isso, quando o motorista percebe, ele diminui, pede mil desculpas. Daria seu salário, seu carro e sua

mulher para que o comandante esquecesse o incidente. Camille solta fumaça pelo nariz, Louis vira a cabeça para ele e põe a mão sobre seu braço, e nós lá temos tempo para essas bobagens; seus olhos não pronunciam tais palavras; dizem antes algo como: Não temos muito tempo para nos deixarmos levar pela raiva, ainda que passageira, não acha?

Rua Falguière, rua Labrouste.

No caminho, o motorista contou tudo. A tarifa estava fixada para vinte e cinco euros. Quando ele a abordou, perto do ponto de táxi deserto da igreja de Pantin, a garota nem discutiu, ela abriu a porta de trás e desmoronou no banco. Estava exausta, cheirava mal, cheirava a suor, a sujeira, vai saber o que mais. Eles fizeram o caminho em silêncio, ela balançando a cabeça, como se estivesse resistindo ao sono, aquilo não parecia coisa boa para o eslovaco. Drogada? Ao chegar naquele bairro, ele virou para ela, mas a garota não olhava para ele, ela olhava fixamente para a rua através do para-brisa. Então, ela se virou, como se procurasse algo ou estivesse subitamente desorientada, e disse:

– Vamos esperar um pouco… Estacione.

E indicou um ponto em algum lugar à sua direita. Eles não haviam combinado aquilo. O motorista ficou colérico. Pela maneira como ele conta a cena, sente-se a atmosfera: a garota sem dizer nada sentada no banco de trás, o motorista fora de si, ele está habituado a ser tapeado, mas não é do tipo de se deixar enrolar, ainda mais por uma garota. Mas ela apenas diz, sem olhar para ele:

– Não enche, ou a gente espera ou eu saio do carro.

Desnecessário dizer que ela não pagará. Ela poderia ter dito “ou a gente espera ou eu ligo para a polícia”, mas não, ambos sabem ao que recorrer, os dois estão em situação irregular. Igualdade de forças, o táxi arranca novamente, ela aponta o lugar, ele estaciona.

– Estou esperando alguém, não vai demorar muito – acrescenta ela.

O motorista não gosta nada daquilo, ficar parado sem finalidade, com aquela garota cheirando mal. Ele não sabe o que estão esperando. Ela quis que ele estacionasse de frente para a rua, ele até mostra um lugar, apontando para a frente. Ninguém sabe para onde olhar, eles sabem que é para a frente, nada mais. A vinda de alguém, o truque do encontro, ele não acredita nem por um segundo. Ela não parece perigosa. Estava mais para preocupada. Camille escuta o motorista contar a espera. Ele imagina que, por ter ficado ocioso, o motorista talvez tenha começado a criar histórias sobre aquela

garota, história de ciúmes, de amor frustrado, que ela devia estar espionando um homem, ou uma mulher, uma rival, ou uma história de família, é mais frequente do que se pensa. Um olho no retrovisor. Aquela garota não é feia, se ao menos ela estivesse limpa. Acabada desse jeito, é de se perguntar de onde ela está saindo.

Eles permanecem por um longo momento à espreita. Ela se mantém alerta. Nada acontece. Camille percebe que ela fica à espreita para saber se Trarieux se deu conta da sua fuga, se espera perto da casa dela.

Ao fim de um momento, ela tirou três notas de dez euros e saiu sem explicação. O motorista a viu partir naquela direção, mas não olhou para onde ia, ele não queria permanecer naquele lugar, em plena noite, então saiu em disparada. Camille desce. Na noite do sequestro, eles vasculharam até ali, o que será que aconteceu? Eles saíram dos carros. Camille aponta para os prédios à sua frente.

– Ela mora num prédio cuja entrada é visível daqui.

Louis, peça duas equipes suplementares imediatamente. Os demais…

Camille distribui as tarefas. Todos partem rapidamente. Camille se apoia na porta do táxi, pensativo.

– Posso ir? – pergunta o taxista em voz baixa, como se temesse ser ouvido.

– Ahn? Não, vou ficar com você.

Camille olha para ele, com sua cabeça longa como um dia sem pão. Ele sorri.

– Você subiu de cargo. Agora é o motorista particular de um comandante de polícia. Você está no país da ascensão social, não sabia?

40

– Muito simpática! – disse o árabe dono da mercearia.

Armand ficou encarregado do depoimento do árabe, dono da mercearia. Com os comerciantes, ele sempre se voluntaria, principalmente com os donos de mercearia, uma dádiva que não acontece todos os dias. Quando interroga, ele causa um pouco de medo com seu comportamento de morador de rua, ele caminha entre os corredores da loja, mostra-se impressionado com subentendidos inquietantes e, como quem não quer

nada, aproveita para usufruir da loja. Ele pega um pacote de goma de mascar aqui, uma lata de coca ali… Um segundo depois, ele faz perguntas a esmo, o comerciante o vê encher seus bolsos com doces, sacos de balas, biscoitos, barras de chocolates, Armand ama açúcar. Sobre a garota, ele não descobre muita coisa, no entanto, insiste. Como ela se chamava? Pagava em dinheiro, nunca cartão, nunca cheques? Ela vinha com frequência? Vestida como? E na outra noite, o que ela comprou exatamente? E quando está com os bolsos transbordando, ele agradece pela colaboração e vai esvaziar seu carregamento no porta-malas do carro no qual sempre há sacos plásticos usados para ocasiões como essa.

Quanto à senhora Guénaude, foi Camille que a achou. Por volta dos sessenta anos, pesada, com um arquinho no cabelo. Redonda e vermelha como uma açougueira, com olhos fugazes. Ela está se sentindo bastante incomodada. Realmente bastante incomodada, ela se contorce como uma colegial que acabou de ser assediada, do tipo que irrita os comandantes de polícia. Também do tipo que liga facilmente para a polícia, que se reveste com sua integridade de proprietária. Então, não, ela não era apenas uma vizinha. Como dizer, ela a conhecia, mas ao mesmo tempo não a conhecia, eles têm dificuldade para compreender suas respostas que na verdade não são respostas. Ela é irritante.

São necessários apenas quatro minutos para que Camille sinta vontade de mandar a mãe de Guénaude ir se foder. Gabrielle. Ela fede a mentira, a má-fé e a hipocrisia. A ruindade. Ela e seu marido eram padeiros e confeiteiros. No dia primeiro de janeiro de 2002, Deus desceu à Terra, Ele se encarnou na transição para o euro. E quando Ele está no formato de pessoa, Deus não é do tipo que poupa nos milagres. Após a multiplicação dos pães, multiplicação dos tostões. Por sete. De um dia para o outro. Deus é um simplificador genial.

Ao se tornar viúva, a mãe Guénaude aluga tudo o que ela possui com pagamento em espécie, ela garante que é para prestar um favor, “se eu fosse a única…”. Estava ausente no dia em que os tiras quase sitiaram o bairro. “Eu estava na casa da minha filha em Juvisy.” De todo modo, quando ela soube, ao retornar, que a garota que estavam procurando parecia grosseiramente sua antiga locatária, nada de ligar para a polícia, “eu não podia saber se era ela, se eu pudesse adivinhar, pense bem.”

– Eu vou meter você atrás das grades – diz Camille.

Ela fica pálida, o que significa que a ameaça causou efeito. Para tranquilizá-la, Camille acrescenta:

– Atrás das grades, com suas economias, a senhora poderá comprar todos os suplementos da cantina da prisão.

Aqui, a garota chamava-se Emma. Por que não? Após Nathalie, Léa, Laura, Camille está pronto para tudo. A senhora Guénaude precisa se sentar para olhar a identificação facial eletrônica. Ela não se senta, desaba. Sim, é ela, é mesmo ela, ah, quantas emoções ela sentiu no peito, Camille se pergunta se ela não vai se juntar ao marido no paraíso dos malfeitores. Emma não ficou mais que três meses, nunca recebia visita, às vezes se ausentava, na semana passada justamente, ela teve de partir de repente, havia acabado de chegar de um trabalho temporário na província, com um torcicolo, havia caído de mau jeito, disse que foi no sul. Pagou seus dois meses, uma questão familiar, ela explicou, muito chateada por partir tão rápido. A padeira conta tudo o que sabe, ela não imagina o que fazer para satisfazer o comandante Verhoeven. Se ela ousasse, ofereceria dinheiro. Mas, ao olhar para o policialzinho de olhar frio, ela sente vagamente que essa proposta não seria adequada. Camille recompõe a história, apesar da desordem das informações. Ela aponta para a gaveta do bufê: um papel azul, o endereço que ela forneceu. Camille não se empolga, não tem a menor ilusão em relação àquilo, todavia ele abre a gaveta ao mesmo tempo em que tira o celular do bolso.

– Essa é a letra dela?

– Não, é a minha.

– Também achei…

Ele dita o endereço pelo telefone. À sua frente, acima do bufê, emoldurado, um quadro que exibe um cervo numa vegetação verde-maçã.

– Seu cervo tem mesmo uma cara de babaca…

– Foi a minha filha que pintou – arrisca Guénaude.

– Vocês são mesmo uma ameaça à sociedade.

A mãe Guénaude busca no fundo da memória. Emma trabalhava num banco. Em qual, não se sabe, um banco estrangeiro, veja só. Camille pergunta, mas já conhece todas as respostas, a mãe Guénaude recebia um aluguel exorbitante para não fazer perguntas, é o contrato implícito quando se aluga no mercado negro.

O endereço é falso, Camille desliga.

Louis chega com dois técnicos da Perícia Criminal.Totalmente debilitada, a proprietária não pode acompanhá-los quando eles sobem para o andar de cima. Ela ainda não achou alguém para alugar o apartamento. Eles já sabem o que vão achar no apartamento de Emma: as impressões digitais de Léa, o DNA de Laura, os vestígios de Nathalie.

Camille diz:

– Eu me esqueci de dizer, a senhora também prestará contas por cumplicidade com homicídios. Homicídios no plural…

Embora sentada, Gabrielle Guénaude ainda busca um apoio segurando a beirada da mesa. Ela está suando, quase em transe.

– Ah é! – grita ela subitamente. – O carregador da mudança, eu o conheço! – Camille dá meia-volta imediatamente.

Caixas, móveis desmontados, "ela não tinha muita coisa, sabe", comenta ela, com desdenho. Camille percebe que, para Guénaude, alguém que não possui nada não é nada ou não é grande coisa. Eles logo entram em contato com o carregador. A secretária, por sua vez, não se mostra muito apressada ao telefone. Não, não mesmo, ela não pode passar informações, não sabemos com quem estamos lidando.

– Ok – diz Camille –, vou eu mesmo até aí para obter as informações! Mas estou avisando, se eu tiver que ir até aí, vou fechar sua loja durante um ano, faço baixar um controle fiscal que vai investigar até seu primeiro ano da escola maternal e você, você pessoalmente, eu vou meter atrás das grades por obstrução à justiça e, se você tiver pirralhos, eles vão direto para os serviços sociais! Por mais que aquele fosse um blefe ridículo, ele causa efeito. A secretária se aflige, passa o endereço do guarda-móveis em que a garota mandou armazenar todas as coisas sob o nome: Emma Szekely.

Camille pede para soletrar.

– S, Z, no começo, é isso? Proíba qualquer acesso a esse boxe, entendeu? Ninguém pode mexer! Estou sendo claro?

É a dez minutos dali. Camille desliga e grita de novo:

– Uma equipe! Já!

Ele desce a escada correndo.

41

Por precaução, Alex desceu do estacionamento pelas escadas. Seu Clio arranca na primeira virada de chave. Dentro do carro está fresco. Ela se olha um instante no retrovisor antes de partir. Está bem cansada, passa o indicador sob cada olho e dá um sorriso que se torna uma careta. Ela mostra a língua e arranca.

Mas ela ainda não escapou. Alex passa seu cartão. No alto da rampa de acesso, a cancela vermelha e branca se fecha e se bate contra ela. Um policial de uniforme aparece diante dela e levanta o braço bem alto, apontando o outro para ela. Com o indicador direcionado a ela, pernas afastadas, ele a manda parar e se vira em seguida. Dessa vez, com os braços em posição horizontal para acentuar a proibição, ela vê passar um cortejo de carros sem identificação policial com todas as sirenes reverberando.

No segundo carro no banco de trás, uma cabeça careca mal aparece, à altura do vidro lateral. É como um cortejo presidencial. Então, o policial faz sinal de passagem. Em seguida, ela vira à direita.

Ela arrancou rapidamente, no porta-malas, duas pequenas caixas com a inscrição “Pessoal”, mas Alex está tranquila, as garrafas de ácido continuam cuidadosamente estocadas. Não há o menor risco.

42

Quase vinte e duas horas. Foi um fiasco. Camille só ficou calmo depois de muita luta. Em primeiro lugar, ele não deve pensar no rosto debochado do zelador do guarda-móveis, um verdadeiro cretino de tez anêmica com óculos fundo de garrafa imundos, cego como uma toupeira.

Quesito comunicação: a garota. Que garota? O carro. Que carro? As caixas. Que caixas? Eles abrem o boxe em que estão armazenadas as coisas dela. Nesse momento, todos os corações palpitam. Tudo está ali, dez caixas fechadas, as coisas da garota, suas coisas pessoais. Eles avançam nas caixas, Camille quer abrir tudo agora. Mas eles devem seguir o procedimento, o inventário é acelerado por uma ligação para o juiz. Eles levam tudo, as caixas, os móveis desmontados, enfim… não é difícil, pois não está tão pesado. Eles até têm grandes esperanças de encontrar coisas pessoais, como sua identidade. Aquele é um momento crucial para a investigação.

A pequena esperança relacionada às tomadas das câmeras de vigilância que cobrem cada andar não dura muito. Nem se questionou por quanto tempo conservavam as gravações, já que as câmeras são falsas.

– São decorativas, se achar melhor – diz o zelador rindo.

Eles precisam da noite toda para estabelecer o inventário e para que os peritos façam o indispensável recolhimento das impressões digitais. Eles deixaram de lado o mobiliário que se pode comprar em qualquer lugar, prateleiras de biblioteca, uma mesa quadrada de cozinha, uma cama com estrado, colchão. Os peritos se lançam sobre os móveis munidos de cotonetes e pinças. Em seguida, eles examinam o conteúdo das caixas. Roupas de esporte, de praia, de verão, de inverno.

– Tudo isso é vendido em grande escala em todos os países do mundo – diz Louis.

Livros, quase duas caixas. Edições de bolso, exclusivamente. Céline, Proust, Gide, Dostoiévski, Rimbaud. Camille lê os títulos, *Viagem ao fim da noite*, *Um amor de Swann*, *Os moedeiros falsos,* mas Louis fica pensativo.

– O que é? – pergunta Camille.

Louis não responde de imediato. *Relações perigosas*, *O lírio do vale*, *O vermelho e o negro*, *O grande Gatsby*, *O estrangeiro*.

– É como se fosse a estante de uma colegial.

Com efeito, a escolha parece diligente, representativa. Todos os livros foram lidos e muitas vezes relidos, alguns estão literalmente caindo aos pedaços, trechos inteiros sublinhados, às vezes até a última página. Encontram-se pontos de exclamação, de interrogação, cruzes grandes, pequenas, na maioria dos casos com caneta preta, às vezes a tinta quase atravessa a página.

– Ela lê o que deve ler, ela quer ser uma boa garota, ela é dedicada – acrescenta Camille. – Emocionalmente imatura?

– Não sei. Talvez uma pessoa retroativa.

Esses artifícios de Louis fazem Camille se perder um pouco, mas ele entende a mensagem essencial. A garota não está totalmente formada. Ou concluída.

– Ela fala um pouco de italiano, um pouco de inglês. Ela começou a ler clássicos estrangeiros, mas não os terminou.

Camille também notou isso. *Os noivos*, *O amante sem domicílio fixo*, *O nome da rosa*, assim como *Alice no país das maravilhas*, *O retrato de Dorian Gray*, *Retrato de uma senhora* ou *Emma* estão na língua original.

– A garota do assassinato de Maciak. Eles falaram de um sotaque estrangeiro, não?

Documentos turísticos confirmam.

– Ela não é boba, ela estudou, fala duas línguas, certamente não com fluência, mas isso significa que ela viajou para aprender línguas… Você consegue vê-la com o Pascal Trarieux, por acaso?

– Ou seduzindo o Stefan Maciak? – completa Louis.

– Ou assassinando Jacqueline Zanetti?

Louis faz rápidas anotações. Graças aos documentos impressos, ele talvez possa recompor o itinerário da garota ou pelo menos uma parte. Certos catálogos de agências de viagem têm datas de publicação, eles podem proceder aos cotejamentos, mas em meio a tudo aquilo, nenhum nome. Nenhum documento oficial. Nenhum rastro de identificação. Que vida tem uma garota que possui tão poucas coisas?

Ao fim da noite, a conclusão tomba com o peso de uma certeza.

– Ela fez uma triagem. Não há nada pessoal. Caso a polícia encontrasse as coisas. Nada pode nos ajudar.

Os dois homens se levantaram, Camille colocou seu casaco, Louis ainda hesita, ele ficaria lá ainda um pouco, mexendo, procurando.

– Deixe para lá, meu caro… – diz Camille. – Ela já tem uma linda ficha criminal atrás dela e, ao ver a maneira como ela se organiza, muita coisa ainda a espera.

Essa também é a opinião de Le Guen.

Sábado, no começo da noite. Cais de Valmy.

Ele ligou para Camille, eles se instalaram no terraço do La Marine. Talvez seja o efeito do canal que faz pensar nos peixes. Eles optaram por duas taças de vinho branco seco. Le Guen sentou-se cautelosamente, pois já encontrou algumas cadeiras que foram incapazes de sustentá-lo. Essa aqui aguenta a carga.

Quando a conversa deles ocorre fora do escritório, normalmente esse é o esquema, eles falam de tudo e de nada. E sobre o trabalho… falam sobre isso nos últimos segundos de conversa, duas ou três frases.

Evidentemente, o que passa pela cabeça de Camille hoje é o leilão. Será amanhã de manhã.

– Você não vai ficar com nada? – espanta-se Le Guen.

– Não, estou liquidando tudo – diz Camille. – Vou doar tudo. – Eu pensei que você os venderia.

– Os quadros, eu vou vender. E o que arrecadar, eu vou doar. Tudo.

Impossível para Camille saber desde quando ele tomou essa decisão, ela veio do nada e ele sente que aquela é uma decisão madura. Le Guen tenta conter um comentário. Mas, de todo modo, é mais forte que ele.

– Para quem?

Por outro lado, Camille não havia pensado nisso. Ele quer doar o dinheiro, mas não sabe ainda para quem.

43

– Tudo está acontecendo muito rápido ou estou vendo coisas?

– Não, é o ritmo normal – responde Camille. – Você só tem que se acostumar.

Ele diz isso com um tom brando, mas de fato essa história está indo mal. Encontraram o corpo de um homem de nome Félix Manière, morto em sua residência. Um colega de trabalho alertou a polícia ao não o ver chegar para aquela "reunião crucial" que ele mesmo havia convocado. Ele foi encontrado mortíssimo. A cabeça estava quase solta do tronco, o pescoço, derretido com ácido sulfúrico. O caso correu diretamente para as mãos do comandante Verhoeven, ele mesmo foi convocado pelo juiz ao fim do dia. O caso é grave.

O itinerário é rápido. O celular do morto expõe o histórico de suas ligações. A última, recebida na noite de sua morte, provinha de um hotel da rua Monge. Após verificarem, é o hotel no qual a garota ficou ao voltar de Toulouse. Ela encontrou com ele para jantar na mesma noite. É o que o futuro morto disse a um de seus colegas ao sair do escritório apressadamente.

Apesar do cabelo e dos olhos, a recepcionista do hotel da rua Monge reconheceu a identificação facial eletrônica, ela é categórica. A garota

desapareceu no dia seguinte pela manhã. Nome falso. Pagamento em espécie.

– O rapaz lá, esse tal de Félix, quem é ele? – pergunta Le Guen.

Sem esperar a resposta, ele folheia o relatório de Camille.

– Quarenta e quatro anos…

– Sim – confirma Camille. – Técnico de manutenção para uma empresa de informática. Separado. Divórcio em andamento. Certamente, alcoólatra.

Le Guen se cala, ele percorre o documento a toda velocidade, soltando alguns "huuum", que parecem às vezes com gemidos. Por menos, as pessoas gemem.

– Que história é essa de laptop?

– Ele desapareceu. Mas garanto que certamente não foi para roubá-lo que o assassinaram com pancadas de estatueta e despejaram meio litro de ácido no funil.

– Foi a garota?

– Provavelmente. Talvez ela tenha trocado e-mails com ele. Ou ela usou o laptop e não quis que víssemos o que ela fez com ele…

– Bem e daí? E daí?

Le Guen se irrita, não é muito do seu feitio. A imprensa nacional, que não havia nem se mexido ao anúncio da morte de Jacqueline Zanetti (o assassinato de uma hoteleira em Toulouse soa um pouco provinciano), acabou enfim de se comover. Falta um pouco de brilho à cena do crime da Seine-Saint-Denis, mas o ácido como toque final chama a atenção. É só mais um caso inusitado, mas o método tem algo de novo, quase de exótico. Por enquanto, dois mortos. Quase uma série, não necessariamente. Enquanto isso, falam dele, mas sem muita empolgação. Uma terceira vítima e todos farão a festa. O caso será promovido à notícia do jornal das oito, Le Guen, alçado ao topo do ministério do interior, o juiz Vidard, ao topo do ministério da justiça e as cobranças começarão a chover como na Batalha de Gravelotte.[17] Ninguém ousa pensar no que aconteceria se os crimes precedentes de Reims e Étampes escapassem à imprensa… Eles logo veriam um mapa da França (mais ou menos o mesmo que Camille já tem em seu escritório salpicado com alfinetes coloridos) com uma biografia desconcertante das vítimas e a promessa de um *road movie* assassino à francesa. Alegria. Júbilo.

Por enquanto, Le Guen está apenas sendo objeto de "fortes tensões que estão diminuindo". Isso não é o pior, mas já é difícil de suportar. Ora,

quanto a isso, Le Guen é um bom chefe, os problemas com os superiores ele guarda para si. Tudo o que transparece é apenas o excedente, só que hoje Camille o vê transbordar para todo lado.

– Os superiores estão pegando muito no seu pé?

Le Guen parece fulminado pela pergunta.

– O que você acha, Camille?

É o problema dos casais, as cenas são um pouco repetitivas.

– Temos uma garota sequestrada e enjaulada numa gaiola com ratos, cujo sequestrador se suicida bloqueando a via periférica no meio da noite…

Essa discussão, por exemplo, Le Guen e Camille encenaram pelo menos cinquenta vezes ao longo de sua carreira em comum.

– …a garota que foi sequestrada se liberta antes que a encontremos, descobrimos que já trucidou três caras com ácido sulfúrico.

Camille acha que aquilo parece um pouco teatro de rua. Ele vai dizer isso, mas Le Guen já emenda:

– …enquanto estamos montando um dossiê para o caso, ela manda uma toulousiana para o paraíso dos hoteleiros, volta para Paris…

Então Camille espera o fim, previsível e escrito:

– …e trucida um solteirão que queria apenas transar com ela tranquilamente. E você me pergunta…

– …se os superiores estão pegando muito no seu pé? – termina Camille no lugar dele.

Camille já está de pé, já está junto à porta, abrindo-a farto.

– Aonde você vai? – grita Le Guen.

– Se for para ficar sendo xingado por alguém, prefiro o juiz Vidard.

– Você tem mesmo muito mau gosto.

44

Alex deixou passar duas vans, em seguida, uma terceira. De onde estacionou, ela pode avistar perfeitamente as manobras dos caminhões semirreboques que se sucedem diante do cais de carregamento. Há duas horas, os operadores de empilhadeiras introduzem nos caminhões paletes altos como casas.

Na noite anterior, ela foi até lá verificar o local. Não foi nada fácil. Ela precisou subir no muro e teve de subir no teto de seu carro. Se fosse pega, seria o fim da linha. Mas, não, ela conseguiu ficar alguns minutos em cima do muro. Cada veículo leva uma placa com um número de ordem e sua destinação pintados com tinta escura próximo à dianteira direita. Eles vão todos para a Alemanha, Colônia, Frankfurt, Hannover, Bremen, Dortmund. Ela precisa do que vai para Munique. Ela anotou seu número de registro. De toda maneira, de frente, é possível reconhecê-lo. Logo abaixo do teto, um adesivo BOBBY cobre toda a extensão do para-brisa. Ela saiu do muro quando ouviu chegar o cão de guarda que havia acabado de farejar sua presença.

Há mais ou menos trinta minutos, ela identificou o motorista, que subiu em sua cabine para guardar suas coisas e pegar documentos. Um sujeito grande e enxuto, com um macacão azul, por volta de cinquenta anos, com cabelos bem curtos e um grande bigode como uma vassoura de pelo. Pouco importa o físico, o que conta é que ele a transporte. Ela dormiu no carro até a empresa abrir, por volta das quatro horas da manhã. A movimentação começou de fato meia hora mais tarde e desde então não parou mais. Alex está tensa porque ela não pode perder essa chance. Sem ela, adeus plano. Ela se limitaria a quê? Esperar a polícia em seu quarto de hotel?

Finalmente, um pouco antes das seis horas da manhã, o sujeito se aproxima do caminhão, cujo motor já gira lentamente há quinze minutos. Ele checa os documentos, Alex o vê trocando piadas com um operador de empilhadeira e dois outros motoristas e, por fim, ele sobe em sua cabine. É o momento que ela escolhe para deixar seu carro, fazer a volta nele, abrir o porta-malas, apanhar sua mochila, certificar-se, atrás do porta-malas aberto, de que um outro caminhão não venha se interpor entre eles e, quando está segura, ela se põe a correr em direção à saída dos veículos.

– Eu nunca peço carona na estrada. É perigoso demais.

Bobby concorda. Para uma garota, isso não seria prudente. Ele aprecia sua astúcia, esperar prudentemente à porta de uma empresa especializada em vez de levantar o polegar na beira da estrada.

– E pelo número de caminhões, você tem certeza de achar pelo menos um que aceite levar você!

Maravilhado, ele não para de descobrir as inumeráveis virtudes de Alex. Alex, não. Para ele, é Chloé.

– Eu me chamo Robert – disse ele estendendo a mão sobre o banco do carro. – Mas todos me chamam de "Bobby" – completa ele, apontando para o adesivo.

De qualquer forma, ele continua surpreso com o fato de ela estar mesmo pedindo carona.

– É possível encontrar passagens de avião não muito caras. Na internet, parece que é possível achar a quarenta euros. Enfim, sempre são horários impossíveis, mas quando você tem tempo… – Eu prefiro poupar meu dinheiro para me manter lá. E, além disso, viajar também é conhecer pessoas, não?

O sujeito é simples e amigável, ele não hesitou em aceitá-la, desde que a viu junto a sua cabine. Alex estava de olho, não na resposta dele, mas no tom da resposta. Ela desconfiava do seu olhar lascivo. Não está com muita vontade de lutar contra um Don Juan de posto de gasolina. Bobby tem uma estatueta da Virgem Maria amarrada ao retrovisor central e um pequeno dispositivo preso no painel de bordo, um porta-retratos digital com efeitos de imagem dissolvendo, de veneziana se abrindo e se fechando com páginas sendo viradas. As imagens passam em ciclo, é exaustivo ficar olhando para elas. Ele o comprou em Munique. Trinta euros. Bobby frequentemente diz o preço das coisas, não tanto para fazer com que o admirem, mas para se mostrar preciso, escrupuloso com suas explicações. E ele gosta de dar explicações. Eles passam quase meia hora comentando a apresentação dos slides, sua família, sua casa, o cão, e ele tem principalmente muitas fotos de seus filhos, são três.

– Dois meninos e uma menina. Guillaume, Romain, Marion. Nove, sete e quatro anos.

Sempre a precisão. Mas sabe se conter, ele não enche a conversa com anedotas familiares.

– Quem é que liga para a vida dos outros, não é?

– Não, eu tenho interesse, sim… – protesta Alex.

– Você foi bem educada.

O dia avança muito bem, o caminhão é incrivelmente confortável.

– Se você quiser tirar uma soneca, não tem problema. – Com o polegar, ele apontou para o beliche atrás dele.

– Eu sou obrigado a manter o olho na estrada, mas você… Alex aceitou, dormiu mais de uma hora.

– Onde estamos? – perguntou ela, penteando seu cabelo e voltando ao seu lugar.

– Ah, aí está você! Você deve ter dormido pouco nas últimas noites. Sainte-Menehould!

Alex finge estar admirada… quanto caminho percorrido. Seu sono foi agitado. Não somente a angústia habitual, havia também tristeza. Essa viagem em direção à fronteira, no fim das contas, marca uma virada dolorosa em sua vida. O início da fuga. O início do fim.

Quando o assunto acaba, eles ouvem rádio, as notícias, as canções. Alex toma cuidado com as paradas, os descansos obrigatórios, os momentos em que Bobby vai querer beber um café. Ele tem uma garrafa térmica, algumas reservas de alimento, tudo de que precisa para a estrada, mas eles precisam parar. Esse trabalho é tão fastidioso, que não se pode imaginar. Quando uma parada se aproxima, Alex fica em alerta. Se é uma área de descanso, ela finge dormir, há muito pouca gente e, portanto, muitos riscos de ser identificada. Se é um posto de gasolina, menos riscos. Ela desce, dá alguns passos, paga café para o Bobby – eles se tornaram bons amigos. De fato, um pouco mais cedo, tomando café, ele se aproximou dela e perguntou a razão da viagem:

– Você é estudante?

Nem ele mesmo acredita que ela possa ser estudante. Ela parece jovem, mas, enfim, parece ter pelo menos uns trinta anos e, além disso, cansada como ela está, não vai colar. Ela escolhe rir.

– Não, eu sou enfermeira, vou tentar trabalhar por lá.

– Se não for muito indiscreto perguntar, por que a Alemanha?

– Porque eu não falo alemão – responde Alex com toda a convicção que consegue.

Robert ri, não tem muita certeza de compreender.

– Você poderia ir para a China, então. A não ser que você fale chinês. Você fala chinês?

– Não. Na verdade, meu namorado é de Munique.

– Ah…

Ele demonstra que entendeu tudo. Seu grande bigode vai e vem enquanto sua cabeça balança de um lado para o outro.

– E ele faz o quê, seu namorado?

– Informática.

– Ele é alemão?

Alex faz um gesto de que sim, ela não sabe onde eles vão chegar com aquilo. Como ela não se preparou muito para aquela conversa, não está gostando nada daquilo.

– E sua esposa, ela trabalha?

Bobby joga seu copo plástico no lixo. A pergunta sobre sua esposa não o ofendeu, ela o entristeceu. Eles estão de novo na estrada. Em seu porta-retratos digital, ele seleciona a foto da sua mulher, uma mulher bem banal de mais ou menos quarenta anos com cabelos lisos. Aparência doente.

– Esclerose múltipla – diz Bobby. – E com os filhos, imagina? Agora estamos nas mãos da providência. – Dizendo isso, ele aponta para a estatueta da Virgem Maria que balança suavemente sob o retrovisor.

– Você acha que ela vai fazer alguma coisa por vocês? – Alex não queria dizer isso. Ele se vira para ela, não há nenhum ressentimento em sua atitude, apenas a expressão de uma evidência:

– A recompensa da salvação é o perdão. Você não acha?

Alex não entendeu bem, a religião para ela… Ela não se deu conta de imediato, do outro lado do painel, Bobby colou um adesivo: “Ele está voltando. Você está pronto?”.

– Você não acredita em Deus – diz Bobby rindo. – Isso logo se percebe.

Não há nenhuma censura nessa constatação.

– Já eu, se não tivesse isso… – diz ele.

– Porém – diz Alex –, o bom Deus botou você em maus lençóis. E você nem sente rancor.

Bobby faz um gesto, sim, eu sei, já vieram com esse papo para mim.

– Deus está nos testando.

– Bem – disse Alex –, disso não dá para discordar…

Assim, a conversa morre por si só, eles olham para a estrada.

Um pouco mais tarde, Bobby diz que precisa descansar. Uma estação de serviço grande como uma cidade.

– É aqui que eu sempre paro – diz ele sorrindo. – É questão de uma hora.

Eles estão a vinte quilômetros da saída para Metz.

Bobby desce primeiro. Há um longo momento para espairecer, respirar, ele não fuma. Alex o vê ir e vir pelo estacionamento, ele faz movimentos com os braços, ela pensa que é um pouco porque ela o está olhando. Será que ele faz tudo isso quando está só? Depois ele volta para o caminhão.

– Se você me permitir – diz ele trepando em sua beliche. – Não se preocupe, tenho meu despertador aqui.

Ele aponta para a testa.

– Vou aproveitar para caminhar um pouco – diz Alex. – E para telefonar.

Ele acha engraçado acrescentar: "Mande um beijo para ele!", puxando a cortina do beliche.

Alex está no estacionamento, entre os inumeráveis caminhões. Precisa caminhar.

Quanto mais o tempo passa, mais ela fica com o coração apertado. *É porque a noite se aproxima*, pensa ela, sabendo bem que não é nada daquilo. É o efeito da viagem.

Sua presença nessa rodovia só tem um sentido: acentuar a que ponto a partida está prestes a terminar.

Ela finge ser indiferente, mas tem medo do verdadeiro fim. Será amanhã, será em breve.

Alex se põe a chorar, suavemente, os braços cruzados sobre o peito, de pé entre os enormes caminhões estacionados lado a lado como grandes insetos adormecidos. Essa vida sempre acaba nos dando uma lição, não se pode fazer nada, não escapamos nunca.

Ela repete essas palavras para si mesma, funga e assoa o nariz, tenta respirar fundo para se livrar desse peso no peito, para reativar esse coração pesado, cansado, mas é muito difícil. Deixar tudo aquilo para trás, é o que ela se repete para ganhar coragem. Depois ela não pensará mais nisso, tudo ficará claro. É por isso que ela está aqui, nessa rodovia, porque está deixando tudo para trás. Seu peito fica mais leve com essa ideia. Ela caminha, o ar fresco a reanima, acalma-a, vivifica-a. Mais algumas respirações profundas… e as coisas vão melhor.

Um avião passa, ela o discerne pelas luzes piscando em triângulo.

Ela chega a permanecer um momento olhando-o. Ele atravessa o céu numa lentidão descomedida, porém, termina de passar e acaba por desaparecer.

Os aviões costumam fazê-la refletir.

A estação de serviço passa por cima da rodovia por uma larga ponte de pedestres. Em suas extremidades, agrupam-se lanchonetes, jornaleiros, minimercados, lojas de todas as categorias. Do outro lado da ponte, está o sentido inverso da rodovia, o retorno para Paris. Alex sobe na cabine do caminhão e fecha a porta com cuidado para não acordar Bobby. Seu retorno interrompeu o sono dele, mas alguns segundos depois, ela ouve de novo sua respiração pesada, cujas ondulações terminam com um leve assobio.

Ela puxa sua mochila, coloca sua jaqueta, verifica se não esqueceu nada, se não deixou cair nada de seus bolsos. Não, tudo está em ordem, tudo está certo. Ela fica de joelhos sobre o assento e puxa lentamente a cortina.

– Bobby… – chama ela sussurrando.

Ela não quer acordá-lo no sobressalto. Mas ele tem o sono pesado. Ela se vira, abre o porta-luvas, nada, fecha-o de novo. Vasculha debaixo do seu banco, nada. Sob o banco do motorista, uma caixa de ferramentas, ela a puxa para perto dela.

– Bobby? – diz ela, então, curvando-se novamente.

Dessa vez, ela obtém mais sucesso.

– O quê?

Ele não acordou realmente. Fez a pergunta como um reflexo, sua mente ainda não voltou a si. Não importa. Alex segura a chave de fenda como um punhal e, com um único gesto, ela a crava no seu olho direito. O gesto é bem preciso. Naturalmente, ela é uma enfermeira… E como ela pôs muita força, a chave de fenda penetrou incrivelmente dentro da cabeça, como se ela a tivesse enfiado até o cérebro. Evidentemente que não, mas mesmo assim, ela penetra bastante fundo para diminuir a reação de Bobby, que tenta se levantar. Seus pés começam a se bater em todos os sentidos. Ele grita. Alex enfia então a segunda chave de fenda na garganta. De maneira bem precisa, mas também nesse caso o mérito não é dela, ela teve bastante tempo para mirar. Bem abaixo do pomo de Adão. O grito se torna uma espécie de murmúrio incompreensível. Alex ainda inclina um pouco a cabeça, franzindo as sobrancelhas. *Não estou entendo nada do que esse cara está dizendo*. Todavia, ela evita os movimentos desordenados dos braços de Bobby, pois esse animal poderia derrubar um boi só com uma patada. Ele começa a se asfixiar totalmente. Apesar da desordem da

situação, Alex segue seu plano. Ela puxa com força a chave de fenda do olho direito, protege-se e a crava no pescoço, na lateral, ele imediatamente jorra sangue. Ela tem tempo ainda de se virar para a mochila. *De todo modo, com a chave de fenda atravessada na garganta, aonde você quer que Bobby vá?* Ele já está moribundo quando se reaproxima. Nem precisa amarrá-lo, respira, mas debilmente, seus músculos parecem paralisados, ele já está agonizando. O mais difícil é abrir a boca dele, isso é difícil. *Se você não tentar com umas marteladas, vai levar o dia inteiro.* Portanto, o martelo. Essa caixa tem tudo o que é preciso, são ótimas essas coisas. Alex quebra os dentes de cima e de baixo, só o que precisa para enfiar o gargalo da garrafa de ácido sulfúrico na boca de Bobby. É difícil compreender o que o cara está sentindo, ele está em tal estado, como saber o que aquilo lhe causa. O ácido é despejado na boca, na garganta, ninguém saberá nada o que ele sentiu realmente e, também, pouco importa. Como dizem, é a intenção que conta. Depois de apanhar todas as suas coisas, Alex está pronta para partir. Um último olhar sobre Bobby, ele se foi para agradecer ao Senhor por todas as Suas bondades. Uma visão sagrada. Um cara totalmente estirado com uma chave de fenda enfiada no olho até o cabo, parece um ciclope que caiu na terra. Seccionar a jugular o murchou de metade do seu sangue em alguns minutos; ele já está branco como um lençol, pelo menos a parte de cima da cabeça, pois a parte de baixo está uma papa, não há outra palavra para descrever isso. O beliche está encharcado de sangue vermelho carmim. Quando tudo coagular, vai ser um belo espetáculo.

Impossível matar um homem dessa forma sem se sujar. A jugular jorra bastante. Alex vasculha na sua mochila, muda de camiseta. Com o resto da sua garrafa de água mineral, ela lava rapidamente as mãos, os antebraços, enxuga-os com a camiseta suja, que abandona sob o banco. Em seguida, mochila nas costas, Alex atravessa a ponte e chega à estação de serviço do outro lado da rodovia, cujas vias vão em direção a Paris.

Ela opta por um carro rápido porque ela não quer demorar na estrada. A placa tem registro da área dos Hauts-de-Seine. Ela não conhece os modelos, mas supõe que aquele seja veloz. A motorista é uma mulher jovem, trinta anos, elegante, magra, morena, que cheira bastante a dinheiro, chega a ser desconfortável. Ela topa de imediato, cheia de sorrisos. Alex joga sua mochila no banco de trás e se senta. A jovem mulher já está ao volante.

– Pé na estrada?

Alex sorri e estende a mão:
– A propósito, eu me chamo Alex.

45

Depois de voltar a Paris, Alex busca seu carro e dirige até o aeroporto Roissy-Charles-de-Gaulle. Ela observa por um longo momento o painel de partidas, a América do Sul é cara demais para seu orçamento, os Estados Unidos não são mais que um país de policiais, sobra o quê? A Europa e, na Europa, para ela, resta o quê: a Suíça. De todos os destinos é o melhor. Plataforma internacional, lugar de passagem e de anonimato onde é possível se organizar com tranquilidade. Eles limpam a ficha de criminosos de guerra, lavam o dinheiro da droga, é um país muito acolhedor para os assassinos. Alex compra uma passagem para Zurique, partida no dia seguinte, oito e quarenta, e aproveita sua passagem pelo aeroporto para visitar algumas lojas e comprar uma bela bolsa de viagem. No fundo, ela nunca ousou comprar coisas muito luxuosas para si mesma. Essa é a primeira vez, não haverá melhor oportunidade. Ela renuncia comprar uma mala e prefere uma linda bolsa de viagem em couro ecológico natural com um belo monograma em relevo. Uma fortuna. Ela fica encantada. Também pega uma garrafa de Bowmore no *Duty free shop*. Paga todas as compras com cartão bancário. Mentalmente, ela faz suas contas e se tranquiliza, ela chegou ao seu limite, mas dessa vez passa.

Em seguida, ela escolhe ir para Villepinte, lugar formado por zonas industriais sem-fim, recheadas de parques industriais em que se encontra um monte de hotéis industriais. Com exceção de alguns desertos, não há lugar mais anônimo na Terra nem mais solitário. Hotel Volubilis. Uma cadeia impessoal de hotel que anuncia: “Conforto e intimidade”. O conforto é cem vagas de estacionamento, a intimidade, cem quartos idênticos que são pagos com antecedência, confiança não faz parte do contrato. Alex passa mais uma vez o cartão. “Quanto tempo até o aeroporto de Roissy?”, pergunta ela. A recepcionista dá a resposta habitual: “vinte e cinco minutos”. Alex decide evitar qualquer risco de atraso e reserva o táxi para o dia seguinte às oito horas.

Vê-se que ela está exausta, no espelho do elevador, ela mal se reconhece.

Terceiro andar. Também o carpete está começando a ficar desgastado. O quarto foge a qualquer descrição. O número de viajantes que passaram por ali é incalculável, o número de noites solitárias, o número de noites agitadas ou em claro. Quantos casais infiéis entraram ali, queimando de paixão, rolaram sobre a cama e saíram com o sentimento de terem estragado a própria vida. Alex larga então sua mochila perto da porta e olha para o cenário repugnante, perguntando-se o que fazer primeiro.

São vinte horas em ponto, ela não precisa olhar para o relógio, basta ouvir o começo do jornal que vem do quarto ao lado. O banho fica para mais tarde. Ela tira sua peruca loira, apanha em sua mala sua *nécessaire*, retira suas lentes azul-cobalto, as quais ela joga no vaso sanitário. Em seguida, ela se troca. Uma calça jeans larga e um suéter colado. Ela despeja todas as suas coisas sobre a cama, coloca sua mochila vazia e sai do quarto, toma o corredor e, em seguida, a escada. Espera, por alguns segundos sobre os últimos degraus, para que a recepcionista se afaste do balcão para se infiltrar no estacionamento e chegar até seu carro. Subitamente, ela sente que faz um baita frio. Já está escuro. Ela fica arrepiada. Do estacionamento, é possível ouvir aviões, cujo ronco chega abafado pelas nuvens pesadas que correm como loucas pelo céu.

Ela comprou um pacote de sacos de lixo. Abre o porta-malas do seu carro. As lágrimas inundam seus olhos, mas ela recusa-se a vê-las. Ela abre as duas pequenas caixas com a inscrição “Pessoal” e, impedindo-se de refletir, enfia tudo dentro dos sacos, sem olhar, tomada por soluços que recusa ouvir. Ela soca tudo o que vem às mãos nos sacos de lixo, os cadernos do colegial, as cartas, os trechos de diário íntimo, as moedas mexicanas. De tempos em tempos, ela enxuga os olhos com o avesso da sua manga, funga o nariz, mas não quer parar. Ela não aguenta mais, é impossível, é preciso ir até o fim, deixar tudo isso para trás, as bijuterias, as fotos, abandonar tudo, sem contar, sem se lembrar, as páginas dos romances, jogar tudo fora, tudo, a pequena cabeça negra esculpida em madeira preta, a mexa de cabelos loiros presa num elástico vermelho, o chaveiro, é um coração com o nome “Daniel” inscrito, seu primeiro grande amor na escola primária, a inscrição está quase apagada. Enfim, pronto, Alex fecha o terceiro saco com a ligadura branca, mas aquilo tudo é demais para ela, forte demais, violento demais, então ela se vira, senta-se pesadamente, quase desaba sobre o porta-malas aberto do carro e segura sua cabeça com as mãos. O que ela queria agora é gritar. Gritar. Se ela pudesse.

Se ainda tivesse força. Um carro se aproxima pela via do estacionamento, Alex se levanta rapidamente, finge mexer no porta-malas, o carro passa, estaciona mais ao longe, mais perto da recepção, é sempre melhor quando se pode andar menos.

Os três sacos de lixo estão no chão. Alex fecha seu porta-malas com a chave, apanha os sacos e sai do estacionamento com passos largos e decididos. O portão deslizante que deveria fechar o acesso não deve ser manipulado há anos, ele está enferrujado sob a espessa tinta outrora branca. A rua na zona industrial tem pouco movimento, alguns carros perdidos, à procura de um hotel, depois uma *scooter*, nenhum pedestre. Para que você vai andar nesse deserto, se não for alguém como Alex? Também, para onde se pode ir partindo de uma dessas ruas que levam a uma outra perfeitamente idêntica? Os contêineres de lixo estão alinhados sobre as calçadas, diante do portão de cada empresa, há dezenas deles. Alex caminha por vários minutos e, então, de uma vez, ela se decide. É esse. Ela abre o contêiner, joga os sacos, desfaz-se da sua mochila que vai se juntar a eles, bate violentamente a tampa e volta para o hotel. Aqui jaz a vida de Alex, garota infeliz, assassina reincidente, organizada, frágil, sedutora, perdida, desconhecida dos serviços de polícia. Alex que essa noite é uma garota crescida, Alex que seca suas lágrimas, que respira profundamente no ritmo de seu passo resoluto, que volta ao seu hotel. Dessa vez passa sem cautela diante da recepcionista, absorvida pela televisão, Alex que volta para o seu quarto, despe-se e vai derreter sob uma ducha quente, em seguida bem quente, com a boca bem aberta sob o jato de água.

46

Algumas vezes, as decisões podem ser misteriosas. Essa, por exemplo, Camille seria incapaz de explicar.

No começo da noite, ele pensou no caso, no número de crimes que aquela garota ainda vai cometer antes que a tirem de cena e ela não cause mais danos. Mas, sobretudo, ele pensou bastante na garota em si, em seu rosto que ele desenhou mil vezes, em tudo o que ela despertou em sua vida. Essa noite, ele sabe onde está o erro. A garota não tem nada a ver com Irene, ele simplesmente confundiu a pessoa e a situação. Seu sequestro, decerto, ele o

conectou imediatamente ao de Irene e, em seguida, Camille não parou de associá-los porque reencontrava, tão próximos da realidade, emoções e temores similares, que faziam nascer nele uma culpa muito semelhante. É tudo o que se teme quando se defende que um tira não deve participar da investigação de um caso muito próximo afetivamente. Mas Camille vê bem que, de fato, ele não caiu numa armadilha, ele a provocou. Seu amigo Le Guen só propôs que ele enfim se confrontasse com a realidade. Camille poderia ter passado o caso para outra pessoa, mas não o fez. O que acontece é que ele quis o caso. Precisava dele.

Camille calça seus sapatos, coloca seu casaco, pega as chaves do carro e, uma hora mais tarde, aproxima-se lentamente das ruas adormecidas que vão pela beira da floresta de Clamart.

Uma rua à direita, outra à esquerda, em seguida a linha direita que penetra entre as grandes árvores. Na última vez que veio aqui, ele havia posto sua arma de serviço entre as coxas.

A uns cinquenta metros, surge o imóvel. A luz dos faróis se reflete sobre as pequenas vidraças sujas que estão em posição vertical, justapostas umas contra as outras, como nos telhados inclinados de certas usinas. Camille para o carro, desliga o motor, deixa os faróis acesos.

Naquele dia, ele teve uma dúvida. *E se tivesse se enganado?*

Ele apaga os faróis e sai do carro. A noite aqui é mais fresca que em Paris, talvez seja ele que está com frio. Ele deixa a porta aberta e caminha em direção à casa. Ele devia estar mais ou menos ali quando o helicóptero surgiu subitamente entre as copas das árvores. Camille quase foi derrubado pelo barulho, pelo vento, e começou a correr. Ele não se lembra mais, ainda estava com sua arma na mão. Provavelmente, sim, faz tempo, é difícil se lembrar desses detalhes.

O ateliê é um imóvel sem andar superior, a casa do caseiro de uma propriedade hoje desaparecida e, de longe, se parece um pouco com uma cabana, com uma varanda sobre a qual se espera ver uma cadeira de balanço. O caminho que Camille segue é exatamente o mesmo que tomou centenas de vezes, criança, adolescente, quando ele vinha ficar com sua mãe, vê-la trabalhar, trabalhar com ela. Quando criança, ele não era atraído pela floresta, apenas dava alguns passos por ela, dizia que preferia ficar dentro da casa. Era um menino solitário. Fez da necessidade uma virtude, pois era difícil ter colegas com quem brincasse, por causa de seu tamanho. Ele não queria ser um perpétuo objeto de gozação. Preferia não brincar com

ninguém. Na verdade, ele tinha medo da floresta. Ainda hoje, todas essas grandes árvores… Camille tem cinquenta anos, ou algo por volta disso. Então, ele já passou da idade de ter medo do rei Erl.[18] Mas continua alto como quando tinha treze anos e, por mais que ele tente resistir, essa noite, essa floresta, essa casa abandonada têm efeito sobre ele. Não se deve esquecer que é ali que trabalhava sua mãe e também que Irene foi morta.

47

No quarto. Alex cruzou os braços sobre o peito. Ligar para o irmão. Quando ele reconhecer sua voz, vai dizer: "Ah, é você? O que você quer agora?", ele já vai ficar nervoso, desde o primeiro segundo, mas pouco importa. Ela tira o telefone do gancho, lê o que é preciso fazer no adesivo, 1 e 0, para ligar para fora. Ela já localizou um lugar onde poderá se encontrar com ele, bem ao lado da zona industrial. Tinha até anotado o endereço num papel. Procura pelo endereço, acha-o, segura sua respiração e disca o número. Caixa-postal. Surpreendente, ele nunca desliga o celular, nem de madrugada, diz sempre que o trabalho é sagrado. Talvez esteja passando por um túnel ou o deixou na mesa do hall, vai saber, no fundo isso não é tão ruim assim, ela deixa uma mensagem: *"Aqui é a Alex. Preciso ver você. É urgente. Bulevard Jouvenel, em Aulnay, número 137, às 23h30. Espere por mim, se eu chegar atrasada"*.

Ela vai desligar, se contém e acrescenta: *"Mas não me deixe esperando"*.

Agora, ela é dominada novamente pela atmosfera do quarto. Deitada na cama, ela fica devaneando por um longo tempo, que passa com lentidão. Os pensamentos se encadeiam sozinhos, movidos pelo próprio movimento, ela ouve os ecos da televisão ao lado, as pessoas não se dão conta de como assistem a televisão com o volume alto, como podem incomodar. Ela poderia fazê-los se calar, se quisesse. Sairia do quarto, tocaria a campainha da porta vizinha, o homem abriria surpreso, seria um homem comum como aqueles que ela matou. Foram quantos, cinco? Seis? Mais? Ela daria um sorriso como sabe fazer e, gentilmente, diria: "sou sua vizinha de quarto, acenando com a cabeça, estou sozinha, posso entrar?". O homem

bestificado abriria passagem. Ela diria em seguida: “você quer me ver nua?” com o mesmo tom que se diz “você pode fechar as cortinas?”. A boca do homem se abriria de estupefação, ele teria um pouco de barriga, evidentemente, depois de passar dos trinta, eles ficam todos assim, todos os que ela matou tinham um pouco de barriga, até Pascal Trarieux, no caso dele, era por causa da cerveja – que o diabo o torture em sua infinita crueldade. Ela imediatamente abriria as abas de seu roupão e perguntaria: “o que você acha?”. Seria realmente um sonho poder fazer isso, uma vez, só uma vez. Abrir o roupão e perguntar nua “o que você acha?”, estando certa da resposta, certa de que ele abriria os braços e ela poderia se entregar. Na verdade, ela diria: “mas antes você poderia desligar a televisão?”. O homem se precipitaria balbuciando desculpas, dá até para imaginar. Ele tatearia a televisão desajeitadamente para achar o botão, tão excitado diante dessa aparição tão milagrosa. Enfim, ele ficaria de costas, inclinado para a frente, ela só precisaria pegar o abajur de cabeceira de alumínio e desferir um golpe, com as duas mãos, bem atrás da orelha direita, bem simples. Uma vez que ele estivesse grogue, seria como tirar doce de uma criança. Ela sabe onde bateria para atordoá-lo por alguns segundos e ganhar tempo necessário para os próximos passos: os lençóis para amarrá-lo, meio litro de ácido concentrado garganta abaixo e caso encerrado. A televisão não faria mais nenhum barulho, o hóspede não estaria nem perto de aumentar o som, ela poderia enfim passar uma noite tranquila.

Eis o tipo de sonho que Alex tem acordada, deitada em sua cama, com as mãos atrás da cabeça. Ela se abandona ao próprio fluxo de pensamentos. Lembranças da sua vida remontam. De fato, elas não trazem nenhum arrependimento. Todos os seus mortos, de certa maneira, foram necessários, ela precisava deles. Precisava fazê-los sofrer, fazê-los morrer, de fato, nenhum arrependimento. Poderia até mesmo ter havido mais, bem mais. Assim é escrita a história.

Hora de tomar um pouco de álcool. Ela pensa em servir uma dose de Bowmore no copo de plástico, mas muda de ideia e toma direto do gargalo. Alex se lamenta, ela deveria ter comprado cigarros também. Afinal, ela está festejando. Faz quase quinze anos que não fuma. Ela não sabe por que deveria comprar cigarros agora, pois no fundo nunca gostou de fumar. Queria fazer como todas as garotas: perseguir seus sonhos, ser como os

demais. Ela é bem sensível ao uísque, precisa de pouco para ficar alegre. Ela cantarola canções cuja letra desconhece, e enquanto canta, apanha suas coisas, dobra suas roupas uma após a outra, com esmero, e começa a fazer sua mala de viagem cuidadosamente. Ela gosta que as coisas fiquem bem arrumadas, seu apartamento, era só observá-lo, todos os seus demais apartamentos sempre foram impecáveis. No banheiro, sobre a pequena prateleira instável de plástico creme marcada com queimaduras de cigarro, ela arruma seus cosméticos, pasta de dente, escova de dente. De sua *nécessaire*, ela tira um tubo de moléculas da felicidade. Um fio de cabelo está preso na tampa, ela abre o tubo, pega o fio de cabelo, levanta a mão bem alto e o solta como uma folha morta. Ela adoraria que fosse um punhado, para fazer como chuva, como neve, antigamente na casa de uma amiga, elas brincavam bastante disso, sobre o gramado, regando-se de chuva com a mangueira. É o uísque. Enquanto faz sua pequena arrumação, continua a beber na garrafa, e embora ela beba aos poucos, o álcool sobe rapidamente.

A arrumação está terminada, Alex titubeia levemente. Ela não come há algum tempo, bebe álcool um pouco além da conta e logo está bêbada. Ela não pensou. Isso a faz rir, um riso nervoso, tenso, um riso inquieto, ela é sempre assim, a inquietude é sua segunda natureza, junto com a crueldade. *Quando pequena, ela nunca teria acreditado ser capaz de tanta crueldade*, pensa ela. Colocando sua bela bolsa de viagem no armário, ela começa a refletir sobre aquilo. Foi uma criança extremamente gentil, as pessoas sempre diziam: “Alex é um amor, realmente adorável”. Não se deve esquecer de que ela era muito feia, quando pequena, e que as pessoas agarravam-se logo à sua personalidade para encontrar um elogio a fazer.

Assim passa a noite. As horas.

E Alex tomou goles e mais goles, e também chorou muito. Ela não achava que tinha ainda tamanha reserva de lágrimas.

É uma noite de grande solidão.

48

Como um tiro no meio da noite: o estalo do degrau de madeira que quebra assim que ele pisa. Camille quase cai, equilibra-se, consegue se

manter ereto, mas o pé direito fica preso na tábua de madeira quebrada. Ele se machucou. Lutou para se soltar, foi obrigado a se sentar. E então, agora ele está de costas para o ateliê, de frente para seu carro com todos os faróis acesos, foi assim que viu chegar os serviços de emergência. Ele não era mais ele mesmo, apanharam-no extenuado mais ou menos ali onde se encontra, sentado, como hoje. Ou talvez ele estivesse ali, de pé, junto à grade.

Camille se levanta, avança com cuidado sobre as tábuas da varanda que rangem e também ameaçam se romper. Ele não consegue lembrar exatamente onde estava.

De que serve tentar lembrar? Serve para matar o tempo.

Então, Camille se vira para a porta. Ela foi obstruída às pressas, mas aquilo não serve para nada porque as duas janelas da fachada foram quebradas, não sobrou nem uma placa de vidro. Ele sobe pela janela, cai do outro lado, o velho piso vermelho continua tremendo sob seus pés, seus olhos começam a se acostumar com a escuridão.

Seu coração bate rápido e forte, suas pernas lutam para sustentá-lo. Ele avança alguns passos.

As paredes revestidas de cal estão cobertas de pichações. O lugar foi visitado, invadido. Colocaram um colchão, hoje rasgado, dois pratos pelo chão, aqui e ali algumas velas queimadas até o fim, garrafas vazias, latas. O vento penetra no salão. No canto do ateliê, um pedaço do teto ruiu. Através dele, é possível ver a floresta.

Isso tudo é terrivelmente triste porque não resta mais nada em que apoiar sua dor. A dor em si é diferente. De repente, algo vem à sua mente, violentamente, sem avisar.

O corpo de Irene e o do bebê.

Camille cai de joelhos e irrompe em lágrimas.

49

No quarto, Alex rola lentamente sobre a cama, nua, silenciosa, de olhos fechados, ela segura sua camiseta na ponta dos dedos como uma fita de dança ou de ginástica e deixa as imagens virem à sua mente. Ela revê seus mortos, um após o outro, numa ordem estranha, aleatória. Enquanto a

camiseta, seu estandarte, pelo rodopio raspa de passagem nas paredes do quarto. Vem à sua memória o rosto inchado daquele dono de bar de Reims, cujo nome havia esquecido. Outras lembranças voltam, como seus olhos esbugalhados. Alex dança, gira, gira e seu estandarte se torna sua arma, eis agora o caminhoneiro contraindo o rosto aterrorizado. Bobby. Ela se lembra do nome dessa vítima. Sua camiseta enrolada em formato de bola ao redor do seu punho bate contra a porta do quarto e desliza lentamente, como para cravar uma chave de fenda num olho imaginário, fricciona para fazer a ferramenta entrar mais fundo. A maçaneta parece gemer sob a pressão, apresenta resistência, Alex gira o punho com vigor, a arma penetra e desaparece, Alex se alegra, ela rola e voa, dança e ri, e assim, por um longo momento, com sua arma enrolada em torno do punho, Alex mata e mata de novo, vive e revive. Então, enfim, a dança se acaba, assim como a dançarina. Será que todos aqueles homens a desejaram mesmo? Sentada sobre a cama, com a garrafa de uísque apertada entre os joelhos, Alex imagina o desejo dos homens. Félix, ela revê seus olhos febris. Ele estava cheio de desejo. Se estivesse diante dela, ela olharia bem no fundo de seus olhos, os lábios levemente entreabertos. Ela faria assim, com sua camiseta nas mãos, acariciaria lentamente, maliciosamente, a garrafa de uísque presa entre seus joelhos como um falo gigante. Ele explodiria, o Félix, aliás, foi o que ele fez, explodiu em pleno voo, a ogiva voou para o outro lado da cama. Solta do corpo o foguete.

Alex joga para cima sua camiseta, que ela imagina sanguinolenta, e que aterrissa molemente, como um pássaro de mar, sobre a poltrona maltrapilha, junto à porta.

Mais tarde, a madrugada caiu por completo. O vizinho desligou sua televisão e está dormindo sem se dar conta do milagre que é permanecer vivo ao lado de Alex.

De pé diante da pia, o mais longe possível para poder se ver inteira no espelho, nua, séria e um pouco cerimoniosa, Alex se observa, sem fazer nada, nada mais a não ser se olhar.

Então é isso, Alex. É só isso.

É impossível não chorar quando você está por inteiro diante de si.

Dentro dela, a fissura se rompe, ela sente que está ruindo, que está sendo dominada de novo por aquele sentimento.

Essa sua imagem no espelho é extremamente forte.

Então, ela se vira bruscamente, de costas para o espelho, põe-se de joelhos e, sem hesitar, bate violentamente a parte de trás da cabeça contra a cerâmica da pia, uma vez, duas, três, quatro, cinco vezes, bem forte, cada vez mais forte que a anterior, no mesmo lugar da cabeça. Os choques fazem um barulho infernal, como um gongo, pois Alex põe toda sua energia. Na última pancada, ela está estarrecida, desorientada, totalmente em lágrimas. Há coisas rachadas, rompidas nessa cabeça, mas não são de hoje. Quebradas há muito tempo. Ela se levanta, titubeando, anda até a cama, desaba. Sua cabeça dói demais, as dores chegam em ondas seguidas, ela fecha os olhos, pergunta-se se está sangrando no travesseiro. Com a mão esquerda, ela apanha, com toda a precisão de que ainda é capaz, o tubo de barbitúricos, coloca-o sobre a barriga, despeja o conteúdo completo em sua mão cautelosamente (que aflição na sua cabeça!), engole tudo de uma só vez. Ela se apoia desajeitadamente sobre os cotovelos, vira-se para a mesa de cabeceira, vacila, apanha a garrafa de uísque, aperta-a com força, o mais forte que ela pode, e bebe, no gargalo, bebe, bebe, por tanto tempo quanto sua respiração permite. Ela esvazia mais da metade da garrafa em alguns segundos, enfim, a solta, ouve-a rolando sobre o tapete.

Alex se desfaz como um peso inerte sobre a cama.

Ela retém com grande custo as náuseas que a acometem.

Ela derrete em lágrimas, mas não se dá conta.

Seu corpo está aqui, mas sua mente já está em outro lugar.

Ele rola sobre si mesma.Tudo se enrola em torno da sua vida, o que resta curva-se sobre si mesmo.

Seu cérebro é subitamente acometido por pânico, algo puramente neuronal.

O que vai acontecer agora diz respeito apenas aos seus restos mortais; instantes entrecortados, instantes sem retorno, a consciência de Alex já está em outro lugar.

Se houver outro lugar.

50

O estabelecimento foi virado de cabeça para baixo. Acessos bloqueados, estacionamentos isolados, giroflex, viaturas, fardamentas. Quanto aos

clientes, é como se aquilo fosse uma série de televisão, mas não é noite. Nessas séries, essas coisas normalmente acontecem à noite. São sete horas da manhã, horário movimentado, os *check-outs*, o cúmulo da agitação. Há uma hora o dono do hotel tem pedido perdão para a clientela, confunde-se em desculpas, distribui garantias de todas as categorias. É de se perguntar o que ele pode estar prometendo.

O dono do hotel está na entrada quando Camille e Louis chegam. Assim que compreende a situação, Louis toma a frente de seu chefe, ele já está acostumado a fazer isso, prefere falar com o dono do hotel primeiro; nesse tipo de circunstâncias, se deixarem Camille tomar a dianteira, é guerra civil em meia hora.

Então, Louis, com um gesto benevolente e compreensivo, afasta o patrão e a passagem fica livre. Camille segue um policial do comissariado local, foi ele quem chegou primeiro.

– Eu logo reconheci a garota do anúncio de busca.

Ele aguarda cumprimentos, mas nada. Esse policialzinho é tudo, menos amável, ele anda com rapidez e parece que está totalmente voltado para si mesmo, fechado. Recusa-se a tomar o elevador, eles sobem a pé pela escada de concreto que ninguém toma e que ressoa como uma catedral. O policial acrescenta, contudo:

– Não deixamos entrar ninguém enquanto o senhor não estivesse aqui.

As coisas acontecem curiosamente. Como eles interditaram o acesso ao quarto, esperando os peritos da Perícia Criminal, como Louis permaneceu no térreo para conter o patrão, Camille entra só naquele cômodo, como alguém da família, como se viesse ao leito de morte de um ente próximo e, por pudor, todos respeitaram sua intimidade, deixando-o só por alguns segundos junto ao cadáver.

Em lugares sem grandeza, a morte é sempre bastante trivial. A jovem mulher não escapou disso. Ela foi enrolada no lençol, em seguida, as convulsões a contorceram, é como se aquele fosse o corpo de uma egípcia destinado à mumificação. Sua mão pende para fora da cama, lânguida, terrivelmente humana e feminina. Seu rosto por sua vez está inchado. O olhar paralisado se perde em direção ao teto. À beira dos lábios, vestígios de vômito, cujo essencial supõe-se que tenha sido contido pelos lábios. A cena inteira transmite bastante sofrimento.

Como diante de todos os mortos, sente-se no cômodo a presença de um mistério. Camille permanece junto à entrada do quarto. Porém, ele está

habituado com os cadáveres, já viu muitos, naturalmente, vinte e cinco anos de carreira, um dia seria preciso contar todos, seria o equivalente a uma cidadezinha. Há alguns que o levam a sentir alguma coisa e outros que não o levam a sentir nada. O inconsciente faz a triagem. Entretanto, aquele corpo faz mal. Faz sofrer. Ele não sabe por quê.

De início, ele pensou que, decididamente, ele sempre chegava tarde demais. É por isso que Irene está morta, ele não teve o instinto correto, foi teimoso, chegou tarde demais, e ela estava morta. Mas, não, agora que ele está ali, sabe que não é isso, que a história não se repete à toa, que nenhuma morta pode tomar o lugar de Irene. Primeiramente porque Irene era inocente e ali o caso é completamente outro.

Porém, ele permanece inquieto. Incapaz de explicar.

Ele sente, sabe que há alguma coisa que não entendeu. Provavelmente desde o começo. Ora, essa garota carregou seus segredos com ela. Camille gostaria de poder se aproximar, olhá-la mais de perto, debruçar-se sobre ela, compreender.

Ele correu atrás dela enquanto ela estava viva, ele a vê morta e continua sem saber nada a seu respeito. Que idade ela tem? De onde ela vem?

E afinal, como ela se chama de verdade?

Perto dele, sobre a cadeira, a bolsa. Ele tira do seu bolso luvas de borracha e as coloca. Apanha a bolsa, abre-a, uma bolsa de mulher, com tudo o que pode ter dentro, é incrível, ele encontra uma carteira de identidade.

Trinta anos. Os mortos nunca parecem com os vivos que foram. Ele olha a foto oficial, em seguida, a jovem mulher morta, sobre a cama. Nenhum desses dois rostos parece com os incontáveis retratos que ele fez dela ao longo das últimas semanas baseando-se na identificação facial eletrônica. Com isso, o rosto dessa mulher permanece inalcançável. Qual é o verdadeiro? O datado, da foto da identidade? Ela talvez tivesse vinte anos, o penteado estava fora de moda, ela não sorri e olha para a frente de forma inexpressiva. Ou a identificação facial eletrônica da matadora em série, fria, fixa, carregada de ameaças e impressa em milhares de exemplares? Ou o verdadeiro é esse, desabitado, da jovem morta ali, estirada, cujo corpo, como se estivesse separado dela, está habitado por dores incomunicáveis?

Camille a acha estranhamente parecida com *Avítima*, de Fernand Pelez; o efeito estarrecedor que tem a morte quando bate.

Fascinado por aquele rosto, Camille esqueceu que ele não sabe como chamá-lo. Ele se volta para a carteira de identidade.

Alex Prévost.

Camille repete esse nome para si mesmo.

Alex.

Portanto, nada mais de Laura, de Nathalie, de Léa nem de Emma.

É Alex.

Enfim… Era.

Mark Rothko (1903-1970), pintor de origem letã e judaica. Famoso por suas composições que unem expressionismo e abstração. (N. T.)

Fleury-Mégoris é um presídio situado na comuna de mesmo nome, no departamento de Essonne, 55 quilômetros ao sul de Paris. (N. T.)

Estação do Norte e do Leste. Duas das mais movimentadas e importantes estações de trem de Paris. (N. T.)

Trata-se de uma expressão francesa que remete à maior batalha ocorrida durante a guerra franco-prussiana, no dia 18 de agosto de 1870, em Saint-Privat. A expressão refere-se à intensidade da troca de fogo de ambos os lados durante a batalha. (N. T.)

Personagem representada em baladas e poemas alemães como uma criatura do mal que assombra as florestas. (N. T.)

TERCEIRA PARTE

51

O juiz Vidard está muito contente. O suicídio é o resultado lógico de sua análise, de sua perspicácia, de sua persistência. Como sempre, os homens vaidosos atribuem ao seu talento o que devem à sorte, às circunstâncias. Ao contrário de Camille, ele se regozija. Mas com calma. Quanto mais ele se mostra reservado, mais é possível senti-lo intensamente vitorioso. Camille vê isso em seus lábios, seus ombros, em sua maneira concentrada de colocar suas roupas protetoras, a touca de cirurgião e as botas azuis dão um toque cômico a Vidard.

Ele poderia se contentar em olhar tudo aquilo do corredor, visto que os peritos já estão trabalhando no local. Mas, não, uma assassina múltipla de trinta anos, sobretudo morta, é como um troféu de caça, é preciso observá-lo de perto. Ele está satisfeito. Quando entra no quarto, é um imperador romano. Em direção à cama, ele faz um breve movimento com os lábios, do tipo, bem, bem, bem, e quando sai tem uma cara que significa caso encerrado. Ele aponta para os peritos da Perícia Criminal e olha para Camille.

– O senhor sabe que vou precisar dos resultados muito em breve…

Isso quer dizer que ele quer dar uma conferência à imprensa. O mais rápido possível. Camille está de acordo. O mais rápido possível.

– No entanto, será preciso esclarecer o caso todo, certo? – acrescenta o juiz.

– Certamente – diz Camille –, esclarecer o caso todo.

O juiz se prepara para sair. Camille ouve sua arma sendo recarregada para o próximo tiro.

– Já era hora de terminar com isso tudo – diz o juiz. – Para o bem de todos.

– Para o meu bem, o senhor quer dizer?

– Para ser sincero, sim.

Ao dizer isso, ele retira suas proteções. A touca, as botas não estão em conformidade com a dignidade de suas palavras.

– Nesse caso, então – continua ele –, o senhor demonstrou uma singular falta de lucidez, comandante Verhoeven. O senhor estava sempre passos

atrás dos acontecimentos, muito atrás. Veja bem, até mesmo a identidade da vítima, não é ao senhor que devemos, mas a ela. O senhor foi salvo pelo gongo, mas estava passos atrás e sem esse… feliz "incidente" – diz apontando para o quarto –, não estou muito seguro de que o senhor teria ficado com o caso. Acho que o senhor não estava…

– À altura? – sugere Camille. – Vamos, senhor juiz, pode dizer, está na ponta da sua língua.

Ressentido, o juiz avança alguns passos pelo corredor.

– É típico do senhor – comenta Camille. – Não tem coragem o bastante para dizer o que pensa, não tem sinceridade o bastante para pensar sobre o que diz.

– Então vou dizer exatamente o que penso…

– Já estou tremendo.

– Receio que o senhor não esteja mais apto para lidar com casos de grande complexidade.

Ele toma um tempo para demonstrar que está refletindo, que como homem inteligente, consciente da sua importância, ele não diz nada de maneira leviana.

– Seu retorno às atividades não é muito convincente, comandante. Talvez o senhor devesse tomar algum recuo.

52

Todos os objetos passaram primeiro pelo laboratório. Em seguida, foram dispostos no escritório de Camille. Não é algo que se perceba à primeira vista, mas aquilo realmente ocupa bastante espaço. Precisaram trazer duas mesas grandes, que Armand cobriu com uma toalha, afastaram a mesa de Camille, o porta-casaco, as cadeiras, as poltronas, e distribuíram tudo. É difícil ter diante de si coisas tão infantis e pensar que elas pertenciam a uma mulher de trinta anos. Tem-se a impressão de que ela não cresceu. De que serve guardar por tanto tempo uma presilha velha, rosa, com pedras brilhantes ou então uma entrada de cinema?

Todas essas coisas foram recolhidas no hotel quatro dias antes.

Depois de ter saído do quarto da jovem garota morta, Camille desceu de volta ao térreo onde Armand estava ouvindo o depoimento do recepcionista,

um jovem de cabelos achatados com gel na lateral, como se tivessem acabado de lhe desferir um tapa. Por razões que parecem puramente práticas, Armand instalou-se no salão do restaurante onde os clientes estão tomando café. Ele disse:

– O senhor me permite?

Sem esperar pela resposta, ele se serviu com um bule de café, quatro croissants, um copo de suco de laranja, uma tigela de cereais, um ovo cozido, duas fatias de presunto e algumas colheres de queijo derretido. Enquanto come, ele faz suas perguntas e ouve com bastante atenção as respostas, pois, mesmo com a boca cheia, ele consegue retificar.

– Agora há pouco, o senhor me disse vinte e duas e trinta.

– Sim – diz o recepcionista, assombrado com o apetite de um policial tão magro –, cinco minutos para mais, cinco minutos para menos, é sempre difícil ser preciso…

Armand faz um gesto de que compreende. Ao fim do interrogatório, ele vai dizer:

– O senhor não teria uma caixa ou algo do tipo?

Porém, sem esperar resposta, ele vai abrir três toalhas de papel, despejar nelas uma cesta inteira de confeitarias, dobrar cuidadosamente os quatro cantos e dar um belo nó, como se fosse uma pequena trouxa para dar de presente. Ele diz ao recepcionista, preocupado:

– É para o almoço… Com esse caso pela frente, não teremos tempo de comer.

São sete e meia da manhã.

Camille entra num salão destinado às conferências, que Louis requisitou para os depoimentos. Ele está interrogando a camareira que encontrou Alex morta, uma mulher de cinquenta anos, de rosto pálido, desgastado pelo trabalho. Ela faz o turno da noite, após a refeição da noite, volta para casa, mas às vezes, por falta de funcionários, ela é forçada a voltar pela manhã, às seis horas para a primeira faxina. Ela é pesada e se mantém com a lombar curvada.

Normalmente, ela só entra nos quartos ao final da manhã e somente depois de ter batido e ficado à escuta nas portas após um longo tempo, pois já viu cada cena… Ela poderia contar algumas, mas a presença do policialzinho que entrou e que os observa a deixa um pouco paralisada. Ele não diz nada, permanece ali, com as mãos nos bolsos de seu casaco, que não tirou desde sua chegada, esse homem deve ser doente ou retraído. Só

que nessa manhã, ela se enganou. Em seu papel, anotaram “317”, o que significa que o cliente deve ter deixado o hotel, então o sinal é verde para a faxina.

– Estava mal escrito. Eu li “314” – explica ela.

Ela é muito veemente, não quer que essa história toda seja sua culpa. Não tem nada a ver com aquilo.

– Se tivessem escrito o número do quarto direito, isso não teria acontecido.

Para acalmá-la, para tranquilizá-la, Louis pousa sua bela mão de unhas feitas sobre seu antebraço e fecha os olhos. Às vezes, ele realmente tem a postura de um cardeal. Pela primeira vez desde a sua entrada equivocada no quarto 314, a mulher toma consciência de que acima desse lamentável equívoco, que ela não para de reiterar, há antes de tudo uma mulher de trinta anos que cometeu suicídio.

– Vi na hora que ela estava morta.

Ela se cala, procura as palavras, já viu alguns cadáveres em sua vida. O que não impede que a cada vez seja algo inesperado – essas coisas são de tirar o fôlego.

– Eu fiquei chocada!

Ela coloca a mão na frente da boca diante da recordação. Louis se compadece silenciosamente, Camille não diz nada, apenas observa e espera.

– Uma bela garota como aquela. Que parecia tão cheia de vida…

– A senhora por acaso a encontrou cheia de vida?

Foi Camille quem fez a pergunta.

– Oras, no quarto, não, claro… Não é isso que quero dizer…

E, como os dois homens não reagem, ela completa, ela quer fazer tudo direito, quer ajudar, em suma. Por conta dessa história de número de quarto, ela não se desfaz da ideia de que vão acabar por repreendê-la por algo. Ela quer se defender.

– Quando eu a vi, na véspera, ela parecia cheia de vida! É isso que quero dizer! Andava com um jeito decidido, enfim, não sei como dizer isso aos senhores!

Ela fica nervosa. Louis retoma a palavra calmamente:

– Na véspera, onde a senhora a viu andando?

– Oras, na rua ali em frente! Estava saindo com seus sacos de lixo.

Não deu tempo de ela terminar sua frase e os dois homens já desapareceram. Ela os viu correr em direção à saída.

Camille puxou de passagem Armand e três policiais, todos correm em direção à saída. À direita e à esquerda, de cada lado da rua, a uns cinquenta metros, um caminhão de lixo engole os contêineres que os lixeiros jogam enquanto correm, os tiras gritam, mas de longe ninguém compreende o que eles querem. Camille sobe a rua gesticulando com Armand, Louis a desce, eles brandem as carteiras de policiais e sopram com todas as forças seus apitos, o que causa um efeito paralisante nos lixeiros, todos suspendem suas ações. Os tiras se aproximam, sem fôlego. Tiras detendo contêineres de lixo, eles nunca tinham visto isso.

A camareira, impressionada, é conduzida ao local como uma nova celebridade cercada de repórteres e admiradores. Ela aponta para o lugar onde se encontrava na noite da véspera quando cruzou com a jovem mulher.

– Eu estava chegando de *scooter* por ali. Eu a vi aqui. Mais ou menos, hein?! Não consigo dizer onde exatamente.

Eles arrastaram por volta de vinte contêineres até o estacionamento do hotel. O dono do hotel entra imediatamente em pânico:

– Mas o senhor não pode… – começa ele.

Camille o interrompe:

– Não posso o quê?

O dono do hotel desiste. Realmente, que dia, as lixeiras reviradas pelo estacionamento, como se já não bastasse um suicídio.

É Armand quem descobre os três sacos.

É o faro. A experiência.

53

No domingo pela manhã, Camille abre a janela a Doudouche para que ela veja a feira, e ela adora aquilo. Após a noite maldormida e de terminar o café – não são nem oito horas –, ele entrou num de seus longos momentos de dúvida, como sempre houve alguns, no qual todas as soluções parecem oscilantes, no qual fazer e não fazer envolvem o mesmo interesse. O que é terrível, em suas incertezas, é saber no fundo de si o que vai enfim se sobressair. Fingir interrogar-se é apenas uma maneira de recobrir uma decisão discutível com uma aparência de racionalidade.

Esse é o dia do leilão das obras de sua mãe. Ele disse que não iria. Agora tem certeza de que não vai.

É quase como se a venda já tivesse passado, Camille se projeta no depois. Sua reflexão agora concerne o resultado. E essa ideia de não ficar com o dinheiro, de doá-lo. Até agora, ele se recusou a se perguntar quanto receberá. Se, por um lado, ele não quer calcular, por outro, seu cérebro já dispôs os números, é mais forte que ele. Ele nunca será tão rico quanto Louis, mas mesmo assim. O montante não estará muito longe de cinquenta mil euros, segundo ele. Talvez mais, duzentos. Fazer aquele tipo de conta o deixa com raiva de si mesmo, mas quem não faria. Quando da morte de Irene, o seguro pagou o apartamento que eles haviam comprado e que ele imediatamente revendeu. Com a soma, ele comprou esse, tirou um pequeno empréstimo de complemento que a venda das obras da sua mãe poderia quitar. Esse tipo de pensamento é a primeira brecha nas melhores das resoluções. Ele vai dizer para si mesmo: *eu poderia pelo menos pagar a hipoteca e doar o resto*. Em seguida, ele dirá para si mesmo pagar a hipoteca, mudar de carro e doar o resto. É um círculo vicioso. Até que não haja mais resto. Ele vai acabar enviando duzentos euros para as pesquisas contra o câncer.

Vamos, diz Camille sacudindo a cabeça. *Concentre-se no essencial*. Ele deixa Doudouche por volta das doze horas, atravessa a feira e, como o tempo está frio e ensolarado, ele vai para a Brigada a pé, vai levar o tempo que tiver que levar. Camille anda o mais rápido que pode, mas tem pernas curtas. Logo, uma vez garantida a obstinação e a resolução, ele toma o metrô.

É domingo, mas Louis disse que estaria na Brigada por volta das treze horas.

Desde sua chegada ao local, Camille tem travado uma conversa silenciosa com os objetos alinhados sobre a grande mesa. É como se estivesse diante do estande de uma menina no dia de uma venda de garagem.

Na noite da descoberta, após o irmão de Alex ter procedido ao reconhecimento do corpo no Instituto Médico-Legal, foi solicitado à senhora Prévost, a mãe, que comentasse sobre os objetos que reconhecesse.

Ela é uma mulher bastante pequena, enérgica, com o rosto angulado que combina com seus cabelos brancos e suas roupas velhas. Tudo nela veicula a mesma mensagem: nós somos de um meio modesto. Ela não quis tirar seu casaco nem se separar de sua bolsa, além disso, estava bastante ansiosa para ir embora.

– De todo modo, ela teve de digerir uma boa quantidade de novidades de uma só vez – disse Armand, que foi o primeiro a recebê-la. – Sua filha se matou na noite passada depois de ter assassinado ao menos seis pessoas. É um pouco desconcertante, é compreensível.

Camille, por sua vez, falou com ela por um longo momento no corredor para prepará-la para a provação. Ela vai se ver diante de tantas coisas pessoais de sua filha pequena, criança, depois adolescente, o tipo de objetos sem grande valor que causa uma dor infinita no dia em que o filho morre. A senhora Prévost mantém-se firme, sem chorar, diz que compreende, mas, quando se encontra diante da mesa repleta de recordações, ela desmorona. Trazem, então, uma cadeira para ela. Esses instantes são sofríveis quando se é espectador, pula-se de um pé para o outro, condenado à paciência, à inação. A senhora Prévost não se separou de sua bolsa, como se estivesse de visita, vai permanecer sentada, apontar para os objetos, há muitos que ela não conhece ou não lembra. Ela fica muitas vezes perplexa, incerta, como se estivesse diante de um quebra-cabeça de sua filha e não a reconhecesse. Para ela, aquelas são como peças esparsas. Reduzir sua falecida filha à exposição dessas ninharias traz algo de injusto, a emoção cede lugar à indignação, ela vira a cabeça para todos os lados:

– Para começar, por que ela guardava todas essas porcarias? O senhor tem certeza de que são dela?

Camille abre os braços. Ele situa essa reação na categoria das defesas diante da violência da situação, depara-se bastante com uma certa brutalidade das pessoas em choque:

– Veja – continua ela –, sim, isso aqui é mesmo dela.

Ela aponta para a pequena cabeça negra talhada em madeira preta. Ela vai começar a contar a história dela, mas desiste. Em seguida, as páginas dos romances.

– Ela lia bastante. A todo instante.

Quando Louis chega, enfim, são quase catorze horas. Ele começa com as páginas destacadas. *Amanhã durante a batalha pense em mim. Ana Karênina.* Algumas passagens estão sublinhadas a tinta violeta. *Middlemarch, O Doutor Jivago*. Louis leu todos eles, *Aurélien*, *Os Buddenbrook*, mencionaram Duras, as obras completas, mas, no monte, não há mais que uma ou duas páginas de *A dor*. Louis não estabelece conexões entre os títulos, há muito romantismo nisso tudo, esperava-se por isso, as jovens garotas sentimentais e as grandes assassinas são seres de coração frágil.

Eles vão almoçar. Durante a refeição, Camille recebe a ligação do amigo de sua mãe, o qual organizou o leilão pela manhã. Eles não têm grande coisa a dizer um ao outro. Camille agradece de novo, pois não sabe o que deve fazer, então, discretamente, propõe dinheiro a ele. Imagina-se que, do outro lado da linha, o amigo diz que eles falarão daquilo mais tarde, que antes de tudo, faz aquilo por Maud. Camille se cala, eles combinam de se ver em breve, mesmo sabendo que não farão aquilo. Camille desliga. Duzentos e oitenta mil euros. O leilão ultrapassou todas as expectativas. O pequeno autorretrato, obra menor, sozinho, dezoito mil euros.

Louis não fica surpreso. Ele conhece as tarifas, as cotações, tem experiência no assunto.

Duzentos e oitenta mil. Camille não consegue acreditar. Ele tenta fazer os cálculos, isso dá quantos salários? Muitos. Isso o faz se sentir desconfortável, tem a impressão de que seus bolsos estão pesados, mas, na verdade, são seus ombros. Ele sente que se rebaixou de certa forma.

– Fiz bobagem em vender tudo?

– Não necessariamente – diz Louis circunspecto.

Entretanto, Camille permanece com a pergunta na cabeça.

54

Barbeado rente, rosto retangular, determinado, com os olhos vivos e uma boca expressiva, carnuda e voluptuosa. Ele se mantém ereto, com um lado vagamente militar, se não fossem os cabelos castanhos, ondulados, presos para trás. O cinto com fivela prateada destaca o volume da barriga, proporcional à posição social, resultado de refeições de negócios ou do

casamento ou do estresse ou dos três. Ele aparenta ter mais de quarenta anos. Tem trinta e sete. Mede um metro e oitenta, tem os ombros largos. Louis não é gordo, mas é alto, e, contudo, ao lado dele, pareceria um adolescente.

Camille já o havia visto no Instituto Médico-Legal, quando ele foi reconhecer o corpo. Ele se debruçou sobre a mesa de alumínio com um rosto compadecido, doloroso, não disse nada, apenas fez um sinal com a cabeça. *Sim, é ela*. Então, o lençol foi puxado de volta para cima.

Naquele dia, no IML, eles não se falaram. É difícil apresentar suas condolências quando a morta é uma homicida em série que arruinou a vida de uma meia dúzia de famílias. Não se sabe o que dizer; felizmente, esse não é o papel dos tiras.

No corredor, ao retornar, Camille mantinha-se calado. Louis disse:

– Quando o conheci, ele parecia mais espirituoso…

É verdade, lembrou-se Camille, foi Louis que o conheceu da primeira vez quando da investigação da morte do Trarieux filho.

Segunda-feira, dezessete horas. Nas instalações da Brigada Criminal.

Louis (terno Brioni, camisa Ralph Lauren, sapatos Forzieri) está à sua mesa. Armand está a seu lado, e suas meias estão esparramadas sobre os sapatos.

Camille, sentado numa cadeira mais longe, no fundo da sala, com os pés balançando, inclinou-se sobre um bloco de folhas, como se o caso não tivesse nada a ver com ele. Nesse momento, ele esboça, de memória, o retrato sombrio de Guadalupe Victoria que ele viu em uma moeda mexicana.

– Quando vão liberar o corpo?

– Em breve – diz Louis. – Em breve.

– Já faz quatro dias…

– Sim, eu sei, essas coisas sempre demoram.

Louis realiza com perfeição esse ato. Ele deve ter aprendido bem cedo essa expressão inigualável de comiseração, uma herança de família, herança de casta. Essa manhã, Camille o pintaria como São Marcos apresentando o doge de Veneza.

Louis apanha seu caderno e sua pasta. O ar de querer terminar rapidamente com formalidades fastidiosas.

– Então, Thomas Vasseur, nascido no dia 16 de dezembro de 1969.

– Está no arquivo, eu acho.

Não responde agressivo, mas seco. Irritado.

– Ah sim, sim! – garante Louis com uma sinceridade expansiva. – Só precisamos verificar se tudo está em ordem. Para encerrar o arquivo, nada mais. Sua irmã, até onde sabemos, matou seis pessoas, cinco homens e uma mulher. Sua morte, porém, nos impede de reconstituir os acontecimentos. É preciso dar alguma satisfação para as famílias, o senhor entende. Sem contar o juiz.

Ah, sim, o juiz, pensa Camille, justamente. Esse estava morrendo de vontade de dar conferência de imprensa, não demorou para obter o aval de seus superiores. Todos estavam morrendo de vontade de dar conferência de imprensa. Uma assassina em série que se suicida é algo menos valorizado do que uma prisão, mas, no que tange à segurança pública, tranquilidade para os cidadãos, paz civil e a merda toda, é sempre melhor que nada. A assassina está morta. É como o anúncio da morte do lobo na Idade Média, sabe-se bem que isso não modifica a face do mundo, mas alivia e dá a sensação de que uma justiça superior nos protege. E a justiça superior está se esbaldando. Vidard apareceu como se fosse contra a sua vontade, diante dos jornalistas. Ao ouvi-lo, é como se a assassina estivesse tão encurralada pela polícia que não tinha outra possibilidade a não ser se entregar ou morrer. Camille e Louis viram aquilo na televisão de um café local. Louis resignava-se, Camille ria por dentro. Desde esse instante de glória, o juiz se acalmou. Ele discursou diante dos microfones, mas agora a tarefa de encerrar a investigação cabe aos tiras.

Portanto, é questão de informar as famílias das vítimas.Thomas Vasseur compreende, ele faz sim com a cabeça, mas continua irritado.

Louis é absorvido pelo seu dossiê por um instante. Em seguida, levanta a cabeça e afasta a mecha com a mão esquerda:

– Então, nascido no dia 16 de dezembro de 1969?

– Sim.

– E o senhor é diretor de vendas em uma empresa de locação de jogos?

– É isso, jogos de cassinos, bares, boates, alugamos máquinas. Pela França toda.

– O senhor é casado e tem três filhos.

– Isso, o senhor sabe de tudo.

Louis toma nota escrupulosamente. Então levanta a cabeça:

– E então o senhor tinha… sete anos a mais que Alex.

Dessa vez, Thomas Vasseur faz simplesmente um gesto de concordância.

– Alex não conheceu o pai dela – diz Louis.

– Não. Meu pai morreu bastante jovem. Minha mãe ficou grávida da Alex bem depois, mas ela não quis refazer sua vida com o cara. Ele desapareceu.

– Em suma, como pai, ela só teve o senhor.

– Sim, eu cuidei dela. Bastante. Ela precisava.

Louis não diz nada. O silêncio paira. Vasseur continua: – Alex já era, quero dizer, Alex era muito instável.

– Sim – diz Louis. – Instável, é o que nos disse sua mãe. Ele franze levemente as sobrancelhas.

– Nós não encontramos nenhum episódio psiquiátrico, não parece que ela tenha sido hospitalizada ou posta sob observação.

– Alex não era louca! Ela era instável!

– A falta de pai…

– A personalidade, principalmente. Quando mais jovem, ela não conseguia fazer amigas, era retraída, solitária, não falava muito. E, além disso, não era muito disciplinada.

Louis faz um gesto demonstrando compreensão. E como não ouve mais nada, ele sugere:

– Precisava aprender a se comportar…

Difícil saber se isso é uma pergunta, uma afirmação, um comentário. Thomas Vasseur escolhe ouvir uma pergunta.

– Absolutamente – responde ele.

– Sua mãe não bastava.

– Não substitui um pai.

– Alex falava do seu pai? Quero dizer, ela fazia perguntas? Pedia para vê-lo?

– Não. Ela tinha o que era preciso em casa.

– O senhor e a sua mãe.

– Minha mãe e eu.

– O amor e a autoridade.

– Se assim quiser.

O divisionário Le Guen ocupa-se do juiz Vidard. Ele faz o papel de barreira entre Camille e ele, tem tudo o que é preciso para isso: a estatura, a inércia, a paciência. Podem pensar o que quiser desse juiz, ele talvez seja

desagradável, mas Camille é muito implicante. Há vários dias, desde o suicídio da garota, ouvem-se rumores. Verhoeven não é mais o que era, é impossível trabalhar com ele, não tem mais condições de lidar com investigações de grande calibre. Todos falam disso, a história dessa garota trucidando seis pessoas em dois anos, sem contar a maneira que, inevitavelmente, chama a atenção de todos – e é verdade que Camille dá a impressão de ter sido passado para trás nesse caso. Até o fim dele.

Le Guen relê as conclusões, o último relatório de Camille. Eles se encontraram uma hora antes. Ele perguntou:

– Tem certeza disso, Camille?

– Absolutamente.

Le Guen balança a cabeça.

– Se está dizendo…

– Se você preferir, eu posso…

– Não, não, não, não – interrompe Le Guen. – Eu cuido disso. Vou eu mesmo encontrar o juiz, eu explico a ele e mantenho você informado.

Camille levanta as mãos em sinal de rendição.

– Mas enfim, Camille, o que você tem com os juízes? Sempre em conflito, logo de cara, toda hora! É como se fosse mais forte que você.

– É para os juízes que se deve fazer a pergunta!

Por trás da pergunta do divisionário, há, contudo, um subentendido embaraçoso: será que é o tamanho que conduz Camille a se opor assim à autoridade?

– E o Pascal Trarieux, então, o senhor o conheceu no ensino médio.

Thomas Vasseur, impaciente, bufa para o alto, como para apagar um candelabro no teto. Ele demonstra que está se sentindo incomodado e diz um "sim" firme, denso, de certa maneira até desencoraja a fazer outra pergunta.

Dessa vez, Louis não se esconde atrás do dossiê. Ele tem uma vantagem, é ele que o interrogou, um mês antes.

– Na época, o senhor me disse, vou citar: "E como o Pascal nos encheu o saco com aquela sua namorada, sua tal de Nathalie…! Veja que pelo menos uma vez ele tinha uma!"

– E…?

– E nós sabemos hoje que essa Nathalie era na verdade sua irmã, a Alex.

– Vocês sabem disso hoje, mas eu, na época, não tinha ideia… Como Louis não diz nada, Vasseur se sente obrigado a desenvolver mais:

– Você sabe, o Pascal era um cara complicado. Ele nunca teve muitas garotas. Até pensei que ele estava contando vantagem. Falava toda hora da sua Nathalie, mas não a apresentava a ninguém. Aquilo na verdade nos fazia rir. Eu, de todo modo, não levei muito a sério.

– Porém foi o senhor que apresentou Alex a seu amigo Pascal.

– Não. E para começar, ele não era meu amigo!

– Ah, é? Ele era o quê?

– Ouça, vou ser franco. O Pascal era um verdadeiro palerma, aquele sujeito tinha um QI de um ouriço-do-mar. Então, era um colega de escola, colega de infância, se preferir, eu cruzava com ele aqui e ali, nada mais. Ele não era um amigo.

Ao dizer isso, ele ri bem alto, para acentuar o ridículo dessa hipótese.

– O senhor simplesmente cruza com ele aqui e ali…

– De tempos em tempos, eu o encontrava no bar quando parava para cumprimentar algumas pessoas por lá. Eu ainda conheço bastante gente por ali. Nasci em Clichy e ele também. Estudamos juntos na escola.

– Em Clichy.

– Isso. Éramos como colegas de Clichy. Essa resposta serve?

– Muito bem! Ótimo!

Louis mergulha novamente em seu dossiê, concentrado, preocupado.

– O Pascal e a Alex também eram “colegas de Clichy”?

– Não, eles não eram “colegas de Clichy”! E você está começando a me encher o saco com esse papo de Clichy! Se você…

– Muita calma.

Foi Camille que disse isso. Ele não elevou a voz. Como um menino que deixaram com desenhos no canto da sala para se manter ocupado, eles haviam acabado por esquecê-lo.

– Ele está lhe fazendo perguntas – disse ele –, então apenas dê as respostas.

Thomas virou-se para ele, mas Camille não levanta a cabeça, ele continua a desenhar. Apenas acrescenta:

– É assim que funciona aqui.

Ele enfim levanta os olhos, afasta o desenho com a ponta dos dedos para julgá-lo, inclinando-o levemente e continua, com os olhos por cima da folha, apontando para Thomas:

– E se você começar de novo, eu vou prendê-lo por desacato à autoridade.

Camille repousa seu desenho sobre a mesa e, antes de se debruçar de volta sobre ele, acrescenta:

– Não sei se estou sendo claro.

Louis deixa passar um segundo.

Vasseur foi pego de surpresa. Ele olha Camille e Louis um após o outro com a boca levemente entreaberta. A atmosfera lembra os fins de dia de verão, quando a tempestade se anuncia brutalmente, ninguém a viu chegar e, de repente, as pessoas se dão conta de que saíram sem precaução, que o céu já está escuro e que ainda estão longe de casa. Parece que Vasseur vai subir a gola de seu casaco.

– E então? – pergunta Louis.

– E então o quê? – responde Vasseur desorientado.

– A Alex e o Pascal Trarieux eram também "colegas de Clichy"?

Quando fala, Louis pronuncia as palavras com tranquilidade. Mesmo nas situações mais tensas. Agora, ele recomeçou a frase articulando calmamente cada palavra. Enquanto desenha, Camille balança a cabeça admirado. *Esse sujeito é mesmo incrível.*[19]

– Não, Alex não morou em Clichy – diz Vasseur. – Nós nos mudamos quando ela tinha, sei lá eu, quatro, cinco anos.

– Então como ela conheceu o Pascal Trarieux?

– Eu não sei.

Silêncio.

– Então, sua irmã conheceu seu colega Pascal Trarieux graças a um grande acaso…

– Suponho que sim.

– E ela diz que seu nome é Nathalie. E o mata em Champignysur-Marne com pancadas de cabo de pá. E isso não tem nenhuma relação com o senhor.

– O que você quer de mim? Foi Alex que o matou, não eu!

Ele fica nervoso, sua voz se torna aguda e, em seguida, ele se contém tão subitamente como começou. Com bastante frieza, ele articula lentamente:

– Para começar, por que estão me interrogando? Vocês têm algo contra mim?

– Não! – diz rapidamente Louis. – Mas o senhor vai entender. Após o desaparecimento de Pascal, seu pai, Jean-Pierre Trarieux, lança-se à procura

de sua irmã. Sabemos que ele a encontra, que ele a rapta para um lugar não muito longe da casa dela, que a sequestra, que a tortura, que provavelmente quer matá-la. Ela consegue escapar miraculosamente, e o resto, sabemos. Ora, o que nos interessa é justamente isso. Já é espantoso que ela saia com seu filho com um nome falso. O que ela tem a esconder? Mas também tão surpreendente quanto isso é saber como Jean-Pierre Trarieux consegue encontrá-la.

– Eu não sei.

– Bem, já nós temos uma hipótese.

Com uma frase como aquela, Camille causaria um grande efeito. Ela cairia como uma ameaça, uma acusação, estaria saturada de subentendidos. Partindo de Louis, aquilo surge simplesmente como uma informação. Eles optaram por uma estratégia. É a vantagem com Louis, seu lado soldado inglês: o que foi combinado, ele faz. Nada pode distraí-lo nem o deter.

– Vocês têm uma hipótese – repete Vasseur. – Pode-se saber qual?

– O senhor Trarieux visitou todos os conhecidos de seu filho que pôde encontrar. Ele mostrava a eles uma foto de má qualidade na qual se vê Pascal acompanhado de Nathalie. Enfim, de Alex. Mas, entre todos os que ele indagou, o senhor é o único que podia reconhecer nela a sua irmã. E nós achamos que foi exatamente isso o que aconteceu. E que o senhor deu a ele o endereço dela.

Nenhuma reação.

– Ora – prossegue Louis –, tendo em vista o estado de exaltação do senhor Trarieux e seu comportamento abertamente violento, isso seria equivalente a uma autorização para torturá-la. No mínimo.

A informação ecoa pela sala tranquilamente.

– Por que eu teria feito isso? – pergunta Vasseur, sinceramente intrigado.

– É justamente o que gostaríamos de saber, senhor Vasseur. O filho dele, Pascal, tinha o QI de um ouriço-do-mar, diz o senhor. O pai não era nada mais evoluído que ele e não era necessário observar por muito tempo para compreender suas intenções. Eu estou dizendo que é como se o senhor tivesse condenado sua irmã a ser espancada. Mas, na verdade, era fácil ver que ele podia até mesmo matá-la. É o que o senhor queria, senhor Vasseur? Que ele matasse sua irmã? Que ele matasse Alex?

– Vocês têm provas?

– Ahá!

Esse foi Camille de novo. Seu grito começou como uma exclamação de alegria e acaba com um riso admirado:

– Ah! ah! ah! ah, Adoro essas coisas!

Vasseur se vira.

– Quando uma testemunha pergunta se temos provas – continua Camille –, é porque ela não contesta mais as conclusões. Está apenas procurando se proteger.

– Ok.

Thomas Vasseur acabou de tomar uma decisão. Ele a executa calmamente, pondo as duas mãos abertas sobre a mesa à sua frente. Ele as abandona ali e olha para elas fixamente, dizendo:

– Será que vocês poderiam me dizer o que estou fazendo aqui, por favor?

A voz é firme, e a frase é concluída como uma ordem. Camille se levantou, nada mais de desenho, de artifícios, de prova. Ele simplesmente se aproxima e se põe diante de Thomas Vasseur.

– O senhor começou a violentar Alex com que idade?

Thomas levanta a cabeça.

– Ah, então é isso?

Ele sorri.

– O senhor não poderia ter dito isso antes?

Alex, quando criança, mantém seu diário de maneira bastante episódica. Algumas linhas aqui e ali e então nada mais durante um longo tempo. Ela não escreve sempre no mesmo caderno. Encontra-se um pouco de tudo, dentre as coisas jogadas no contêiner de lixo, há um caderno de rascunhos do qual ela preencheu apenas as seis primeiras páginas, um caderno de capa dura que mostra um cavalo a galope ao pôr do sol.

Escrita infantil.

Camille lê apenas isto: *"Thomas vem ao meu quarto. Quase todas as noites. Mamãe sabe disso"*.

Thomas se levantou.

– Bem, senhores, agora se me permitirem…

Ele dá alguns passos.

– Eu não acho que as coisas vão ser assim – diz Camille.

Thomas dá meia-volta.

– Ah é? E como vão ser, na sua opinião?

– Na minha opinião, você vai se sentar e responder às nossas perguntas.

– A respeito do quê?

– Suas relações sexuais com sua irmã.

Vasseur olha para Louis e Camille, um após o outro, falsamente alarmado:

– Por que, por acaso ela prestou queixa?

Agora, ele soa bastante cômico:

– Vocês são muito engraçados. Eu não vou trocar confidências com vocês, não darei esse prazer a vocês.

Ele cruza os braços e inclina a cabeça de lado, como um artista que busca inspiração. Toma um tom afeiçoado:

– Para dizer a verdade, eu gostava muito da Alex. Muito mesmo. Demais. Era uma garotinha charmosa, vocês mal podem imaginar. Um pouco magrela, rosto ingrato, mas tão deliciosa. E doce. Instável, por certo. Ela precisava de muita autoridade, vocês entendem. E de muito amor. É muito comum com as garotinhas.

Ele se vira para Louis e abre as mãos, com as palmas para o ar, sorrindo:

– Como você disse, eu fui um pouco o pai dela!

E então, ele cruza os braços de novo, satisfeito:

– E então, meus senhores, por acaso a Alex prestou queixa por estupro? Posso ter uma cópia do documento?

55

De acordo com os cálculos de Camille, as conexões que ele fez, quando Thomas "vem ao quarto dela", Alex deve ter um pouco menos de onze anos. Ele, dezessete. Para chegar a esse resultado, foram necessárias várias hipóteses e deduções. Meio-irmão. Protetor. *Como há brutalidade nessa história*, pensa Camille. *E me criticam por ser cruel…*

Ele volta para Alex. Eles têm algumas fotos daquela época, mas não estão datadas, precisam consultar os elementos do cenário (os carros, as roupas) para situá-los no tempo. E o físico de Alex. De uma imagem para a outra, ela cresce.

Camille pensou e repensou a história familiar. A mãe, Carole Prévost, enfermeira auxiliar, casa com François Vasseur, operário gráfico, em 1969.

Ela tem vinte anos. Nascimento de Thomas no mesmo ano. Morte do operário em 1974. O garoto tem cinco anos e provavelmente nenhuma lembrança do pai. Nascimento de Alex em 1976.

Sobre o pai desconhecido:

"Ele não valia a pena", disse a senhora Vasseur com um tom decidido, sem se dar conta da dimensão do que dizia.

Ela não tem muito senso de humor. Ao mesmo tempo, ser mãe de uma garota seis vezes assassina não é algo que incite a fazer piada. Camille não quis lhe mostrar as fotos encontradas nas coisas de Alex, ele as retirou da mesa. Pelo contrário, ele perguntou a ela se havia outras. Recebeu um monte. Ele e Louis as classificaram, anotaram os lugares delas, os anos, os personagens que a senhora Vasseur indicou. Já Thomas não forneceu nenhuma foto, diz que não tem nenhuma.

Nas de Alex criança, vê-se uma menininha de uma magreza insana, de rosto esquálido. Os ossos das bochechas se sobressaem no rosto e os olhos são sombrios, a boca magra permanece amuada. Ela posa sem vontade. Está na praia, é possível ver bolas, guarda-sóis, o sol está atrás da câmera. "Le Lavandou", disse a senhora Vasseur. Ambos são crianças. Alex, dez anos; Thomas, dezessete. Ele fica acima dela com a cabeça e os ombros. Ela veste um biquíni, mas poderia ficar sem a parte de cima, e mantém-se com ela só por um capricho. Seria possível dar a volta nos seus punhos com dois dedos. As pernas são tão magras que não se vê mais que os joelhos. Os pés não são paralelos, eles são um pouco virados para dentro. Doente, sofrida, ela ainda não manifestava nada disso, mas seus traços são malfeitos. Não há nada igual aos seus ombros, aquilo chama a atenção. É extremamente desconcertante quando se sabe para o que se está olhando.

É por volta dessa época que Thomas começa a ir ao quarto dela. Um pouco antes ou um pouco depois, não faz diferença. Porque as fotos do período seguinte não são mais animadoras. Eis aqui Alex, digamos, treze anos. Foto de grupo, foto de família. Alex à direita, sua mãe no centro, Thomas à esquerda. O terraço de uma casa do subúrbio. Um aniversário. "Na casa do meu falecido irmão", comentou a senhora Vasseur, ao dizer isso, ela rapidamente fez o sinal da cruz. Um simples gesto às vezes abre perspectivas inauditas. Na família Prévost, eles creem em Deus, ou creram, em todo caso, fazem o sinal da cruz. Segundo Camille, aquilo não projeta nada de bom para a pequena. Alex cresceu um pouco, não muito, mas ela cresce em altura, continuando tão magra, desengonçada, percebe-se que a

garota devia ser desajeitada, desconfortável em seu corpo. Ela imediatamente ativa em você um desejo de proteção. Nessa foto, ela está um pouco atrás dos demais. Atrás da foto, bem mais tarde, letra adulta, Alex escreveu: “A mãe rainha”. A senhora Vasseur não parece muito majestosa, parece antes uma faxineira com sua roupa de domingo, ela tem a cabeça virada para o filho e sorri para ele.

– Robert Praderie.

Armand tomou a vez de Louis. Ele anota as respostas com uma caneta esferográfica nova, em um caderno novo. Dia de festa na Brigada Criminal.

– Não conheço. É uma das vítimas da Alex, não?

– Sim – diz Armand. – Era um caminhoneiro. O corpo dele foi encontrado numa parada da rodovia do Leste, em seu caminhão. Alex enfiou uma chave de fenda no olho, outra na garganta e despejou meio litro de ácido sulfúrico em sua laringe.

Thomas reflete.

– Talvez ela tivesse algum problema com ele…

Armand não sorri. Esse é seu ponto forte, é como se ele não compreendesse o que dizem ou que fosse indiferente a isso. Na verdade, ele está concentrado.

– Sim, provavelmente – diz ele. – Alex era um pouco irritável, pelo que parece.

– As mulheres…

Subentende-se. Aquele senhor sabe como elas são. Vasseur é do tipo que diz algo indecente e que busca a cumplicidade dos outros. Encontra-se isso nos garanhões de meia-idade, nos impotentes, nos perversos. Na verdade, isso é visto com frequência nos homens.

– E então, Robert Praderie – continua Armand –, esse nome não lhe diz nada de particular?

– Nada, nada. Deveria?

Armand não responde, vasculha em seu arquivo.

– E Gattegno, Bernard?

– O senhor vai checar um por um?

– Não são mais que seis, é rápido.

– Que relação tenho eu com isso tudo?

– Bem, a relação é que o senhor conhecia Bernard Gattegno.

– Muito me surpreenderia!

– Sim, lembre-se! Gattegno, dono de oficina em Étampes. O senhor comprou uma moto dele em… (ele verifica no seu dossiê)… em 1988.

Vasseur reflete e concede:

– Talvez. Isso foi muito tempo atrás. Em 1988, eu tinha dezenove anos, me diga como vou me lembrar disso…

– Mesmo assim…

Armand folheia uma a uma as páginas soltas de sua pasta.

– Aqui está. Temos um depoimento de um amigo do senhor Gattegno que se lembra muito bem de você. Vocês eram grandes admiradores de moto, na época, saíram juntos, davam voltas de moto…

– Quando?

– Por volta de 1988, 1989…

– E, por acaso, você se lembra das pessoas que conheceu em 1988?

– Não, mas não é a mim que a pergunta está sendo feita, é a você.

Thomas Vasseur expõe um ar cansado.

– Ok, vamos admitir. Demos umas voltas de moto. Vinte anos atrás. E daí?

– E daí que é um pouco como uma corrente. Você não conhece o senhor Praderie, mas conhece o senhor Gattegno, o qual, por sua vez, conhecia o senhor Praderie…

– Mostre-me duas pessoas que não tenham absolutamente nenhuma relação entre elas.

Armand sente naquela resposta um artifício, que escapa aos seus conhecimentos. Então, vira-se para Louis.

– Sim – responde Louis –, nós conhecemos essa teoria, ela é muito atraente. Mas receio que ela nos afasta um pouco do nosso tema.

A senhorita Toubiana tem sessenta e seis anos. Em forma. Ela acentua "senhorita" e exige tal tratamento. Recebeu Camille antes de ontem. Ela tinha acabado de sair da piscina municipal, eles conversaram num café em frente do lugar, entre seus cabelos molhados, distinguiam-se vários fios brancos. O tipo de mulher que aproveita o envelhecimento porque ele destaca sua tonicidade. Com o tempo, fica difícil não confundir um pouco os alunos. Ela ri. Quando ela cruza com pais que falam de seus filhos, ela finge se interessar. Não somente ela não se lembra, mas, além disso, ela não

dá a mínima para eles. “Eu deveria ter vergonha.” Mas, de Alex, ela se lembra melhor que das outras, sim. Ela a reconhece nas fotos, aquela magreza. “Uma criança muito afetuosa, sempre vinha até minha sala. Ela me visitava muitas vezes, vinha me ver na hora do intervalo.” “Sim, nós duas nos dávamos bem.” Contudo, Alex falava pouco. Mesmo assim, ela tinha amigas, brincava bastante, mas o que impressionava era sua maneira de ficar muito séria “de uma vez, do nada, séria como uma adulta”, no instante seguinte, ela falava de novo, “era como uma súbita ausência, como se ela caísse num buraco, era estranho”. Quando estava numa situação difícil, ela gaguejava um pouco. A senhora Toubiana diz que ela “embaralhava as palavras”.

– Eu não me dei conta de imediato. Isso é raro. Para esses tipos de coisas, geralmente eu tenho um bom olho.

– Talvez tenha acontecido durante o ano escolar.

A senhorita também pensa isso e sacode a cabeça. Camille diz que ela vai ficar gripada daquele jeito, com os cabelos molhados. Ela diz que de toda maneira, todos os outonos, ela fica doente, “é uma boa vacina, me garante saúde para todo o resto do ano”.

– O que pode ter acontecido durante o ano escolar, na sua opinião?

Ela não sabe, ela balança a cabeça, os olhos estavam fixos num enigma, não tem palavras, não tem ideias, ela não sabe, não pensa em nada, a menininha, até então próxima dela, afastou-se.

– A senhora falou da gagueira para a mãe dela? Aconselhou um fonoaudiólogo?

– Pensei que fosse algo passageiro.

Camille observa intensamente aquela mulher que está envelhecendo. Ela tem personalidade. Não é do tipo que não tem ideia alguma perante tal questão. Ele sente algo falso, sem saber o quê. Então o irmão, Thomas. “Ele vinha buscá-la, sim, muito regularmente.” É também o que disse a senhora Vasseur: “O irmão sempre cuidou muito da Alex”. Ele é um grande garoto, “um garoto bonito”, isso a senhorita lembra bem, Camille não sorri. Thomas estava na escola técnica.

– Ela estava feliz com o fato de ele vir buscá-la daquele modo? – Não, claro, imagine. Uma menina sempre tem vontade de ser grande, ela quer vir só, voltar só, ou com suas amigas. Seu irmão era um adulto, o senhor entende…

Camille dá o bote:

– Alex era violentada pelo irmão na época em que ela estava na sua classe.

Ele deixa as palavras fazerem efeito. Aquilo não é uma deflagração. A senhorita olha para outro lugar, para o balcão, para o terraço, para a rua, como se estivesse esperando por alguém.

– A Alex tentou falar disso com a senhora?

A senhorita afasta a pergunta com as costas da mão de forma incômoda.

– Sim, um pouco, mas se fôssemos escutar tudo o que dizem as crianças! E, além disso, esses são assuntos de família, não eram da minha conta.

– Então, Trarieux, Gattegno, Praderie…

Armand parece satisfeito.

– Bem…

Ele vira os papéis.

– Ah, Stefan Maciak. O senhor também não o conhece…

Thomas não diz nada. Ele visivelmente tenta ver como as coisas vão desenrolar.

– Um dono do café de Reims… – diz Armand.

– Nunca pus os pés em Reims.

– Antes, ele tinha um café em Épinay-sur-Orge. Segundo os registros do seu empregador, a Distrifair, ele fazia parte de seu itinerário de vendas de 1986 a 1990. Ele tinha duas máquinas de pinball da sua empresa em consignação.

– É possível.

– É seguro, senhor Vasseur, absolutamente seguro.

Thomas Vasseur muda de estratégia. Ele olha para o relógio, parece fazer um cálculo rápido. Em seguida, ele encosta as costas na poltrona, cruza as mãos sobre a cintura, pronto para esperar pacientemente durante horas, se preciso.

– Se você me dissesse aonde quer chegar, eu poderia talvez ajudá-lo.

1989. Na foto, uma casa na Normandia, entre Étretat e Saint-Valery, toda de tijolo e pedra com telhas de ardósia, gramado verde na entrada, um balanço, árvores frutíferas, a família reunida, a família Leroy. O pai parecia

dizer: “Leroy”, numa só palavra, como se fosse possível ter alguma dúvida. Ele tinha gostos extravagantes. Enriqueceu graças ao ramo de materiais para construção. Ele havia comprado a propriedade de uma família desmembrada em um processo de herança conflituoso. Desde então, sentia-se dono de um castelo. Fazia churrascos, bradava aos seus funcionários convites que se pareciam com intimações. Ele ansiava por um lugar na prefeitura, sonhava com política para enriquecer seu portfólio. Sua filha tinha como apelido Reinette.[20] Sim, é um nome bem idiota, mas aquele homem era realmente capaz de tudo.

Aliás, Reinette fala de seu pai com severidade. É ela quem conta essa história para Camille que, aliás, não perguntou nada.

Ela aparece na foto com Alex, na qual as duas meninas abraçam-se rindo. A foto foi tirada pelo pai durante um fim de semana ensolarado. Fazia calor. Atrás delas, um irrigador rega o jardim com grandes jatos que desenhavam leques à luz do sol. O enquadramento é ruim. Leroy não levava muito jeito para tirar fotos. Fora do domínio dos negócios, ele…

Eles estão perto da avenida Montaigne. Nas dependências da RL Productions. Hoje, ela faz os outros chamarem-na de Reine[21] em vez de Reinette, sem se dar conta de que isso a aproxima ainda mais de seu pai. Ela é produtora de séries de televisão. Quando seu pai morreu, com o dinheiro da casa da Normandia, ela fundou sua sociedade de produção. Ela recebe Camille em um grande salão que também serve para as reuniões. Nesse local, ele vê passar jovens preocupados, expondo no rosto toda a importância que atribuem a esses problemas.

Só de ver a profundidade das poltronas, Camille não quis se sentar. Ficou de pé. Simplesmente mostrou a foto. No verso, Alex escreveu: “*Minha Reinette adorada, a rainha do meu coração*”. Letra de menina, redonda e encaracolada, de caneta violeta. Ele confirmou ao abrir a caneta seca, há ainda a carga vazia de tinta violeta, uma caneta barata, também violeta, essa devia ser a moda da época ou uma tentativa de singularidade, como é frequente nas coisas de Alex.

Elas estão na quarta série. Reinette está atrasada um ano, mas por causa das datas de nascimento. Elas estão na mesma classe, embora Reinette tenha dois anos a mais, quase quinze. Na foto, parece uma ucraniana com suas tranças finas e presas ao redor da cabeça. Hoje, ao se olhar, ela suspira:

– Como a gente parecia esquisita…

Reinette e Alex eram grandes amigas. Como as pessoas são quando têm treze anos.

– A gente não saía de perto uma da outra. Nós ficávamos juntas o dia todo, à noite, falávamos ao telefone por horas. Até que nossos pais nos tiraram o telefone.

Camille faz perguntas. Reinette replica. Ela não é do tipo que se deixa intimidar.

– Sim, e Thomas?

Camille está bastante farto dessa história. Quanto mais ela avança, mais… ele se cansa.

– Ele começou a violentar a irmã em 1986 – disse ele.

Ela acende um cigarro.

– A senhora a conhecia nessa época. Ela falou disso?

– Sim.

É uma resposta firme. Do tipo, sei aonde você quer chegar, não vamos precisar demorar muito.

– Sim… e…? – pergunta Camille.

– Sim e pronto. O que o senhor queria, que eu prestasse queixa no lugar dela? Com quinze anos?

Camille se cala. Ele teria muitas coisas a dizer, se não estivesse exausto, mas ele precisa de informações.

– O que ela lhe dizia?

– Que ele a machucava. Todas as vezes, ele a machucava.

– O quanto íntimas vocês eram?

Ela sorri.

– O senhor quer saber se dormíamos juntas? Com treze anos?

– Alex tinha treze anos. A senhora, quinze.

– É verdade. Então, sim. Eu a iniciei, como dizem.

– A relação de vocês durou quanto tempo?

– Não sei mais, não muito. Sabe, Alex não estava muito… empolgada, entende?

– Não, não entendo.

– Ela fazia aquilo… para se distrair.

– Uma distração?

– Quer dizer… Uma relação não a interessava de verdade.

– Mas a senhora soube convencê-la.

Essa frase não agrada muito a Reine Leroy.

– Alex fazia o que ela queria! Ela era livre!

– Aos treze anos? Com o irmão que ela tinha?

– Certamente – retoma Louis. – De fato, eu acho que o senhor pode nos ajudar, senhor Vasseur.

No entanto, ele parece bastante preocupado.

– Mas primeiro vamos só esclarecer um detalhe. O senhor não se lembra do senhor Maciak, dono de um bar em Épinaysur-Orge. Contudo, segundo os registros da Distrifair, em quatro anos, o senhor fez no mínimo sete visitas a ele.

– Eu visitava vários clientes…

Reine Leroy esmaga seu cigarro.

– Eu não sei o que se passou exatamente. Certo dia, Alex desapareceu, por vários dias. E quando ela voltou, tudo estava acabado. Ela nem me dirigiu mais a palavra. Em seguida, meus pais se mudaram, fomos embora, nunca mais a vi.

– Isso foi quando?

– Eu não conseguiria dizer com precisão, faz muito tempo essa história toda. Ao fim de um ano. 1989, por aí… Não saberia dizer.

56

No canto da sala, Camille continua a escutar. E desenha. De memória, sempre. O rosto de Alex, mais ou menos com treze anos, no gramado da casa da Normandia, ela faz pose com sua amiga, elas se seguram pela cintura, um copo de plástico na mão. Camille tenta encontrar o sorriso que há naquela foto. O olhar, principalmente. É o que mais falta. No quarto do hotel, ela tinha os olhos sem vida. O olhar é o que falta a ela.

– Ah – diz Louis. – Agora Jacqueline Zanetti. Essa o senhor conhecia melhor?

Nenhuma resposta. O cerco se fecha. Louis assemelha-se a um tabelião de província: escrupuloso, atencioso, meticuloso, organizado. Irritante.

– Diga-me, senhor Vasseur, o senhor trabalha para a Distrifair há quanto tempo?

– Comecei em 1987, vocês sabem muito bem. Eu estou avisando, se vocês tiverem se encontrado com meu chefe…

– Sim? – interrompe Camille do fundo da sala.

Vasseur se volta para ele, furioso.

– Se tivermos encontrado com ele, você disse – repete Camille. – Tenho a impressão de que há um tom de ameaça em sua frase. Vamos, continue, estou muito interessado.

Vasseur não tem tempo de responder.

– O senhor entrou com que idade na Distrifair? – pergunta Louis.

– Dezoito anos.

Camille intervém de novo:

– Diga-me…

Vasseur não para de se virar para Louis e Armand, de se voltar para Camille. Então, ele se levanta, coloca sua cadeira na vertical com raiva para poder encarar os dois ao mesmo tempo sem mover os quadris.

– Sim?

– Estava tudo bem entre você e a Alex naquela época? – pergunta Camille.

Thomas sorri:

– Minhas relações com a Alex sempre foram boas, comissário.

– Comandante – corrige Camille.

– Comandante, comissário, capitão, foda-se.

– E o senhor foi enviado para uma viagem de treinamento – retoma Louis. – O treinamento organizado por sua empresa, isso em 1988, e…

– Está bem, chega, ok, eu conhecia a Zanetti. Eu transei com ela uma vez, mas não vamos fazer um grande caso disso.

– O senhor está em formação em Toulouse, três vezes, cada vez por uma semana…

Thomas faz beiço amuado, *não faço ideia, você acha que me lembro disso*…

– Sim, sim – encoraja-o Louis. – Garanto a você, nós confirmamos, três vezes, cada vez uma semana: do dia 17 ao…

– Está bom, ok, três vezes, ok!

– Acalme-se…

É Camille de novo.

– O método de vocês segue um *sketch* ultrapassado – diz Thomas. – O menino de ouro folheando o arquivo, o maltrapilho interrogando e o anão colorindo no fundo da classe…

O sangue de Camille sobe. Ele se propulsiona para fora de sua cadeira, precipita-se na direção de Vasseur. Louis levantou-se, pôs a mão sobre o peito do seu chefe e fechou os olhos, como um cara de quem está chamando a responsabilidade – essa é normalmente sua maneira de agir com Camille: ele reproduz o comportamento a se adotar, torcendo para que o comandante se sincronize a ele, mas, dessa vez, isso não serviu de nada.

– E você, seu babaca, com seu *sketch* ultrapassado: "Sim, eu transava com ela quando ela tinha dez anos e era muito bom", você acha que isso vai levar você para onde?

– Mas… eu nunca disse isso!

Thomas fica ofendido.

– Vocês estão mesmo pondo palavras na minha boca…

Ele está muito calmo, mas parece bastante contrariado.

– Eu nunca disse coisas tão horríveis assim. Não, o que eu disse…

Mesmo sentado, ele é mais alto que Camille, é hilário. Ele demora um tempo. Pesa as palavras.

– O que eu disse é que eu amava muito minha irmãzinha. Imensamente. Não há nada de mau nisso, espero. Isso pelo menos não é punido por lei, é?

Com um ar ofendido, ele acrescenta estupefato:

– O amor fraterno é contra a lei?

Horror e repugnância são o que suas palavras transmitem. Mas o sorriso evoca outra coisa.

Aniversário. Dessa vez, temos uma data precisa. No verso, a senhora Vasseur escreveu: *"Thomas, 16 de dezembro de 1989"*. Seus vinte anos. A foto foi tirada na frente da casa.

– Um SEAT Malaga – disse com orgulho a senhora Vasseur. – Usado, né, senão eu não teria meios de pagar.

Thomas está apoiado com o braço na porta do carro amplamente aberta, para que se possa ver os bancos provavelmente de couro sintético. Alex está ao seu lado. Para tirar a foto, ele pôs o braço ao redor do ombro da irmã,

como um protetor. Quando se sabe a verdade, as coisas são vistas de forma diferente. Como a foto é muito pequena, Camille teve de olhar o rosto de Alex com uma lupa. De madrugada, ele não conseguia dormir. Ele a desenhou de memória, mas teve dificuldades para se lembrar dela. Ela não sorri naquela foto. No inverno, ela está vestida com um casaco grosso, mas percebe-se que é ainda bastante magra. Tem treze anos nessa época.

– E como eram as coisas entre Thomas e a irmã dele? – perguntou Camille.

– Ah, muito boas – disse a senhora Prévost. – Ele sempre cuidou bem da irmã.

"Thomas vem ao meu quarto. Quase todas as noites. Mamãe sabe."

Thomas olha para o relógio demonstrando irritação.

– O senhor tem três filhos… – diz Camille.

Thomas sente o vento virar. Permanece reticente.

– Sim, três.

– E são duas meninas, eu acho, não é?

Ele se debruça sobre o dossiê aberto diante de Louis.

– Isso. Veja só, Camille, como eu! E Élodie… e qual idade elas têm agora, as pequenas?

Thomas cerra os dentes, fica calado. Louis decide interromper o silêncio, acha necessário mudar de assunto:

– Então a senhora Zanett… – começa ele, mas não tem tempo de terminar.

– Nove e onze anos! – interrompe Camille.

Ele pôs o indicador sobre uma página do dossiê vitorioso. Seu sorriso se fecha brutalmente. Ele se inclina na direção de Thomas.

– E suas filhas, senhor Vasseur, como você as ama? Eu garanto, o amor paterno não é punido por lei.

Thomas cerra os dentes, é possível ver seus maxilares se contraírem.

– Elas são instáveis? Elas precisam de autoridade? Embora, às vezes, necessidade de autoridade, no caso de meninas, normalmente é necessidade de amor. Todos os papais sabem disso…

Vasseur encara Camille por um longo momento. Então, a tensão parece se esvair de uma vez, ele sorri para o teto e solta um suspiro profundo.

– Você é bastante desagradável, comandante… Para um homem do seu tamanho, é surpreendente. Pensar que eu vou ceder a suas provocações. Que eu vou enfiar minha mão na sua cara e dar a você a oportunidade para…

Ele se dirige aos demais ao seu redor:

– Vocês não são somente ruins, meus senhores, são medíocres.

Ao dizer isso, ele se levanta.

– Se você der um passo para fora dessa sala… – diz Camille.

Nesse instante, ninguém mais sabe onde eles estão. O tom se elevou, todos estão de pé, até Louis. Eles ficam num impasse.

Louis busca uma saída.

– A senhora Zanetti, na época em que o senhor ia ao hotel dela, tinha Félix Manière como namorado. O senhor Manière era mais jovem. Eles tinham pelo menos uns doze anos de diferença. O senhor mesmo tinha o quê? Dezenove, vinte anos.

– Não vamos ficar dando voltas. Essa tal de Zanetti era uma velha safada! Tudo o que ela fazia na vida, a única coisa que a interessava era trepar com jovens rapazes. Ela deve ter pegado metade da clientela dela. No meu caso, ela pulou em cima de mim na hora em que entrei pela porta.

– E então – conclui Louis –, a senhora Zanetti conhecia o senhor Félix Manière. É sempre um pouco como se fosse o mesmo sistema: o Gattegno, que o senhor conhecia, conhecia o Praderie, o qual o senhor não conhecia; e a senhora Zanetti, que o senhor conhecia, conhecia o senhor Manière, o qual o senhor não conhecia.

Louis se volta então para Camille, inquieto:

– Não tenho certeza se estou sendo muito claro.

– Não, não muito claro – confirma Camille, inquieto também.

– Bem que eu desconfiava. Então, vou esclarecer as coisas.

Ele se volta para Vasseur.

– O senhor conhecia diretamente ou indiretamente todas as pessoas que sua irmã assassinou. Melhor assim? – acrescenta ele voltando-se para seu chefe.

Camille sem entusiasmo:

– Ouça, Louis, não quero ser indelicado, mas a sua formulação não é perfeitamente clara.

– O senhor acha?

– Sim, acho.

Vasseur vira a cabeça da direita para a esquerda, *que bando de imbecis*…

– Você me permite?

Louis faz um gesto cavalheiresco, passando a palavra. Camille:

– Então, senhor Vasseur, sua irmã, a Alex…

– Sim?

– Quantas vezes você a vendeu?

Silêncio.

– Quero dizer: Gattegno, Praderie, Manière… não estamos muito certos de conhecer a lista inteira, sabe. Portanto, precisamos de sua ajuda, porque você, como organizador, você sabe, necessariamente, quantos convidou para virem se servir da pequena Alex.

Vasseur se sente ultrajado.

– Vocês estão chamando minha irmã de puta? Vocês realmente não têm nenhum respeito pelos mortos!

Em seguida, um sorriso se desenha em seu rosto:

– Digam-me, senhores, como acham que vão proceder para provar isso? Vão pedir para a Alex depor?

Ele deixa os tiras apreciarem seu humor.

– Vão convocar os clientes no tribunal? Não vai ser fácil. Os cadáveres dos supostos clientes não estão muito frescos, pelo que eu entendi, não é?

Caderno ou caderneta, Alex não anota nunca as datas. Os textos são vagos, ela tem medo das palavras, mesmo sozinha, diante de seu caderninho, ela não ousa. É de se perguntar se ela conhece as palavras. Ela escreve:

Quinta-feira, Thomas veio com seu amigo Pascal. Eles estiveram juntos na escola. Ele tem um jeito bastante bobo. Thomas pediu para eu ficar de pé na frente dele, me olhando daquele jeito. Seu amigo ria. Depois, no quarto, ele continuava rindo, ele ri o tempo todo. Thomas disse: "você vai se comportar bem com meu amigo". Depois, o amigo dele ficava comigo no quarto, eu o via rir em cima de mim, mesmo quando eu sentia dor, como se ele não pudesse parar de rir. Eu não queria chorar na frente dele.

Camille o imagina bem, aquele cretino, fodendo a garotinha, rindo. Seria possível fazê-lo acreditar em qualquer coisa, até mesmo que ela estivesse gostando. Em suma, antes de tudo, mais do que sobre Pascal Trarieux, isso diz muito sobre Vasseur.

– Muito bem, muito bem – diz Thomas Vasseur dando tapas nas coxas. – Mas é tarde. Terminamos, cavalheiros?

– Mais uma ou duas coisas, por favor.

Thomas consulta seu relógio ostensivamente, ele hesita por um longo momento e consente à solicitação de Louis.

– Tudo bem, então, mas rápido, vão começar a ficar preocupados em casa.

Ele cruza os braços, *estou ouvindo você*.

– Proponho que o senhor avalie nossas hipóteses – diz Louis.

– Perfeito, eu também prefiro que as coisas fiquem claras. A clareza é essencial. Principalmente quando se trata de hipóteses.

– Quando o senhor dormia com sua irmã, a Alex tinha dez anos, o senhor, dezessete.

Preocupado, Vasseur busca o olhar de Camille e, em seguida, o de Louis.

– Continuamos de acordo com o fato de que isso se refere apenas as suas especulações, cavalheiros!

– Certamente, senhor Vasseur! – diz imediatamente Louis. – Agora é com base em nossas hipóteses e estou lhe pedindo somente para nos dizer se elas contêm contradições internas… inconsistências… esse tipo de coisa.

Louis soa como se estivesse exagerando, mas é completamente o contrário, esse é quase seu estilo usual.

– Perfeito – diz Vasseur. – Então, suas hipóteses…

– A primeira é que o senhor abusou sexualmente de sua irmã quando ela não tinha mais que dez anos. O artigo 222 do Código Penal pune essa prática com vinte anos de reclusão em regime fechado.

Thomas Vasseur, com o indicador para cima, como um professor:

– Se houver queixa, se os fatos forem comprovados, se…

– Por certo – corta Louis sem sorrir –, é uma suposição.

Vasseur fica satisfeito, é o tipo de cara que exige que as coisas sejam feitas conforme manda a cartilha.

– Nossa segunda hipótese é de que, depois de ter abusado dela, o senhor a emprestou, e até provavelmente alugou, a outras pessoas. O lenocínio é

previsto pelo artigo 225 do mesmo Código Penal e passível de uma pena de dez anos de reclusão.

– Espere, espere! O senhor diz “emprestou”. O senhor ali agora há pouco – ele aponta para Camille, do outro lado da sala – disse “vendeu”.

– Proponho “alugou” – diz Louis.

– Vendeu! Estou brincando! Ok, vamos ficar com “alugou”.

– Alugou para outros. Ao senhor Trarieux primeiro, um camarada da escola, em seguida, ao senhor Gattegno, que o senhor conheceu como mecânico; o senhor Maciak, um cliente (nos dois sentidos do termo, porque ele também alugava suas máquinas de jogos para seu bar). O senhor Gattegno provavelmente recomendou com entusiasmo seus excelentes serviços ao seu amigo, o senhor Praderie. Quanto à senhora Zanetti, que o senhor conheceu intimamente como hoteleira, ela não hesitou em oferecer esses mesmos excelentes serviços ao jovem namorado, o senhor Félix Manière, provavelmente uma forma de ser agradável com ele. Talvez até mesmo uma maneira de fazer com que ele não a deixasse.

– Isso não é mais uma hipótese, é uma tese!

– Que continua a não ter nada a ver com a realidade?

– Até onde eu sei, não tem nada a ver. Mas não falta lógica. E até mesmo imaginação. A própria Alex certamente os parabenizaria.

– Pelo quê?

– Pelo esforço que vocês estão fazendo por uma morta…

Ele olha para os dois policiais em alternância:

– … para a qual hoje tudo é indiferente.

– Seria indiferente também para sua mãe? Para sua esposa? Para seus filhos?

– Oh, não!

Ele olha em alternância para Louis e Camille, direto nos olhos.

– Nesse caso, meus senhores, uma acusação como essa, proferida sem nenhuma prova, sem nenhum testemunho, seria pura e simples calúnia. Isso é punido por lei, sabem?

Thomas me disse que eu gostaria dele porque ele tem um nome de gato. É a mãe dele que está pagando a viagem. Mas ele não tem nem um pouco cara de gato. Durante o tempo todo, ele me encara fixamente, sem dizer nada. Apenas sorri de uma forma estranha, como

se quisesse comer minha cabeça. Após um longo tempo, eu ainda via de novo sua cara e seus olhos.

Não se encontra mais menção a Félix nessa caderneta, mas, em seguida, encontra-se isso no caderno. É bastante breve:

O gato voltou. Ele me olhou de novo por um longo momento, sorrindo como da primeira vez. E depois, ele me disse para mudar de posição e me machucou bastante. Ele e Thomas não ficavam contentes porque eu estava chorando muito alto.

Alex tem doze anos. Félix, vinte e seis.

O mal-estar persiste por um longo momento.

– Nessa tese – retoma Louis –, enfim, acredito que reste apenas tirar a limpo uma coisa.

– Vamos acabar logo com isso, então.

– Como será que a Alex reencontrou todas essas pessoas? Pois, de todo modo, esses fatos remontam a mais ou menos vinte anos.

– O senhor quer dizer, essa hipótese?

– Isso, sim, desculpe-me. Temos a hipótese de que esses fatos remontam a mais ou menos vinte anos. A Alex mudou muito, sabemos que ela utilizou outros nomes, que ela agia de maneira refletida, tinha uma estratégia. Organizou muito bem esses encontros com cada um deles. Encenou um papel convincente junto a cada um deles. Uma garota bem gorda e desleixada para Pascal Trarieux, uma mulher bem clássica para Félix Manière… Mas, pergunta: como será que a Alex encontrou todas essas pessoas?

Thomas se vira para Camille, em seguida, para Louis, de novo para Camille, como um sujeito que não sabe mais para onde olhar.

– Não me diga que…

Horrorizado:

– Não me diga que vocês não têm uma hipótese?

Camille se virou. Nesse ofício realmente é preciso sacrificar a si mesmo.

– Na verdade, temos sim – diz Louis, com um tom modesto. – Temos uma hipótese.

– Aaaahhhh… Conte-me tudo.

– Da mesma forma que supomos que o senhor passou para o senhor Trarieux a identidade e o endereço de sua irmã, supomos que o senhor também ajudou sua irmã a encontrar todas essas pessoas.

– Mas antes que a Alex trucidasse essas pessoas todas… Supondo que eu as conhecesse – ele balança o dedo indicador: atenção… –, como saberia onde elas estavam, vinte anos mais tarde?

– Para começar, algumas delas não saíram do lugar durante vinte anos. Depois, acho que bastou dar a ela seus nomes, os antigos endereços e, em seguida, Alex seguiu adiante com as próprias investigações.

Thomas fez um pequeno gesto de um aplauso admirado, mas ele interrompe bruscamente:

– E por que eu faria isso?

57

A senhora Prévost exprime claramente que não teme a adversidade. Ela vem do povo, não nasceu em berço de ouro, criou sozinha seus dois filhos, não deve nada a ninguém etc., todas essas máximas exalam dela por sua maneira de se manter ereta sobre a cadeira. Decidida a não se deixar levar.

Segunda-feira, dezesseis horas.

O filho foi intimado às dezessete horas.

Camille coordenou as intimações para que eles não se cruzassem, não se falassem.

Da primeira vez, no dia do reconhecimento no necrotério, ela foi convidada. Dessa vez, está sendo intimada, é outra coisa, mas não faz diferença, essa mulher construiu sua vida como uma fortaleza, ela se quer impenetrável. O que ela protege está no interior. E para entrar a luta é dura. Ela não foi reconhecer a filha no necrotério, fez Camille entender que aquilo era demais para ela. Ao vê-la hoje, sentada à sua frente, Camille duvida um pouco que ela possa ter tais tipos de fraquezas. Mas ainda assim, apesar de seu ar mordaz, do olhar sem concessão, do silêncio resistente, de todas as suas maneiras de mulher intratável, as instalações da polícia a impressionam, esse policial minúsculo também, sentado ao seu lado com os pés a vinte centímetros do chão, encarando-a e perguntando:

– O que a senhora sabe exatamente sobre as relações entre o Thomas e a Alex?

Ar de surpresa, o que há por saber "exatamente" sobre as relações entre um irmão e uma irmã. Apesar disso, ela pisca os olhos com um pouco mais de rapidez. Camille deixa passar um tempo, mas é um truque inútil. Ele sabe, e ela sabe que ele sabe. Aquilo é maçante. E Camille já não tem mais paciência.

– Seu filho, ele começou a violentar a Alex com que idade exatamente?

Ela solta altos gritos. Imagine.

– Senhora Prévost – diz Camille sorrindo –, não me tome por um babaca. Aconselho que a senhora me ajude de boa vontade porque senão vou meter seu filho atrás das grades pelo resto dos dias dele.

A ameaça ao filho faz efeito. Para ela, podem fazer o que quiserem, mas não toquem no filho. Ainda assim, ela se mantém na mesma posição.

– O Thomas amava muito a irmã, ele jamais tocaria num fio de cabelo dela.

– Não estou falando dos cabelos dela.

A senhora Prévost mantém-se impermeável ao humor de Camille.

Ela faz um gesto de negação com a cabeça, difícil de interpretar se aquilo quer dizer que ela não sabe ou que não quer dizer.

– Se tiver sido consciente e deixado acontecer, a senhora é cúmplice de estupro qualificado.

– Thomas nunca tocou na irmã!

– Como a senhora pode ter tanta certeza?

– Conheço meu filho.

Eles ficarão andando em círculos. Insolúvel. Ninguém prestou queixa, não há testemunhas, não há crime, não há vítima, nenhum carrasco.

Camille suspira e faz "sim" com a cabeça.

"Thomas vem ao meu quarto. Quase todas as noites. Mamãe sabe disso."

– Sua filha, a senhora a conhece bem também?

– Tanto quanto uma mãe pode conhecer sua filha.

– Essa eu quero ver.

– O quê?

– Não, nada.

Camille tira uma pasta fina da bolsa.

– O relatório da autópsia. Visto que conhece bem sua filha, a senhora já sabe o que tem aí dentro, eu suponho.

Camille coloca os óculos. Significado: estou exausto, mas vamos lá.

– É bastante técnico, vou traduzir.

A senhora Prévost não move um cílio, desde o início, ereta. Rígida até os ossos, todos os músculos contraídos, o organismo inteiro entrou em modo de resistência.

– Sua filha estava num péssimo estado, sabia?

Ela olha fixamente para a divisória à frente. É como se ela estivesse asfixiada.

– O médico-legista – prossegue ele, folheando o relatório – assinala que o aparelho genital da sua filha foi queimado a ácido. Sulfúrico, eu diria. Em poucas palavras, o que chamamos de vitríolo… As queimaduras eram profundas. Elas destruíram inteiramente o clitóris – é antes uma forma de excisão, pelo que parece –, o ácido derreteu os grandes e os pequenos lábios e atingiu a vagina profundamente… Devem ter despejado ácido dentro em quantidade suficiente para mutilar tudo. As mucosas foram em grande parte destruídas, os tecidos derreteram literalmente, transformando o aparelho genital numa espécie de magma.

Camille levanta os olhos para ela, encarando-a:

– São os termos que emprega o médico-legista. "Magma de tecidos." Isso tudo teria acontecido há muito tempo. A Alex devia ser muito jovem. Isso diz algo a senhora?

A senhora Prévost olha para Camille. Ela está muito pálida e faz não com a cabeça, como um autômato.

– Sua filha nunca falou disso com a senhora?

– Nunca!

A palavra ressoou de uma vez, como uma súbita rajada, a ruptura do estandarte familiar.

– Entendo. Sua filha não quis incomodá-la com seus pequenos problemas. Deve ter acontecido num belo dia, alguém despejou meio litro de ácido sulfúrico na vagina dela, depois ela voltou para casa como se nada tivesse acontecido. Um modelo de discrição.

– Eu não sei.

Nada mudou, nem o rosto, nem a pose, mas a voz fica séria.

– O legista assinala uma coisa bem curiosa – retoma Camille. – Toda a região genital foi atingida profundamente, terminações nervosas foram

destruídas, deformações irreversíveis das vias naturais, tecidos corroídos, dissolvidos, privando definitivamente sua filha de qualquer relação sexual normal. Eu nem falo de outras expectativas que ela poderia ter tido. Ah sim, uma coisa muito curiosa…

Camille para, deixa o relatório, tira os óculos e os põe à sua frente, cruza as mãos e encara a mãe de Alex.

– É que as vias urinárias foram, de certo modo, "remendadas". Pois ela corria um risco mortal. Se elas tivessem derretido, teria sido morte certa dentro de algumas horas. Nosso especialista menciona uma técnica rudimentar, quase grosseira, uma cânula enfiada bem fundo no meato para preservar o canal urinário.

Silêncio.

– Segundo ele, o resultado se deve a um milagre. E a um ato de açougueiro. No relatório, ele não coloca nesses termos, mas esse é o espírito.

A senhora Prévost engole a saliva, mas a garganta está seca. Ela aparenta engasgar, tossir, mas, não… nada.

– Então, ele, a senhora entende, é um médico. Já eu sou um policial. Ele constata. Eu tento explicar. E minha hipótese é que fizeram isso com a Alex em caráter de urgência. Para evitar levá-la ao hospital. Pois teria sido necessário dar explicações, dar o nome do autor do ato (eu coloco no masculino, não se irrite comigo), pois a extensão das lesões mostrava que o ato não podia ter sido acidental, que era intencional. Alex não quis criar problemas, menina corajosa, não é do seu feitio. A senhora a conhece, discreta como ela era…

A senhora Prévost engole enfim sua saliva.

– Diga-me, senhora Prévost… Há quanto tempo a senhora é enfermeira auxiliar?

Thomas Vasseur abaixa a cabeça, concentrado. Ele escutou as conclusões do relatório da autópsia no mais perfeito silêncio. Agora ele olha para Louis, que está fazendo a leitura e os comentários. E como nada acontece:

– O senhor tem algo a dizer a respeito? – pergunta Louis.

Vasseur afasta as mãos.

– É muito triste.

– O senhor já sabia disso.

– A Alex – diz Vasseur sorrindo – não escondia nenhum segredo do seu grande irmão.

– Então, o senhor pode nos esclarecer a respeito do que ocorreu a ela, não é?

– Infelizmente, não. A Alex me falou a respeito, nada mais, os senhores entendem, são assuntos íntimos… Ela foi muito evasiva.

– E então o senhor não pode dizer nada?

– Infelizmente…

– Nenhuma informação…

– Nenhuma.

– Nenhuma especificação…

– Nada.

– Nenhuma hipótese…

Thomas Vasseur suspira.

– Digamos, suponho que… alguém talvez tenha ficado um pouco nervoso. Com muita raiva.

– Alguém… O senhor não sabe quem?

Vasseur sorri.

– Nenhuma ideia.

– Então "alguém", com raiva, o senhor diz. Por que razão?

– Desconheço. É somente o que eu pensei ter entendido.

É um pouco como se, até o momento, ele tivesse prudentemente testado a temperatura da água e, finalmente, a achasse ideal. Os tiras não são agressivos, eles não têm nada contra ele, nenhuma prova, eis o que dizem seu rosto e sua postura.

De todo modo, a provocação faz parte do seu temperamento.

– Vocês sabem… A Alex às vezes dava muito trabalho.

– Como assim?

– Bem, ela tinha uma personalidade forte. Do tipo que faz cena facilmente, entende?

E como ninguém reage, Vasseur não está certo de se ter feito compreender.

– Quero dizer, com esse tipo de menina, forçosamente, a gente acaba ficando colérico vez ou outra. Talvez fosse a falta do pai, mas, na verdade, ela tinha alguns lados… bastante rebeldes. No fundo, acho que ela não gostava da autoridade. Então, de tempos em tempos, do nada, isso a dominava, ela dizia "não" e, a partir de então, não se podia obter nada dela.

Tem-se a sensação de que mais do que se lembrar, Vasseur revê uma cena. Sua voz subiu o tom:

– A Alex era assim. De uma só vez, sem que se entenda por que, ela começava. Juro, ela conseguia ser bem chata.

– É o que aconteceu? – pergunta Louis com uma voz tênue, quase inaudível.

– Não faço ideia – diz Vasseur assiduamente. – Eu não estava lá.

Ele sorri para os policiais.

– Estou dizendo somente que Alex era o tipo de menina a quem esse tipo de coisa acaba por acontecer. Ela fecha a cara, é teimosa… As pessoas acabam perdendo a paciência, vocês entendem…

Armand, que não pronuncia uma palavra há uma hora, fica paralisado.

Louis está branco como uma vela, perdeu um pouco seu sangue frio. Nele, isso toma formas extremamente civilizadas.

– Mas… não estamos falando de um mero tapa na bunda, senhor Vasseur! Estamos falando… de atos de tortura, de barbárie, numa criança de menos de quinze anos, que foi prostituída para homens adultos!

Ele disse isso, articulando lentamente cada palavra, cada sílaba. Camille sabe a que ponto ele está desconcertado. Mas Vasseur, mais uma vez, perfeitamente sob controle, o fez beber de seu veneno e está decidido a montar em sua cabeça:

– Se sua hipótese de prostituição estivesse certa, eu diria que esses são os ossos do ofício…

Dessa vez, Louis perde o controle. Ele busca Camille com o olhar. Camille, por sua vez, sorri. De certa forma, ele já superou aquilo tudo. Ele balança a cabeça como se compreendesse, como se compartilhasse da conclusão de Vasseur.

– E sua mãe estava sabendo? – pergunta ele.

– Do quê? Ah, não! Alex não quis incomodá-la com esses problemas de menina. Além disso, nossa mãe já teve preocupações o bastante… Não, nossa mãe nunca soube.

– É uma pena – retoma Camille. – Ela poderia ter dado algum conselho. Quero dizer, enquanto enfermeira auxiliar. Ela poderia ter tomado providências imediatas, por exemplo.

Vasseur limita-se a balançar a cabeça, com ar falsamente entristecido.

– O que se pode fazer – comenta ele resignado. – Não se pode reescrever a história.

– E quando você soube o que havia acontecido com Alex, você não quis prestar queixa?

Vasseur olha para Camille com surpresa:

– Mas… contra quem?

Camille ouve: “Para quê?”

58

São dezenove horas. A luz caiu de maneira tão insidiosa que eles não se deram conta de que conversavam sob uma meia penumbra que dá àquele interrogatório um aspecto irreal.

Thomas Vasseur está cansado. Ele se levanta pesadamente, como após uma noite inteira jogando baralho, põe as mãos sobre seus rins, alonga as costas e solta um doloroso suspiro de alívio, alonga também suas pernas adormecidas. Os policiais permanecem sentados. Armand abaixa a cabeça sobre seu dossiê para transmitir serenidade. Louis espana sua mesa cuidadosamente com as costas da mão. Camille, por sua vez, levanta-se também, vai até a porta, em seguida, dá meia-volta e com um tom farto:

– Sua meia-irmã, a Alex, estava chantageando você. Vamos recomeçar daí, se você estiver de acordo.

– Não, sinto muito – diz Vasseur bocejando.

Seu rosto transmite pesar, ele gostaria muito de ajudar, isso é visível, ele gostaria muito de contribuir, mas não é possível. Desenrolando as mangas de sua camisa, diz:

– Preciso muito ir para casa agora.

– É só telefonar…

Ele faz um gesto com a mão, como se recusasse uma última rodada.

– É sério…

– Há duas soluções, senhor Vasseur. Você se senta e responde as nossas últimas perguntas, questão de uma ou duas horas.

Vasseur põe as mãos abertas sobre a mesa:

– Ou…?

Nesse momento, de cabeça baixa, ele olha de baixo para cima, como nos filmes quando o herói se prepara para sacar a arma. Porém, nesse caso, seu recurso cai por terra.

– Ou eu coloco você em prisão preventiva, o que me autoriza a ficar com você pelo menos vinte e quatro horas. Podemos até chegar a quarenta e oito horas, o juiz adora as vítimas, ele não verá nenhum inconveniente se ficarmos um pouco mais com você.

Vasseur esbugalha os olhos:

– Mas… em prisão preventiva… por qual motivo?

– Qualquer um. Estupro qualificado, tortura, lenocínio, homicídio, atos de barbárie, não estou nem aí, o que você quiser. Se tiver alguma preferência…

– Mas vocês não têm prova nenhuma! Nada!

Ele explode, foi paciente, muito paciente, mas agora chega. Os tiras estão abusando da própria posição.

– Vão se foder. Estou dando o fora daqui.

A partir desse momento, as coisas se aceleram abruptamente.

Thomas Vasseur se levantou, como uma mola, disse algo que ninguém entendeu, apanhou seu casaco e, antes que alguém pudesse esboçar um gesto, ele já estava abrindo a porta e saindo, com um pé do lado de fora. Os dois policiais fardados de guarda no corredor se colocaram imediatamente em seu caminho. Vasseur se deteve e virou-se.

Camille disse.

– Parece que o melhor mesmo é colocar você em prisão preventiva. Vamos dizer que é por homicídio. Tudo bem para você?

– Vocês não têm nada contra mim. Só estão tentando me foder, não é?

Ele fecha os olhos, contém-se de novo, volta para dentro da sala com um passo arrastado. Batalha perdida.

– O senhor tem o direito de fazer uma ligação de telefone a um parente – diz Camille. – E receber um médico.

– Não, o que quero é um advogado.

59

O juiz é informado por Le Guen da prisão preventiva e Armand se encarrega das burocracias. Esse recurso sempre se transforma um pouco numa corrida contra o relógio. A prisão preventiva limita-se a vinte e quatro horas.

Vasseur não faz objeção a nada, quer que acabem logo com aquilo. Ele vai ter que se explicar para sua mulher, vai colocar tudo na conta desses babacas; vai tirar seus cadarços, seu cinto, aceitar fornecer suas impressões digitais, seu DNA, tudo o que quiserem, o que importa é que aconteça logo. Enquanto isso, não diz nada na espera da vinda do advogado, vai responder às perguntas administrativas, mas quanto ao resto, não dirá nada, está em estado de espera.

Ele liga para a mulher. Diz que está no trabalho. Nada de grave, mas eu não posso voltar para casa agora. Não se preocupe. Fiquei preso. Nesse contexto, a palavra parece infeliz, ele tenta se corrigir, mas não pensou em nada, não está habituado a se justificar. Então, por falta de argumentos, ele adota uma voz autoritária, do tipo que diz claramente: "não venha me encher o saco agora". Do outro lado da linha, silêncios, incompreensão. "Estou dizendo, não posso! Oras, é só ir sozinha!" Ele gritou, foi mais forte que ele. Camille se pergunta se ele bate na esposa. Amanhã estarei aí. Ele não diz a que horas. "Bom, tenho que ir. Sim, eu também. Sim, eu ligo."

São vinte horas e quinze minutos, o advogado chega às vinte e três horas. É um homem jovem e decidido, que ninguém nunca viu, mas que conhece seu trabalho. Ele dispõe de trinta minutos para instruir seu cliente, explicar a maneira de se portar, aconselhar prudência – prudência antes de tudo – e desejar boa sorte, pois em trinta minutos, sem direito de acesso ao arquivo do caso, isso é mais ou menos tudo o que pode ser feito.

Camille decidiu voltar para casa, tomar um banho, trocar de roupa. O táxi o deixa em frente ao seu prédio em poucos minutos. Ele toma o elevador, e, para isso acontecer, precisa estar mesmo muito cansado, pois normalmente vai de escada.

O pacote o espera em frente à sua porta, embrulhado em um papel pardo, fechado com um barbante. Camille logo percebe do que se trata, então o apanha e entra. Doudouche recebe apenas uma carícia distraída.

Ele se sente estranho, trata-se do autorretrato de Maud Verhoeven.

Dezoito mil euros.

Isso é certamente obra de Louis, ausente no domingo pela manhã, chegou às catorze horas. Para ele, um quadro de dezoito mil euros não é grande coisa. Mesmo assim, isso faz Camille se sentir desconfortável. Em uma situação como essa, você sabe o que fica devendo ao outro, o que ele espera implicitamente, o que se deve fazer. Aceitar, recusar, dizer algo e o que dizer. O presente sempre pressupõe um reembolso, qualquer que seja a

forma. O que Louis espera com esse presente? Enquanto tira a roupa e entra no chuveiro, Camille recomeça, sem querer, sua reflexão sobre o faturamento da venda. Essa doação a obras humanitárias é um gesto terrível, um gesto que diz à sua mãe: “de você não quero mais nada”.

Ele já está um pouco velho para ainda pensar assim, mas com os pais o assunto nunca está encerrado, dura tanto quanto a vida durar. Basta ver o caso de Alex. Ele se seca, reafirma sua resolução.

Ele vai fazer tudo com calma, não é uma afronta separar-se desse dinheiro.

Apenas uma maneira de saldar tudo.

Será que vou mesmo fazer isso, doar tudo?

Já o autorretrato, ele vai guardar, olha para ele enquanto termina de se vestir, colocou-o sobre o sofá, à sua frente, está contente em tê-lo. É um belo quadro. Ele não está com raiva de sua mãe, eis o que prova seu desejo de conservá-lo. Pela primeira vez, ele, que ouviu durante toda a sua juventude repetirem que havia puxado para o pai, encontra naquele quadro uma semelhança com Maud. Isso lhe faz bem. Ele está deixando sua vida limpa – mas não sabe aonde isso vai levar.

Um pouco antes de sair, Camille se lembra de Doudouche e abre uma lata de comida para gato.

Assim que chega à Brigada, ele cruza com o advogado que acabou de terminar seu trabalho, foi Armand que deu o sinal do fim da visita. Eles reencontram Thomas Vasseur no escritório, Armand aproveita para arejar o local, agora chega até a fazer frio.

Louis chega por sua vez, Camille direciona a ele um pequeno gesto de cumplicidade, Louis o interroga com o olhar, Camille faz um sinal querendo dizer: “vamos falar disso depois”.

Thomas Vasseur mantém-se intrépido, tem-se a impressão de que sua barba cresceu de forma acelerada, como numa publicidade para fertilizante, mas ele mantém uma ponta de sorriso em algum lugar do rosto. “Vocês querem me exaurir, mas não há nada concreto e não vão conseguir nada. Estou pronto para a guerra, vocês só podem estar pensando que eu sou mesmo um imbecil.” O advogado o aconselhou a esperar e ver o que acontece, essa é a estratégia adequada, pesar as respostas, não se precipitar. É uma corrida contra o relógio em contagem regressiva, a ideia é resistir,

um dia inteiro. Talvez dois. O advogado diz que, para prolongar a prisão preventiva, eles terão que levar algo novo ao juiz e, ao que tudo indica, eles não vão obter nada, nada. Camille vê isso tudo na sua maneira de abrir a boca, de fechá-la, de estufar o peito, de fazer exercícios respiratórios.

Dizem que os primeiros minutos de um primeiro encontro concentram o que será de toda a relação. Camille se lembra que sentiu aversão por Vasseur no exato instante em que o viu. Grande parte da maneira pela qual ele decidiu conduzir esse caso se deve a isso. O juiz Vidard sabe disso.

Camille e o juiz não são tão dessemelhantes no fundo, mas é deprimente constatar esse tipo de coisa.

Le Guen confirmou que o juiz Vidard aprovava a estratégia de Camille. Já se viu de tudo. Nesse momento, Camille está sendo acometido por todos os tipos de emoções. O juiz, por sua vez, junta-se ao concerto. Ao se colocar tão voluntariosamente assim ao seu lado, ele obriga Camille a repensar como conduzir aquilo. É irritante ter que lidar com esse tipo de ensinamento.

Armand anuncia o dia e a hora, como o coro nas tragédias gregas, o nome e o posto das pessoas presentes.

É Camille quem começa:

– Antes de tudo, não me venha encher o saco com suas "hipóteses".

Mudança de estilo. Camille na linha de frente organiza seus pensamentos, olha para o relógio.

– Então, Alex estava chantageando você.

Ele disse isso com uma voz tensa, como se estivesse preocupado com outra coisa.

– Explique-me isso melhor – responde Vasseur.

Um Thomas Vasseur diligente, pronto para a briga.

Camille se vira para Armand, pego desprevenido, Armand se precipita, vasculha seu dossiê, isso leva mais um bom tempo, tem-se a impressão de ver voarem as anotações coladas, as folhas esparsas. É de se perguntar se a república francesa realmente pôs sua confiança nos homens certos. Mas ele acha. Armand sempre acha.

– Empréstimo tirado com seu empregador, Distrifair, vinte mil euros, no dia 15 de fevereiro de 2005. Você está endividado demais pelas prestações de sua hipoteca para poder pegar empréstimo em seu banco, então você recorreu ao seu patrão. Você o paga mensalmente, conforme seus resultados.

– Não consigo ver qualquer relação com a chantagem!

– Encontramos no quarto da Alex – continua Camille – uma soma de doze mil euros. Maços novos, diretamente saídos do banco, presos por tiras de plástico.

Vasseur faz uma careta desconfiada:

– E daí?

Camille faz um sinal para Armand, gesto de animador de circo, Armand se manifesta:

– Seu banco nos confirmou o depósito de um cheque de vinte mil euros de seu empregador no dia 15 de fevereiro de 2005 e o saque da mesma soma em espécie, no dia 18.

Camille aplaude em silêncio, fechando os olhos. Abre-os de volta:

– Então, por que razão você precisava de vinte mil euros, senhor Vasseur?

Um momento de hesitação. Por mais que se espere, o pior sempre pode ganhar novas formas. É a conclusão que se vê no olhar de Vasseur. Eles foram até o seu empregador. A prisão preventiva começou há menos de cinco horas, resta resistir por mais dezenove horas. Vasseur fez toda a carreira na área de vendas, para resistir a choques imprevistos não há formação melhor. Ele sente o golpe, mas resiste.

– Dívida de jogo.

– O senhor jogou contra sua irmã e perdeu, é isso?

– Não, não com a Alex, com… outra pessoa.

– Quem?

Vasseur tem dificuldade para respirar.

– Vamos poupar um pouco de tempo – diz Camille. – Esses vinte mil euros eram mesmo destinados à Alex. Sobraram deles um pouco menos de doze mil que encontramos no quarto dela. Várias tiras de plástico estão com suas digitais.

Eles chegaram até esse ponto. Até onde eles devem ter ido, precisamente? O que eles sabem? O que querem?

Camille vê essas perguntas nas rugas da testa de Vasseur, em suas pupilas, em suas mãos. Nada de profissional ali dentro, ele nunca dirá a ninguém, mas Camille odeia Vasseur. Ele o odeia. Quer matá-lo. Vai matá-lo. Ele pensou isso algumas semanas antes a respeito do juiz Vidard. *Você não está aqui por acaso,* ele pensa, *você é um assassino em potencial.*

– Ok – decide Vasseur –, emprestei dinheiro para a minha irmã. Isso é ilegal?

Camille sente-se aliviado, como se tivesse acabado de sanar uma dúvida. Ele sorri, mas não se trata de um sorriso amigável.

– Você sabe muito bem que isso não é ilegal, então por que mentir?

– Isso não é da sua conta.

A frase que não deve ser dita.

– Na situação em que você se encontra, o que não é da conta da polícia, senhor Vasseur?

Le Guen liga. Camille sai do escritório. O divisionário quer saber em que ponto eles estão. Difícil de dizer, Camille opta por ser tranquilizador:

– Nada mal, estamos fazendo progressos…

Le Guen não se move.

– E por aí…? – pergunta Camille. – O prazo é curto, mas vamos conseguir.

– Então, concentração.

– Sua irmã não era…

– Meia-irmã! – corrige Vasseur.

– Meia-irmã, isso faz alguma diferença?

– Sim, não é a mesma coisa, você deveria demonstrar mais rigor.

Camille olha para Louis, em seguida para Armand, com o ar de quem diz: “vocês viram isso? Ele sabe se defender, né?”.

– Então, vamos dizer Alex. Na verdade, não estamos muito certos de que a Alex tinha mesmo a intenção de se suicidar.

– Porém, foi o que ela fez.

– Certamente. Mas você que a conhece melhor que ninguém talvez nos explique. Se ela quisesse morrer, por que havia preparado uma fuga para o exterior?

Vasseur levanta as sobrancelhas, não entende muito bem a pergunta.

Camille, dessa vez, limita-se a fazer um pequeno gesto na direção de Louis.

– Sua irmã… perdão, a Alex comprou, no próprio nome, na véspera de sua morte, uma passagem para Zurique, partida no dia seguinte, dia 5 de outubro às oito e quarenta. Ela até aproveitou sua ida ao aeroporto para comprar uma bolsa de viagem que encontramos perfeitamente arrumada, pronta para a partida, no quarto dela.

– Eu não sabia disso… Ela talvez tenha mudado de ideia. Já disse, ela era bastante instável.

– Ela escolheu um hotel próximo ao aeroporto, ela mesma reservou um táxi para a manhã seguinte, ao passo que ela estava com o próprio carro no local. Provavelmente, ela não desejava ter trabalho no dia seguinte, como procurar um lugar para estacionar, perder o voo. Ela queria partir rapidamente. Também se desfez de um monte de coisas que lhe pertenciam, não queria deixar nada para trás, incluindo garrafas contendo ácido. Nossos peritos as analisaram: é o mesmo produto que ela utilizou em seus crimes, ácido sulfúrico concentrado em mais ou menos 80%. Ela estava de partida, deixando a França, fugindo.

– O que vocês esperam que eu diga? Não posso responder no lugar dela. Aliás, ninguém mais pode responder no lugar dela!

Então, Vasseur se vira para Armand, para Louis, em busca de assentimento, mas seu coração não está ali de verdade.

– Então, se você não pode responder no lugar da Alex – sugere Camille –, pelo menos vai poder responder por si.

– Se puder…

– Claro que pode. O que você estava fazendo no dia 4 de outubro, a noite da morte da Alex, digamos, entre vinte horas e meia-noite?

Thomas hesita, Camille avança:

– Nós vamos ajudá-lo… Armand?

Curiosamente, talvez para acentuar o aspecto dramático da situação, Armand se levanta, como na escola quando a professora chama o aluno para uma recitação.

– Você recebeu uma chamada telefônica às vinte horas e trinta e quatro minutos, você estava em sua casa. Sua mulher nos disse: “Thomas recebeu uma mensagem do trabalho, uma urgência”. Parece que uma ligação tão tarde, em seu trabalho, nunca acontece… “Ele se mostrava bastante contrariado”, ela deixou claro. Segundo sua esposa, você saiu por volta das vinte e duas horas, só voltou para casa depois da meia-noite. Ela não consegue ser mais precisa, estava dormindo e não prestou muita atenção na

hora. Mas não antes da meia-noite, isso é certo, é a hora em que ela foi dormir.

Thomas Vasseur tem muita informação para digerir. Sua esposa foi interrogada. Ele tinha pensado nela há pouco. O que mais?

– Todavia – continua Armand –, sabemos que tudo isso não é nem um pouco verdade.

– Por que você está dizendo isso, Armand? – pergunta Camille.

– Porque às vinte horas e trinta e quatro minutos, foi uma ligação de Alex que o senhor Vasseur recebeu. A ligação foi registrada porque ela discou esse número do quarto do hotel. Verificamos junto à operadora do senhor Vasseur. Já seu empregador, por sua vez, foi categórico: "não houve nenhuma urgência naquela noite". Ele até acrescentou: "Em nosso trabalho, é difícil haver alguma urgência durante a noite. Não somos o Samu".

– Observação muito perspicaz – diz Camille.

Ele se vira para Vasseur, mas não tem tempo de desfrutar da sua vantagem. Vasseur o corta:

– A Alex deixou uma mensagem para mim, ela queria me ver, ela marcou comigo. Às vinte e três horas e trinta minutos.

– Ah, você está lembrando!

– Em Aulnay-sous-Bois.

– Aulnay, Aulnay, espere… mas é bem perto de Villepinte, bem perto do lugar em que ela morreu. Então, são vinte horas e trinta minutos, sua irmãzinha querida liga para você e você faz o quê?

– Vou até lá.

– Era comum entre vocês dois esse tipo de encontro?

– Na verdade, não.

– O que ela queria?

– Ela pediu para eu ir até lá, me passou um endereço, um horário, só isso.

Thomas continua a pesar todas as respostas, mas, no calor do momento, sente-se que ele quer se libertar, as frases saem rápidas. Ele deve se controlar incessantemente para se ater à estratégia que estabeleceu para si.

– E o que ela queria, em sua opinião?

– Não faço ideia.

– Ora, ora, ora, ora, o senhor não sabe de nada…!

– De todo modo, ela não me disse nada.

– Recapitulações. No ano passado, ela extorquiu vinte mil euros. Em nossa opinião, para obter isso, ela ameaça fazer o maior barraco na sua

querida família, contar que você a violentou aos dez anos, que a prostituiu…

– Vocês não têm nenhuma prova!

Thomas Vasseur se levantou, gritou. Camille sorri. Vasseur está perdendo o sangue-frio, e isso é lucro na certa.

– Sente-se – diz ele bem calmo. – Estou dizendo "em nossa opinião", é uma hipótese. Eu sei que você adora isso.

Ele deixa passar alguns segundos.

– Aliás, já que estamos falando de prova, a Alex tem uma bela e boa prova de que sua juventude não foi muito boa, bastaria que ela fosse visitar sua esposa. Entre mulheres, pode-se contar esse tipo de coisas, pode-se até mostrá-las. Se a Alex tivesse exposto alguns segundos sua vida íntima para sua esposa, podemos apostar que haveria comoção na família Vasseur, não? Então, para concluir, "em nossa opinião", como ela havia programado sua partida para o dia seguinte e quase não tinha mais dinheiro na conta e um pouco menos de doze mil euros em espécie… ela ligou para você para pedir dinheiro mais uma vez.

– A mensagem dela não falava absolutamente nada a respeito. E também onde eu encontraria dinheiro em plena madrugada?

– Nós achamos que a Alex estava informando que você iria precisar arrumar dinheiro em breve, enquanto ela se organizaria no exterior. E que você também iria precisar se organizar porque ela tinha certamente grandes necessidades… Uma fuga custa caro. Mas falaremos disso depois, estou certo. Por enquanto, você sai de casa no meio da noite… e o que você faz?

– Vou ao endereço que ela deixou para mim.

– Qual endereço?

– Bulevar Jouvenel. Número cento e trinta e sete.

– E o que há no bulevar Jouvenel, número cento e trinta e sete?

– Justamente, não há nada.

– Como assim, nada?

– Nada, oras.

Louis nem precisa que Camille se vire para ele, já está ao teclado, digita o endereço em um site de mapas e itinerários, espera alguns segundos e, enfim, faz um sinal para que Camille se aproxime.

– É, não, você tem razão, não tem nada… No número cento e trinta e cinco, há alguns escritórios, no cento e trinta e nove, uma lavanderia, e no

meio, no cento e trinta e sete, uma loja à venda. Fechada. Você acha que ela queria comprar uma loja?

Louis manuseia o mouse para examinar os arredores, o outro lado da rua. Pela sua expressão, percebe-se que não encontrou nada.

– Claro que não há nada – diz Vasseur. – Mas eu não sei o que ela queria porque ela não apareceu.

– Você não tentou ligar para ela?

– A linha estava cortada.

– Verdade, verificamos isso. A Alex havia encerrado sua conta três dias antes. Provavelmente já prevendo sua partida. E você ficou quanto tempo na frente da loja à venda?

– Até meia-noite.

– Você é paciente, muito bem. Quando se ama, espera, todos sabem disso. Alguém o viu?

– Acho que não.

– Que chato.

– É chato para você porque é você que tem algo a provar, não eu.

– Não é chato nem para você nem para mim, é apenas chato, isso cria zonas obscuras, cria dúvidas, soa um pouco "história inventada". Mas pouco importa. Suponho que o incidente está encerrado, então, você voltou para casa.

Thomas não responde. Uma tomografia mostraria certamente a velocidade com que seus neurônios tentam encontrar a configuração correta.

– Então? – insiste Camille. – Você voltou para casa?

Por mais que o cérebro de Vasseur tenha mobilizado todos os seus recursos, ele não encontra solução satisfatória.

– Não, fui ao hotel.

Ele deu um salto.

– Veja só – diz Camille, aturdido. – Então você sabia em que hotel ela se encontrava?

– Não, a Alex havia me ligado, simplesmente liguei de volta no telefone do hotel.

– Astucioso! E aí…?

– Não respondia. Caí numa mensagem automática.

– Oh, que pena! E então você voltou para casa.

Os dois hemisférios cerebrais, dessa vez, quase entram em colisão. Thomas fecha os olhos. Algo lhe avisa que esse procedimento não é o correto, mas ele não vê como fazer de outra forma.

– Não – enfim diz ele. – Fui ao hotel. Mas estava fechado. Não havia recepcionista.

– Louis? – pergunta Camille.

– A recepção fica aberta até vinte e duas horas e trinta minutos. Após isso, é necessário um código para entrar. Eles o passam aos clientes ao chegarem.

– E então – diz Camille para Vasseur –, você voltou para casa.

– Sim.

Camille se volta para seus adjuntos.

– Ora, mas que aventura! Armand… Você parece ter uma dúvida.

Dessa vez, Armand não se levanta:

– O depoimento do senhor Leboulanger e da senhora Farida.

– Tem certeza?

Armand mergulha precipitadamente em suas anotações.

– Não, você tem razão. Farida é o primeiro nome dela. Senhora Farida Sartaoui. Então, senhora Sartaoui.

– Perdoe o meu colega, senhor Vasseur, ele sempre teve problemas com os nomes estrangeiros. E então, quem são essas pessoas…?

– Hóspedes do hotel – prossegue Armand. – Que entraram por volta de meia-noite e quinze.

– Está bem, está bem! – explode Vasseur. – Já chega!

60

Le Guen atende no primeiro toque.

– Vamos parar por essa noite.

– O que você conseguiu? – pergunta Le Guen.

– Onde você está? – pergunta Camille.

Le Guen hesita. Isso quer dizer: “com uma mulher”. Isso quer dizer que Le Guen está apaixonado – caso contrário, ele não dorme com a mulher, não é do seu feitio –, isso quer dizer…

– Jean, eu avisei você da última vez: não quero mais ser seu padrinho de casamento. Você sabe disso! Está fora de questão.

– Eu sei, Camille, não se preocupe. Eu não vou cair nessa.

– Posso confiar em você?

– Absolutamente.

– Agora você está mesmo me assustando.

– E por aí? Como estão as coisas?

– Emprestou dinheiro para a irmã, recebeu ligação da irmã, entrou no hotel da irmã.

– Muito bem. Isso vai ser suficiente?

– Vai dar tudo certo. Agora é uma questão de paciência. Espero que o juiz…

– Nesse ponto, ele está totalmente do nosso lado.

– Bem. Então, por ora, o melhor é ir dormir.

E é de madrugada.

São três horas da manhã. Aquilo foi mais forte que ele, na primeira tentativa, ele conseguiu. Cinco marteladas, nenhuma a mais. Os vizinhos gostam de Camille, mas, mesmo assim, pegar um martelo e bater na parede às três horas da manhã… A primeira martelada assusta, a segunda desperta, a terceira leva a fazer perguntas, a quarta choca, a quinta leva a bater com o punho na parede… mas não há sexta, tudo se silencia, Camille já pode pendurar o autorretrato de Maud na parede da sala, e o prego se mantém firme. Camille também.

Ele quis alcançar Louis na saída da Brigada, mas Louis já havia partido, desapareceu. Ele o verá amanhã. O que dirá a ele? Camille confia em sua intuição, ele vai ficar com o quadro, vai agradecer a Louis pelo belo gesto e vai devolver a ele o dinheiro. Ou talvez não. Essa história de duzentos e oitenta mil euros ainda não saiu de sua cabeça.

Desde que passou a viver só, ele sempre dorme com as cortinas abertas, gosta que o dia o desperte. Doudouche esgueira-se entre suas pernas. Não consegue ficar com sono. Ele passa o resto da noite no sofá diante do quadro.

O interrogatório de Vasseur está sendo uma provação, decerto, mas não é só isso.

O que nasceu nele, outra noite, no ateliê de Montfort, o que o acometeu no quarto do hotel frente ao cadáver de Alex Prévost agora está diante dele.

Esse caso permitiu que ele exorcizasse a morte de Irene, saldasse as contas com sua mãe.

A imagem de Alex, a menina de rosto ingrato, o invadiu a ponto de fazê-lo sentir vontade de chorar.

Sua letra desajeitada no diário, aqueles objetos irrisórios, aquela história, aquilo tudo dilacera seu coração.

Ele tem a sensação de que, no fundo, ele é como os outros.

Para ele também, Alex foi um instrumento.

Ele a usou.

Ao longo das dezessete horas seguintes, Vasseur foi retirado três vezes de sua cela e reconduzido ao escritório da Brigada. Armand o recebe duas vezes, em seguida, Louis. Estão checando os detalhes. Armand solicita que ele confirme as datas exatas de suas estadas em Toulouse.

– Vinte anos depois,que importância isso tem? – explode Vasseur. Armand responde com o olhar de quem diz: "sabe como é, eu estou fazendo o que me mandam fazer".

Vasseur assina e reconhece tudo o que querem.

– Vocês não têm nada concreto contra mim, nada mesmo.

– Nesse caso – responde Louis –, quando é ele que está conduzindo o interrogatório, o senhor não tem nada a temer, senhor Vasseur.

O tempo passa, as horas correm, Vasseur sente que isso é um bom sinal. Ele foi retirado da cela uma última vez para confirmar as datas nas quais ele reencontrou Stefan Maciak, quando era representante de vendas.

– Foda-se – declarou Vasseur assinando.

Ele olha o relógio da parede. Ninguém pode incriminá-lo de nada.

Ele não se barbeou. Lavou-se rapidamente.

Acabaram de fazê-lo subir mais uma vez. É a vez de Camille falar. Logo ao entrar, ele olha imediatamente para o relógio na parede. São vinte horas. O dia foi longo.

Vasseur sente-se vitorioso e se prepara para o triunfo.

– E então, capitão? – pergunta ele com um grande sorriso. – Vamos ter que nos separar em breve, sem ressentimentos, ok?

– Por que em breve?

Não se deve tomar Vasseur por ingênuo, ele tem uma sensibilidade perversa, aguçada, ele tem antenas. E ele sente imediatamente o que o vento traz. A prova… ele não diz nada, empalidece, cruza as pernas com nervosismo. Espera. Camille olha para ele por um longo momento sem dizer uma palavra. Aquilo parece com aquelas provas em que o perdedor é o que desiste primeiro. O telefone toca. Armand se levanta, aproxima-se, atende, diz "alô", ouve, diz "obrigado", desliga. Camille, que continua sem tirar os olhos de Vasseur, diz simplesmente:

– O juiz acaba de aceitar nosso pedido de prolongação da prisão preventiva em mais vinte e quatro horas, senhor Vasseur.

– Quero ver esse juiz!

– Sinto muito, senhor Vasseur, sinto muitíssimo! O juiz Vidard sente por não poder recebê-lo, mas sua sobrecarga de trabalho não permite. Nós vamos ter que passar mais um pouco de tempo juntos. Sem ressentimentos?

Vasseur vira a cabeça para todos os lados, ele quer causar impacto. Ele abafa uma risada… é por eles que está entristecido.

– E depois, vocês vão fazer o quê? – pergunta ele. – Eu não sei o que vocês disseram ao juiz para obter essa prolongação, que mentira usaram, mas seja agora, seja em vinte e quatro horas, vocês vão ter que me soltar. Vocês são…

Ele pensa na palavra.

– Patéticos.

Levam-no de volta à cela. Quase não o interrogam mais. Eles poderiam tentar desgastá-lo, mas Camille acha que é melhor dessa maneira. Restringir-se ao básico. Será mais eficiente assim. Contudo, não fazer nada, ou quase nada, é bastante difícil. Cada um se concentra no que pode. Eles imaginam a saída, imaginam Vasseur colocando seu casaco, apertando sua gravata, pensam no sorriso que vai dar para a equipe, nas palavras que vai dizer e com as quais já deve estar sonhando.

Armand descobriu dois novos estagiários, um no segundo andar, o outro no quarto. Ele vai fazer o estoque de cigarros, de canetas, isso toma um pouco do seu tempo. Ocupa-o.

No meio da manhã, começou um estranho vaivém. Camille tenta chamar Louis de canto, para falar daquela história do quadro, mas as coisas não acontecem como previsto. Louis é chamado várias vezes para resolver outras questões, Camille sente o embaraço pairar entre eles. Enquanto ele digita seus relatórios, com o olho pregado no pêndulo, ele compreende que

a iniciativa de Louis complica desastrosamente a relação dos dois. Camille vai agradecer, mas e então? Ele vai reembolsá-lo, e depois? No gesto de Louis, ele discerne um pouco de paternalismo. Quanto mais o tempo passa, mais ele tem a impressão de que Louis está dando a ele uma lição com essa história de quadro.

Por volta das quinze horas, enfim eles se encontram a sós no escritório. Camille não pensa e logo lhe diz "obrigado", é a primeira palavra que lhe vem à mente.

– Obrigado, Louis.

É preciso acrescentar alguma coisa, ele não pode se limitar a isso.

– Isso…

Mas ele se detém. Diante da atitude interrogativa de Louis, ele compreende a amplitude de seu erro. Louis não tem nada a ver com aquela história de quadro.

– Obrigado pelo quê?

Camille improvisa:

– Por tudo, Louis. Por sua ajuda… com isso tudo.

Louis diz "claro", espantado, não faz muito parte do costume deles dizer coisas desse tipo.

Camille esperava dizer algo adequado e acabou de fazê-lo. Ele mesmo ficou surpreso com esse reconhecimento pelo qual não esperava.

– Esse caso marca um pouco o meu retorno. E eu não sou um cara com quem é muito fácil se conviver, então…

A presença de Louis, esse rapaz misterioso que ele conhece tão bem e do qual não sabe nada, comove-o subitamente, talvez mais que a reaparição do quadro.

Trouxeram novamente Vasseur para confirmar alguns detalhes.

Camille vai ao escritório de Le Guen, bate rapidamente e entra. O divisionário espera uma má notícia, é possível ver isso em seu rosto. Camille imediatamente levanta as mãos bem alto para tranquilizá-lo. Eles falam do caso. Cada um está fazendo o necessário. Eles esperam. Camille menciona a venda das obras da sua mãe.

– Quanto? – pergunta Le Guen, estupefato.

Camille repete o número, que ele acha cada vez mais abstrato. Le Guen faz um careta de admiração.

Camille não fala do autorretrato. Ele teve tempo para refletir, sabe disso. Vai ligar para o amigo da sua mãe que organizou a venda. Ele deve ter tirado um pequeno lucro com o leilão e, como forma de agradecimento, enviou a Camille o quadro. Não é nada de mais. Camille sente-se aliviado.

Ele faz a ligação, deixa uma mensagem e volta para o escritório.

As horas passam.

Camille está decidido. Será às dezenove horas.

O momento chegou. São dezenove horas.

Vasseur entra no escritório. Senta-se com o olhar explicitamente voltado para o relógio da parede.

Ele está muito cansado, quase não dormiu ao longo dessas quarenta e oito horas e agora traz isso escancarado no rosto.

61

– Veja – disse Camille –, nós temos algumas imprecisões no que concerne à morte da sua irmã. Meia-irmã, perdão.

Vasseur não reage. Ele tenta entender o que isso quer dizer. Mas tem dificuldades, por causa do cansaço, obviamente. Ele analisa o que foi dito e tudo o que foi dito em seguida. Ele se tranquiliza. No que se refere à morte de Alex, não há nada que possa incriminá-lo. Porém, sua fisionomia responde no seu lugar. Ele respira, relaxa, cruza os braços, nenhuma palavra, só um olhar de relance para o relógio e então, enfim, ele muda de assunto e pergunta:

– A prisão preventiva termina às vinte horas, não?

– Estou vendo que a morte da Alex não preocupa você.

Vasseur levanta os olhos para o teto, como se buscasse inspiração, ou como se alguém tivesse pedido para escolher entre duas sobremesas na mesa. Bastante incomodado, ele morde os lábios.

– Ela me entristece, sim – diz ele enfim. – Bastante, na verdade. Vocês sabem como é, família, os laços são fortes. Mas o que se pode fazer… É o problema com os depressivos.

– Não estou falando da morte dela, estou falando da maneira como ela morreu.

Ele compreende, concorda.

– Os barbitúricos, sim, é terrível. Ela dizia que tinha problemas para dormir, que sem eles não conseguia fechar os olhos.

Ele ouve a expressão no momento em que a profere, mesmo esgotado, sente-se que ele se contém para não fazer uma piada com essa história de "fechar os olhos". Enfim, ele opta por um tom exageradamente preocupado:

– Essas histórias de remédios, deveriam ser mais bem controlados, não acham? Vejam, ela era enfermeira, podia providenciar para si mesma tudo o que quisesse.

De repente, Vasseur fica pensativo.

– Eu não sei que tipo de morte os barbitúricos provocam, deve ser bastante… convulsiva, não?

– Se o indivíduo não for entubado a tempo – diz Camille –, ele entra num coma profundo, perde os reflexos de proteção das vias aéreas. Vomita nos pulmões, asfixia-se e morre.

Vasseur faz uma careta de desgosto. Eca. A seu ver, aquela é uma morte sem dignidade.

Camille faz um sinal de que ele compreende. De vê-lo, se não fossem seus dedos levemente tremendo, seria possível acreditar até que ele compartilha da opinião de Thomas Vasseur. Ele vira a cabeça para o seu dossiê, prende a respiração.

– Nós vamos voltar ao momento em que você entrou no hotel, se nos permite. Estamos na noite da morte dela, passou da meia-noite, estou certo?

– Vocês têm testemunhas, basta perguntar para elas.

– É o que fizemos.

– E então?

– Meia-noite e vinte.

– Vamos ficar com meia-noite e vinte, não vou me opor – Vasseur se acomoda sobre a poltrona. Seus olhares repetitivos para o relógio são mensagens claras.

– Então – continua Camille –, você entra atrás deles, isso pareceu natural a eles. O acaso… Outro cliente que está voltando no mesmo horário. As testemunhas dizem que você espera o elevador. O que acontece depois, elas não sabem. O quarto delas é no térreo, logo elas perdem você de vista. Então, você toma o elevador.

– Não.

– Ah é? Mas…

– Não, oras, aonde você quer que eu vá?

– É a mesma pergunta que estamos fazendo, senhor Vasseur. Para onde você foi naquele momento?

Vasseur franze as sobrancelhas.

– Ouça, a Alex me liga, me pede para ir até ela, ela não me diz por que e também não aparece! Eu vou ao hotel dela, mas não há recepcionista. O que você quer que eu faça? Que eu bata à porta de todos os duzentos quartos dizendo: “desculpe-me, estou procurando minha irmã”?

– Sua meia-irmã!

Vasseur cerra os maxilares, respira, faz como se não tivesse ouvido.

– Então, eu espero no meu carro por séculos, o hotel de onde ela me liga fica a duzentos metros, qualquer um teria feito como eu. Fui até lá porque acreditava que poderia encontrar uma lista na recepção, seu nome em algum lugar, um painel de hóspedes, sei lá eu! Mas, quando cheguei, não havia nada na recepção. Tudo estava trancado com cadeado. Eu percebi que não podia fazer nada, então voltei para casa. Foi isso.

– Resumindo, você não parou para pensar.

– Isso, eu não parei para pensar. Não o suficiente.

Camille fica confuso, ele balança a cabeça da direita para a esquerda.

– Que diferença isso faz? – pergunta Vasseur, indignado.

Ele se vira para Louis e para Armand, toma-os como testemunhas.

– Hein? Que diferença isso faz?

Os tiras não se mexem, encaram-no calmamente.

Então, seus olhos sobem em direção ao pêndulo. A hora passa. Ele se acalma. Sorri.

– Estamos de acordo – diz ele certo de si. – Não faz diferença nenhuma. A não ser que…

– A não ser que...?

– A não ser que eu a tivesse encontrado, isso tudo não teria acontecido.

– Ou seja?

Ele cruza as pontas dos dedos, como um homem preocupado em fazer o bem.

– Acho que eu a teria salvo.

– Mas infelizmente, você não a salvou. E ela está morta.

Vasseur abre as mãos como quem diz: “fatalidade”. E sorri.

Camille se concentra:

– Senhor Vasseur – anuncia ele lentamente –, para ser direto, nossos peritos têm algumas dúvidas sobre o suicídio da Alex.

– Algumas dúvidas…?

– Sim.

Camille deixa a informação ser absorvida.

– Na verdade, nós achamos que sua irmã foi morta e que o homicídio foi disfarçado de suicídio. De maneira malfeita, aliás, se quiser minha opinião.

– Que conversa é essa?

Seu corpo inteiro manifesta a surpresa.

– Em primeiro lugar – diz Camille –, Alex não tem realmente o comportamento de alguém que vai se suicidar.

– O comportamento… – repete Vasseur com as sobrancelhas franzidas. É como se ele não conhecesse essa palavra.

– Sua passagem para Zurique, a preparação das bagagens, a reserva de um táxi, isso tudo ainda não significaria nada, mas nós temos outras razões para suspeitar. Por exemplo, sua cabeça foi batida contra a pia do banheiro. Várias vezes. Pela autópsia, seu crânio demonstra as lesões que atestam brutalidade nas batidas. Em nossa opinião, havia mais alguém com ela. Que bateu nela… com muita violência.

– Mas… quem?

– Bem, senhor Vasseur, para ser franco, achamos que é você.

– O quê?

Vasseur fica de pé. Ele gritou.

– Sugiro que você se sente.

É preciso um bom tempo, mas Vasseur se senta novamente. Na ponta da poltrona. Pronto para saltar de novo.

– Trata-se da sua irmã, senhor Vasseur, e compreendo a que ponto isso tudo é doloroso para você ouvir. Mas, se eu não receasse ofender sua sensibilidade, mostrando-me um pouco técnico, eu diria que as pessoas que se suicidam fazem uma escolha de método. Elas se jogam pela janela ou cortam os punhos. Algumas vezes, elas se mutilam, algumas vezes, engolem remédios. Mas raramente fazem os dois.

– E o que eu tenho a ver com isso?

Não se trata mais de Alex, é possível ouvir isso na precipitação de sua voz. Sua atitude oscila entre incredulidade e indignação.

– Como assim? – pergunta Camille.

– Sim, oras, no que isso me diz respeito?

Camille olha para Louis, Armand, com ar impotente de alguém que se desespera para se fazer compreender. Em seguida, volta-se de novo para

Vasseur.

– Isso diz respeito a você por causa das impressões digitais.

– Impressões digitais, que impressões digitais! Hein? Qu…

Ele é cortado pelo toque do telefone, mas isso não o interrompe. Enquanto Camille apanha o receptor e responde, ele se vira para Armand e Louis:

– Hein? Que impressões digitais?

Como resposta, Louis faz beiço de alguém que também não compreende, que se interroga. Já Armand está com a cabeça em outro lugar. Ele espreme três bitucas de cigarro sobre uma folha de papel branco para compor um novo cigarro, absorvido, e nem olha para ele.

Então, Vasseur se volta para Camille que, ainda ao telefone, com o olhar perdido em direção à janela, escuta seu interlocutor concentrado. Vasseur bebe o silêncio de Camille, esse instante parece interminável. Camille acaba por desligar, levanta o olhar para Vasseur, *onde estávamos mesmo?*

– Que impressões digitais? – pergunta mais uma vez Vasseur.

– Ah sim… primeiro as impressões digitais da Alex – diz Camille.

Vasseur deu um sobressalto.

– O que tem as impressões digitais da Alex?

É verdade que as mensagens de Camille nem sempre são fáceis de se entender.

– No quarto dela – diz Vasseur –, suas digitais, é algo normal, não?

Ele ri bem alto. Camille aplaude, totalmente de acordo com essa observação.

– Justamente – diz ele parando de aplaudir. – Mas elas são quase ausentes!

Vasseur sente que apresentam a ele um problema, mas não vê claramente qual.

Camille adota um tom caridoso que vem em seu socorro:

– Encontramos muito poucas impressões digitais da Alex no quarto dela, entende? Em nossa opinião, alguém quis apagar os próprios rastros e, com isso, também apagou muitos rastros da Alex. Não todas as digitais, mas enfim… Algumas são bastante significativas. As da maçaneta da porta, por exemplo. A maçaneta que a pessoa que poderia ter visitado Alex teria utilizado…

Vasseur entende a mensagem, ele não sabe mais para onde olhar.

– Enfim, senhor Vasseur, alguém que se suicida não apaga as próprias digitais. Isso não faz sentido!

As imagens e as palavras se amontoam, Vasseur engole a saliva.

– É por isso – confirma Camille –, que nós achamos que havia alguém mais no quarto da Alex no momento de sua morte.

Camille deixa um tempo para Vasseur digerir a informação, mas, por seu rosto, ele vai precisar de muito.

Camille encena o pedagogo.

– Em relação às digitais, a garrafa de uísque também nos coloca muitas perguntas. Alex absorveu quase meio litro. O álcool potencializa fortemente o efeito dos barbitúricos, é quase morte na certa. E bem… a garrafa foi enxugada cautelosamente (eles recolheram sobre ela fibras de uma camiseta encontrada sobre a poltrona). Mais curioso ainda, as digitais da Alex que figuram nela estão literalmente esmagadas, como se alguém tivesse pegado sua mão e pressionado contra a garrafa. Provavelmente após a morte. Para nos fazer acreditar que ela mesma a havia segurado. O que você pode nos dizer disso?

– Mas… eu não posso dizer nada. O que vocês querem que eu saiba a respeito?

– Ah, sim! – grita Camille com um tom ofendido. – Você deveria saber, senhor Vasseur, porque você estava presente!

– De modo algum! Eu não estava no quarto dela! Eu expliquei para vocês, voltei para minha casa!

Camille deixa passar um breve instante de silêncio. Ele se curva sobre Vasseur o máximo que permite seu tamanho.

– Se você não estava lá – pergunta ele com uma voz calma –, como explica o fato de encontrarmos suas digitais no quarto da Alex, senhor Vasseur?

Vasseur permanece estupefato. Camille recua sobre sua cadeira.

– É pelo fato de que encontramos suas digitais no quarto no momento da morte da Alex, que nós achamos que você a matou.

Em Vasseur, um som se interrompe em algum lugar entre o ventre e a garganta, como uma vírgula flutuante.

– Isso não é possível! Eu não entrei nesse quarto. Para começar, onde estavam minhas digitais?

– No tubo de barbitúricos que serviu para matar sua irmã. Você talvez tenha se esquecido de apagá-las. Talvez por causa da emoção do momento.

Sua cabeça balança para a frente e para trás, como a de um galo. As palavras se amontoam. Subitamente, ele grita:

– Já sei! Eu já vi esse tubo! Pílulas cor-de-rosa! Eu toquei nele! Com a Alex.

A mensagem é bastante confusa. Camille franze as sobrancelhas. Vasseur engole a saliva, ele tenta expor as coisas calmamente, mas a pressão, o medo o impedem. Ele fecha os olhos, cerra os punhos, toma uma longa inspiração, concentra-se o melhor que pode.

Camille o encoraja balançando a cabeça, como se quisesse ajudá-lo a se exprimir.

– Quando eu vi a Alex…

– Sim.

– … da última vez…

– Foi quando?

– Não sei, três semanas, um mês talvez.

– Ok.

– Ela me mostrou esse tubo!

– Ah! Onde foi isso?

– Em um café, perto do meu trabalho. Le Moderne.

– Muito bem, nos explique isso, senhor Vasseur.

Ele respira. Uma janela acabou de se abrir, enfim! Agora, as coisas vão ficar melhores. Ele vai se explicar, é bastante simples, eles vão ter que aceitar. Essa história de remédio é bobagem. Não se pode construir uma acusação sobre isso. Ele tenta tomar seu tempo, mas a garganta se fecha. Ele articula cada palavra:

– Faz um mês, mais ou menos. A Alex pediu para me encontrar.

– Ela queria dinheiro?

– Não.

– O que ela queria?

Vasseur não sabe. Na verdade, ela não disse a ele de fato porque a conversa dos dois foi curta. Alex tomou um café, ele, uma cerveja. E foi nesse momento que ela mostrou seu tubo de remédio. Vasseur perguntou o que era aquilo. Sim, ele reconhece que estava um pouco irritado.

– Vê-la tomando aquelas porcarias…

– É claro que a saúde de sua irmãzinha preocupava você…

Vasseur finge não ouvir a insinuação. Ele se concentra, quer sair daquela situação.

– Eu peguei o tubo de remédio, peguei com a minha mão! É por isso que ele tem minhas digitais!

O espantoso é que os tiras não têm o ar convencido. Eles esperam, contendo as palavras nos lábios, como se a história devesse ter uma sequência, como se ele não tivesse dito tudo.

– De que remédio se tratava, senhor Vasseur?

– Não olhei o nome! Abri o tubo, vi uns comprimidos cor-de-rosa, perguntei a ela o que era, só isso.

Um brusco alívio nos três policiais. De uma vez, o caso se esclarece enfim com uma nova luz.

– Ok – diz Camille –, entendo melhor. Não é o mesmo tubo. Não se trata do mesmo tubo. Foram comprimidos de cor azul que a Alex engoliu. Nada a ver.

– Que diferença faz?

– Que provavelmente não se trata do mesmo tubo.

Vasseur fica muito exaltado mais uma vez. Ele faz não, não, não, com o indicador para cima. As palavras se precipitam:

– Isso não vai colar, essa sua história. Isso não vai colar!

Camille se levanta.

– Vamos fazer um balanço da situação, se você nos permitir.

Ele conta nos dedos.

– Você dispõe de um forte motivo. A Alex chantageava você, ela já havia extorquido vinte mil euros de você e provavelmente estava prestes a pedir mais para ajudá-la a segurar a barra no exterior. Você também dispõe de um álibi muito ruim, mente para sua mulher a respeito da natureza da ligação que recebe. Finge ter aguardado em um lugar onde ninguém viu você. Daí você reconhece que foi encontrar com a Alex no hotel dela e, além disso, temos duas testemunhas que confirmam isso.

Camille deixa Vasseur sentir a amplitude do problema que se apresenta.

– Isso não são provas.

– Já são um motivo, uma ausência de álibi, sua presença no local. Se acrescentarmos a Alex golpeada violentamente na cabeça, digitais apagadas e as suas bem presentes… Isso já começa a ser bastante…

– Não, não, não, isso não será suficiente!

Mas por mais que ele balance o indicador com força, sente-se insegurança no fundo dessa certeza exposta. É provavelmente por isso que Camille completa:

– Nós também encontramos seu DNA no local, senhor Vasseur.

O abalo é total.

– Um fio de cabelo recolhido do chão, perto da cama da Alex. Você tentou apagar seus rastros, mas não fez a faxina com muita eficácia.

Camille se levanta e se põe diante dele:

– E agora, senhor Vasseur, com seu DNA, você acha que não será suficiente?

Até o momento, Thomas Vasseur tem se mostrado bastante impulsivo. Formulada dessa forma, a acusação feita pelo comandante Verhoeven deveria fazê-lo saltar no ar. Porém, nada disso. Os policiais olham para ele, incertos da conduta a adotar porque Vasseur agora mergulhou em uma reflexão intensa. Ele se ausentou do interrogatório, não está mais lá. Pôs os cotovelos sobre os joelhos, as mãos abertas se juntam tremendo, como se ele estivesse aplaudindo com as pontas dos dedos. Seus olhos varrem rapidamente o chão. Ele bate o pé com nervosismo. Eles quase começam a se preocupar com sua saúde mental, mas ele se levanta brutalmente, encara Camille e paralisa todos seus movimentos.

– Ela fez de propósito…

É como se ele estivesse falando consigo mesmo. Mas é aos policiais que se dirige:

– Ela organizou tudo para jogar a culpa nas minhas costas… É isso, não é?

Ele desceu de volta para a terra. Sua voz vibra de exasperação. Normalmente, os policiais deveriam se mostrar surpresos com essa hipótese, mas nada. Louis reorganiza sua pasta, Armand limpa as unhas meticulosamente com um clipe de papel. Só Camille continua presente na conversa, mas decidido a não intervir. Ele cruzou as mãos sobre a mesa e espera.

– Eu dei um tapa na Alex… – diz Vasseur.

É uma voz sem timbre, ele olha para Camille, mas é como se falasse consigo mesmo.

– No café. Quando eu vi os remédios, aquilo me deixou com raiva. Ela tentou me acalmar, passou a mão em meus cabelos, mas seu anel se prendeu… Quando ela o tirou, ela me machucou. Havia fios de cabelo presos nele. Foi um reflexo, eu dei um tapa nela. Meus fios de cabelo…

Vasseur sai do seu torpor.

– Desde o começo ela organizou tudo, é isso?

Ele busca algum amparo nos olhos. Não encontra nenhum. Armand, Louis, Camille, os três apenas o encaram.

– Vocês sabem que isso foi um golpe armado, não é? É uma simples e pura manipulação, vocês sabem disso! Essa história de passagem para Zurique, a compra da bolsa, o táxi que ela reserva… é para fazer vocês acreditarem que ela queria fugir. Que ela não tinha a intenção de se suicidar! Ela marca de me encontrar num lugar em que ninguém vai me ver, bate a cabeça contra a pia, enxuga suas digitais, deixa o tubo de remédio com as minhas, põe um dos meus fios de cabelo sobre o chão…

– Receio que isso será difícil de ser provado. Para nós, você estava no local, tinha que se livrar da Alex, então agrediu-a, forçou-a a ingerir álcool e em seguida alguns barbitúricos. Suas digitais e seu DNA confirmam nossa tese.

Camille se levanta.

– Eu tenho uma boa e uma má notícia. A boa é que a prisão preventiva acabou. A má é que você está preso por homicídio.

Camille sorri. Vasseur, largado sobre a poltrona, ainda levanta a cabeça.

– Não fui eu! Vocês sabem que foi ela, não sabem? Vocês sabem!

Dessa vez, é com Camille que ele fala, pessoalmente:

– Você sabe perfeitamente que não fui eu!

Camille continua a sorrir.

– Você demonstrou que não é inimigo do humor negro, senhor Vasseur, então vou me permitir um gracejo. Dessa vez eu diria que foi Alex que fodeu você.

Do outro lado do escritório, Armand, que acabou de pôr seu cigarro artesanal sobre a orelha, enfim se levanta e vai em direção à porta. Dois policiais fardados entram. Camille apenas conclui sinceramente incomodado:

– Sinto muito por ter mantido você por tanto tempo em prisão preventiva, senhor Vasseur. Dois dias, eu sei que é bastante. Mas os testes e os comparativos de DNA… O laboratório da perícia está um pouco sobrecarregado. Dois dias, nesse momento, é praticamente o mínimo.

62

Foi o cigarro de Armand, vai saber o motivo, que fez a ficha cair, é inexplicável. Talvez por causa da pobreza que evoca um cigarro fabricado a partir de bitucas. Camille para no meio do caminho, pelo tanto que essa descoberta o desestabiliza. Em nenhum momento ele suspeitou daquilo, isso também não se pode explicar. Ele tem certeza, só isso.

Louis anda pelo corredor, atrás dele, Armand, com os ombros eternamente arqueados, o passo arrastado, com seus sapatos maltrapilhos, sempre os mesmos, limpos, mas velhos, desgastados.

Camille entra precipitadamente no seu escritório e redige um cheque de dezoito mil euros. Ele treme.

Em seguida, recolhe seus documentos, retoma o corredor a passos rápidos. Ele se sente bastante comovido, mais tarde irá pensar nos sentimentos que isso implica.

Agora, ele está diante da mesa de seu colega. Ele põe o cheque na frente dele.

– Foi muito gentil, Armand, eu fiquei muito feliz com o presente.

Armand abre a boca, derruba o palito de dente que vinha chupando, olha para o cheque.

– Ah não, Camille – diz ele quase ofendido. – Um presente é um presente.

Camille sorri. Concorda. Pula de um pé para o outro. Mexe em seu alforje, pega a foto que representa o autorretrato e estende para ele. Armand o segura.

– Ah, que legal, Camille. Isso é mesmo muito legal.

Ele está sinceramente contente.

Le Guen permanece de pé, dois degraus abaixo de Camille. Volta a esfriar, é tarde, como uma noite de inverno precoce.

– Bem, senhores… – diz o juiz estendendo a mão ao divisionário. Em seguida, ele desce um degrau e estende a mão a Camille.

– Comandante…

Camille aperta a sua mão.

– O senhor Vasseur vai falar de conspiração, senhor juiz. Ele diz que “vai exigir a verdade”.

– Sim, acho que entendi – diz o juiz.

Ele parece absorvido um momento por esse pensamento. Em seguida, o repele:

– Oras, a verdade, a verdade… Quem pode dizer o que é verdade e o que não é, comandante! Para nós, o essencial não é a verdade, é a justiça, não?

Camille sorri, balançando a cabeça.

No original, Camille admira-se com a pronúncia francesa de Louis, que faz todas as "conexões" (*liaisons*) entre todas as palavras que a língua permite. Destaca-se nesse caso "eux aussi" (eles também), que é pronunciado por Louis como "eux z'aussi". (N. T.)

Rainhazinha. (N. T.)

Rainha. (N. T.)

Agradeço a Samuel por sua incansável gentileza, a Gerald por sua releitura sempre esclarecida, a Joëlle por seus conselhos em matéria de Medicina e a Cathy, meu afetuoso patrono. À equipe da Albin Michel.

Enfim, naturalmente, a Pascaline, claro.

Como sempre, devo muito a vários autores.

Na ordem alfabética: Louis Aragon, Marcel Aymé, Roland Barthes, Pierre Bost, Fiódor Dostoiésvki, Cynthia Fleury, John Harvey, Antonio Muñoz Molina, Boris Pasternak, Maurice Pons, Marcel Proust e alguns outros que encontrarão aqui, pelo menor empréstimo que eu possa ter feito deles, a expressão da minha gratidão.